PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
Campus I – Rodovia BR 285, Km 292
Bairro São José – Passo Fundo, RS
CEP: 99.052-900
E-mail:ppgletras@upf.br
Web: www.ppgl.upf.br
Fone: (54) 3316-8341

Flavia Susana Krug

IRAMUTEQ EM UM ACERVO LITERÁRIO: AMOSTRA DE UM TRABALHO POSSÍVEL

Passo Fundo
2017

Flavia Susana Krug

IRAMUTEQ EM UM ACERVO LITERÁRIO: AMOSTRA DE UM TRABALHO POSSÍVEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.

Passo Fundo
2017

CIP – Catalogação na Publicação

K94i Krug, Flavia Susana

IRAMUTEQ em um acervo literário : amostra de um trabalho possível / Flavia Susana Krug. – 2017.

242 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Prof. Dr. Miguel Rettenmaier.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2017.

1. Software . 2. Análise do discurso literário. 3. Leitura. 4. Jornalismo. 5. Josué Guimarães. I. Rettenmaier, Miguel, orientador. II. Título.

CDU: 801

Catalogação: Bibliotecária Marciéli de Oliveira - CRB 10/2113

Dedicatória

A meu pai, FLÁVIO DEOCLÉCIO KRUG (in memoriam), amante das letras, da dança, da arte e da música.

Ao Mestre, Professor Dr. MIGUEL RETTENMAIER DA SILVA. Sem o seu direcionamento não haveria a conquista.

Ao Mestre, Professor FABIANO TADEU GRAZIOLI, por ser exemplo e referência de quem vive, se alimenta e respira Literatura.

Agradecimentos

Ao SER MAIOR, possibilitador de toda e qualquer oportunidade.

À Professora ROSA MARIA MORELATO FRARE. “Encantadora de alunas”, carinhosamente chamada por todos do 1º Grau (hoje, Ensino Fundamental II). *Charme, elegância, inteligência, sensibilidade: elementos indispensáveis para um bom professor de Letras...*

À Professora Ma. ISABEL CRISTINA WIEST que, agraciada de uma sutileza ímpar ao ministrar suas aulas de Língua Portuguesa, no Curso de Graduação em Pedagogia (Faculdade Anglicana de Erechim – FAE, 2009-2012), dizia-me estar no caminho certo...

Ao Mestre, Professor Dr. MIGUEL RETTENMAIER DA SILVA. Anjo da guarda em todos os momentos. Exemplo ímpar de docente leitor. Do seu olhar, a literatura transborda com brilho excepcional.

Ao Mestre, Professor Dr. ERNANI DE FREITAS. Companheiro fiel dos bons e maus momentos acadêmicos durante meu percurso no Mestrado em Letras. Para sempre, terás um lugar só seu em meu coração.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, representada pela Professora Dra. FABIANE VERARDI BURLAMAQUE pela atenção e disponibilidade sempre dispensadas.

Ao Mestre, Professor Dr. GÉRSON WERLANG. Nossas aulas com gosto de “Cafés Literários”, jamais serão esquecidas!

À Mestra, Professora Dra. TANIA MARIZA KUCHENBECKER RÖSING, por ser exemplo de formadora de leitores.

À Mestra, Professora Dra. REJANE PIVETTA DE OLIVEIRA, por sua especial participação como membro da Banca de Qualificação e Defesa Final.

À Secretária Acadêmica KARINE R. CASTOLDI, pela amizade, compreensão, profissionalismo e presteza.

Aos funcionários da Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo (UPF), especialmente à atendente LUZIANE, por seus incansáveis préstimos às diversas obras pesquisadas no acervo da biblioteca e retiradas para leituras indispensáveis deste Mestrado.

Aos colegas mestrandos: ROSÁLIA PASSOS; VAGNER EBERT; FRANCIELI FUCHINA; EMILI SOUZA; VANESSA BORGES, AFANI CARLA BARUFFI.

Ao meu grande amor, desde a infância BEN-HUR CIDADE. Pelo apoio, amparo, auxílio e, principalmente, por acreditar em mim, por me amar e ser incentivador de aventuras como esta!

Ao ex-diretor do Colégio Marista Medianeira MARCOS ANDRÉ SCUSSEL, por me aconselhar a bater asas e alçar novos voos.

Ao ex-diretor do Colégio Marista Medianeira MAURÍCIO VARGAS ANONY, por seu "sim", para que eu pudesse efetivar a matrícula para o Mestrado em Letras.

A minha colega, irmã do coração, amiga e conselheira LIZANDRA ALINE MOLOSSI PASSINI, sem seus "ouvidos" e "olhos" muitos momentos não teriam sido superados.

A minha irmã de coração e colega de trabalho FERNANDA BORGES INHAIA, quando necessário, emprestava parte do tempo que não tinha na busca incansável por obras, obras, obras...

A minha irmã de coração EUGENE ZAGONEL, acolhedora, torcedora, guerreira.

A meus filhos BÁRBARA e NÍCOLAS, mesmo distantes, torcendo e vibrando pelas conquistas.

A minha sobrinha e afilhada BRUNA ISADORA KRUG MARIN, por ser quem é, amante incondicional da leitura e fazer parte da minha vida.

Ao meu enteado LUCCA ALEXANDRE CIDADE, pelo amparo, auxílio e os "préstimos na área da informática".

A minha sogra TEREZA CIDADE, carinhosamente chamada por todos de "Marina", incentivadora, amiga, companheira, exemplo de mulher.

À ADRIANA GUIMARÃES e demais herdeiros que tornaram possível a realização desta pesquisa.

Ao MESTRE, sábio dos sábios, JOSUÉ MARQUES GUIMARÃES, por ter me escolhido como uma de suas leitoras e me presenteado com sua sabedoria, transformando-me numa pessoa ainda melhor.

Acredito que todo escritor idealiza seu leitor. Homens e mulheres são seres de relações. Somos filhos da incompletude. Toda idealização está carregada de crenças e conceitos que norteiam a sua expressão. Ao ler um texto, percebemos as possibilidades que sua escrita tem a contribuir, e o movimento que ela almeja processor no leitor.

Bartolomeu Campos de Queirós

RESUMO

A proposta desta pesquisa de dissertação de Mestrado constitui-se em explorar um *software* informático planejado para análises textuais extensas e acuradas: o *Software* IRAMUTEQ. A partir desta experiência realizada em um acervo literário, intuímos fornecer mais detalhes sobre a utilização e desempenho do programa escolhido. O tipo de relato da experiência foi efetuado a partir da análise descritivo-qualitativa dos dados resultantes de *corpora* preparados de acordo com o Manual de Instalação do *Software* IRAMUTEQ. Cada *corpora* se constituiu de crônicas jornalísticas escritas pelo jornalista e escritor Josué Guimarães, sob os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, para os jornais *Folha da Tarde* e *Hoje*, respectivamente, em 1954. Os *corpora* foram submetidos à análise individual pelo *software* e somente após a obtenção dos dados resultantes dos recursos *Análise de Similitude* e *Nuvem de Palavras* disponibilizados pelo *Software* IRAMUTEQ, aí, então, foram analisados conjuntamente, a fim de identificar peculiaridades, similaridades, convergências e divergências entre os pseudônimos, linguagem, expressões comuns e diferenciadas a ambos, entre outras características que se fizerem relevantes de observação e apontamentos. A discussão dos dados ocorreu levando em consideração a função das palavras atribuídas no texto, em seu contexto, utilizadas pelo autor das crônicas jornalísticas para retratar o contexto social-político-educativo daquele período da sociedade brasileira, bem como pelo nível de destaque sugerido pelo *software.* A dissertação baseou-se, teoricamente, em nomes consagrados como Roberto Acízelo de Souza (2007), em sua obra *Teoria da Literatura*, que aborda a arte da eloquência, do bem argumentar, da palavra, a retórica; Alberto Cupani (2011), em *Filosofia da Tecnologia*: um convite, quando nos proporciona um debate filosófico existencial em torno da pluralidade e complexidade dos problemas filosóficos cingidos pela tecnologia e Lúcia Santaella (2013), que aborda a literatura expandida, que assim como outros objetos de comunicação e informação adquiriu seu espaço na era da hipermobilidade. Nesse sentido, será possível contribuir, dinamicamente, a partir desta pesquisa, para uma maior divulgação do *Software* IRAMUTEQ em estudos literários, inclusive, enriquecendo e compreendendo, ainda mais, o universo jornalístico-literário deixado por Josué Guimarães.

Palavras-chave: IRAMUTEQ. *Software.* Josué Guimarães. Literatura. Jornalismo.

ABSTRACT

The purpose of this Master's dissertation research is to explore computer software designed for extensive and accurate textual analysis: the IRAMUTEQ Software. From this experience in a literary collection, we intend to provide more details about the use and performance of the chosen program. The type of experience report was made from the qualitative descriptive analysis of the resulting corpora data prepared according to the IRAMUTEQ Software Installation Manual. Each corpora consisted of journalistic chronicles written by the journalist and writer Josué Guimarães, under the pseudonyms Dom Camilo and Peppone for the newspapers Folha da Tarde and Hoje, respectively, in 1954. The corpora were submitted to individual analysis by the software and only after The data obtained from the Similitude Analysis and Word Cloud resources provided by the IRAMUTEQ Software were analyzed together to identify peculiarities, similarities, convergences and divergences between pseudonyms, language, common and differentiated expressions, among other characteristics that are relevant for observation and notes. The discussion of the data occurred taking into account the function of the words attributed in the text, in their context, used by the author of the journalistic chronicles to portray the social-political-educational context of that period of Brazilian society, as well as the level of prominence suggested by the software. The dissertation was theoretically based on well-known names such as Roberto Acízelo de Souza (2007), in his work Theory of Literature, that deals with the art of eloquence, good argument, word, rhetoric; Alberto Cupani (2011), in Philosophy of Technology: an invitation, when it provides us with an existential philosophical debate about the plurality and complexity of the philosophical problems bound up with technology and Lúcia Santaella (2013), which deals with expanded literature, Objects of communication and information acquired its space in the era of hypermobility. In this sense, it will be possible to contribute, dynamically, from this research to a greater dissemination of IRAMUTEQ Software in literary studies, including, enriching and understanding, even more, the journalistic-literary universe left by Josué Guimarães.

Keywords: IRAMUTEQ. Software. Josué Guimarães. Literature. Journalism.

LISTA DE ABREVIATURAS

ADTV	Análise de Dados Temáticos por Variáveis
AE	Análise de Especificidades
AFC	Análise Fatorial de Correspondência
AFC	Análise Fatorial por Correspondência
ALCESTE	Software Analyse Lexicale par Contexte d'um Ensemble de Segments de Texte
ALJOG	Acervo Literário Josué Guimarães
API	Application Programming Interface
ARPANET	Rede de Informações do Departamento de Defesa Norte-Americano
AS	Análise de Similitude
ATLAS-ti	-
AVI	Áudio Vídeo Inteleaved
BMP	Formato de imagem em mapa de bits
CCSL	Centro de Competência em Software Livre
CD	Compact Disc
CD-ROM	Compact Disc Read-Only Memory
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CIERS-ed/FCC	Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação, da Fundação Carlos Chagas
CNR	Centre National de la Recherche
DEC	Digital Equipment Corporation
DECUS	Divisa
DOC	Documento
DOCX	Extensão de ficheiro
FSDGPL	Free Software Foundation 's General Public License
GIF	Graphics Interchange Format
GNU Linux	GNU is Not Unix
GPVEFP	Grupo de Pesquisa Valores, Educação e Formação de Professores
IA	Inteligência Artificial
IBM	International Business Machines
IFHC	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
IME	Instituto de Matemática e Estatística
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Texts et Questionnaires
JPEG	Joint Photographics Experts Group (acrônimo)
JPG	Joint Photographics Group
LACCOS	Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição
MAXQDA	VERBI Software
MOV	Arquivos de Vídeo da APPLE
MP3	Moving Picture Group
MP4	Moving Picture Expert Group
MPE	Micropartícula Eletrônica
MPEG	Moving Picture Expert Group
MPG	Moving Picture Group
MS-DOS	Microsoft Disk Operating Systems
NP	Nuvem de Palavra
NUD.IST	Numerical Unstructured Data Indexing Searching and Theorizing
NVivo	-

OCR	Reconhecimento Óptico de Caracteres
ORG	Organização (abreviatura)
PDF	Portable Document Format
QDA	Qualitative Data Analysis
QSR	International
QT	Quantitativo (forma reduzida)
RTF	Rich Text Format
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SPAD	Software Système Portable pour l'Analyse des Données
SSDG	Scientific Software Development GmbH
TAGCROWD	-
TAGUL	Novas ideias
TAGXEDO	Palavras Visuais
TIF	Tagged Image File
TIFF	Tagged Image File Format
TPT	Telecom Paris Tech
Tri Deux Mots	-
TXT	Arquivo em Formato de Texto
UC	Unidade de Contexto
UCE	Unidade de Contexto Elementares
UCI	Unidade de Contexto Inicial
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICODE UTF-8	Unicode Transformation Format
UNICX	Uniplexed Information and Computing System
UNIX	Uniplexed Information and Computing System
UPF	Universidade de Passo Fundo
USCB	United States Census Bureau
USP	Universidade de São Paulo
WAV	WAVEform audio format
WMA	Windows Media Audio
WMV	Windows Media Video
WORDLE	Nuvem de *Tags*
XML	Extensible Markup Language

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tela inicial do *Software* Etnograph…….....70
Figura 2 – Demonstração de Analise Simples do *Software* NUD*ist.....71
Figura 3 – Modelo de Análise Básica do *Software* Atlas.Ti7 no Excel.....72
Figura 4 – Modelo de Plano Fatorial elaborado pelo *Software* Tri Deux Mots.....73
Figura 5 – Modelo de Gráfico elaborado a partir da análise simples do *Software* SPAD.....74
Figura 6 - Modelo de Análise Simples do *Software* MAXQDA.....75
Figura 7 - Modelo de Análises Estéticas do *Software* Tagxedo.....76
Figura 8 – Tela Versão Demo da Ferramenta WORDLE.....77
Figura 9 – Modelo de Exibição de Análises Estéticas do Gerador *on-line* Tagul…..……..78
Figura 10 – Modelo de Análise Simples realizada no *site* TagCrowd.....79
Figura 11 – Modelo da Navegação Panorâmica no *Software* ALCESTE 86
Figura 12 – Modelo de Classificação Ascendente no *Software* ALCESTE.....86
Figura 13 – Modelo de Análise Fatorial do *Software* ALCESTE.....87
Figura 14 – Tela Inicial do *Software* R.....89
Figura 15 – Modelo de Nuvem de Palavras (sem temática) do *Software* IRAMUTEQ....97
Figura 16 - Modelo de Análise de Similitude do *Software* IRAMUTEQ.....98
Figura 17 – Modelo de Análise Fatorial do *Software* IRAMUTEQ.....98
Figura 18- Tela Inicial do *Software* ABBYFineReader 12.....108
Figura 19 – Modelo de Documento em Análise pelo *Software* ABBYFineReader 12.....108
Figura 20 – Modelo de Corpora elaborado para esta pesquisa…….....…….....…110

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....20
1.1 CORPUS E METODOLOGIA DA PESQUISA.....25
1.2 SELEÇÃO E COLETA DAS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS NO ALJOG.....26
1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA 26
2 TECNOLOGIA E LITERATURA.....30
2.1 LITERATURA EXPANDIDA: NOVOS HABITATS PARA AS PALAVRAS?.....42
2.1.1 Novos tempos, novos formatos, novos leitores.....56
2.1.2 Computadores e *softwares*: breves notas históricas 63
2.1.3 O caminho para os *softwares* livres.....66
2.1.4 *Softwares* livres: várias formas de análises textuais.....69
2.2 ANÁLISES TEXTUAIS COM AUXÍLIO DE *SOFTWARES*: PARCERIAS POSSÍVEIS E RELEVANTES.....80
2.3 ALCESTE: O PIONEIRO INSPIRADOR.....83
2.4 *SOFTWARE* R – A LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO SUPORTE PARA O *SOFTWARE* IRAMUTEQ.....87
3 *SOFTWARE* IRAMUTEQ 90
3.1 *SOFTWARE* ABBYY FineReader 12.....104
3.2 A IMPORTAÇÃO DOS *CORPORA*.....107
4 JOSUÉ, A CRÔNICA E AS VOZES.....112
4.1 IRONIA: LINGUAGEM SALUTAR DA CRÔNICA.....117
4.1.1 Josué Guimarães: cronista irônico e político convicto.....122
4.1.2 Josué Guimarães e sua trajetória político-intelectual.....125
4.2 DOM CAMILO E PEPPONE: VOZES E TERMOS.....128
4.3 DOM CAMILO E PEPPONE: VOZES E POSIÇÃO.....150
4.3.1 IRAMUTEQ: termos em conflito.....154
4.3.2 Considerações parciais na pluralidade das vozes.....158
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA FERRAMENTA ENTRE SUJEITOS POLÍTICOS.....163
REFERÊNCIAS.....178

APÊNDICES.....183

APÊNDICE A – Nuvem de Palavras *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ 183
APÊNDICE B - Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....184

APÊNDICE C – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....185

APÊNDICE D – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....186

APÊNDICE E – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....187
APÊNDICE F – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....187
APÊNDICE G – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....188
APÊNDICE H – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....188
APÊNDICE I – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....189
APÊNDICE J – Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ.....189
ANEXOS.....190

ANEXO A – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 18 de maio de 1954.....190

ANEXO B – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 19 de maio de 1954.....191

ANEXO C – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 20 de maio de 1954.....192

ANEXO D – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 21 de maio de 1954.....193

ANEXO E – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 22 de maio de 1954.....194

ANEXO F – ALJOG – 030- 2476-1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 24 de maio de 1954.....195

ANEXO G – ALJOG 35 a 2577 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 25 de maio de 1954.....196

ANEXO H – ALJOG 03 a 0503 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 26 de maio de 1954.....197

ANEXO I – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 28 de maio de 1954.....198

ANEXO J – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 29 de maio de 1954.....199

ANEXO K – ALJOG 03 a 0502 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 31 de maio de 1954.....200

ANEXO L – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 1º de junho de 1954.....201

ANEXO M – ALJOG 03 a 2481 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 2 de junho de 1954.....202

ANEXO N – ALJOG 03 a 2482 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 3 de junho de 1954.....203

ANEXO O – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 4 de junho de 1954.....204

ANEXO P – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 5 de junho de 1954.....205

ANEXO Q – ALJOG 03c 2485 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 7 de junho de 1954.....206

ANEXO R – ALJOG 03 a 2486 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 8 de junho de 1954.....207

ANEXO S – ALJOG 03 a 2487 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 9 de junho de 1954.....208

ANEXO T – ALJOG 03 a 2488 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 10 de junho de 1954.....209

ANEXO U – ALJOG 03 a 2489 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 11 de junho de 1954.....210

ANEXO V – ALJOG 03 a 2430 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 12 de junho de 1954.....211

ANEXO W – ALJOG 03 a 2431 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 14 de junho de 1954.....212

ANEXO X – ALJOG 03 a 2492 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 15 de junho de 1954.....213

ANEXO Y – ALJOG 03 a 2493 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 16 de junho de 1954.....214

ANEXO Z – ALJOG 03 a 2494 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 18 de junho de 1954.....215

ANEXO AA – ALJOG 03 a 2495 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 19 de junho de 1954.....216

ANEXO BB – ALJOG 03 a 2496 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 21 de junho de 1954.....217

ANEXO CC – ALJOG 03 a 2497 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 22 de junho de 1954.....218

ANEXO DD – ALJOG 03 a 2498 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 23 de junho de 1954.....219

ANEXO EE – ALJOG 03 a 2499 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 24 de junho de 1954.....220

ANEXO FF – ALJOG 03 a 2500 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 25 de junho de 1954.....221

ANEXO GG – ALJOG 03 a 2501 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 26 de junho de 1954.....222

ANEXO HH – ALJOG 03 a 2502 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 28 de junho de 1954.....223

ANEXO II – ALJOG 03 a 2503 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 30 de junho de 1954.....224

ANEXO JJ – ALJOG 03 a 2504 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 1º de julho de 1954.....225

ANEXO KK – ALJOG 03 a 2505 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 2 de julho de 1954.....226

ANEXO LL – ALJOG 03 a 0524 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 3 de julho de 1954.....227

ANEXO MM – ALJOG 03 a 2506 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 5 de julho de 1954.....228

ANEXO NN – ALJOG 03 a 0523– 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 7 de julho de 1954.....229

ANEXO OO – ALJOG 03 a 2507 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 8 de julho de 1954.....230

ANEXO PP – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 23 de agosto de 1954.....231

ANEXO QQ – Crônica Jornalística D. Camilo.....232

ANEXO RR - ALJOG 030 2448 – 5. d. Crônica Jornalística D. Peppone.....233

ANEXO SS - ALJOG 030 2449 – 5. d. Crônica Jornalística D. Peppone.....234

ANEXO TT - ALJOG 030 2450 – 5. d. Crônica Jornalística D. Peppone.....235

ANEXO UU - ALJOG 030 2452 – 5. d. - Crônica Jornalística D. Peppone.....236

ANEXO VV - ALJOG 030 2453 – 5. d - Crônica Jornalística D. Peppone.....237

ANEXO WW - Crônica Jornalística D. Peppone.....238

ANEXO XX - Crônica Jornalística D. Peppone.....239

ANEXO YY - Crônica Jornalística D. Peppone 240

ANEXO ZZ - Crônica Jornalística D. Peppone - 1ª Parte.....241

ANEXO AAA - Crônica Jornalística D. Peppone – 2ª Parte 242

1 INTRODUÇÃO

A contar das mais longínquas épocas, as palavras convivem com o ser humano, multissignificativas, provocantes e incitadoras, compreendidas em um fabuloso universo convidativo a ser explorado de diversas maneiras. As palavras representam substancial excepcionalidade para o contexto significativo, responsável pela realização dos processos comunicativos entre os sujeitos. O contato com as palavras, por meio da leitura e da escrita, é plural, complexo e transita em várias direções. Manifesta-se concreto, observável, modificável e recorre às faculdades estipuladas por nós, sujeitos competentes e habilidosos, que se cercam de palavras, recebendo-as, compreendendo-as e, acima de tudo, interpretando-as nos seus mais minuciosos significados. Nosso contato com as palavras, seja pela leitura ou pela escrita, sobremaneira, é superior a qualquer funcionamento de instrumento visual, percepção, identificação ou memorização de signos.

Ao usufruirmos do substantivo feminino ‘palavra’, somos remetidos, imediatamente, à leitura e escrita, competências que incidem necessariamente sobre o texto, forma mínima do saber. Ao ser explorado, este proporciona um universo inigualável de expressões. O texto, seja qual for o gênero escolhido em sua perspicácia, toma por direito encarregar-se de facultar ao leitor prosseguir com a leitura, aprimorando-a cotidianamente e de diferentes maneiras. Esta, no que lhe concerne, será absorvida e interpretada pelo leitor, a partir de elementos pensados, analisados, além de estruturados por quem os originou: o escritor.

Há muito, vários estudiosos tentaram, e ainda o fazem, definir a minuciosa atividade relacionada ao ato de ler. Por meio de seus estudos e constatações, alguns demonstraram que, por seu intermédio, não reconhecemos os signos um a um, mas por meio de volumes e medidas. Emoções e sentimentos que provêm da leitura, na maioria das vezes, ocorrem por ocasião do charme e elegância que as sentenças, ao emoldurarem-se, acarretam preciosos formatos textuais, especialmente em relação ao literário, tornando este, além de desafiador, um ato de leitura concitativo ao diferente e incomparável.

A literatura, e tão somente ela, modelada a partir da *littera*, senhoreia temas enriquecidos de saberes, diferenciando-se por não aceitar qualquer tipo de leitura, compreensão e interpretação. Dessa forma, sugere-nos buscar, por meio das palavras moldadas e ostentadas por considerável valor e forma em suas composições, o encontro com o pensamento emancipado. Detendo o compromisso com a verossimilhança, almejada a partir do real, não cabem, porém, à literatura o testemunho de afirmações ou a realização de

confirmações.

Entretanto, a literatura impulsiona a fantasia para a elaboração de contextos que eximem seus criadores do compromisso com a veracidade dos fatos, nos quais as palavras escolhidas por eles, uma a uma, organizadamente, constroem preciosos mundos ficcionais, fartos de histórias, fatos, acontecimentos, por vezes igualando-se à realidade.

Ao convivermos com a literatura, assumimos o compromisso de não nos eximir de revelar sua produção contextual, haja vista, o contrário ocorrer, não haver sentido algum, tampouco significado em conhecê-la e experienciá-la. A cada nova leitura proporcionada por ela, vivenciamos a experiência e o contato com seu universo enriquecedor e inovador que amplia os sentidos da própria experimentação. Ocasionalmente, esses sentidos apresentam-se difíceis de compreensão; todavia, não perdem seu fascínio, tampouco deixam de ser provocantes.

O leitor, ao constituir a literatura fonte valorosa de documentação para o conhecimento, a partir do mundo que ela honrosamente comporta e oferece, estará sensibilizando-se perante a óptica utilizada pelos escritores. Nesse contexto, a leitura, necessariamente a literária, traz consigo liberdade e prazer sem dimensões, inclusive sua linguagem influi diretamente na proporção de identidade dos sujeitos leitores. Indispensavelmente, precisamos rememorar acerca de vários falares também existirem e coabitarem livremente entre si, portando-se merecedores da assoma de várias heranças culturais de uma determinada sociedade. Entretanto, nada que tenha surgido até os atuais dias, incumbiu-se, também, de proporcionar vivências e redescobertas diferenciadas a cada contato mantido com sua forma de ler, tanto quanto a literatura propõe.

A literatura, por intermédio de grandes autores, se vista de maneira profunda e íntima, gera no leitor experimentações de uma vida alheia com direito a sensações e emoções que não as nossas próprias, mas àquelas que as personagens demonstram ter em comum conosco. Destarte, até onde temos conhecimento, nenhuma outra experimentação de leitura, cultura, arte ou meio assegurou tamanha profundidade de vivências leitoras aos seus ledores, suficientemente capaz de marcá-los tão significativamente ao ponto de não ser esquecida em época alguma por quem as experenciou.

Somos seres, por natureza, comunicativos, que necessitam expressar-se; portanto, nosso contato com o mundo da informação é imprescindível. Elemento basilar para a informação, o jornalismo. De outra parte, percebemos que literatura e jornalismo adquiriram compatibilidade com a literatura ao longo de sua convivência. Basta direcionarmos nossas

lembranças para um passado não muito remoto, e será perfeitamente possível evidenciarmos não ter existido, em outras épocas, uma redação de jornal ou revista que não tenha servido de palco para renomados jornalistas que demonstraram sua familiaridade com as palavras, servindo-se delas, por intermédio da literatura e da informação, assumindo-se grandes escritores, alguns deles, em período posterior.

Não se diferenciando muito do passado, há a presença de reconhecidos ficcionistas no jornalismo que enriquecem a atividade jornalística, levando-nos, algumas vezes, a confundi-los com escritores preeminentes, por demonstrarem tamanha criatividade e imaginação, além de profundo conhecimento e habilidade com as palavras. Em determinados momentos, o leitor, em contato com a forma de escrita, titubeia e percebe literatura no jornal ou jornalismo na literatura. De forma clara e coerente o instrumento utilizado, seja pela literatura ou pelo jornalismo informacional, pode transportar o leitor por diversos caminhos. Nada mais é que a aplicabilidade da palavra em forma de canal paralelo e diferenciado, que se encarrega de privilegiar o olhar cruzado da história com informações atuais, unindo letras, saber, informação, culturas.

Literatura soma-se à ficção, enquanto o jornalismo, de fato, trata da realidade. Quando unidos, serão compatíveis sem perder suas essências, tendo em vista que alicerçam e ornamentam o texto, mantendo maior proximidade entre escritor e leitor. O jornalismo, quando acrescido de uma adequada narrativa escrita, proporciona ao leitor o contato com a informação completa, somada à visão de acontecimentos ampliados que, por vezes, ultrapassam os limites informativos por superarem e ampliarem os fatos. Para o jornalismo, a essencialidade é ater-se aos fatos, fundamentalmente, em relação a promover a compreensão da informação noticiada, de forma que o jornalista, veículo que realiza esta ação, molde seus textos à necessidade do leitor.

As histórias evidenciadas na escrita do jornalismo servem-se de adjetivos, personagens, enredos, conteúdos e contextualizações a partir do vivenciado no cotidiano, com estilos e ênfases diferentes da realidade. Dessa forma, ele mantém-se nobre perante as informações com características peculiares do ramo, exigindo, além de consciência e talento para a escrita jornalística, serem indispensáveis dedicação e empatia por parte de quem escreve, já que transpõe realidade e cotidiano para dentro da escrita, tornando-se uma forma de humanização.

Vários foram os autores que elaboraram enredos instigantes a partir de sutil imaginação literária e/ou jornalística. Josué Guimarães, conceituado como um dos mais

respeitáveis escritores brasileiros do século XX, em razão de sua perspicácia e criticidade de escrita, além do talento para o jornalismo e a aptidão pela literatura, entrelaçou ações, fatos e acontecimentos ocorridos em sua época, inferindo, a partir do jornalismo e da literatura, obras que se perpetuaram ao longo dos anos, sem perder seu vislumbre em tempos tão contemporâneos.

Sagaz, o jornalista e escritor, dentre outras funções que desempenhou ao longo de sua existência, objetivou, por meio da sua escrita jornalística e literária, não apenas estabelecer vínculos com verdades, deveres e responsabilidades, mas irromper pensamentos, atitudes e conceitos, permitindo, similarmente, reflexões arrojadas que promoviam em seus leitores a habilidade individual de argumentação acerca dos segmentos político, educacional, social e econômico. Ao escrever, Josué Guimarães defendia, especialmente, a postura íntegra, adequada e justa dos então membros políticos da sociedade na qual conviveu, desafiando-se a si e a seus leitores.

Josué Guimarães constitui sua escrita, integrando, diferencialmente, ao gosto individual dos seus leitores, elementos que constituíam a época social-político-econômica de determinado momento da história brasileira. Demonstrou, criativamente, ser o leitor capaz de habituar-se ao convívio das palavras e servir-se delas para estímulo a fim de discernir posições, opiniões, ideologias, doutrinas e pontos de vista correspondentes ao cotidiano a que pertencia, mesmo que dele não se envolvesse diretamente.

O escritor Josué Guimarães valeu-se do gênero textual crônica no segmento jornalístico. Aplicou constatações simples e apontamentos dos mais variados, enriquecidos pela situação vivenciada, diariamente, na sociedade da sua época. Utilizou, assim, a crônica não como mais um instrumento particular da sua escrita; contudo, por intermédio dela, manifestou ardorosamente seu ponto de vista e formas de entendimento, realizando além de severas críticas, variadas informações e posições sobre a sociedade.

Nas mãos habilidosas de Josué Guimarães, as palavras ganharam vida e tornaram suas crônicas objetos ricamente incorporados de argumentos que entrelaçaram a realidade e se fizeram compreensíveis a partir de uma leitura prática, porém elaborada, de significados em suas entrelinhas. Josué Guimarães potencializou o jornalismo ao utilizar-se das crônicas, para informar seus leitores sobre o contexto histórico-político daquele período, assim como ultrapassou os acontecimentos daquele cotidiano em razão de ampliar a realidade dos fatos e exercer plena cidadania ao romper burocracias por ocasião de relatos profundos.

A presente dissertação de Mestrado propõe-se, a título de objetivo principal, a partir

da exploração do *Software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Texts et Questionnaires* (IRAMUTEQ), pensado e planejado para realizar análises textuais acuradas, sofisticadas, sistematizadas e articuladas, não apenas constatar sua funcionalidade, potencialidade e viabilidade, mas, também, ressaltar sua possibilidade de empregabilidade na área das linguagens, especialmente na literatura, a partir do seu uso no gênero textual crônica, no ramo jornalístico, a fim de demonstrar a riqueza de recursos que o *software* disponibiliza para exploração das palavras do texto. Para tanto, a escolha foi por cinquenta e três crônicas jornalísticas, de autoria do escritor Josué Guimarães, parte importante do material de pesquisa do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG), sob responsabilidade da Universidade de Passo Fundo – (UPF).

Podemos pensar que jornalismo e literatura, quando imersos em suportes digitais pensados, inclusive, para novos formatos de leitura, em contato com o singular perfil dos leitores da era contemporânea, reduzem-se a um mero amontoado de palavras lançadas em um texto, exposto em superfícies que não as do tradicional livro impresso de leitura sequenciada? Ou então, podemos pensar que o uso das novas tecnologias corresponderá a um outro espaço para leitura, formado por subjetividades que se relacionam entre si?

Desta forma, esta dissertação de Mestrado também ambicionou, servir de estímulo para que o *Software* IRAMUTEQ seja apresentado para outras áreas de pesquisas, com o intuito maior de demonstrar, da melhor maneira possível, ser, este *software,* um relevante suporte interpretativo e complementar de dados quantitativos, qualitativos e textuais, capaz de dinamizar e aprimorar os mais diferentes textos informativos.

À vista disso, pretendemos, ainda, contribuir com outras informações que facilitem a instalação e utilização do *Software* IRAMUTEQ, a fim de enriquecer o conhecimento sobre sua utilidade, haja vista inexistirem estudos acadêmicos pertinentes ao uso do programa em relação ao seu real desempenho e funcionabilidade na área das linguagens, além de uma quase inexistência de material que ateste sua proposta de uso.

Diante do exposto, acreditamos, também, que experiências neste campo de estudo relacionadas ao uso de *softwares* planejados, para auxílio de análises textuais, apresentam respeitável valor pedagógico, inclusive por retratarem elementos de acessibilidade para enriquecimento do conhecimento. Por ocasião do contato com o *Software* IRAMUTEQ, pretendeu-se alcançar interpretações diferenciadas e/ou similares acerca do conteúdo das crônicas selecionadas, aproximando-nos do contexto social daquela época, por meio de uma linguagem próxima da realidade daquele período e, a partir de uma ação coletiva de

interpretação, perceber maior sentido e significado na escrita jornalística de Josué Guimarães.

Além disso, objetivamos, também, a partir dos dados fornecidos pela análise textual das cinquenta e três crônicas jornalísticas submetidas à experiência com o *Software* IRAMUTEQ, perceber características, escrita e expressões comuns ou não entre os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, além de outros elementos que se fizeram relevantes, utilizados pelo escritor Josué Guimarães para levar aos seus leitores, fatos do cotidiano político-cultural-social daquela época, irônica e criativamente, a fim de acessibilizar para eles, o cenário ao qual pertenciam.

Igualmente, foram reunidas informações complementares que, certamente, contribuirão para a instalação, funcionamento e uma melhor compreensão acerca da utilização do *Software* IRAMUTEQ em outras pesquisas futuras que necessitem análise textual com auxílio de programa informático. Ressaltamos, ainda, que este estudo não teve a intenção de exercer a crítica da crítica, tampouco interferir em pesquisas e opiniões já constatadas por meio do uso do *Software* IRAMUTEQ; porém, preocupamo-nos, tão somente em apresentar as impressões constatadas com os resultados obtidos das análises submetidas ao programa.

1.1 *CORPUS* E METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa contribuiu para a obtenção do título de Mestre no curso *stricto sensu,* do Mestrado em Letras, na Linha de Pesquisa Leitura e Formação do Leitor, do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFHC) da Universidade de Passo Fundo (UPF). Compreendeu a fundamentação de dois *corpora*: o primeiro, intitulado sob o pseudônimo Dom Camilo, constante de quarenta e três crônicas jornalísticas (critério de seleção constante no item 1.2) e, o segundo, sob a denominação do pseudônimo Peppone, constituído de dez crônicas jornalísticas, quantidade, esta, apenas encontrada no ALJOG, todas de autoria do jornalista e escritor Josué Guimarães, de propriedade do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG), propriedade da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Os pseudônimos Dom Camilo e Peppone foram utilizados pelo jornalista e escritor Josué Guimarães, no ano de 1954, a fim de polemizar ambos os personagens criados pelo jornalista, escritor, humorista, novelista e cartunista italiano Giovannino Oliviero Giuseppe Guareschi, para os jornais *Folha da Tarde* e *Hoje*, respectivamente, nos quais os pseudônimos trocavam farpas entre si, e os leitores acompanhavam os duelos, não percebendo

que se tratava do mesmo general. Tratar-se-á, mais aprofundadamente, destas informações no quarto capítulo desta dissertação de Mestrado.

A partir dos *Comparativos de Similitude* e *Nuvem de Palavras,* dois importantes recursos de análise disponibilizados pelo S*oftware* IRAMUTEQ, consoante os resultados obtidos das inserções individuais dos *corpora* Dom Camilo e Peppone das crônicas, realizamos observações, comparações e constatações relevantes à escrita, linguagem, exploração dos temas escolhidos pelo autor em relação ao cenário político da época, uso de expressões irônicas, satirizadas e sagazes empregadas nos textos pelo seu autor para dar vida aos pseudônimos em questão, inclusive traços peculiares, particularidades, forma de comunicabilidade e discurso, entre outras características destacáveis e relevantes que surgiram ao longo da observação dos resultados fornecidos pela análise do *software.*

1.2 SELEÇÃO E COLETA DAS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS NO ALJOG

Após a realização da leitura de mais de cem crônicas jornalísticas no ALJOG, produzidas pelo jornalista e escritor Josué Guimarães, para os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, compreendidas entre os meses de maio a setembro do ano de 1954, publicações originais em empresas jornalísticas diferentes, as cinquenta e três crônicas jornalísticas escolhidas, separadas em dois *corpora* e preparadas de acordo com as informações disponibilizadas no Manual de Instalação do *Software* IRAMUTEQ (2013), ambos serão individualmente direcionados à realização de análise textual pelo *Software* IRAMUTEQ.

As primeiras crônicas jornalísticas escolhidas de cada um dos pseudônimos pertenceram às publicações do mês de maio de 1954 de ambos os pseudônimos e, levado em consideração para a seleção de cada uma delas o grau de interesse sobre sua temática. As demais foram escolhidas respeitando a sequência da ordem de publicação da primeira escolha, seguida do mesmo critério de interesse para sua seleção.

1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA

Optamos por dividir esta dissertação em cinco capítulos. Na introdução, ressaltamos o *corpus*, a metodologia e a estrutura da pesquisa, a partir de breves colocações sobre a literatura e sua relevância para o homem, além de rápidos tópicos da personagem do jornalista e escritor Josué Guimarães. Também sobre o universo digital e, entre muitas das

possibilidades, a literatura dentro dele.

No segundo capítulo, dedicamos espaço para o aporte teórico desta dissertação de Mestrado, tendo como suporte Roberto Acízelo de Souza (2007), por ocasião do seu olhar instigante e convidativo para explorarmos o universo que compõe teoricamente a Literatura, em sua singular obra Teoria da Literatura, pela qual mapeia o conhecimento da retórica e da poética no Brasil do século XIX, ressalta estudos que pioneirizaram a Literatura Brasileira e a História da Literatura, servindo, mais tarde, de subsídios para ideias linguísticas. Segundo o autor, a fim de problematizar aquilo que o senso comum percebe superficialmente, a teoria se encarrega de aprofundar as mesmas questões; porém, de maneira distinta. O autor preocupou-se, ainda, em suscitar, respeitosamente, resultados teóricos, não apenas por registros sentimentalistas, impressões e julgamentos críticos, mas em observar o texto literário com caráter pessoal, emocional, expressivo, muitas vezes ocultado por atitudes perceptivo-teóricas, tão somente. Nesse caso, o autor demonstra, ainda, ser necessária a utilização das palavras por determinados modos e meios a fim de instituir novos universos imaginários e ficcionais, constituídos de linguagem e expressividade.

Em sua obra *Filosofia da Tecnologia*: um convite, Alberto Cupani (2011) nos propõe uma reflexão profunda e atual acerca de a Filosofia da Tecnologia ser mais que uma disciplina relativamente recente. Para o pesquisador, a Filosofia da Tecnologia, se comparada com as restantes disciplinas filosóficas, adquiriu um campo sugestivo à sua definição, por ocasião de sua participação e presença no mundo contemporâneo e, por muitos estudiosos, ainda não percebida como uma ciência, apenas como a continuidade de proposições entre técnica e tecnologia. Consoante os estudos de Cupani (2011), tecnologicamente a vida ganhou *glamours* que se propagam extensivamente. A tecnologia presta alívios para serviços árduos e alento para relações mais enriquecidas com o mundo, por intermédio de variados dispositivos, que nos garantem cuidados, reparações para todos os nossos desejos e vontades, possibilitando-nos nossa afirmação existencial em bens que nos definirão como sujeitos respeitáveis.

No tocante à pesquisadora Lúcia Santaella (2013), de acordo com sua obra Comunicação *Ubíqua*: repercussões na cultura e na educação, que aborda a contemporaneidade em reflexivo debate fundamentado por ideias e recursos que nos compreendem seres emergentes, ora dotados de inteligências e sensorialidade, somos convidados a revisitar um passado não muito remoto, do qual éramos tidos apenas como objetos. Entretanto, hoje, convivemos e vivenciamos o furor das novas tecnologias,

desafiando-nos constantemente como sujeitos perfeitamente capazes de usufruir os mais diferentes objetos e imensos aparatos tecnológicos que viabilizam explorar transmutações e emergir das possibilidades que produzem conhecimento.

Diante disso, somos presenteados pela pesquisadora acerca de sua percepção sobre hipersintaxes verbais, visuais e sonoras e o ciberespaço que, por sua vez, é o responsável direto por aconchegar inovadores paradigmas da imagem, reformulando a história da fotografia como, inclusive, o cinema e a literatura que expandiram para outros horizontes. Nessas diferentes hibridizações da videoarte e das artes digitais, a literatura incrementou-se pelas incontáveis potencialidades da hiper e da transmídia, reformulando-se, ajustando-se, moldando-se e, principalmente, oferecendo-se para ser explorada por formas, até então, não pensadas.

Para a estudiosa, a literatura, expandida para o ambiente digital, apresenta formalmente a caraterística do hibridismo entre linguagens, quando necessita dos *hiperlinks* e propicia interatividade entre leitor e conteúdo, utilizando-se dos dispositivos móveis, como *smartphones, tablets, e-books* e as mais diferentes telas que promovam a interação *on-line,* reforçando, até, a necessidade de se se olhar para a literatura expandida com o intuito de perceber a leitura apresentar-se, definitivamente, de outras maneiras sem perder sua riqueza impressa e o brilhantismo de seus autores.

Sequencialmente, acrescentamos breves notas históricas acerca de alguns *softwares, sites* e geradores *on-line* disponibilizados, alguns gratuitamente, e outros, pagos, utilizados para análises de dados simples, práticas e esteticamente agradáveis, facilmente encontrados para *download* na *Internet* ou contato para aquisição. Nesse sentido, foi possível demonstrar, a partir de telas de exemplos dos *softwares* mais conhecidos no universo digital, constantemente utilizados para situações não tão complexas como aquelas que se propõe o *Software* IRAMUTEQ, uma breve noção dos recursos reunidos em um único *software*, pensado para análises textuais mais elaboradas. Posteriormente, destacamos o *Software* ALCESTE, pioneiro no auxílio de análises qualitativas e quantitativas, inspirador para o *Software* IRAMUTEQ, além de participação de sua criação, com algumas caraterísticas e recursos necessários ao funcionamento e desempenho do programa, explorado nesta dissertação de Mestrado.

No terceiro capítulo, enfatizamos o recurso auxiliador, escolhido para as análises textuais das crônicas jornalísticas selecionadas no ALJOG: o *Software* IRAMUTEQ. No capítulo em questão, abordamos a origem do *Software* IRAMUTEQ, seus requisitos

obrigatórios para instalação, funcionamento, suporte, experimentações, utilização, assim como recursos disponíveis e suas respectivas funções, além de informações adquiridas após a experiência com o programa, que se fizerem relevantes de exposição. Além disso, destacamos, da forma mais completa possível, detalhadamente, a realização da importação dos *corpora* Dom Camilo e Peppone desde sua seleção e preparo, até sua submissão à análise textual pelo *Software* IRAMUTEQ. Não medimos esforços para exploração do *software* em destaque, assim como da exposição de telas demonstrativas, adquiridas ao longo da pesquisa, recursos esses que a enriqueceram muito mais.

Congruentemente, no quarto capítulo, elucidamos, de uma forma geral, as trajetórias política e literária do escritor Josué Guimarães acerca de suas experiências que o firmaram e o consagraram no universo do jornalismo e da literatura. Com obras eternizadas, o nobre jornalista e escritor mesclou tempos, lugares, pessoas, momentos, permeando enredos que discutiram e posicionaram-se sobre guerras, escolhas, famílias, condições de vida, abandonos, enfermidades, costumes, crenças, recordações, marcas de solidariedade, compaixão, sobrevivência, angústias, anseios, sublimações. Com tantos atributos, certamente, ele abrilhantou esta pesquisa, contribuindo com uma escrita arrojada, irreverente e irônica. Ainda, neste capítulo, apresentamos os principais elementos constantes nas crônicas jornalísticas, sob os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, cabendo, aqui, a discussão de dados a partir das análises submetidas ao *Software* IRAMUTEQ.

Num último momento, o quinto capítulo foi dedicado às considerações finais que se encarregaram de transpor, clara e objetivamente, os resultados obtidos nas análises textuais dos *corpora* Dom Camilo e Peppone, ressaltando e discutindo a percepção da pesquisadora-observadora acerca das possibilidades e contrariedades percebidas após a experiência com o *Software* IRAMUTEQ, destacando, necessariamente, por meio de comentários de cunho observatório próprio, o que realmente for considerado relevante sobre a viabilidade, dificuldades, carências, desempenho, complexidade, entre outras ressalvas que se fizeram pertinentes à matéria.

2 TECNOLOGIA E LITERATURA

Desde a pré-história, as revoluções dos acontecimentos mais remotos influenciaram o surgimento da tecnologia. O homem, aprendeu a criar seus instrumentos de trabalho, aproveitando fontes naturais de recursos, mostrando-se autossuficiente e capaz de criar suas técnicas e métodos. Necessariamente, muito mais recentemente, a partir da Revolução Industrial, a sociedade, por ocasião da passagem do uso das técnicas para a tecnologia, permitiu-se que ocorressem significativas alterações em seus diversos segmentos. Conhecer a história do homem, desde a pré-história até os atuais dias, é indubitavelmente relevante para que se compreenda a grande escala de tempo levada pelas inovações para se destacarem em sua trajetória. Assim como a escrita e a agricultura, a arquitetura clássica e a matemática modificaram-se. É imprescindível perceber quão importante foi o surgimento da Filosofia e do Racionalismo do mundo clássico, assim como da Química e da Física, entre outras.

Devido à transição entre a Idade Média e a Moderna, a era tecnológica ganhou espaço e passou a moldar-se. As alterações nos campos científico, cultural, o Antropocentrismo e o Renascimento favoreceram a junção entre universidades e pesquisas empíricas, transformando o ser humano em agente causador de consideráveis modificações que o elevaram em inteligência e capacidade. O mundo expandindo-se e, ocorreu, também, o crescimento do modo de produção capitalista, as experiências das guerras mundiais, os consideráveis avanços da Medicina e da Bioquímica, assim como a descoberta da energia e a implantação das tecnologias da comunicação. As transformações que ocorreram, vistas dessa forma, nos fazem perceber que não abolimos a técnica; entretanto, desenvolvemos nossa capacidade de aprimorá-las, fundindo-as com a tecnologia (CUPANI, 2011). Dessa forma, o termo tecnologia adquiriu considerável sentido e espaço na sociedade. Saindo das técnicas industriais, a tecnologia tornou-se um grande desafio para o ramo do conhecimento.

De acordo com Cupani (2011), o computador e a tecnologia são mecanismos pensados para promover a iniciativa comunicacional e inteligente dos seres humanos. Considerar a tecnologia como filosofia, em suas noções correlatas de técnicas, utensílios, instrumentos, aparatos, etc. é, antes de tudo, percebê-la criteriosa e hierárquica. Convém, inclusive, considerar haver necessidade de afastar a filosofia da tecnologia de questões diariamente incluídas no ofício do tecnólogo. Questões que abranjam indagações sobre o progresso tecnológico, as diferenças entre os processos científicos e tecnológicos, dessemelhanças entre as ciências puras, aplicadas

e tecnológicas, assim como em seus eixos e padrões econômico, ético, social, político e metafísico.

Inquirição a ser considerada, no campo do conhecimento, a filosofia da tecnologia, comparando-se à filosofia da ciência, da educação ou de outros saberes já reconhecidos, inclui discutir a filosofia da tecnologia com pensamentos clássicos acerca do avanço das técnicas por meio das revoluções científica e industrial, a fim de sistematizá-la como uma das áreas da filosofia no momento contemporâneo:

> [...] a filosofia da tecnologia começou a aparecer nos congressos internacionais de filosofia a partir da década de 50, inicialmente na forma de debates sobre aspectos éticos e políticos das mudanças tecnológicas. Em 1965 foi realizado em São Francisco (EUA) um primeiro simpósio (Toward a Philosophy of Technology), dentro de um encontro da Sociedade da História da Tecnologia, em que foram abordadas também questões epistemológicas. Esse simpósio é apontado como o evento em que assuntos relevantes para a existência da nova disciplina foram abordados pela primeira vez. No entanto, os esforços decisivos na direção da formação de uma comunidade de estudiosos dedicados a essa nova área da filosofia são atribuídos ao filósofo norte-americano Paul T. Durbin (Universidade de Delaware), que organizou importantes reuniões internacionais de filosofia da tecnologia na década de 1970. Produtos desse esforço foram a série de livros Research in Philosophy and Technology (que existe desde 1978) e a fundação da Society for Philosophy and Technology (CUPANI, 2011, p. 29).

Segundo Cupani (2011), é preciso abordar a filosofia da tecnologia a partir de três importantes perspectivas: a analítica, a fenomenológica e a teórico-crítica, ressaltando que a filosofia da tecnologia prevale sobre a relevância de vivermos em ambiente social que vai para além da utilidade básica de cultura tecnológica, pois demonstra que, apenas, o conhecimento simplório da técnica não foi suficiente para acatar os maiores desafios da modernidade; entretanto, foram extremamente significativos para alicerçá-los. Técnica e tecnologia são sentenças que, por mais distintas em significados e aspectos, fundem-se num mesmo vínculo, agindo consensualmente, não permitindo que a tecnologia aja sem preservar seus antecessores e vizinhos, como os instrumentos, maneiras, formas, habilidades e os conhecimentos científicos e matemáticos, respectivamente.

Por conseguinte, Cupani (2011) ressalta o termo realidade tecnológica, além de tecnologia, em suas muitas faces e dimensões em formato de objetos, estruturas, mentalidade ou processos que se juntam a outras tantas tecnologias, tais como: computadores, redes elétricas, satélites, máquinas produtivas, etc. Sociedade e ciência tecnológica necessitam ser consideradas mediante seus valores, em conjunto com aspectos da economia mundial e do desenvolvimento científico. Para ocorrer tecnologia, deverão ser estreitadas as relações entre

conhecimento científico, a sociedade, a técnica e a ciência. O autor considera, ainda, que vivenciamos a era tecnológica que conduz a uma sociedade consumista desejosa de bens de consumo capitalizados, em contínua explosão de crescimento. O homem participa ativamente, maravilhado perante o espetáculo de possibilidades tecnológicas de uma era promissora, jamais pensada, superior a qualquer outra, na qual tecnologia, técnica, métodos, procedimentos, planejamentos, cada qual com valor não condicionado.

Nessa continuidade, somos convidados a participar de um novo formato de sociedade que visa a projetar melhorias, outros inventos, máquinas especializadas, e com alta capacidade, propensas aos mais diversos produtos, com maiores vantagens, proporcionadas, consideravelmente, pelo conforto, conhecimento e cultura, que o posiciona em um nível elevado e superior de respeito e consideração, jamais pensado em alcançar em outras épocas. A partir dessa supervaloração, constrói-se uma época diferente das tantas outras já presenciadas pelo homem, numa dimensão muito maior e descolada de enraizamentos, materializando-se contemporaneamente (CUPANI, 2011). Seria necessário explicar que a vida de hoje sempre se comporta como inédita, seja qual etapa for predominando a busca pelo diferente, permitindo que se avancem fronteiras muito para além do pensamento, com o intuito maior de superar àqueles que as antecederam.

De certa forma, vivemos a era do encantamento e, segundo Cupani (2011), é dessa maneira que conseguimos compreender expressões que demonstram ser a tecnologia, do nosso tempo atual, presente de forma incalculável em nossas vidas. Da carroça ao trem-bala, por exemplo, a informação parece ser adquirida imperceptivelmente, haja vista tamanha flexibilidade de aquisição. A tecnologia proporcionou caminhos para o ser humano, que não lhe permitem regredir. De onde está, apenas deverá seguir em direção à dimensão inumerável (e indispensável) das viabilidades que ela trouxe consigo.

Objeto de conforto, a tecnologia surpreende uma sociedade inteira que não se cansa de conviver com alterações e surpresas, no sentido do que lhe parecer ser natural, haja vista sua considerável trajetória histórica. Tal cultura da tecnologia reforça rotinas, assim como esgotamentos dos recursos ambientais, inclusive pelo materialismo absurdamente supérfluo. O ser humano passa a conviver com o entusiasmo excessivo, uma vida direcionada para o mecanismo programado, em que parece haver apenas um único objetivo a ser alcançado.

Conforme Cupani (2011),

> [...] conquistar o mundo natural, comandar o espaço e o tempo, acelerar ainda mais

> velocidade dos processos apressar o crescimento e o transporte, apagar distâncias, substituir o natural pelo artificial [...] há uma única velocidade eficiente: mais rápido; um único destino atraente: mais longe; uma única medida desejável: maior; uma única meta quantitativa racional: mais (CUPANI, 2011, p. 90-91).

O homem, por meio da tecnologia, aprendeu as palavras mecanização e automação. Compreendeu que ambas o guiam para um mesmo caminho do qual o cérebro é o limite, e apenas ele é capaz de desvendá-lo. A tecnologia, absoluta e justificada pela sua eficiência, atualmente, ocupa a principal forma de poder sobre atividades sociais e individuais (CUPANI, 2011).

Em conformidade com Cupani (2011), termos sinonimizados como absolutismo da técnica, tecnocracia, tecnopólio, megatécnica e totalitarismo convivem, necessariamente, com a palavra tecnologia e exigem constantes reflexões relevantes, tendo em vista coagirem com os termos consumo de mercadorias, enriquecimento e excesso de lazer. Pelo fato de ampliarem o bem-estar, de maneira significativamente satisfatória, individualizada, ganha proporções de promessas tecnológicas de grande consistência, assumindo, por vezes, um ambiente cobrado pelo dinamismo.

Saímos da lógica da palavra impressa, que mantinha a organização coerente em sua ordem, objetividade e disciplina, expandindo-nos para outras mídias eletrônicas que enfatizam, sobremaneira, a fantasia, a narrativa, a intimidade, a resposta emocional imediata e entretenimento, quase assimilando-se a conflitos de perspectivas diferenciadas. Efetivamente, a tecnologia trouxe consigo vários determinantes. A opção por experenciar uma lógica artificial, sair do poder para se alcançar a plenitude, por meio de atitudes mecânicas, tornou-se recurso que constitui um "movimento de ruptura com o processo de desumanização do pensamento tecnológico" (CUPANI, 2011, p. 91).

O forte impacto da cultura tecnológica na sociedade, vai para além da indústria, da política, da religião, do comércio, da educação. Une atitude e mentalidade técnica; lógica da formação de processos, planificação e eficiência, rapidez, produtividade, quantificação de informação, por grandes dimensões, convertendo, assim, novos modelos socioculturais de manifestações racionais, aplicados obsessivamente nas diversas áreas da vida como prazer, descanso, aprendizagem, comunicação (CUPANI, 2011).

Nessa forma de pensar digitalmente, tudo é percebido como objeto que pode ser modificado, adaptado, controlado, em que nada ficará sem desenvolvimento, tornando o homem sujeito a seu próprio curso de desenvolvimento e crescimento. Nesse caso, demarcado pela tecnologia, representam-se o controle e o domínio sobre esse novo formato de sociedade,

a fim de diferenciar o real do atual. O computador, independente dos seus dispositivos e variações, alvo de consumo e de uma elevada tecnologia de publicidade, é o que de melhor foi inventado, como tecnologia de controle, que agrega dispositivos ilimitados para armazenamento e disponibilidade de informação, além de captura de imagens, sistematização de processos, entretenimento, comunicação (CUPANI, 2011).

De acordo com Cupani (2011, p. 148-149),

> [...] a tecnologia, uma questão ideológica, de caráter instrumental, não convida as pessoas a um debate profundo sobre suas próprias consequências. Desta forma, pouco se tem questionado sobre a presença das tecnologias no sentido teórico e filosófico, mesmo que a tecnologia levante grande número de questões pertinentes à reflexão.

Ao exercitarmos as diferentes maneiras de comunicarmos, carregamos conosco teorias e visões. Somos constituídos de linguagem e não podemos percebê-la como fenômeno neutro, copiativo, simplório. Obtemos a capacidade de entendimento e compreensão, a partir do instante em que aprendemos a observá-los, enxergá-los e compreendê-los, inclusive em seu contexto interior. Aprendemos a percepção acerca da leitura e escrita de textos mais elaborados, especialmente quando se tratar de literatura, inicialmente com o auxílio de referenciais teóricos que constituem o saber linguístico dos discursos (CUPANI, 2011).

A partir desse referencial, em um contexto que por si justifica nossa trabalho, cogitamos a possibilidade de abordar a literatura, não obstante diferente, mas definível, de certa forma, não apenas por ser ficcional e geradora da imaginação, mas por empregar sua linguagem de forma transformadora, intensa que, ao mesmo tempo em que se afasta da fala cotidiana, nos possibilita o contato com nosso meio, renovando nossas reações habituais às palavras que compõem um texto literário, intensificando nossa linguagem comum ao agregarmos linguagem renovadora e intensa. Esse discurso, ora tido paradoxalmente, proporcionará ao leitor vivências leitoras intimamente experenciadas, tornando-se uma forma especial de linguagem que, contrasta com a linguagem cotidiana sem existir por existir, reforçando sua constituição histórica de juízo de valor e estreitadora de laços em relação a ideologias sociais (WELLECK; WARREN, 2003).

No entender de Welleck e Warren (2003), a literatura não serve apenas como diferencial e referência, tendo em vista que seus lados emotivo e expressivo não apenas afirmam ou exprimem o que ela diz. Vão além e influenciam as atitudes do leitor, persuadindo-o e, muitas vezes, até modificando-o. Em sua linguagem, a literatura apresenta-se como signo, e o

simbolismo sonoro das palavras é acentuado, destacando, consideravelmente, seu grau de consciência, o que não ocorre em nenhuma outra forma de leitura.

À vista disso, a literatura assumiu a incumbência de contribuir com a língua, criando identidade para seus sujeitos leitores, obrigando-os, prazerosamente, a um exercício de fidelidade e respeito ao ser interpretada. Suas palavras não só explicitam aquilo que jamais poderemos colocar em dúvida, como assinala aquele objeto que por elas é considerado mais relevante, inclusive aquele que servirá de ponto de partida para a livre interpretação do texto, sem prejuízo de essência (ECO, 2003).

A língua por sua vez é o principal código de que predisponibiliza o homem: o ato da fala. Nesse sentido, o escritor terá inúmeras perspectivas para expressar-se, selecionando, entre tantas, aquela que lhe convier e se adapte da melhor maneira possível à sua forma peculiar de percepção do mundo real, do seu cotidiano, da sua realidade. A partir dessa ação, o estilo de cada escritor residirá com maior ou menor singularidade, prevalecendo, especialmente, quando o objeto de desejo, que instiga a inteligência, possibilitar o uso da palavra com o intuito de impressionar, sensibilizar, encantar e acarinhar por meio da intelectualidade (SAMUEL, 2003).

A literatura não é um amontoado de textos, que não dialogam, incitam, indagam, ou ainda não possuem algo semelhante entre si. Como ficção, comporta-se quase como autônoma frente à realidade. Em virtude de forma e conteúdo, ela extravasa, o mundo real, uma vez que a forma, para a literatura, é responsável por expressar um conteúdo, e não o contrário deste (SAMUEL, 2003). O literário tem a necessidade de vivenciar realidades, assentando divergências entre essência e aparência, e o que, muitas vezes, uma sociedade entende por real, não passa de uma aparência de realidade mascarada, falsificada, quase sempre tomada como a mais verdadeira de todas.

Segundo Bamberger (2002, p. 42), “a literatura oferece possibilidades suficientes para que cada leitor possa desfrutá-la de acordo com suas necessidades e seus métodos, e que devemos ser cautelosos ao ajudar o leitor a escolher seu método”. A sociedade contemporânea pressupõe que o cidadão esteja apto a articular seus pontos de vista acerca do cotidiano e das experiências que vivencia, especialmente quando se tratar das palavras e das produções discursivas concretizadas pelos textos, em que a língua se revela na sua plenitude e totalidade.

Em um dos seus vários significados, a literatura se porta como elemento fundamental para a entrada e a participação do sujeito-leitor em um determinado grupo de indivíduos. Portanto, trata-se de uma relevante ferramenta comunicativa para o ser sociável em tempos

tão contemporâneos, preservando o saber individualizado, possibilitando ao indivíduo tornar-se um cidadão inserido na sociedade atual, dotado de entendimento, bem como desbravador dos mais longínquos horizontes informacionais que as palavras forem capazes de transportá-lo (BAMBERGER, 2002).

Entretanto, não convém que atravessemos eras, definindo literatura, mas que a consideremos, também, um elemento de comunicação indispensável para uma das atividades intelectuais que acompanham o homem desde o surgimento da palavra escrita: a leitura. Por vezes, parecendo eminentemente tarefa humana simples, as palavras adquiriram repertórios respeitáveis que, no mínimo, nos colocaria em situação limitada se tentássemos defini-las, uma vez que explicar a interface, estipulada pelo leitor e o texto, compõe uma das tarefas mais instigadoras já encontradas pelo homem. Assim como analisar os elementos que integram esse espetáculo de sensações, promovido pela literatura, não é tarefa fácil circunstancializar situações, atores e papel que cada um desempenha durante seu contato (PERISSÉ, 2005).

Compreender, ser observada por meio de perspectiva ontológica, pressupõe habitar o mundo através de projetos existenciais, ou seja, a literatura, por ocasião de envolver, necessariamente entendimento, compreensão e interpretação, significará a busca por novos significados, depreendendo entre outras potencialidades de proposição de mundo, enriquecendo o conhecimento; todavia, proporcionando o apreender com possibilidades de ser, e se fazer presente, também no mundo da leitura e da escrita.

Nessa perspectiva, de acordo com Barthes (2012, p. 69),

> [...]o texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis.

A literatura, de fato, instiga e desafia o leitor a conviver com ela sem desprender-se de suas raízes, de seus horizontes de expectativas, tampouco de suas vivências anteriores. Com desejo de ser amplamente realizada, a literatura prepara e desenvolve, juntamente com o fluxo do diálogo perante o novo e o já conhecido, circunstanciada de sensações, emoções e ideias repletas de desdobramentos, a concretização da inserção do sujeito-leitor na sociedade da cultura e do conhecimento, enriquecendo sua trajetória de vida, bem como seus anseios. Dessa forma, o texto, a literatura e as palavras contextualizarão mais uma forma de comunicação humana em suas mais variadas formas.

Consoante Morim (2001), para haver interpretação e posterior reconstrução constituída de percepção e decodificação do mundo real, bem como de fato sobre seus acontecimentos, é preciso que haja conhecimento. Mesmo assim, todo conhecimento não será reflexo ou o espelho da realidade, mas comparar-se-á, por meio de fatores e valores, às atitudes, referências às crenças anteriores, sentimentos e emoções, determinantes para a produção desse mesmo saber. Segundo o autor, é preciso bem mais do que isso. Necessariamente, é relevante rejuntar pensamento com esforço, a fim de permitir que o conjunto de fatores necessários à não percepção do conhecimento ocorra de forma incerta ou sem encaixes, permita dialogar, confiante e confortavelmente, transgredindo os limites do saber. Mosaico de incertezas ou impossibilidades não combina com a informação. Nessa acepção, constituir sentidos, por meio da literatura, não significará, apenas, proporcionar ao leitor novos horizontes para aprimorar seu conhecimento. Corresponderá, inclusive, a formular descobertas que lhe disporão intentar-se a si mesmo.

Conforme Todorov (2009, p. 42-43),

> [...] mais densa e eloquente que a vida cotidiana, mas não menos radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo e incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro, nossos pais, depois, aqueles que nos cercam. A literatura abre ao infinito esta possibilidade de interação com os outros, e por isso nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real tornar-se mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda à sua vocação de ser humano.

O valor de um texto, especialmente o literário, não se mede apenas pelo conjunto de indicadores textuais que o formam, uma vez que cada um apresenta seu valor, de acordo com seu contexto sociocultural específico. Não importa, apenas, a produção material do seu conteúdo, mas também a produção do valor total que ele apresentará. Para tanto, esse valor será constituído a partir do sujeito-leitor que o receber, assim como da disposição e competência necessárias para tal. Necessidades e capacidades cognitivas, sentimentos, intenções e motivações, de uma forma geral, ainda que condicionadas a segmentos como o político, social, econômico e cultural, implicarão, consideravelmente, a junção desse saber.

A literatura é constituída de sensibilidade e percebida como aberta a possibilidades e lacunas que se completam pela teoria, a partir do discurso que a mantém sustentável. Nesse contexto a teoria da literatura é responsável por explicar a função desta e de sua prática,

abrindo, com isso, espaço para que a obra tenha sentido científico, e as pesquisas, em suas constantes e incansáveis procuras, possam compreendê-la (SOUZA, 2007).

A leitura questiona-se e permite-se ser questionada, pois está constantemente aberta a várias metodologias, dificultando, dessa forma, encontrar respostas e conceitos únicos. Todavia, o dia em que encontrarmos um único conceito para a literatura, obviamente ela deixará de ser, perdendo sua importância, pois está para nós em forma de pergunta e não para ser resposta (SOUZA, 2007). Por conseguinte, problematizá-la e teorizá-la abrirão questionamentos que responderão a nossos anseios; consequentemente, criando outros tantos, e assim, sucessivamente.

Ainda, de acordo com Souza (2007, p. 12-13),

> [...] a literatura é a descrição e reconstruição da arte do ofício da linguagem que explica processos, por exemplo, àqueles utilizados na poética. Teve seu apogeu no Romantismo, quando a criação era livre, sem normas, necessariamente na inovação dos estudos da linguagem.

Estudar a literatura é entendê-la e explicá-la cientificamente, por mais que ela se desinteresse de questões científicas. Em consonância com seu objeto, deve ser parte dos estudos literários analisá-la, comparando-a e descrevendo-a sistematicamente a partir do objeto artístico verbal. Várias disciplinas se encarregam de estudá-la e classificá-la numa ordem numérica estipulada da seguinte ordem cronológica: Poética, em sua formação clássica greco-romana, com Platão e Aristóteles, que criaram os primeiros conceitos para os estudos da literatura durante muitos séculos, até pouco mais do surgimento renascentista; História da Literatura, a começar com o advento do Renascimento e a valorização do saber científico, sistemático-racional, no momento em que a sociedade, em suas religiões e histórias, ocupou lugar de especulação e curiosidade nos estudos literários da época; Crítica Literária, aquela que seria a maior disciplina da literatura até pouco tempo, antes da chegada da Teoria Literária, responsável não apenas por expressar a obra, e sim, por proporcionar-lhe condições de sentido que explicassem seu surgimento, exigindo discurso crítico para tal; Teoria da Literatura, que, já em seu nome, marcava a terminologia das ciências que estudariam, mais tarde, a literatura, que seria, então, marcada de mudanças, novas posturas e *status* de ciência inovadora. Tal disciplina evoluiu, consideravelmente, até a nossa atualidade, por meio de métodos e objetos

pensados, delineados, definidos pela Retórica, que aborda os recursos e elementos constitutivos da argumentação, da persuasão; Estética, a capacidade de perceber a categoria do belo, do extraordinário, do inigualável em sua essencialidade e, por fim, a literariedade, que procura perceber o que é literário e o que não o é, gerando constantes questionamentos, pois, para a literariedade, a literatura o é, e é a única que possui todos os requisitos imprescindíveis para a obra ocupar o destaque da arte verbal (SOUZA, 2007).

Conforme Felinto (2001, p. 48), contudo, novos elementos extraliterários compõem um novo quadro que, como veremos, podem colaborar com a crítica:

> A revolução das renovadoras tecnologias da informação e da comunicação vai além da técnica, é cultural. A ideia de movimento, de processo, em contínuo vir-a-ser, modificou o olhar sobre o mundo, delineando novas razões cognitivas e está caracterizando uma sociedade na qual processos cognitivos e vitais se misturem permitindo a criação de novas experiências de pensamento, que interagem técnicas, significações, linguagens, cultura, convenções, representações e emoções humanas, como disposições culturais que especificam domínio de ação.

O universo digital nos trouxe inúmeras novidades, e muitas delas não envolvem apenas as linguagens da tecnologia eletrônica, mas associações que se misturam nas interações de texto e leitor. Santaella (2013) ressalta, muito bem, ser preciso relacionarmos a cultura digital com uma das novas maneiras de contato com as palavras do texto, observando e analisando seus precedentes, sugerindo a cultura oral, escrita, impressa, cultura de massa, cultura de mídia, até encontrar a cultura digital.

Para a pesquisadora, persiste uma continuação de períodos sequenciados historicamente, proporcionadores de hibridez e convivências culturais. É importante que se pense dessa forma, tendo em vista a confluência de modalidades de comunicação que formam o indivíduo, transitando nos mais diferentes espaços socioculturais.

Também, o excesso de informação, atrelado aos muitos veículos midiáticos (uma das principais características da sociedade contemporânea), não agregará sentido às experiências cotidianas da leitura. Se tratado com aprisionamento, tornar-se-á sem substância, sem objetivos, sem a correta e adequada transitoriedade que o futuro, ora vivenciado diariamente, requer.

Sendo assim, estaremos encarcerados a pequenas vivências do cotidiano, sem espaço suficiente para uma visão ampla acerca das inúmeras possibilidades de pensarmos,

morarmos e construirmos novos conhecimentos a partir do contato com a sociedade da informática (SANTAELLA, 2013). É preciso irmos para além do texto sustentado pelas culturas escrita e impressa, em sala de aula, e desbravarmos reflexivamente as inúmeras disponibilidades das palavras que o meio digital nos oferece, para que o leitor, também dessa forma, torne-se múltiplo.

Transformações, adaptações, imbricação e refuncionalizações são comuns de ocorrer quando são necessárias metamorfoses de uma forma cultural para outra, inclusive modificando hábitos e afetando diretamente a percepção do leitor frente às questões de mundo, formas de leitura própria de cada cultura, relacionadas a subjetividades, modificações cognitivas, comunicacionais, individuais e sociais, entre outros, levando os indivíduos a dividirem seus espaços, muitas vezes individualizados com os, então agora, coletivos, desvendando e expondo-se ao invés de retraírem-se (COUCHOT, 2003).

O contato com a leitura na tela do computador não os destitui da escrita impressa, porém lhes proporciona interação ilimitada com o texto, independendo de programações prévias, transformando-o em sujeito ativo, com capacidade modular de socialização com outros "eus" e percepção do cotidiano à sua volta. A leitura na tela propõe um novo perfil de sujeito-leitor, aquele que busca sua posição na sociedade contemporânea, a partir de novos formatos de contato com as palavras, modificando relevantemente seu comportamento, suas atitudes, seu contato com a leitura e afins, em virtude de diferentes estruturas e práticas renovadoras que, mesmo coexistindo por vezes separadamente, combinam-se e geram novas estruturas, objetos e práticas (SANTAELLA, 2013).

Convém ressaltar que o termo cultura muito tem sido discutido (e passível de conceitos) quando percebido como produto que permite cruzamento de significados, geralmente associando-se a maneiras de relacionamento que refletem em si aquilo que já está demonstrado por intermédio de valores comuns e/ou universais. Perceber os novos espaços como diferentes trocas, que possibilitam várias formas e desdobramentos de discursos, permite que tais misturas possibilitem avançar diferentes fronteiras que, por sua vez, sutilmente, movimentam novas formas de interação e relacionamento.

Nessa perspectiva, percebemos importante fundamentação sobre o compreender da expressão interação, assumindo, em seu sentido maior, a necessidade de se repensaram os possíveis rompimentos das dimensões pouco criativas acerca do contato oferecido para o leitor mediante o texto, considerando ser relevante desfazer-nos de estratificações sem sentido que, na maioria das vezes, proporciona-se ao texto, especialmente ao literário.

Inegavelmente, a comunicação associou-se diretamente pela manifestação da escrita digital. Seja qual for a maneira que utilizarmos para nos comunicar com alguém, instituição, órgão ou qualquer instância que requeira nosso contato, procederemos de formas variadas para manifestar nosso interesse em determinado assunto. Nossa comunicação, em virtude da nossa expressão, adquiriu novos formatos, evidenciando-se por caminhos diferenciados e renovadores a que não nos bastam, apenas, as palavras (QUEIRÓS, 2007).

Com a popularização das tecnologias eletrônicas de comunicação, assim como da informação, a sociedade contemporânea precisou se adaptar à outras maneiras de viver, trabalhar, se organizar, representar a realidade, se fazer educação, ler, se comunicar e se expressar. Nesse sentido significa concordar que as mudanças ocorrem, também, nos modos de produção de bens materiais no mundo globalizado e, a partir disso, refletem em todos os segmentos culturais e subjetivos (KIFFER; GARRAMUÑO, 2014).

O mundo contemporâneo caracteriza-se pela pluralidade de formas. Assim, compreender a realidade, exige o surgimento de novas narrativas responsáveis, também, pelo processo de produção do conhecimento. A partir desta necessidade é preciso que reavaliemos as condições atuais de produção do saber, assim como os efeitos da diversidade de experiências, por exemplo sociopolítico-econômicas, inclusive das novas tecnologias quando aplicadas nas práticas culturais de leitura e escrita.

Para Kiffer e Garramuño (2014, p. 49),

> [...] o texto é a potencialidade da noção de escrita. [...] interessa-nos não sua anterioridade ou posterioridade, mas a possibilidade que nos abre para romper dicotomias entre o oral e o escrito. [...] a potencialidade do texto que não se opõe à oralidade é, de fato, o que as palavras podem liberar para nós.

As novas modalidades de leituras estão nos habituando, em especial nossos órgãos perceptíveis e intelectuais para outras direções e, com isso, transformam, consideravelmente nossa relação com o conhecimento. A leitura de um livro em seu formato impresso, requer concentração e olhar atento e intencional para com os signos ali distribuídos. Dessa maneira, o leitor extrai o sentido da narrativa textual, uma vez que a leitura realizada a partir das imagens-signos intermitentemente circuladas requer uma tradicional forma de lidar com o conhecimento (KIFFER, GARRAMUÑO, 2014).

Por mais que saibamos acerca dos formatos tradicionais de leitura até as formas mais contemporâneas de se realizá-la (televisão, vídeo, *outdoor*, computador, cinema, telas,

dispositivos móveis, etc.), torna-se mais complicado uma definição precisa e única acerca do que entendemos por leitura. Nesse sentido, a velocidade de introdução desses novos meios na sociedade contemporânea, nem sempre está acompanhada por um movimento social e cultural de adaptação dos leitores às mudanças.

Estas transformações romperam com conceitos tradicionais de leitura, não os abolindo ou excluindo. Pelo contrário, tornou a forma contemporânea de empreender a leitura, capaz de romper, inclusive com narrativas contínuas e sequenciais das imagens e textos escritos, comportando-se, agora, como fenômenos descontinuados, não lineares, alternativos, dada a sua velocidade, criatividade, praticidade (KIFFER, GARRAMUÑO, 2014).

Não mais apenas abrimos um livro para que dele nos saltem aos olhos, densos turbilhões de palavras escritas e fixadas nas folhas. É preciso que nos acostumemos com letras cambiantes, coloridas, conflitantes, em vários formatos, estilos, acompanhadas por outros elementos que se encarregam de dinamizar ainda mais a leitura que não a realizada na tradicional forma impressa.

2.1 LITERATURA EXPANDIDA: NOVOS HABITATS PARA AS PALAVRAS?

O homem, desde sua criação, e no decorrer da formação histórica da humanidade, presenciou inúmeros, variados e significativos avanços nos segmentos que constituem uma sociedade. No contexto do atual grupamento social, dividir e partilhar tornaram-se cotidianos, na grande maioria das vezes, de forma não uniforme. Assim, como os sistemas econômico, político e geracional se permitem discutir dentro de seus próprios termos, a literatura, além de possuir seu próprio sistema de significações que a propiciam interagir por meio da comunicação com o ser humano, assumiu seu verdadeiro sistema social, amplo, lídimo e veraz, mesmo diante das diversas mutações às quais foi submetida.

É válido relembrar as palavras de Antônio Cândido (2006), em razão de nos lembrarem que a literatura não serve para edificar ou corromper, mas, de maneira livre, trazer consigo aquilo que compreendemos e denominamos como bem e mal, além de servir-nos como elemento humanizador no seu sentido mais profundo, tendo em vista que nos ensina, entre outras coisas, a viver. Nós, na condição de leitores, somos agraciados pelo poder que a literatura exerce sobre nossos pensamentos, proporcionando-nos aprofundar nossa capacidade de raciocinar e sentir, não somente compreender, mas, sobretudo, incorporar a essencialidade dela em nosso cotidiano.

Tomamos, ainda, por exemplo, a colocação de outro Mestre na articulação das palavras e seus significados, Roland Barthes (2012), que ressalta sobre a literatura não responder a perguntas, tampouco as fechar; porém, as amplia e multiplica suas respostas, intuindo abrir nossa mente para as mais variadas percepções de mundo. Praticidade, soluções rápidas, respostas, expedientes úteis, solução de problemas e afins não tem, a literatura, tal incumbência, quando percebida como prática significativa, constituída dentro e para o âmbito social. Para questões desse porte, Roland Barthes sabiamente relembrava que o mundo real se encarregaria desse feito.

O crescimento tecnológico digital (da informação e da comunicação) nos garantiu o convívio e o hábito com tendências, teorias, modos de expressão e produção, formas de leitura, recursos e métodos muito mais amplos do que, até então, as mídias conhecidas nos ofereciam. Os sujeitos não mais se apresentam usufruindo da mesma configuração que vivenciavam na sociedade do século XX. A *Internet,* responsável por uma combustão de informações, *volveu* às pessoas uma nova realidade que lhes proporcionou recursos nunca antes imaginados. Cercaremos, diariamente, com uma infinidade de novidades que se fazem presentes no cotidiano das pessoas de maneira jamais pensada.

As mídias digitais, desse modo, rápida e expansivamente, promoveram inúmeras alterações no modo de vida e na forma de agir das pessoas. Alteraram o acesso à informação e, dessa maneira, modificaram vertentes, rotinas e ações voltadas à aquisição do conhecimento. Apesar de influenciarem no comportamento individual e coletivo da sociedade, de ultrapassarem barreiras geográficas e temporais, de metamorfosearem, consideravelmente, senão todos, a grande maioria dos hábitos, conceitos e práticas dos indivíduos, as ferramentas digitais, potencial e cotidianamente, rompem limites e definições, reavivando a curiosidade e o interesse pelo novo, pelo prático, pelo eficaz, pelo diferente, pelo contrário, pela fluência e liquidez da informação, e o melhor de tudo: seu acesso a recursos às mais diferenciadas acessibilidades.

Nesse cenário, incontáveis são os desafios que dela derivaram, instigando-nos e pondo-nos à prova perante nossa propensão pela interpretação e uso da tecnologia. Dessa maneira, reafirmamos que a *Internet* não está a passeio. Não se trata apenas de outro modismo ou uma mera e simplória situação passageira. À vista disso, convivemos, inegavelmente, com a indispensabilidade de adequação aos novos meios que transportam a informação, os quais deixaram para trás os que, até então, conhecíamos.

Muitas foram as mudanças culturais que presenciamos, em decorrência do avanço dos meios de comunicação, da informação e da tecnologia. A sagacidade do mundo contemporâneo nos instiga, incessantemente, a perceber e compreender as propostas inovadoras justapostas aos processos comunicativos, atendo-nos ao destaque propiciado pelo novo ambiente digital, bem como para com a percepção sobre novas maneiras de compreensão das pessoas acerca da multiplicação dos informes. A cada dia a sociedade contemporânea necessita suprir seus anseios, especialmente em suas habilidades e competências, relacionando e aprimorando seu contato com a tecnologia, especialmente em sala de aula.

Nesse caso, as renovadas maneiras de processarmos a comunicação, aliadas às mídias digitais, foram as responsáveis diretas pela modificação de acesso dos indivíduos em relação ao conhecimento que, até então, por inúmeras vezes, ocorria massivamente, por necessidade ou imposição. Em tempos contemporâneos, comunicação, informação e leitura, entre outros segmentos, não apenas sofreram mutações como convivem com práticas ferramentas, muitas delas desconhecidas ou pouco utilizadas. Face ao universo de possibilidades, disposto pela *Internet,* de forma livre e gratuita, encontramos variados *softwares* preparados para o auxílio, por exemplo, de análises textuais.

Somos usuários e nos constituímos da escrita e da leitura e, às vezes, não as percebemos como técnicas e formas naturais de produção e transmissão do conhecimento, especialmente quando advindas dos meios audiovisuais, ainda no cotidiano atual das tecnologias digitais, a chegada de novas ideias, técnicas, estratégias, do novo em si, suscita polêmicas e estranhezas. De fato, novas técnicas colocam em crise modelos culturais tradicionais e precedentes, por ocasião da sua atuação em contextos modificados, independente do aparecimento daqueles instrumentos que já sofreram alterações sociais ou ainda pela capacidade de ampliação de seu uso, em virtude das transformações.

Há décadas, lemos, relemos, recriamos, apreciamos e nos reencantamos com obras que até então permitiam pouco ao leitor na forma de criar combinações ou experiências por meio de uma outra ordem de leitura. Entretanto, exemplos como os poemas aleatórios de Tzara (1986), os *Labirintos de Borges* (JUNIOR, 2000), as construções hipertextuais de Cortázar (1970) ou as histórias incompletas de Calvino (2007), nos induziam a perceber que em breve estaríamos diante de grandiosas e expressivas transformações para uma outra forma de expressão, a não-linear, que exigirá leitores ativos, rápidos, determinados (PATO, 2013).

Segundo Pato (2013, p. 22),

> [...]nas últimas décadas, temas como a literatura expandida tem se apresentado com certo ar de urgência, agitando-se inevitavelmente pelos suportes midiáticos. Mas mesmo-antes, uma midiatização do literário ou uma literatura midiática já fora tratada em nosso meio acadêmico, como no caso das relações entre a prática jornalística e gêneros literários como o romance, por exemplo, recebendo abordagens provenientes do campo da comunicação e das letras, para ficarmos naqueles âmbitos em que ela estaria por direito acondicionada. Aliás a pertinência da questão e o material analítico que ela rende já fariam avistar a possibilidade de um estudo de maior fôlego, como uma peculiar História das relações entre mídia e literatura, trabalho que, pelo menos no caso brasileiro, fica como um devir tão complexo quanto tentador. Mas com o que temos, o tratamento da questão já tem se revestido de alguns matizes, ao mesmo tempo em que desponta certa avidez por novas formulações, dado o caráter expansivo do universo midiático, com seu permanente desbravamento tecnológico em imprimível mutação a permanentes reavaliações.

Reconhecer a necessidade de reiterar antigas proposições, a fim de integrá-las às novidades, corresponde, também, a uma maior democratização do acesso à informação, implicando pensar nessas informações o resultado que, ao mesmo tempo, intensificará seu aprimoramento para sua utilização. Conceber mudanças trazidas pelas tecnologias inovadoras implica pensá-las não apenas como fontes renovadoras de conhecimento e saber em si, porém como uma nova forma de interação entre novas práticas do conhecimento, comunicação e mudanças tanto culturais quanto sociais, pensando tanto em valores estéticos como humano-perceptivos, novos meios significativos de transformações conscientes e não somente novas formas de expressão (BENJAMIM, 2014).

De acordo com Hayles (2009, p. 21), "a literatura é convidada, então, não a redefinir-se em sua natureza, mas a explorar os muitos recursos inovadores disponibilizados pelo ambiente digital em seus variados suportes e mídias, modificando a fruição do literário", tendo em vista que o ato de ler, especialmente nas telas, não é considerado passivo, tampouco sem expressividade. Além disso, a literatura mobiliza modos expressivos autênticos que se adaptam aos mais variados ambientes e aparelhamentos midiáticos e sua gênese se atrela às próprias ferramentas destas mídias, sendo acolhida e manifestada pelos mais variados recursos propiciados por diferentes componentes técnicos.

Tais aparatos interativos e imersivos viabilizam ousados procedimentos de construção e fruição do verbal, os quais exploram as probabilidades tecnológicas geradas pelo computador. Desbravar novos horizontes proporcionados pela tecnologia acarretará, inclusive, constatar mais uma das capacidades do sujeito-leitor em dispor dos mais variados suportes promotores de incontáveis inovações, em especial, para a leitura, aproveitando possibilidades e contextos que, até então, temos por meio do computador em rede, mais

particularmente, pelo hipertexto (HAYLES, 2009).

A literatura, além de se (re) inventar no universo digital, também encontra ali sustentabilidade suficiente para manter-se fiel aos seus princípios e conceitos, estabelecendo-se, até mesmo, na cultura contemporânea, sem perder sua essência e credibilidade. Deslizar dedos e olhares nas telas digitais, particularmente, o texto literário, podendo inclusive acompanhar interativamente montagens de novos textos repletos de novidades e disposição de palavras é vivenciar experiências cognitivo-comunicativas, as quais se atribui incontável dimensão corpórea sensorial, típica da nova era, muito mais hodierna (PATO, 2013).

Desta forma, no dizer de Pato (2013, p. 26),

> [...] interseções entre literatura e informática suscitam diversas questões teóricas, não necessariamente inéditas, mas redimensionadas pela reconfiguração do circuito produção-circulação-consumo: intercruzamento das figuras do leitor e do autor, a partir do modo de leitura hipertextual e das práticas de criação coletiva de textos; discussão das noções de autor e obra, mediante disseminação da colagem, montagem' apropriação e recriação como processo de criação artística, dando-se mais um passo no deslocamento da aura da obra de arte, redefinição dos critérios de atribuição de valor ao texto literário, dada a sua circulação do texto literário; influência sobre as estratégias retóricas utilizadas na criação literária atual - sempre tendo-se em vista um contexto de reorganização da percepção e da experiência, potencializada por esse novo médium.

Os ambientes digitais por onde a literatura tem se encaminhado devem ser observados como meios densos, sem generalizá-los, pois abrigam os mais diversos textos *on-line*, criações coletivas interativas, singulares publicações com interessante reserva de informações possíveis de serem absorvidas pelo incansável leitor contemporâneo, com suas muitas características peculiares, entre elas virtuosismo e o *savoir-faire* de distinguir os pares real/possível e atual/virtual, sem permitir, sobremaneira, que o virtual se oponha ao real, mas tão somente ao atual (PATO, 2013).

No virtual, a invenção soluciona complexos problemáticos, não ocorrendo predefinições previamente impostas, mas produções criativas, qualitativas, arrojadas, dinâmicas, por ocasião da integração entre sistemas e subjetividades humanas, "quando num mesmo movimento, surgem o sentido e a propensão do texto significar, tensão que uma atualização, ou seja uma interpretação, se resolverá na leitura"[...] (PATO, 2013, p. 30).

Nesse sentido, ler, proporciona incomparável atualização de informações, considerando, por exemplo, o hipertexto, também uma virtualização prática para o processo de leitura, sobretudo, para com a literatura em planuras digitais. Superar a linearidade do verbo,

permitindo a palavra ser ampliada para outras instâncias proporcionadas por inusuais aparatos tecnológicos planejados, também para a leitura, cauciona, singularmente, à literatura, transfigurar sujeitos- leitores, em razão da contemporaneidade, para sujeitos-interatores com atitudes participativas, fisicamente ativos e delineadores de suas escolhas para leitura (PATO, 2013).

A literatura, quando passeia pelos vales digitais dos computadores, promove, essencialmente, leituras não repetitivas dotadas de elaborações textuais propensas a trilhas diversificadas, sem delimitações de fronteira, clara e ampliadamente, tornando *sui generis* a ocorrência da intertextualidade, retificando as experiências do ato de ler a literatura, desmistificando até a noção de obra singularizada em suportes fechados, além de convidativa à mutabilidade dos textos, sem perda ou prejuízo de cernes ou bases (PATO, 2013).

Perscrutar obras em campos digitais que vão de um Shakespeare a um Joyce ou Kafka corresponderá, no mínimo, a um fenômeno. Distintivamente, o território digital faculta modificações ao ato de ler, por, também, tornar a fruição uma participação física manifestada por respostas e devoluções contemplativas por parte dos leitores, contribuintes do destino das narrativas, não se tratando somente de eleger diferenciados passos para o seu processo de leitura, conquanto, para reter na ação das suas opções e escolhas, razões de sentido e significância da obra selecionada pelo ledor (HAYLES, 2009).

Desta maneira, expandir a palavra para outros ambientes que não sejam apenas os tradicionais evidencia questões importantes, como a relação do texto-leitor, coexistente desde sempre, em virtude da espacialidade. Escrever sempre correspondeu à utilização de espaços, para que, posteriormente, ocorresse a leitura, aventura que faculta ao leitor, percorrer signos fixados, até então, somente nas páginas impressas e dispostas por sequências estáticas. As palavras oferecidas noutras instâncias de leitura obsequiam especialmente, para com a literatura, a exploração ostensiva da dinamização do texto, assim como outras tantas significâncias distintas para sua interpretação e compreensão, expandindo associações viáveis que permitem ao leitor aprimorar o contato e receptividade de outros signos (HAYLES, 2009).

Assim, conforme Hayles (2009, p. 38, grifo da autora),

> [...]diversas vezes, a literatura ao migrar para outros ambientes de leitura, **foi e ainda o é,** percebida como "literatura das novas mídias", criticada por aparentar distanciamento do literário propriamente dito e da configuração esteticamente válida e considerada pelos cânones da linguagem verbal.

Ainda de acordo com Hayles (2009), ressoar como um devir de possibilidades expressivas para uma nova literatura seria constatar suas poucas virtudes para com o relacionar-se com outras mídias que interligam conhecimento e informação, negando, consideravelmente, suas possibilidades e vicissitudes de exploração. Reduzir a viabilidade da literatura, também no universo digital, a um mero processo de remediação, acarretaria, quanto mais, destituí-la de sua riqueza e complexidade incorporamos procedimentos e recursos digitais ao nosso dia a dia, que se encarregam de atuar, especialmente, em nossa linguagem particular, necessariamente, incitando-nos a procurar por mais recursos em potencial.

O que se verifica, assim, cotidianamente, é que o leitor não mais se isola ou se retrai do convívio e da vivência das palavras dispostas no texto. Inclusive ele se põe em relação aos escritores, que incluíram habilidades de escritas e trabalhos, valorosos recursos proporcionados pelo universo digital, modificando, adaptando suas escrituras a novos formatos de disposição do texto, em especial o literário. Partindo-se desse novo entendimento, para se chegar à prática, as palavras dispostas no texto, de maneira articulada e ornamentada, transitam, livre e criativamente, na tela do computador, potencializando, ainda mais, a linguagem literária (SANTAELLA, 2013).

Como exemplo de consideráveis modificações usufruímos do cinema que se originou do teatro, mas não o é, e a fotografia que ganhou vida a partir da pintura. Ambos configuraram uma nova modalidade artística moldada com linguagem diferente, emanada da tecnologia da época. Nesse caso, a literatura, até onde se expandiu no atual momento, disposta entre *hipertextos, hiperlinks,* multimídias, não linear em suas páginas, carregada de arte e criatividade em seus textos dispostos nas telas dos computadores, *notebooks,* celulares, *tablets, smartphones, e-readers, sites, homepages* e afins, caracteriza, consideravelmente, sua expansão para o meio digital com a chamada hibridez em sua linguagem (SANTAELLA, 2013).

Dessa forma, leitor e texto, convergidos para tais dispositivos móveis, ao manterem contato, fundem-se e interagem, substancialmente, viabilizando à proximidade do texto com praticidade e acessibilidade (SANTAELLA, 2013). Os novos meios que se comportam como suportes e transportam as palavras do texto, além de corporificados, carregam consigo consonância e potencialidade, a fim de proporcionarem maior significação, por meio da sua linguagem e seus sistemas sígnicos, servindo, assim, como veículos facilitadores da hibridização do texto.

À medida que mantivermos a ideia de literatura expandida e atualizada para e no meio

digital, não estaremos desvencilhando-nos da literatura tradicional, até então conhecida e cultivada. Por conseguinte, estaremos, sim, abrindo espaço para o novo, para o prático, para o contemporâneo, utilizando-nos, dentre tantas formas diferenciadas de ler literatura na tela, de variados modos verbais, visuais, estéticos, movimentáveis, repletos de textualidade digital, pensada especificamente para a produtividade de sentido (SANTAELLA, 2013).

Convém percebermos que a tela, elemento que nos transporta para o universo digital das possibilidades criativas, planejadas para abarcar ideias desde as mais simples até as mais complexas que comportem não apenas a escrita, todavia movimentos, som, imagem, cores, etc., será responsável pela interconexão do leitor com a leitura. A tecnologia, e tão somente ela, perpetuou a captura da escrita, da leitura, do visual, do ouvir, entre outros, como jamais se ousou anuir, e o computador, por sua vez, constitui uma incomparável trama universal de viabilidades no ciberespaço (SANTAELLA, 2013).

Dessa forma, podemos pensar a literatura quando levada aos mais diferentes suportes de leitura, particularmente, dessemelhante de qualquer outra experiência vivenciada com ela, até então. Nesse novo segmento de possibilidades, o leitor aprendeu a conviver com um renovado ambiente ficcional de literatura em suas mais variadas elocuções, elaborando com ele um relacionamento especial, assim como, em contrapartida, o autor, repaginado ou não em sua maneira de dispor as palavras dos seus textos em outros suportes que não o livro impresso, especificamente nas telas dos dispositivos móveis de comunicação, não apenas a origem de tramas imaginárias para personagens marcantes, entrementes, reconfigurou a idealização da sua linguagem literária, especificamente direcionada a encantar e satisfazer os anseios dos seus ledores.

Cabe, aqui, ressaltar as sábias palavras de Barthes (2012, p. 62, grifos do autor):

> [...] um texto não é feito de uma “linha de palavras a produzir um sentido único”, de certa maneira teológico (que seria a ‘mensagem’ do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se encontram e se contestam escrituras, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de 18 citações, saídas dos mil focos da cultura.

A literatura, em sua forma ficcional, compõe-se de linguagem específica, condensada, e as palavras, sem distinção, são carregadas de sentido. Quando lidas, inclusive da forma tradicional como até então conhecíamos, também provocantes em sua sonoridade, ao serem disponibilizadas em outros formatos, agem diretamente na imaginação do leitor, além de

criarem elos especiais entre texto e ledor, prevalecendo a riqueza do costume de dominar sentidos por meio da manifestação escrita, quando lida individualmente, e verbal, quando experimentada coletiva e oralmente (POUND, 2001). Dessa forma, o texto literário, quando pensado e exposto de maneira criativa, configura para o leitor experiências condicionalmente libertadoras de atos simbólicos e procedimentos, por vezes, fingidos.

À medida que o texto literário for exposto na tela, imediatamente, acionará um jogo dialógico com o leitor e, a partir de então, será lido com maior coerência e contextualização. O leitor, por sua vez, terá a oportunidade de perceber diferentes nuances no texto, demonstrando ser capaz de produzir conhecimento autêntico, tendo em vista que perceberá, a partir da realidade das palavras virtualmente predispostas, uma real transformação de significado e sentidos entre conceito e compreensão. Estará, portanto, este leitor, tornando-se múltiplo, reativo, independente e eminentemente interativo (SANTAELLA, 2013, p. 394).

Ainda de acordo com Santaella (2013), manter experiências de leitura, a partir da literatura expandida, assim como atualizá-la, constantemente, corresponderá a criar meios renovadores e fortalecedores para o ato de ler. As palavras escritas no emaranhado digital não correspondem apenas em possibilidades. São, inclusive, fenômenos que se requalificam cotidianamente. Muitas vezes, o que entendemos como leitura literária, virtualmente criada, corresponde, ademais, profundamente, a outras instâncias de detrimento em informação. A literatura expandida apresenta-se como recurso propício ao convencimento do leitor, objetivando que este rompa laços estreitos de contato com a leitura, renove seus pensamentos, por vezes estreitos, apequenados, suprimidos, possibilitando-lhe inovar valores e ideias que constituem seu cotidiano. Mudanças implicam movimentos com olhares sui generis.

O hipertexto eletrônico encarregou-se de estabelecer nós, entrelaçando textos e linguagens e, desde então, abriu caminho para a convivência simultânea de som, imagem, palavras, que, juntos, esteticamente remodelaram possibilidades de se pensar o novo, almejando resultados primazes para a literatura no espaço digital, planejada a partir da confluência de várias mídias e artes, somadas às variadas estratégias narrativas com base digital. Tal inovação não acarreta apenas à tecnologia da leitura, em especial da literária nos *tablets*, nos tão conhecidos *enhance books* ou *enriched books*, os chamados *e-books,* compostos por texto puro, imagens, tabelas e rodapés, que muito ocupam espaço nas mídias, demostrando a evolução do livro por meio de arquivos híbridos, enriquecidos e turbinados de informação, repletos de melhorias como animações, fotografia, interações, som e dinâmica, que, misturados a outros vários elementos, transportam o texto para cenários participativos e

comunicativos, jamais pensados.

Diante disto, a literatura não abandona as páginas impressas; entretanto, renova-se por meio de novas criações literárias expressivas que, num mesmo ambiente coletivo de exploração, além de alimentarem-se mutuamente de compatibilidade, favorecem o desejo de imersão do leitor no fantástico mundo literário, compartilhando e misturando ideias, lendo, vendo, integrando sentidos e significados (ALMEIDA, 2009).

Desde sempre, lemos e apreciamos a riqueza de conhecimento que a literatura nos proporciona, possibilitando-nos criar combinações que encantam os olhos e acalentam o coração. Na literatura expandida, o texto, por vez similar a um labirinto de conhecimento informacional, exige do leitor participação intensa e ativa, sem que se ignorem as novidades que ele produz e as concretiza na interação sujeito-leitor. Uma literatura disposta longe dos papeis impressos, autônoma e distribuída em canais próprios por meio de diferentes suportes, surpreende pela proporção de produção, que, por seu vigor de sentido, fortalecem saberes desde os mais tradicionais até os mais contemporâneos.

A literatura, ao expandir-se para outros formatos de leitura, insere-se em terreno que não o impresso, permitindo que os escritores eleitores produzam e a consumam em um universo estruturalmente comunicativo e informacional. A literatura expandida, de maneira geral, facilitou a experienciação inusitada do contato com as palavras no universo digital, de maneira a ultrapassar o ambiente estatizado do livro impresso.

Dessa maneira, aprofundamos o contato com características diferenciadas em relação à literatura que criativamente repaginam, por meio de outros suportes, as áreas do conhecimento, com nova forma de ler, compreender, interpretar e produzir sentido, constante e interativamente. A literatura expandida, num primeiro momento, pode ser compreendida, então, fenomenologicamente, como o entendimento da palavra que intervém no mundo digital, inclusive, na busca repensada pela produção de sentido (SANTAELLA, 2013).

No espaço-tempo do universo digital, onde e quando as palavras também habitam e são disponibilizadas em tela, logicamente são repensadas. Sua atuação no meio digital depende da convivência com elementos que, naturalmente, concretizam-se na tela do computador. Elementos como som, performance, estética e imagem, lhe proporcionam valor, considerando, especialmente, seus entrelaçamentos. Nesse processo de composição, podemos assim dizer, na tela, de certa forma é o que arquiteta palavra e digital como medidas de coexistência verbal, abrindo espaço para escritores com ares de artistas, dotados de sensibilidade e sabedoria em prol de um tema condizente com o espetáculo que desejam

proporcionar (ALMEIDA, 2009).

Podemos, então, perceber na literatura expandida a convivência com as palavras que produzem, em nós, sentido em movimento, acerca do significado de cada uma delas? Precisamos perceber que a literatura, ao se direcionar para outros meios de leitura, adquire o intuito de nos ensinar algo diferente? Quer a literatura expandida viabilizar o convívio entre diferentes matrizes sígnicas, ou apenas estar presente em vários aparatos técnico-digitais? Seja qual for a real intenção da literatura em expandir-se para outros horizontes que nos façam lê-la e refleti-la com diferença, um dos seus objetivos, certamente, será o de colocar-nos em sintonia e convívio direto com o digital, unindo linguagens e expressão.

Até porque é perceptível que na ambiência digital, a literatura em seu maior significado não cabe apenas em si. Em sua forma estendida a outros segmentos, é como se ela necessitasse ser validada cada leitura realizada pelo leitor, de modo a, constantemente, validá-la. No meio digital, o lado de dentro (tela) e o lado de fora (leitor) tornam-se apenas um quando se dilatam em leitura e absorção de sentido, que somente a literatura é capaz de ensejar ao leitor.

Diante disso, a literatura expandida não se fará entender como uma grande invenção ou algo renovador que revolucionará o tradicional; todavia, inovará, necessariamente como, também, outra forma de comunicação insistente que cria e articula, dinamicamente, a significação das palavras evocadas por uma leitura presente e atual, estética e apropriada para os novos leitores que surgem na contemporaneidade, dotados de muita exigência e praticidade (SANTAELLA, 2013).

Cogitamos, então, que a a literatura expandida, de fato, não está apenas apropriada para o meio digital como, ainda, materializa-se pela seleção de obras que a articulam e a selecionam como uma das novas formas de arte dotada de expressividade e forma, tanto poética como harmônica, que se ajusta, perfeitamente em qualquer novo formato que favorecça o contato do leitor. Definir ou delinear, portanto, a literatura expandida soará como tema musical que se expressa dia após dia, de forma expositiva e hibridizada, porém comparável a uma nova maneira de ler na contemporaneidade, jamais pensada (SANTAELLA, 2013).

A literatura expandida, um novo tipo de escrita da literatura, amplia-se consideravelmente, articulando à palavra pluridimensionalidade. Por sua vez, molda-se simultaneamente e fixa-se numa materialidade textual que sempre estará à disposição do leitor quando desejar experiênciá-la, tendo em vista a mobilidade ser um dos elementos garantidores dessa nova forma de ler que, ao ser findada a leitura, em uma primeira vez, permite ser recomeçada e terminada quando desejado, sem perda de ligação de entendimento entre um

momento de leitura e o outro. Experiência, esta, reiteradamente necessária em tempos tão avançados como os que vivenciamos atualmente (SANTAELLA, 2013).

Pelo senso comum, a literatura é a arte do livro impresso. Entretanto, deslizá-la para outros diferentes suportes, naturalmente, acarretará concebermos a modernidade. De acordo com Machado (2012), a literatura surgiu quando a retórica foi substituída pelo que conhecemos como livro, mesmo tendo, ela, sempre tentado transgredir a ele. Para o filósofo, a literatura não deve ser compreendida como a linguagem do homem, tampouco da natureza, ou a linguagem do coração e do silêncio. Deve, a literatura, ser comparada à linguagem que traduz, no livro, a expressividade das palavras, "uma linguagem transgressiva, mortal, repetitiva, reduplicada" (MACHADO, 2012 p. 154).

Na literatura expandida, o leitor é convidado a ser, também, observador, intervindo fisicamente junto aos significantes da obra lida por ele. Dessa forma, não estará apenas participando do entendimento do texto literário como, inclusive, compreendendo um dos propósitos de relacionamento de leitura, universo e tecnologia digital. Consoante Chartier (2012), a questão de mudança de suporte para a leitura não se constituirá em um problema. Os suportes que se encarregarem de transportar a leitura para os mais variados formatos permitirão à leitura, à audição ou a visão de os textos auxiliarem na elaboração e consistência de significados. A literatura, de fato, alcançando novos horizontes de leitura, utilizando-se dos aparatos que a tecnologia possibilita, auxiliará no intelecto do leitor, sobremaneira, e nesse sentido, não apenas produzirá significações como, também, as construirá, modificada e consideravelmente.

Na era da tecnologia digital que injeta, constantemente, conhecimento em todos os segmentos, convivemos com diferentes formas de ler. Já na década de 1980, conforme Eco (2003), frustrações e choques acerca do diferente, do novo, do não esperado, gerava, além de muita expectativa, a recepção estética sobrecarregada de originalidade, quando se tratava de assuntos voltados para a comunicação de massa. A suposição de infinitude variava constantemente. Ler mudou completamente e, por conseguinte, a concepção de literatura também está se moldando de acordo com as exigências crescentes do mundo contemporâneo. A literatura difundida em ambientes, preparados para suportar transformações intertextuais, cada vez mais assume seu lugar de destaque quanto à vontade de criar e recriar materialidades específicas, que não nos eram possíveis de compreensão, a fundo, nas obras dos escritores.

A literatura, de lá para cá, fortaleceu-se quando se transportou para outros espaços, e com isso, populariza-se por ocasião dos meios eletrônicos, equilibrando-se em suportes

instituídos pela modernidade que lhe pressupõe autonomia e textualidade em seu discurso. Segundo McLuhan (2005), o digital não substituirá a escrita e posterior leitura. Para ele, os tempos contemporâneos nos proporcionam longos mergulhos em um novo universo cultural de textos, propenso a transformações simultâneas por ocasião da racionalidade do mundo moderno e seu incontrolável desejo pelo novo e/ou renovado. Dessa feita, obviamente, surgirão, cada vez mais, novas formas de interação entre texto e leitor, obra e escritor, criador e leitor, exigindo que se rompam paradigmas que discorram de uma não aceitação pelo novo, tendo em vista que os recursos encontrados pela literatura, para fortificar sua interação com o leitor, estabelecem laços concisos num real processo de hibridização entre ela e o sujeito que a vivencia.

Nessa mesma linha de pensamento, Ascott (2009) discorre acerca dos benefícios da subjetividade não permanecerem apenas num determinado espaço que limite o leitor. A tecnologia viabilizou a distribuição subjetiva da palavra e, no caso da literatura, as possibilidades alargaram-se ainda mais quando pensada em rede. Numa análise preciosa, referente à atual expansão da literatura para outros meios de leitura, é aceitar que ela tenha saído de si para demarcar novas fronteiras em potencial, inclusive potencializando sentido e tempo, desconstruindo o pensamento de muitos que a têm como domínio técnico, pensado especificamente para atendimento de objetivos e anseios inúteis.

A literatura, ao estender-se para outros meios digitais, apresenta-se capaz de nos ensinar o que ela tem de melhor em sua linguagem. Aquilo que, de fato, conhecemos como literatura ao revisitarmos obras conceituadas e consolidadas, agora ao alcance do leitor com mobilidade e praticidade jamais imaginadas, requerendo, apenas, a compreensão de que o terreno digital é, seguramente, um espaço-tempo diversificado no qual o conhecimento implica compreender o novo de maneira significativa. Nossa forma de ler, definitivamente, está alterada. Várias possibilidades expressivas, por meio da literatura, são disponibilizadas a partir das ferramentas e recursos que o universo digital acata.

Segundo Lemos (2015, p. 9),

> [...] quando toda essa cultura digital apareceu, dizia-se que ela traria junto uma revolução estética. Até agora, estamos falando de uma revolução nas formas de distribuição de informação, mas não nas formas básicas da informação. Existe uma tradução das formas anteriores para o meio digital, mas até agora não foi criada, ao menos não conheço, uma estética nova que tenha sido tão revolucionadora a partir das suas potencialidades.

A tecnologia não nos garante que surjam, automaticamente, novos aparatos ou experimentos que proporcionem autonomia de fato. A infinidade de vicissitudes, para criações que ela viabiliza, sempre estão à espera de exploração, aguardando que sejam desfrutadas e percebidas para qual real funcionalidade se destinam. A partir dessa vontade de uso, é possível empregarmos formas e feitos jamais pensados pelo homem. Nesse caso, a literatura abriu suas portas e janelas que, até então, limitavam-se ao impresso, difundindo-se para milhares de olhares ansiosos pelo diferente requereram sua atenção, alimentando uma obra à outra, sem perda da essencialidade que cada uma delas representou no passado (LEMOS, 2015).

A expressividade literária, vista como óbvia, reforçou seu espaço com características que somente a ela pertencem, quando fora elevada para os suportes móveis. Gerou, por sua vez, vários impasses em relação a conceitos, principalmente, questionando até onde a teoria da literatura pode ampliar-se, ou ainda em quais formas poderá ser usada para análise experimental para diversas obras, agora, também, recriadas e criadas para o mundo da mobilidade e praticidade. Nesse sentido, haveremos de percebê-la muito além do papel, sem julgá-la, sem questioná-la, apenas aceitá-la e compreendê-la através das muitas de suas facetas significativas (HAYLES, 2009).

Cabe, portanto, ressaltar a publicação de um texto literário em vários suportes e, quando no digital, reforça que a literatura, por sua vez, permite-se ser aprofundada, aprimorada, contatada em meio aos muitos recursos, contextos e possibilidades ofertados pela atual concepção de tecnologia digital. Certamente, precisaremos de tempo para compreender a finalidade do uso de certos recursos, em seus possíveis usos, alguns até muito complexos em sua técnica em ambiente digital; entretanto, os novos caminhos de expansão, utilizados pela literatura, são especulativos, extensos, instigantes, da mesma forma que desafiadores. Sendo assim, a literatura ganhou ares de um novo campo aberto a invenções e descobertas que mobiliza, relevantemente, autores e leitores. Nós, leitores, autores, pensadores, desconstruímos, constantemente, modelos, formas, padrões, para alcançarmos o diferente, o modificado, aquele que instiga e acelera nossa imaginação, que, certamente, será encontrado no novo meio digital (HAYLES, 2009).

Com o advento da tecnologia e seus posteriores e constantes melhoramentos, quase incalculáveis de ocorrência, estamos convivendo com inúmeras mudanças e, provavelmente, passaremos a entender a literatura tradicional, de forma diferenciada, em virtude de quase tudo estar rotulado ou classificado, visando praticidade e comodidade. Estamos ultrapassando formas e maneiras arcaicas de compreensão e pensamento acerca da literatura e sua forma de

produção, até então compartilhadas. Extrapolar limites e possibilidades de convenção, em diferentes plataformas do conhecimento, acrescentou usabilidade e funcionalidade com a disposição das palavras num texto literário, sem perder a sutileza que carregava a mão dos autores tradicionais (BEIGUELMAN, 2003).

A literatura, afastada de seus meios tradicionais, em padrões mais flexíveis de aceitação, especialmente pelo leitor, não perdeu sua maior característica: a expressividade. Com as contingentes aberturas para o que é novo, não se restringiu ao trabalho do escritor, tampouco ao do leitor. Pelo contrário, entre eles há apenas a exigência de que se abasteçam de novos recursos para produzirem novas normas vigentes, carregadas de imaginação e conhecimento informacional tanto para o momento da criação como para o momento da recepção da obra produzida: a leitura do texto literário. A literatura expandida renova seu diálogo com o pensamento a contar da multiplicidade de ficções, apresentando-se provocativa e passível de preenchimentos com o que há de mais novo em mobilidade, capaz de atravessar gêneros, campos, materiais, suportes.

Conforme Beiguelman (2003, p. 10),

> [...] a gama de produtos e ferramentas promete, diariamente, revoluções no modo de publicação, distribuição e pensamento que trazem sempre algo novo e desenterram aquilo que lhe é anterior. A lógica da novidade iminente draga não só o passado, mas o próprio presente, arremessando-nos em um estado estranho de expectativa de um pós-futuro que nunca chega, mas que promete a milhões e milhões de usuários globais em potencial.

O impresso e o digital, o *on-line* e *off-line,* proporcionam perspectivas instigantes para escritores e leitores que, em uma sociedade contemporânea, almejam novas maneiras de expressar as palavras em narrativas diferenciadas, híbridas. No computador, as palavras tornam-se randômicas, embaralhadas ao acaso, contando, relevantemente, com o auxílio do leitor para perceber, especialmente, dentre elas, as variáveis que, com um simples toque, resultam de palavras que dançam e se articulam, assemelhando-se à beleza de uma poesia ou de um poema em movimento.

A literatura expandida apresenta-se arrojadamente utilitária e presente em um leque de opções que participam do universo digital, apresentando estratégias que ultrapassam barreiras como a educação ao jornalismo, oferecendo a quem interessar possa, desde criadores até desenvolvedores de ferramentas que a ampliem e abram ainda mais seus horizontes de

viabilidades, capacidade de expressão, muito além da conhecida, e que atua constantemente em mutação digital.

2.1.1 Novos tempos, novos formatos, novos leitores

Percebemos que, ler, nunca, antes, foi tão interessante como atualmente. A leitura na tela trouxe consigo, entre outras possibilidades, a tecnossocialidade entre os sujeitos que a exploram como um dos variados recursos informacionais e comunicacionais, não apenas como uma ferramenta inovadora do ato de ler, contudo e sobremaneira, em contextos e condições que tornam possíveis novas maneiras de ler, especialmente, o texto literário. Ademais, são resgatadas cadeias de valores, bem como uma nova sensibilidade sobre o tempo, o espaço, acontecimentos culturais da sociedade contemporânea.

Texto e imagem existem à medida que o leitor, agora, também um espectador, os usa ou reinterpreta, prevendo, para tanto, não abrir mão de ambos, pois almeja, a partir deles, prazer, suspiros, emoções, sentimentos, identificando-se não apenas com o que lhe foi propiciado por meio da história, em seus fins estéticos, sobretudo, desejando êxito, ainda maior, com a forma como a mesma lhe foi contada. As preferências de leitura desses novos leitores, agora em contato direto com as palavras nas superfícies das telas, tendem a agrupar-se entre fusões e enlaces culturais que lhes possibilitam mover-se num espectro globalizado de incrementações digitais recheadas de conteúdos e formatos para leitura, imersos em estilos elaborados de interatividade (ECO, 2003).

Segundo Eco (2003, p. 125), fomos, somos e sempre seremos leitores:

> [...] de papiros, de sermões nos templos, de poesia em público, de discursos políticos escritos por terceiros, de periódicos lidos em voz alta para os trabalhadores nas fábricas de cigarros; — de livros, revistas, anedotas, quadrinhos, legendas de filmes, arafites cartazes publicitários, anúncios luminosos, cartas enviadas pelo correio normal' bulas de remédio, manuais de aparelhos elétricos; — de informações na ***Internet, e-mails,*** faxes, microfilmes, mensagens no celular.

Face ao aumento excessivo de informações e possibilidades proporcionadas pela *Internet,* os hábitos e formas de ler transformaram-se consideravelmente, produzindo nos leitores, adeptos das inovadoras, distintas e significativas formas de apreensão de sentido do texto lido nas telas, um outro tipo de conjunto de maneiras e processos de apropriação, bem como do

uso destes recursos, priorizando o valor simbólico sobre seu uso e troca, ou até onde ambos continuam subordinados à dimensão simbólica da palavra, sentido, significado (SANTAELLA, 2013).

O leitor da atualidade, igualmente um consumista midiático, é levado a participar e ressignificar, por meio da comunicação, sua relação com a leitura em sua compreensão e interpretação, diante de tamanha evolução e diversidade de informações, produzindo diferentes sentidos por meio da interação das palavras com as telas. Conforme Santaella (2013, p. 54), existem três matrizes lógicas da linguagem e do pensamento, [...] "que se entrecruzam no estado da comunicação atual, formando a hipermídia, linguagem não-linear, não-analógica, assentada sobre o hipertexto e podendo estocar informação com mais facilidade". Desta forma, não se rotulam, contudo, estruturam-se possibilidades para pensar o conhecimento intermediado com a manifestação da linguagem, resultando em processos concretos de leitura, por meio de signos sujeitos a ocorrer na hipermídia, entre eles, a música, a imagem e o conteúdo programático disposto em telas.

Ainda, consoante Santaella (2013, p. 191), "[...] a referência do signo ao objeto não depende de uma interpretação pessoal. Ela é uma propriedade objetiva do signo[...]". Com isso a pesquisadora afirma que o signo não apenas diz ao que veio, mas assume seu objeto, apresentando-se em três principais tipos, denominados ícone, signo e símbolo. Nessa perspectiva, entendemos que os ícones correspondem ao sentimento e à forma, de maneira abstrata, da qual a qualidade significante lhe provém, essencialmente, de sua qualidade. No tocante ao signo, é preciso que se estabeleça ligação dinamizada com o real e, para o simbólico, características como gerar regras e hábitos, deverão ser associadas, para que ocorra sua associação.

O ciberespaço detém códigos e linguagens que se estruturam por si próprios. Linguisticamente, impulsiona, constantemente, a evolução da língua, bem como o surgimento de novos signos que se adaptam ao meio virtual, proporcionando-nos pensar que a *Internet* transporta a linguagem dos meios de comunicação e informação para outras instâncias, a partir da habilidade de editá-las em imagem, som, vídeo, etc. Possibilita, dessa forma, que diversos outros fenômenos surjam em meio a esta produção considerável de conhecimento via *web.* Desta maneira, o fenômeno da linguagem no ambiente virtual exercerá papel fundamental para o desenvolvimento de habilidades de leitura propícias para os inovadores formatos para os quais ela for direcionada.

Segundo Santaella (2013, p. 392),

> [...] toda nova linguagem traz consigo novos modos de pensar, agir, sentir. Brotando da convergência fenomenológica de todas as linguagens, a hipermídia significa uma síntese inaudita das matrizes da linguagem e pensamento sonoro, visual e verbal com todos os seus desdobramentos e misturas possíveis. Nela estão germinando formas de pensamento heterogêneas, mas, ao mesmo tempo, semioticamente convergentes e neolineares, cujas implicações mentais e existenciais, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, estando apenas começando a apalpar.

O ciberespaço reforça o sonoro-verbal-visual com o auxílio do ambiente proporcionado pela hibridização, onde pensamento e linguagem estão explicitados, manifestados e em constante interação/troca com o sujeito leitor. Tal ambiente inovador de contato, viabilizado pelo hipertexto, revolucionou o ato de ler, com suas inúmeras possibilidades de navegar por entre as palavras, em busca de mais informações que complementem, sempre, as anteriores. Ir e vir, para o leitor, não mais é de maneira fechada, linear e opaca. A leitura no ambiente digital é dinâmica, aberta, seletiva, mediada por diferentes suportes como o *tablet*, o *smartphone*, o *e- book*, que requerem um leitor com perfil diferenciado, exigente, hábil, se ainda não o for, não levará mais que alguns minutos para se adaptar ao novo ritmo de leitura, com seletividade, rapidez e agilidade. Os textos, muito diferentes dos expostos na mídia tradicional impressa, na qual a informação está pronta, a leitura na tela, por sua vez, enriquece diferentemente com maior cobiça, espreitamento e seleção, ao gosto e modo do espectador-leitor, aquilo que está por vir (SANTAELLA, 2013).

Ler na tela dos diferentes suportes de leitura segue outros caminhos e o leitor escolherá aquele que melhor lhe convier. Não há caminho certo ou adequado para que ocorra este ousado tipo de leitura. Ela, a leitura, simplesmente está lá à espera dos olhos ávidos do leitor curioso que a cada novo contato com as palavras nas telas, nunca as lerá da mesma forma. Aos poucos, o leitor torna-se autônomo, com domínio sobre a linguagem e os caminhos que esta leitura enriquecida pelo hipertexto, lhe proporcionará (SANTAELLA, 2013). A linguagem oferecida pelo hipertexto corresponde a um dos aspectos que mais evoluiu no cenário expressivo da informação, com o qual convivemos diariamente.

Conforme Santaella (2013, p.144),

> [...] antes da era digital, os suportes estavam separados por serem incompatíveis: o desenho, a pintura e a gravura nas telas, o texto e as imagens gráficas no papel, a fotografia e o filme na película química, o som e o vídeo na fita magnética. Depois de passarem pela digitalização, todos esses campos tradicionais de produção da linguagem e processos de comunicação humanos juntaram-se na constituição da hipermídia. O texto escrito (livros, periódicos científicos, jornais, revistas), o audiovisual (televisão, vídeo, cinema) e a informática (computadores e programas

> informáticos), juntaram-se. Aliada às telecomunicações (telefone, satélites, cabo) das redes eletrônicas, a tecnologia da informação digital conduziu à disseminação da internet que resultou da associação de dois conceitos básicos, o de servidores da informação como o de hipertexto. O usuário pode navegar de um texto em um servidor para qualquer outro, bastando para isso seguir alguns protocolos muito simples. O universo virtual das redes tem se alastrado tão exponencialmente por todo o planeta a ponto de produzir a emergência de uma nova forma de cultura, a cultura do ciberespaço ou cibercultura.

A aceleração da hipermídia em sua vasta expansão, atualmente permite-nos imaginar, com certa precisão, o grau de ocupação e desempenho que ela deverá ter na cultura futura e emergente, levando em consideração, principalmente, o instante em que a tecnologia das redes, em sua total capacidade, absorver com mais exatidão, precisão e rapidez as múltiplas linguagens que coexistem na hipermídia (SANTAELLA, 2013).

Portanto, ler, perceber, pensar e sentir, no universo das telas, adquiriu outras características nunca antes possíveis de serem percebidas na leitura tradicional. O texto inscrito na tela acarreta mudanças de comportamento não apenas do leitor, no ato da leitura, mas, inclusive, do autor, no exato momento em que aderir ao processo de criação, quando digitar seu texto, utilizando teclado e *mouse* e não mais papel e caneta. Dessa forma, o escritor-criador assume também uma postura de distanciamento físico (corporal), como denomina Chartier (1999, p. 41), em relação ao texto que "ora está sendo criado".

Visto por outro ângulo, o escritor-criador depara-se com outras posições em relação às diferenças nos modos de criar e reler sua criação, quando este for eletrônico. Para Chartier (1999), o leitor do conteúdo impresso, do livro tradicional ou de um artigo em papel está frente a frente com um objeto físico para o qual ocorre uma determinada versão do texto, integralmente manifestada, estipulada, elaborada. Por outro lado, o texto criado e disponibilizado nas telas não delimitará fronteiras ao ser perseguido. Do contrário, apresentará, sim, fronteiras, no entanto, de fácil visibilidade, acessibilidade, entrecruzamento de informações inscritas numa mesma memória, concedendo ao leitor uma nova maneira de ler em locais reservados para qualquer possibilidade de informação, selecionada ou não, aqui ou acolá, para um leitor em particular, propenso a estar em vários lugares ao mesmo tempo, executando comunicativamente o que se propôs a realizar.

De fato, a hibridização de linguagens e pensamento tornou-se um potencial definidor da hipermídia, responsável por alavancar processos de comunicação inteiramente inovadores e diferenciados. Diálogos interativos por meio dos processos sígnicos, códigos e mídias que a hipermídia aciona, provocam no leitor uma incomparável mistura de sentidos receptores, da

mesma forma que este mesmo leitor, agora assumindo características diferentes de receptor, ao adotar uma postura autônoma frente a leitura, colabora na sua efetiva realização (SANTAELA,2013).

Segundo Santaella (2013, p.161),

> [...] leitor é quem decide o que 'conectar', aonde ir, por onde ir, valendo-se de várias linguagens, atualizando o tempo todo um documento em seu espaço de inscrição, tornando-o virtual e existencial. Diante tantas possibilidades de interação e leitura, a reconfiguração de repertório, possível pela instigação, pela possibilidade de exercício de autonomia, a descoberta de variados caminhos, absolutamente singulares, às vezes criando trilhas originais, pela qual, nenhum outro navegador ainda passou, nem trilhará, corresponderá a apreensão de mensagens peculiares nos mais diferentes suportes, como, também, as formas de inter-relação entre o acesso a vários conteúdos e plataformas de forma simultânea e complementar. Um processo de mediação sociocultural que não se prende aos meios, logicamente, mas que dá margens para uma leitura que abranja as formas de recepção destes leitores em um nível que comprova o quão rico é o processo comunicacional, ou seja, o quão dialógico se tornam os papéis de emissor e receptor neste jogo.

O leitor, em contato com os variados suportes para leitura, percebe um aspecto relevante quando pensa em alterações proporcionadas pela tecnologia digital, que alcançaram a leitura e a escrita. Identifica possibilidades de comunicação conferidas pelo hibridismo intersemiótico das diversas situações comunicativas, onde a transmissão das mensagens instantaneamente inquestionável aproxima a interação, aquela presencial, ao vivo, por meio da abrangência do ambiente virtual que se utiliza de recursos sonoros e imagéticos garantindo, eficazmente, atração pelos suportes e a leitura (SANTAELLA, 2013).

Desta forma, a flexibilidade para o ato de ler em determinada hipermídia, do contrário, como há pouco se pensava, não desorienta o leitor, todavia possibilita a este novo perfil de receptor, a formação de mapa cognitivo e diversificados desenhos estruturais por meio de um documento ou sistema perfeitamente compreensíveis (SANTAELLA, 2013).

Ainda, no entender da pesquisadora, os novos suportes para leitura, conectados em rede, por meio de suas hiperligações, consentem que o leitor elabore facilmente, por intermédio de conexão simples, estratégias próprias para a leitura. Nesse sentido, o leitor realiza trajetos condizentes com os que lhe agradar, lidando com suas emoções, seu comportamento e a prática de leitura emancipada. Aliás, salienta, a potencialidade da leitura no meio digital, em especial quando condisser com o uso da intertextualidade e da não-linearidade, oportunizará ao leitor singular autonomia frente ao texto, tendo em vista que a sensação de lê-lo em telas

oferece fugas de leituras por meio dos *links*, sugerindo a disposição do leitor para tal.

A partir daí a interface criada para o desenvolvimento dos caminhos de leitura, das trilhas do conhecimento, assume a importância do funcionamento de sinalização para a criação de roteiros que direcionam o processo de navegação do leitor em direção ao entendimento mínimo do conteúdo alcançado. A hipermídia, por possuir uma linguagem interativa, outra característica singular, não permite que o leitor não reaja ou seja passivo. Este leitor precisa tomar decisões, pois a quantidade de interatividade é incontável e extremamente profunda, exigindo dele imersão que requer concentração, atenção, compreensão, disponibilidade e convívio instantâneo com a volatilidade contínua dos estímulos que lhe são propostos (SANTAELLA, 2013).

Da mesma forma, Santaella (2013) ressalta existirem, atualmente, vários modos de ler e outros tipos de leitores com características singulares, particularmente, o leitor da imagem em movimento. Para a pesquisadora, o leitor-espectador dos fluxos em ação adquiriu substancial impulso e adentrou às leituras dispostas nas superfícies eletrônicas, sem se deparar com obstáculos que não pudesse vencer. A autora estipula, inicialmente, três tipos de leitores que apresentam consideráveis habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas e, posteriormente, um quarto tipo de leitor, constatado a partir de novas observações, percepções e estudos na sua trajetória de pesquisadora. Define-os como o contemplativo, movente, imersivo e ubíquo, acentuando que por mais que ocorra o surgimento de um, o outro não deixará de existir.

O leitor contemplativo, segundo Santaella (2013, grifo da autora), surge no Renascimento e corresponde à era do livro impresso e da imagem demonstrada expositivamente, prezando pela apreciação da leitura em uma época do ‘auge’ do livro impresso e da imagem fixa; o leitor movente, por sua vez, criação da Revolução Industrial e dos centros urbanos, percebe e vê o mundo lendo atentamente seus movimentos, dinâmica e hibridamente, por meio das misturas sígnicas; o leitor imersivo sobrevém dos novos espaços incorpóreos do universo virtual, com características de navegador errante, detetive previdente, internauta decidido que, a partir dos cliques escolhidos sem rumo e à deriva de um campo necessariamente formado por possibilidades completamente abertas, vivencia suas experiências repletas de exploração, pois comporta-se desde o início, até o final da sua jornada como um completo aventureiro sem objetivos claramente definidos. Quanto ao leitor ubíquo, este, por sua vez, apresenta a mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo.

A exploradora percebeu o surgimento desse quarto modelo de leitor, a partir dos espaços de hipermobilidade das telas, necessariamente dos *notebooks, tablets* e *smartphones,* suportes inovadores que possibilitam aos leitores acesso aos diferentes gêneros discursivos, à leitura, a qualquer instante, em qualquer local físico e no momento que lhes for satisfatório.

Em concordância com Santaella (2013, p. 180),

> [...] com a instauração obrigatória do silêncio nas bibliotecas universitárias na Idade Média central, a leitura se fixou definitivamente como um gesto do olho [...] Ao comportar-se como um detetive em busca de respostas, apesar de estar, de certa forma, imune à dispersão, terá ao fundo da sua aventura, vistas de onde pretende chegar, aprendendo, sucessivamente, com seu método e as experiências que o universo virtual lhe proporcionar, mesmo assim, não deixará de ouvir suas inferências indutivas. Quanto ao leitor previdente este, via de regra, segue um percurso previsível, que beira a automatização, tornando o seu navegar um ato de cumplicidade com os programas cujos segredos já estão decifrados [...] podendo, além disso, caso ocorram imprevistos e este leitor se defronte com informações inesperadas, a errância voltar a entrar em ação, seguida pela busca de pistas.

Os leitores imersivos e ubíquos, aparentemente, demonstram estar estáticos em frente às telas, porém necessitam de agilidade para lerem os diferentes gêneros discursivos disponibilizados no universo virtual, da mesma forma que precisam movimentar-se, percorrer, encontrar desvios e caminhos das mais diferentes rotas de leitura disponibilizadas virtualmente. Ao deslizarem os dedos pelas telas ou clicando com o *mouse,* demonstram que agem sobre o ambiente de leitura, não apenas movimentando-se física e mentalmente, procurando manuseios adequados que impliquem o anseio de completar a leitura.

Além do mais, em outras palavras, Santaella (2013, p. 188), afirma:

> [...]que o leitor tem de interagir com o que lê, mediante as escolhas do que vê. Ele não pode simplesmente olhar para o que se apresenta na tela, sem agir, sem pensar, sem processar a informação diferenciada que a tela lhe proporciona. É essa interação que está implícita no verbo 'navegar', que não é predeterminado.

Cabe aqui salientar que a mesma pesquisadora enfoca não somente as características do perfil dos leitores, conquanto, preocupa-se em demonstrar as habilidades que os diferem, assim como suas transformações sensoriais e cognitivas. Segundo a observadora, este novo perfil de leitor habituou-se a receber novas informações; as lê com propriedade nos mais diversos formatos e linguagens, transitando pelos 'nós e conexões', 'arquiteturas líquidas', muito despreocupadamente, com ares de *expert.* Da mesma forma, há habilidades de leitura distintas entre os tipos de leitores, em especial para aquele "[...] em estado de prontidão,

conectado entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir [...]". Em especial, ser esse novo sujeito, um implicador sobremaneira do mundo virtual onde está imerso e a leitura que ele realiza o mantém presente, marcante e ativo neste ambiente, desencadeando acontecimentos que o submetem às forças que ali estão em constante operação.

Ao ávido leitor das telas, perceber a composição de um texto em diálogo com outros textos, assim como sua narrativa contemporânea, corresponderá a explorar, sem limites, um enredo de causa e efeito que lhe propõe as mais variadas incursões, haja vista ser, sua busca, por um texto plural. No entanto, ler, sem sair do lugar, viabilizando ao leitor a liberdade de promover arranjos, composições, alterações de conteúdo em parágrafos, aberturas e reaberturas de frases em novas sequências, realização de comentários quase, de infinitas possibilidades, uso e contato direto com textos verbais e não verbais, além de demandar confrontação de valores para com um processo novo de produção, significará, para as vivências ímpares de liberdade para com os textos, nunca antes imaginadas. Ler sobre telas, sinaliza, consideravelmente, que o ato de ler tornou-se diferente e agregou demasiado interesse na leitura, mais que o texto impresso, tendo em vista evidenciar o potencial do leitor por novas procuras, inclusive, colocando em cheque, a capacidade de construção autônoma pensamento (SANTAELLA, 2013), mesmo quando compartilhado apenas em si ou coletivamente.

No ambiente digital, o processo de ampliação do texto, acarreta em exercício que viabiliza ao leitor compreensão do texto como tessitura, adquirindo em suas ramificações orifícios que descerram passagens de um texto a outro, quase imperceptíveis. Assim sendo, nesse processo coletivo de produção de textos multimídias, o leitor aprimora habilidades que muitas vezes lhe são desconhecidas. O leitor, agora ledor contemporâneo, exigente e capacitado para incontáveis desafios quanto ao ato de ler, é competente e habilmente capaz de resguardar para si, por exemplo, o reconhecimento da literariedade de um texto, especialmente em suas sutilezas, quando se tratar do texto literário (SANTAELLA, 2013).

Experiências inéditas, múltiplas, com narrativas diferenciadas que, juntas, compõem um mesmo campo de leitura, viabilizam a habilidade leitora de ocupar-se com um conjunto infindável de informações disponibilizadas pela *Internet,* viabilizando competências como seleções e análises criteriosas do texto, tal e qual "[...] inúmeras aproximações intratextuais, assim como a multiplicidade de referências e interferências entre um texto a ler e outros a compartilhar, todos em um mesmo campo de leitura" (SANTAELLA, p. 191-192). O leitor,

agora, tonou-se leitor por excelência, criativo, capaz de dialogar com a multiplicidade de leituras que se colocarem diante dele, fortalecendo, para tanto, sua visão de cultura de forma geral.

2.1.2 Computadores e *Softwares*: breves notas históricas

A informática, ciência que desenvolveu e utilizou máquinas para tratamento, transmissão, armazenamento, recuperação e utilização de dados e informações, presenteou-nos com o computador. Instrumento destinado ao processamento de dados, acarreta instruções que produzem transformações de dados, visando ao alcance de um determinado fim. Num brevíssimo espaço de tempo, o computador viabiliza cálculos, leitura, escrita, compreensão de símbolos e interpretação de códigos, fontes inesgotáveis de informações. A partir de programas pré-estabelecidos ou agregados a ele, enriquece sua inteligência artificial e abre as portas do universo de viabilidades, tornando-as indispensáveis para os sujeitos contemporâneos (ISAACSON, 2014).

O termo computador teve sua origem a partir do verbo computar, correspondendo à ideia de calcular. Ao pensarmos dessa forma, seremos remetidos à Idade Antiga quando a relação do contar, por sua vez, já intrigava o homem. No início o homem utilizava recursos próprios para desempenhar cálculos, como a contagem da quantidade a partir do uso dos seus dedos, ou ainda, pelo uso de gravetos, pedras e marcas nas paredes (ISAACSON, 2014).

Considerado uma extensão natural do hábito de contar e compreender com o auxílio dos dedos, o ábaco, instrumento destinado ao cálculo, formado por uma moldura com bastões ou arames paralelos dispostos verticalmente, correspondia cada um a uma posição digital. Seu surgimento, provavelmente, ocorreu na Mesopotâmia, seguido, posteriormente, na Grécia e no Egito, quando utilizado pelos escrivães, por meio dos números sexagenários. Elementos de contagem como fichas, bolas, contas deslizavam livremente sobre a superfície projetada para a contagem, sendo empregado no cálculo o sistema decimal que atribuiu, para cada uma das hastes, múltiplos para dez. Daí, portanto, a possibilidade da recepção de dados quantitativos e qualitativos que exigiam, além do raciocínio numérico, a interpretação e compreensão dos dados informados. Acompanhando o crescimento humano, o ábaco adquiriu vários modelos e atualmente ainda é utilizado nas escolas para o ensino de operações de somar e subtrair (ISAACSON, 2014).

Em outro momento, o homem, ao substituir seus hábitos nômades por aldeias e tribos fixas, necessitou, entre outras mais, aprimorar seus métodos quantitativos e qualitativos para

contagem e seleção, por ocasião do aprendizado com o cultivo da lavoura que lhe exigiu métodos mais precisos. Por exemplo, para o controle da marcação do tempo, elemento primordial para definir o plantio e a colheita. Dessa maneira, a necessidade de computar exigiu, cada vez mais, a variedade de cálculos matemáticos, além de sua compreensão e interpretação (ISAACSON, 2014).

No século XVII, o francês Blaise Pascal, físico, matemático, filósofo moralista e teólogo, responsabilizou-se pelo invento da calculadora com as funções matemáticas de somar e subtrair. Sua contribuição no ramo matemático foi decisiva, tendo em vista que se dedicou à Geometria Projetiva e à Teoria das Probabilidades. No campo da Física, direcionou seus estudos para a mecânica dos fluidos, esclarecendo importantes conceitos, tais como pressão e vácuo, contribuindo, para as pesquisas de Evangelista Torricelli, inventor do barômetro e descobertas na área de óptica (ISAACSON, 2014).

O alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário, foi quem primeiro percebeu que a anatomia da lógica, classificada como a lei do pensamento, constituía material para análise combinatória. Em 1666, realizou escritos intitulados *De Arte Combinatória*, formulando um modelo científico que se tornou precursor teórico para a computação moderna. Baseou-se na teoria de que todo raciocínio, assim como as descobertas verbais ou não verbais, é redutível de uma combinação ordenada de elementos; dentre eles, o número, a palavra, sons ou cores. Nesse sentido, Leibniz incorporou as operações de multiplicação e divisão à máquina calculadora criada por Pascal (ISAACSON, 2014).

No século XVIII, o mecânico francês Joseph Marie Jacquard inovou o setor da tecelagem industrial ao criar o tear mecânico que utilizava, basicamente, cartões perfurados para a execução operacional em sequências programadas. Jacquard não pertencia ao ramo matemático, mas, por vivenciar inúmeras dificuldades da lida tecelã, atentou para a viabilidade da criação de um equipamento que realizasse desenhos complicados, porém que contribuísse com a produção da tecelagem. Na virada do século XIX, em 1801, estes mesmos cartões foram fundamentais para a alteração da rotina da indústria têxtil e, poucos anos depois, influenciaram, decisivamente, o ramo da computação (ISAACSON, 2014).

Em 1834, o inglês Charles Babbage, cientista, matemático, filósofo, engenheiro mecânico e inventor, originou o conceito de computador programável, posteriormente conhecido como computador-geral o qual se utilizaria de partes mecânicas juntamente com analíticas. Entretanto, seu invento exigia técnicas muito avançadas, de alto custo para a época

e por tais motivos o projeto não se tornou realidade por falta do montante financeiro necessário para a concretização final do projeto. Outra invenção inacabada de Babbage, a Máquina Diferencial, destinada à realização de cálculos polinômios, constituiu-se somente entre o período de 1985 e 1991, por iniciativa do Museu de Ciência de Londres, que, de posse do projeto criado por ele, organizou o feito e o tornou existencial (ISAACSON, 2014).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Alan Turing, matemático britânico, lógico, criptoanalista e cientista da computação, consagrou-se por ocasião do projeto que desenvolveu acerca de uma máquina que executasse operações computacionais de acordo com um sistema formal. Demonstrou que um sistema simples e automático é capaz de manipular símbolos existentes num determinado programa com regras próprias. A técnica desenvolvida por Turing indicou que os sistemas se constituíam e, dessa forma, Turing possibilitou o processamento de símbolos, interligando a abstração de sistemas cognitivos com a realidade concreta dos números, o que até hoje é estudado pelos pesquisadores em forma de Inteligência Artificial (IA) (ISAACSON, 2014).

Atualmente, a IA está incumbida de estudar métodos que simulem ou que se aproximem, o mais possível, do pensamento humano pelos computadores, almejando a substituição do homem pela máquina em atividades mecanizadas. A fim de comprovar ou não a IA de um computador, Turing elaborou uma avaliação com o intuito de não proporcionar a liberdade de diferenciações, por parte do operador, quando as perguntas estipuladas, ou não, partissem de um computador. Do contrário, o computador seria considerado dotado de inteligência artificial, e a máquina seria programada a imitar qualquer sistema formal, nascendo, assim a noção de computabilidade (ISAACSON, 2014).

Ainda na década de 1960, em tempos não tão longínquos, o computador ocupava-se de ser privilégio apenas das forças governamentais, renomadas empresas, algumas universidades e agências de emprego que conheciam, tão somente, computadores de grande porte. Ao longo do tempo, aproximadamente em 1969, a Rede de Informações do Departamento de Defesa Norte-Americano (ARPANET) criou e integrou universidades e empresas, originando a *Internet* (ISAACSON, 2014).

2.1.3 O caminho para os *softwares* livres

Do ponto de vista comercial daquela época, os *softwares* não eram fabricados separadamente dos *hardwares*. Raramente o comprador recebia o código-fonte, tendo em vista

que a grande maioria dos fabricantes criava as máquinas, tendo, como parte integrante do equipamento, o código-fonte. Não obstante, os fabricantes reservavam-se o direito de permanecerem com o código-fonte devido a frequentes modificações nos programas, bem como correções, alterações, falhas ou, como conhecemos hoje em dia, as atualizações ou inserção de novos recursos (MONARD; BARANAUSKAS, 2003).

No ano de 1967, a Empresa *International Business Machines* (IBM) detinha um sistema operacional para *mainframes,* com equivalência muito próxima a um *software* livre, e o compartilhava. Dessa forma, ocorreu o surgimento de grupos adeptos ao *software* IBM 701, também conhecido como *Share* e o *Digital Equipment Corporation* (DEC), denominado DECUS, que facilitavam a troca de informações livres, e abertas, sobre os *softwares* a quem tivesse acesso à tecnologia. Entretanto, ainda na década de 1960, mudanças ocorreram acerca dos sistemas operacionais, realçando-se a evolução dos compiladores das linguagens de programação, acarretando aumento considerável dos custos manufatureiros dos *softwares.* Em contrapartida, uma significativa parte da indústria de *softwares,* embora ainda simplória, considerada insignificante, adquiriu seu espaço aos poucos, competindo acirradamente com os *softwares,* quando estes ainda eram inclusos nos valores pagos pelos *hardwares.* Máquinas alugadas pelos usuários requeriam suporte para os *softwares* instalados. Todavia as empresas que as forneciam, não satisfaziam às necessidades dos clientes (MONARD; BARANAUSKAS, 2003).

Em meados da década de 1970, a IBM, considerada a empresa líder mundial do mercado de computadores de grande porte, negociou consideráveis parcelas dos seus programas, separando-os dos *hardwares.* Mais modificações surgiram, contribuindo para modificar a cultura da indústria dos *softwares,* além de torná-los acessíveis e comuns em relação às restrições de acesso e compartilhamento de códigos entre os desenvolvedores. Dessa maneira, possibilitou-se a comercialização de programas em diferentes pontos comerciais que iam desde as prateleiras de lojas mais comuns até aos hipermercados (MONARD; BARANAUSKAS, 2003).

No início da década de 1970, talentos surgiram como os nomes de Steve Wozniak e Steve Jobs, que se dedicaram ao segmento da informática ao criarem seus próprios experimentos. Uniram à eficácia, habilidade informática, e na área de vendas, compartilharam ideias que geraram a primeira empresa com capacidade de suporte para a venda de tecnologia de ponta, a usuários leigos, representada pelo computador *Aplle.* Embasando-se na criação do *hardware* e do *software* dos seus computadores de uso pessoal, inspiraram-se no Sistema

UNIX, escrito, primeiramente, como *Uniplexed Information and Computing System* (UNICS), responsável por informações uniplexadas em um sistema computacional operativo, portátil e multitarefado. Como fonte de inspiração, o equipamento deu origem a outro, elaborado com melhor tecnologia de que dispunham na época, sendo disponibilizado, além de confiável, potente e de acessível manejo. Uma das principais características do produto, ora criado de maneira estratégica, era sua exposição em qualquer ambiente de residências, assimilando-se à praticidade de um eletrodoméstico. Mais que embelezador e simples: útil (KLEIN, 2006).

Bill Gates, Paul Allen e Steve Ballmer, no começo da década de 1980, surgiram no cenário da informática com a criação da Empresa *Microsoft*. A empresa elaborada para corresponder a uma família de sistemas operacionais, destinou-se à realização de interface gráfica desenvolvida para o sistema operacional *Microsoft Disk Operating Systems (*MS-DOS), encomendado pela IBM para equipar o computador pessoal, lançado em 1981. A principal característica daquele s*oftware* era possibilitar acesso para todos os computadores que requeressem sistema operacional. Nessa mesma época, surgiram os primeiros projetos significativos que encaminharam os *softwares* para se tornarem tão desejados e com liberdade de comercialização e uso. Nesse mesmo momento, ocorreu a necessidade de estabelecer fundamentos éticos, legais e financeiros, com a incumbência de regerem adequadamente tal segmento, e o governo brasileiro normatizou a situação (KLEIN, 2006).

Em 1984, Richard Stallmann, ativista, fundador do movimento pelo *software* livre, programador e *hacker*, elaborou o *software* completamente livre GNU *is Not Unix* (GNU Linux). O nome escolhido assemelhava-se, coincidentemente, ao mamífero gnu, porém serviu de acrônimo recursivo para seu criador. Com a instalação do *Software* GNU Linux nos departamentos das Ciências da Computação, apenas nas universidades mais conceituadas da época, a ideia acerca dos *softwares* livres rapidamente adquiriu renome, chamando a atenção do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP), que disponibilizava o curso de Graduação na área de Ciência da Computação desde o ano de 1972, trazendo-o para o Brasil (KLEIN, 2006).

Alicerçada nesse suporte, a cultura do *software* livre na Universidade de São Paulo (USP) decidiu, nos anos seguintes, alavancar vários outros projetos com suas respectivas licenças de livre acesso. Logo, em consequência desse processo, o Departamento de Ciência da Computação da USP percebeu que a necessidade de aprová-lo oficialmente era fundamental e determinou a instalação do Centro de Competência em *Software* Livre da USP (CCSL), em 2008, incentivando, substancialmente, pesquisas, ensino, desenvolvimento,

aprimoramento e uso de *softwares* livres dentro e fora das universidades (KLEIN, 2006).

Dentre tantas opções, o computador propiciou considerável disponibilidade de meios e recursos a serem empregados nos mais diferentes segmentos. Tratamos, aqui, acerca dos *softwares,* desenvolvidos para auxílio de análises quantitativas e qualitativas, especialmente quanto às textuais. Ao longo dos anos, após várias modificações, avanços, criação de recursos e ferramentas, os *softwares* planejados para tal finalidade, adquiriram enorme importância na sua utilização como instrumentos pensados para viabilizar uma melhor compreensão do texto, desde as palavras mais simples até as mais sofisticadas.

Em tempos contemporâneos, não há como nos contrapormos às transformações ocasionadas pelo ambiente digital, principalmente, quando abordadas questões referentes à leitura e escrita. Perceber que o texto envolve não apenas instâncias como a dinâmica do "compreender e construir sentido para o conteúdo lido" (ATAYDE, 2002, p. 25), faz-se indispensável sobremaneira, correspondendo a destacar, inclusive, a viabilidade do uso de recursos, tais como softwares, na colaboração diferenciada da difusão de sentidos e significados das sentenças. Destarte, os *softwares* facultam de acordo com o ritmo individual de leitura, compreensão e interpretação de cada leitor, sua utilização como elemento de apoio em análises textuais. Por exemplo, tem contribuído para o desenvolvimento não somente do potencial de absorção como, também, tem servido de estímulo para a leitura contínua.

No ano de 1990, urgia no Brasil a conveniente direcionalidade para estudos de grande porte, que necessitavam além de análises previsíveis e compreensivas, uma compreensão adequada dos futuros resultados. Nesse sentido, os recursos que auxiliavam tais objetivos, até então, exigiam a estruturação de *softwares* compatíveis e suportáveis para suprir as demandas. Enquanto isso, do outro lado do mundo, em Berlim, na década de 1990, eram apresentados os *Softwares Ethnograph*, *NUD.IST* e *ATLAS-ti,* contribuintes de relevância para as análises de conteúdo textual, qualitativo e quantitativo. A finalidade destes *softwares* fundamenta-se, até os dias atuais, no preparo, organização e disponibilidade de dados que auxiliem e viabilizem a realização de análises quantitativas e qualitativas relacionadas a estudos de conteúdos escolhidos para as mais diferentes finalidades, tais como pesquisas e análises qualitativas de dados, com desempenho fundamental em registros de entrevistas, grupos de discussão, notas de campo, diários, atas de reunião e equivalências (ATAYDE, 2002).

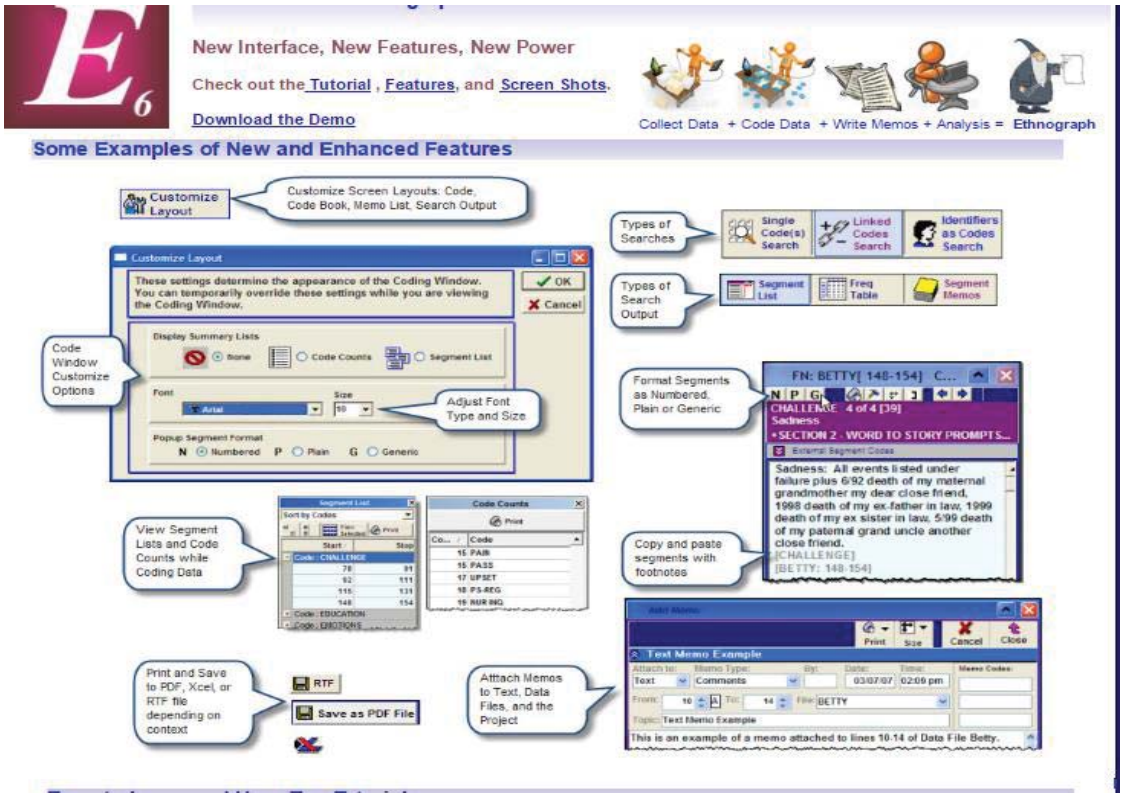
2.1.4 *Softwares* livres: várias formas de análises textuais

Na presente seção, a abordagem desses *softwares* servirá somente para conhecimento de oportunidades criativas e interessantes, tendo em vista que cada um deles apresenta-se inovador. Ressalta-se, aqui, que, com tantos *softwares* disponibilizados, atualmente, é adequado que se conheçam aqueles que se portem como desejados pelo pesquisador, para a realização de uma análise, para que, na sequência, tenha-se contato com o *Software* IRAMUTEQ.

a. ***Etnograph***

Licenciado pela *Qualitative Data Analysis* (QDA), em 1984, o *Software Etnograph*, atualmente, é facilmente encontrado na Internet, no *site http://www.qualisresearch.com/Demo.htm* , apenas em versão demo, permitindo somente três criações *on-line*. Após, o usuário deverá adquirir licença para sua completa utilização.

Figura 1 – Tela Inicial do *Software* Etnograph



Fonte: Manual de utilização do *Software* Etnograph (1988, p. 12)

A maioria dos *softwares*, especialmente, àqueles elaborados para melhor desempenho em pesquisas e análises, são responsáveis por minerar dados, a fim de desempenharem a tarefa que lhes foi planejada. Nesse sentido, deverão explorar e verificar o banco de dados a que

foram submetidos em busca de padrões interpretáveis, rotinas de associação e sequências que possam ser lidas e interpretadas com facilidade (ISAACSON, 2014).

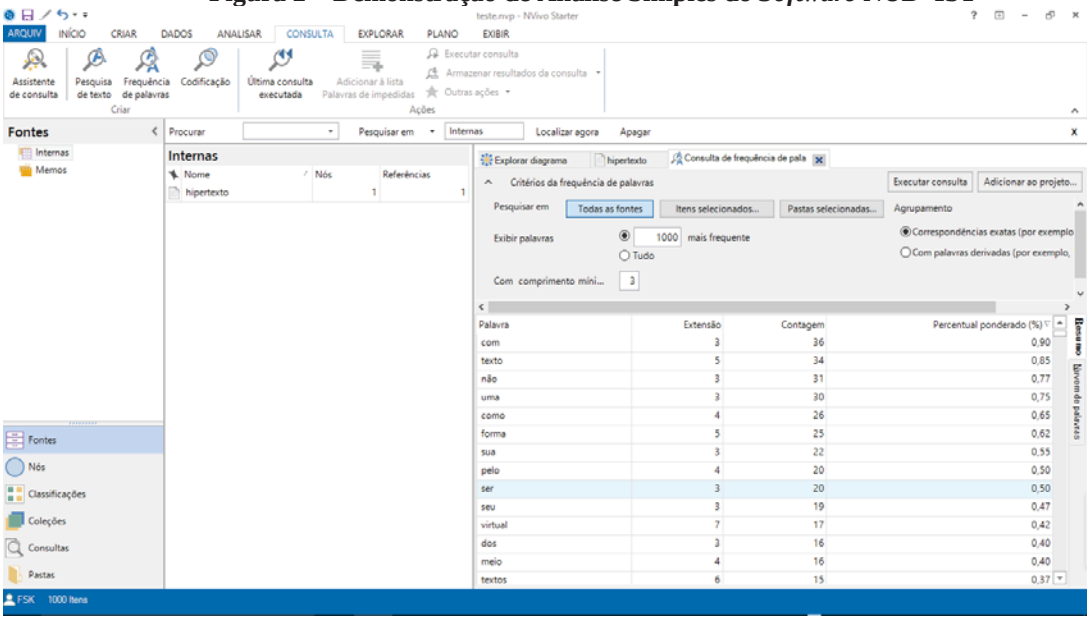
b. ***Software* NUD*IST**

O *Software Numerical Unstructured Data Indexing Searching and Theorizing (*NUD*IST), desenvolvido por Tom Richards na La Trobe University , em Melbourne, no ano de 1981, programado para servir de apoio a investigações sociais na forma de dados qualitativos não numéricos, ou não estruturados, desde seu surgimento, tem sido muito utilizado na Austrália, Reino Unido, Japão e Estados Unidos.

O S*oftware* NUD*IST, atualmente, está a cargo da QSR International (QSR), apresentando-se como NVivo na versão 11.1, planejada para análise qualitativa de dados que permite a organização e observância de documentos nos formatos: DOC, DOCX, PDF, RTF, TXT; áudio em MP3, WAV, WMA; vídeos em MPG, MPEG, MPE, WMV, AVI, MOV, MP4, QT; fotografias e imagens em BMP, GIF, JPG, JPEG, TIF, TIFF e tabelas elaboradas no Excel.

Disponibilizado, também, no idioma português, o *Software* NUD*IST pode ser utilizado virtualmente em sua versão simples, com linguagem acessível, inclusive na linguagem baseada em dados. Por outro lado, a versão completa é comercializada apenas com o pagamento em Dólar. Aceita a importação de projetos realizados por outros *softwares* como o Atlas.ti 5.2, 5.5, 6.2, MAXQDA 2007 e 2010 *FrameWork*.

Figura 2 – Demonstração de Análise Simples do *Software* NUD*IST



Fonte: Elaborada pela autora

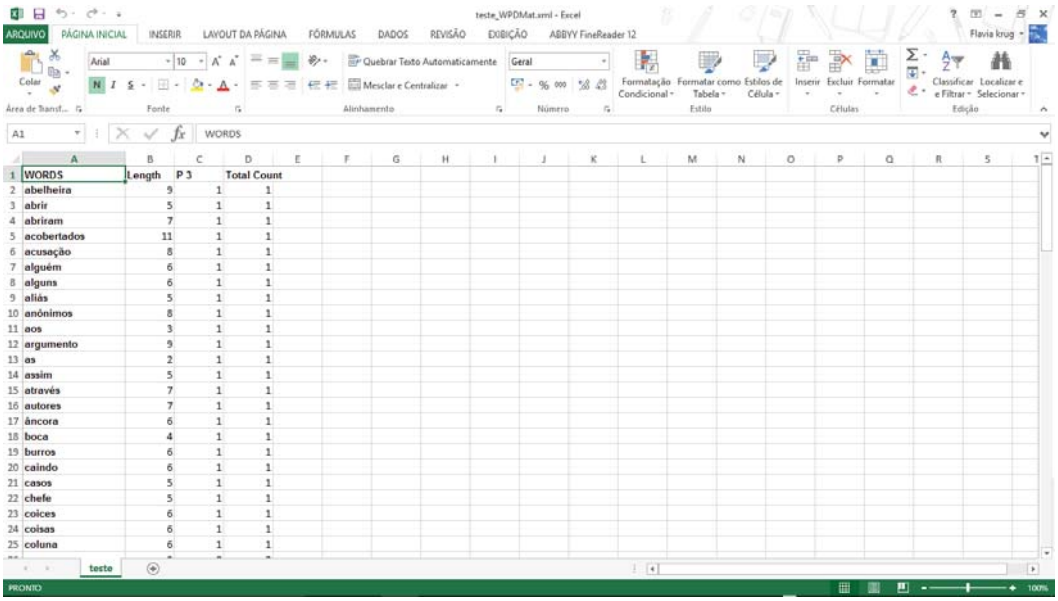
Por meio de criação denominada nós que definem e estabelecem relações diferenciadas entre os diversos dados, transcrevendo registros de áudio e vídeo para texto, inclusive sincronizando diferentes formatos, o S*oftware* NVivo 11 produz resultados de suas análises, também, por gráficos, diagramas, árvores de classificações, nuvem de palavras, entre outras.

c. *Software* ATLAS.ti 7

O *Software* ATLAS.ti 7, em seu primeiro protótipo desenvolvido por Thomas Muhr, na Universidade Técnica de Berlim, permaneceu em uma versão simples, sendo adquirido pela Empresa *Scientific Software Development GmbH* (SSDG) que optou por remodelá-lo. O *Software* ATLAS. Ti 7, por se apresentar versátil, é utilizado em análises e pesquisas qualitativas de larga escala nos mais diversos formatos de mídia e extensões de arquivo.

Agrega, em sua plataforma arquivos, tais como PDF, imagens de diversas extensões, áudios e vídeos, além de documentos em *Word,* entre outros aplicativos. O sistema realiza análises qualitativas dos arquivos, produzindo informações que demonstram tendências e padrões. Rastreia e analisa arquivos de formatos distintos, permitindo que seu utilizador possa produzir dados que apontem similaridades, atribuam importância, bem como denominar *rankings* aos fatores apontados previamente.

Figura 3 – Modelo de Análise Básica do *Software* Atlas.Ti7 no Excel



Fonte: Elaborada pela autora

Cabe ressaltar acerca das informações resultantes das análises do ATLAS.ti 7 estarem

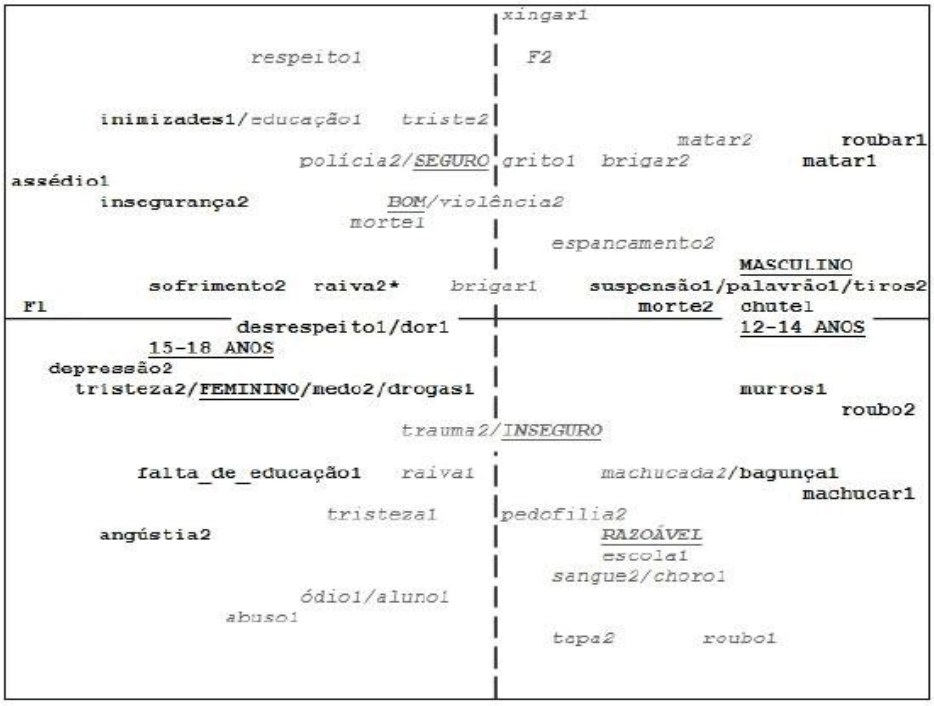
habilitadas para serem exportadas em arquivos de simples visualização como, por exemplo, o formato *Extensible Markup Language* (XML), inclusive gerando base de dados e *Application Programming Interface* (APIs).

d. *Software* Tri Deux Mots 2.2

O *Software* Tri Deux Mots 2.2, criado por P. Cibois, em 1990, Professor Emérito de Sociologia no *Laboratório de Primavera da Universidade de Versailles St Quentin en Yvelines*, surgiu para atender aos franceses que almejavam novidades no mundo dos *softwares* relacionados aos cálculos estatísticos, redirecionando seus interesses para informações quantitativas.

Atualmente, o *Software* Tri Deux Mots opera com a técnica de livre associação no processamento de dados, na versão 2.2 e permite a visualização gráfica de variáveis fixas, como sexo, idade e estado civil, além das variáveis não fixas que abordem opinião, crenças, estereótipos. O *software* permite, também, que o observador receba informações de conhecimento prático, enunciadas pelos participantes dos estudos analisados diante de estímulos indutores, sendo analisados por meio da Análise Fatorial de Correspondência (AFC) e Análise de Dados Temáticos por Variáveis Inferidas, explícitas ou ocultas (ADTVs).

Figura 4 – Modelo de Plano Fatorial elaborado pelo *Software* Tri Deux Mots



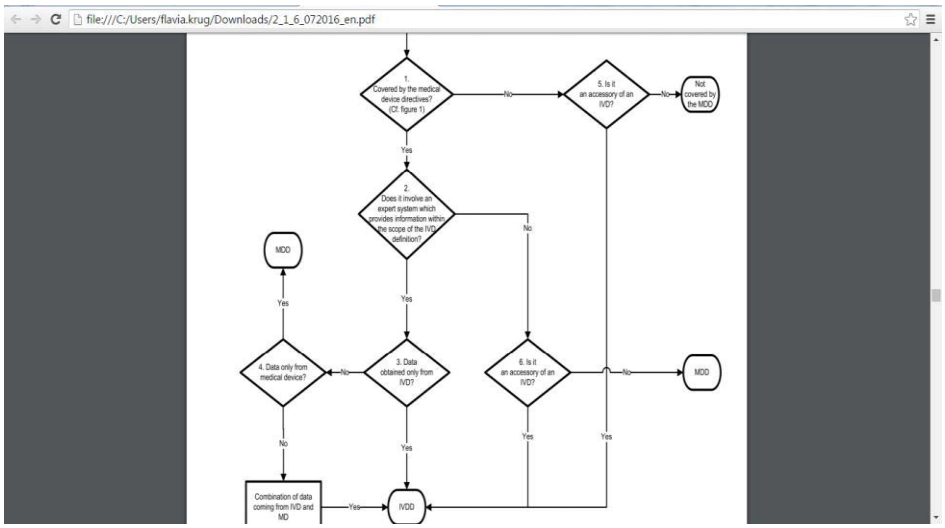
Fonte: Elaborada pela autora

Vale salientar aqui, em virtude da sua relevante utilização em atividades de investigação metodológica no campo sociológico, o *Software* Tri Deux Mots, ao longo de vinte anos está em constante aprimoramento pelo seu idealizador, não sendo disponibilizado virtualmente.

e. *Software* SPAD

O *Software Système Portable pour l'Analyse des Données* (SPAD*)*, desenvolvido por Ludovic Lebart, Diretor de Pesquisas do Center National de la Recherche (CRNS) e Professor da Telecom Paris Tech (TPT), em 2008, concentrou sua técnica a fim de processar as dificuldades e problemas de qualidade de informação estatística em pesquisas socioeconômicas. Por seus estudos valorosos em análises de correspondência, é autor de várias obras traduzidas para os idiomas inglês, alemão, espanhol e japonês.

Figura 5 – Modelo de Gráfico elaborado após Análise Simples do *Software* SPAD



Fonte: Elaborada pela autora

Convém aqui evidenciar, acerca da mesma forma que o *Software* Tri Deux Mots 2.2, o *Software* SPAD, em versão completa, não está disponível na *Internet,* exigindo sua compra registrada e comprovada para posterior utilização.

***f.* *Software* MAXQDA**

O *Software* MAXQDA permite avaliações sistemáticas de dados qualitativos, além da interpretação de dados textuais por meio da análise de conteúdo *Grounded Theory*[1] e métodos mistos.

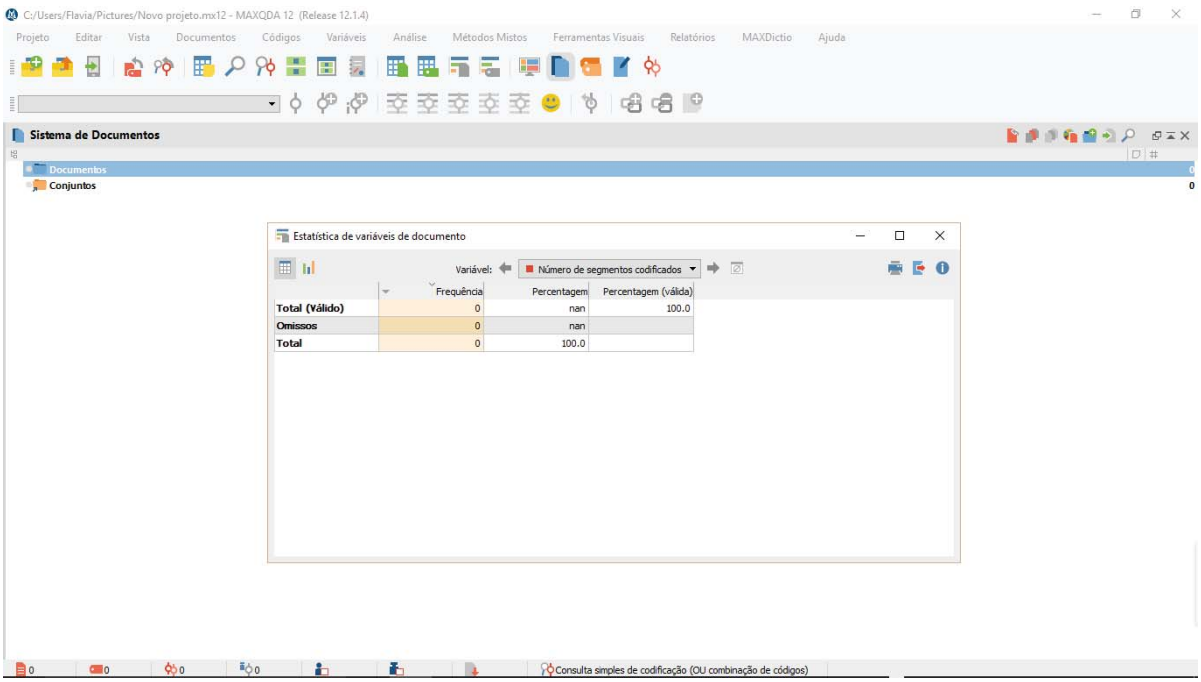
---

[1]A ***Grounded Theory*** - teoria indutiva baseada na análise sistemática de dados, derivada dos dados escolhidos e analisados sistematicamente ao longo do processo de investigação. Seu método, análise e formulação de resultados inter-relacionam-se. Origem (1965 e 1967), na Universidade da Califórnia, por Berkeley Barney Glaser e Anselm Strauss, Universidade de Chicago. Fonte: www.groundedtheory.com.

Auxilia, especialmente, a área de gestão do conhecimento, desenvolvendo teorias que testam as conclusões teóricas das análises. Também contribui, sumariamente, para componentes curriculares na área do conhecimento, tais como a Sociologia, Antropologia, Psicologia, Educação, *Marketing* e Economia.

Possibilita a importação de documentos em diferentes formatos, tais como DOC, DOCX, RTF e PDF; imagens em JPG, GIF, PNG e TIF; textos retirados diretamente do *brownser* da *Internet;* objetivos diversos; gráficos do Excel; diapositivos do *Power Point*, inclusive codificando-os para a análise. Aceita, também, importar projetos criados por outros *softwares,* com a mesma finalidade, como o NVivo e ATLAS*ti.

Figura 6 – Modelo de Análise Simples do *Software* MAXQDA



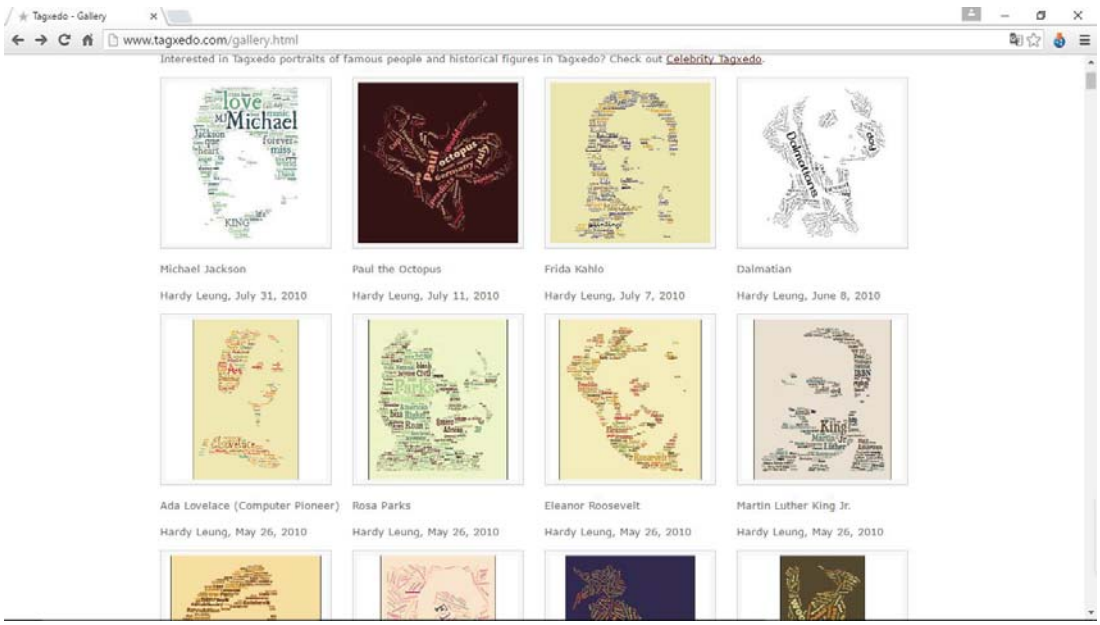
Fonte: Elaborada pela autora

Em relação à análise de texto, realizada pelo *Software* MAXQDA, este permite a transcrição direta e efetiva de entrevistas realizadas pelos pesquisadores, as quais associam o seu labor a registros em áudio e/ou vídeo às entrevistas em sincronia com o texto, favorecendo a análise dos dados, podendo, até, ser visualizada facilmente, com interpretação e conclusão descomplicadas. Possibilita, ainda, a realização de mapeamentos conceituais que oferecem diferentes análises, em um mesmo texto, por meio da seleção de elementos e codificação.

g. *Software* TAGXEDO

No *site* http://www.tagxedo.com, é possível acessar e transformar palavras, discursos, artigos, notícias, anúncios, *slogans*, temas, e o que a criatividade sugerir e a ferramenta *aceitar*, em Nuvens de Palavras. A versão demo, acessível e gratuita, além de criativa e visualmente interessante, permite a exploração individual de cada palavra do texto, até mesmo do seu tamanho, posição, tipo de fontes, personalização de silhuetas e imagens de formas e figuras, além de realces e frequências do texto.

Figura 7 - Modelo de Análise Estética do *Software* Tagxedo



Fonte: *Site* Tagxedo[2]

Quando nos referimos a expressão Nuvens de Palavras, imediatamente somos remetidos a uma visualização direta de sentenças que nos proporcionam, além de estética diferenciada, movimento, elegância e versatilidade de palavras disponíveis para interpretação.

h. Ferramenta *WORDLE*

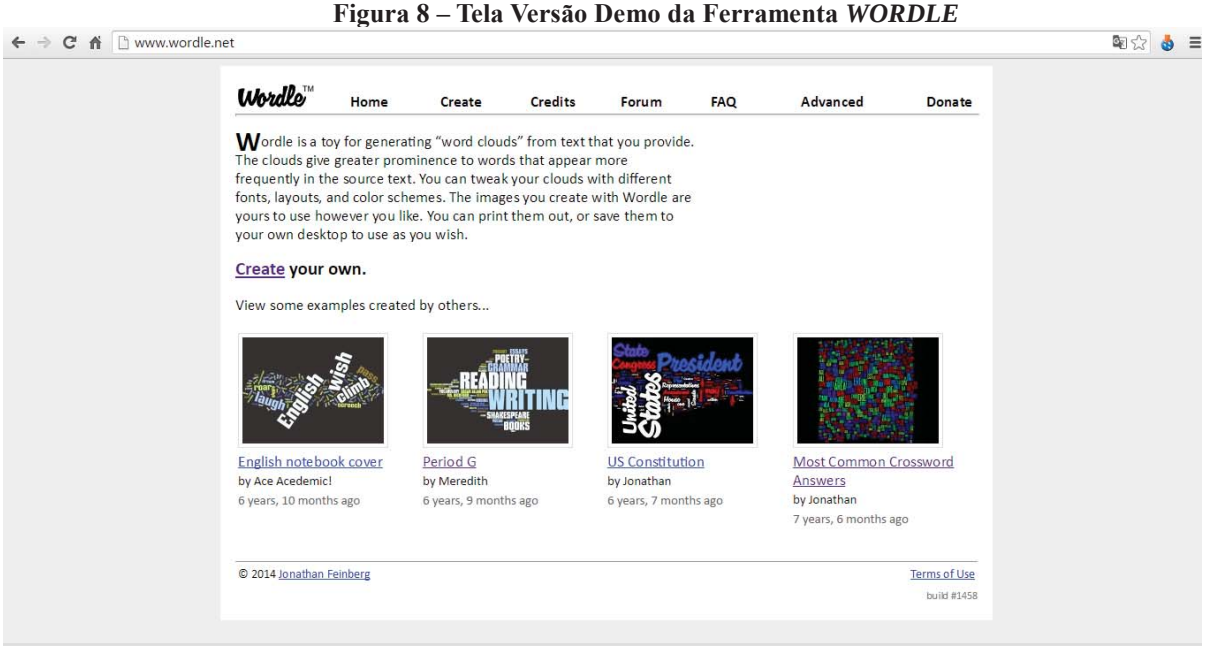
Outra opção que, também, incita a criatividade e a imaginação é a ferramenta *WORDLE*, encontrada no *site* http://www.wordle.net. Similar ao TAGXEDO, permite a criação de Nuvens de Palavras, a partir da seleção do texto que o usuário preferir.

---

[2] Disponível em: <http://www.tagxedo.com/>. Acesso em: 20 abr. 2016.

As nuvens maiores aparecem com mais frequência e destaque no texto explorado pela ferramenta. Possibilita o ajuste das nuvens, seu reposicionamento, alteração de tamanho, formato, fontes, *layouts* e esquema de cores. Permite a impressão dos trabalhos resultantes, ou seu uso, conforme o mais adequado. Entretanto, a degustação não apresenta custos, porém os demais acessos deverão ser feitos após o contato com seu criador e proprietário Jonathan Feinberg, via cadastro no *site*, *e-mail* a ele direcionado para, somente após a confirmação de dados e aceite de cadastro, confirmação de pagamento, ocorrer a liberação do uso pelo proprietário, além do envio *CD-Rom* por postagem internacional.

Figura 8 – Tela Versão Demo da Ferramenta *WORDLE*



Fonte: *Site* Woerdle[3]

A utilização de objetos medidos e aqui nos referimos às palavras, trata-se de representarmos as diversas relações entre o que estamos medindo (sentenças/significância) e o que realmente esperamos delas (significado). Visualizar diretamente e de forma excepcionalmente diferenciada, promoverá ocorrências significativas para o leitor, muito mais elaboradas (HAYLES, 2009).

i. Gerador *on-line* TAGUL

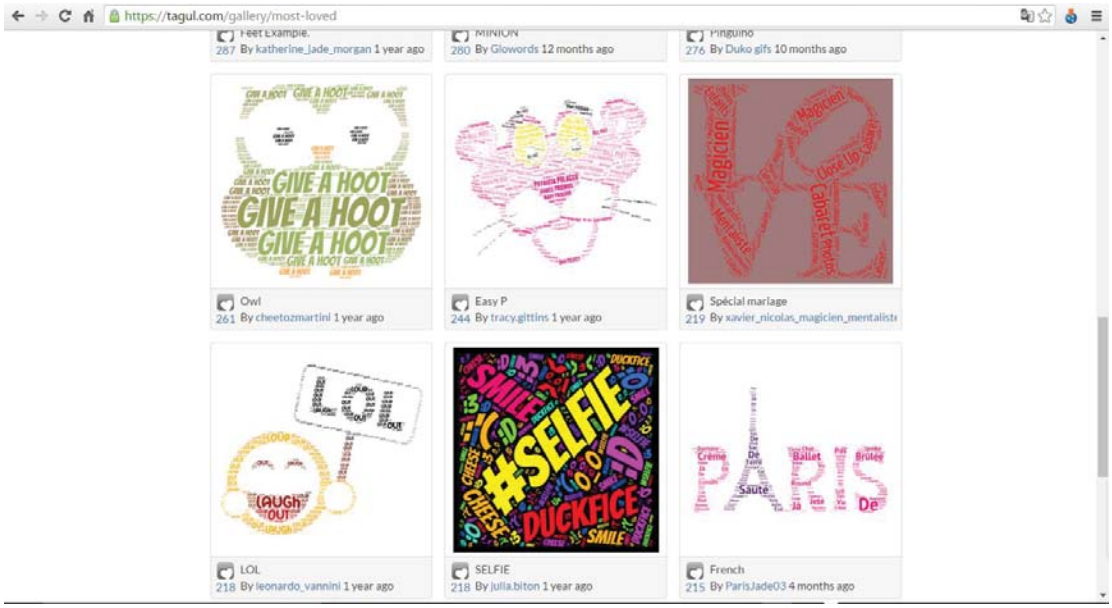
Tagul é um gerador *on-line* de Nuvens de Palavras, que permite criar, modelar, selecionar e explorar as sentenças e modelos de uma forma proativa.

---

[3] Disponível em: <http://www.wordle.net/create>. Acesso em: 21 abr. 2016.

Os resultados disponibilizados pelo gerador *on-line,* fácil de ser utilizado, possibilita seu uso em âmbito profissional, exigindo, de certa forma, que o profissional que o utilizar, para essa finalidade, tenha conhecimento prévio em design gráfico, se optar pela modalidade avançada. Está disponível no *site* https:www.tagul.com .

Figura 9 – Modelo de Exibição de Análise Estética do Gerador O*n-line* Tagul



Fonte: *Site* Tagul[4]

Intensidade e criatividade são elementos destacáveis quando utilizamos o Gerador *on-line* Tagul. Nas análises simples criadas pelo gerador em questão, direcionamos nosso olhar de leitor para variadas dimensões configuradas basicamente pela ferramenta Nuvem de Palavras.

Desta forma, percebemos, então, o que Moraes (2001) salienta a respeito da utilização de novos caminhos úteis para suprir a necessidade de criação de palavras segmentadas de acordo com o sentimento a ser atribuído para cada análise. De certa forma, a simbologia básica das cores estará sempre em evidência denotando codificações consensuais.

j. *Site* TagCrowd

TagCrowd é um *site* que realiza a captura de palavras-chave identificadoras de conteúdo, de acordo com os termos pesquisados, sendo muito utilizado por *sites* e *blogs.*

[4] Disponível em: <https://tagul.com/3oefz4t31m04/word-cloud>. Acesso em: 16. abr. 2016.

Disponível no *site* www.tagcrowd.com, simples e fácil de ser explorado, não apresenta possibilidades de inventividade, pois está desenvolvido para viabilizar a disponibilização e ordenação de elementos dentro das páginas virtuais, preocupando-se, basicamente, com a estrutura e a organização das palavras.

Figura 10 – Modelo de Análise Simples realizada no *Site* Tagcrowd

Fonte: Elaborada pela autora

Os *softwares,* ferramentas, *sites,* geradores, brevemente aqui expostos, estão em vigor, atualizados e disponibilizados no universo digital: alguns, abertamente; outros, pagos. Entretanto, apresentam elementos e recursos que os aproximam entre si e nos possibilitam uma prévia acerca do *Software* IRAMUTEQ. Pensados para a realização de uma simples análise ou uma complexa disposição de palavras, os recursos anteriormente citados demonstram características variadas e permitem inter-relações entre si e com outros recursos, a partir do seu conhecimento e uso quando da necessidade de resultados qualitativos, quantitativos, textuais, a partir de categorias variáveis ou não (CAMARGO; JUSTO, 2003).

A análise textual é entendida, também, como um processo iniciado a partir da seleção de textos separados em unidades de significado que possibilitam a recriação de novos conjuntos informacionais aptos às interpretações a serem realizadas pelo (a) pesquisador (a). Neste movimento de integração/interação, o significado atribuído pelo autor é exercitado pela (a) pesquisador (a) por meio do entendimento e da apropriação das palavras por outras vozes capazes de compreender e atribuir ainda mais significância ao texto (MORAES, 2009).

2.2 ANÁLISES TEXTUAIS COM AUXÍLIO DE *SOFTWARES*: PARCERIAS POSSÍVEIS E RELEVANTES

Em outro segmento, na área da pesquisa e nas áreas das Ciências Humanas, Sociais e da Educação, seguidamente são apresentados estudos, envolvendo fenômenos relativos ao homem, estabelecidos a partir de pressupostos que se ancoram em mecanismos que se preocupam em objetivá-los. Nesse caso, os dados qualitativos no mundo científico, além de indispensáveis, acarretam fontes valiosas de elementos que detêm importante significado. Tais significados não apenas garantem efeito e sentido aos resultados esperados, como facilitam a observação e interpretação com maior convicção e confiabilidade daquele que os verificar.

Embora consideremos que os estudos qualitativos exijam interpretação austera, temos consciência de que as análises estatísticas não se consolidam, necessariamente, sem compreensão dos dados resultantes. À vista disto, é preciso enfatizar a atenção para a indispensabilidade da apreciação final do pesquisador. Ainda que ocorra o devido processamento de acordo com modelos sofisticados e modernos de estatísticas, não ocorrerá quantificação sem qualificação.

Elementos qualitativos, quando direcionados para a comunicação, são relevantemente significativos até mesmo ao serem disponibilizados diversificadamente, seja qual for sua maneira de descrição. Na comunicação humana, seja por meio de imagens, vídeos, falas, produções textuais seja por meio de qualquer outra possibilidade expressiva, deverá ser levado em consideração não apenas o objeto de apreciação da real objetividade, conquanto o universo seja o maior proporcionador de experiências e produtor de conhecimento para os sujeitos. Quando nos constituímos e nos baseamos em processos de comunicação mais próximos do alcance do saber, estamos munidos da capacidade de desenvolver a exteriorização do simbolismo, em virtude da linguagem.

Desde o advento fragoroso da tecnologia, com a qual convivemos, sempre em evolução, adentramos cada vez mais um mundo transformacional, quase imperceptível, que urge em remodelar-se, constantemente. Necessidades diversas ocasionaram a procura pelos *softwares,* planejados para análises textuais, que os tornaram recursos relevantes, facilitadores e eficazes para processos mais elaborados, relacionados às observações qualitativas e quantitativas. A partir desse apoio, proporcionou-se a aproximação do pesquisador-observador a resultados com maior exatidão e confiabilidade. Graças às possibilidades oferecidas pela tecnologia, os *softwares* planejados para análises textuais, tornaram-se

artifícios propensos a

uma melhor recepção e posterior percepção do texto, se levado em conta sua estruturada elaboração que os remete diretamente a uma reflexão sucinta do conteúdo escrito (KRONENBERG; WAGNER, 2013).

Os *softwares,* destinados às análises textuais, colaboram para que ocorra interação entre texto e leitor, coadjuvando, assim, a posição do docente como real facilitador da recepção do texto, sem prejuízo em suas principais caraterísticas. Nesse sentido, interpretação e compreensão adquirem maior relevância, abrangendo novos discursos quando, estes, por exemplo, se referirem, em especial, à literatura. Indiferentemente dos *softwares* apresentarem-se complexos ou não, de igual maneira, servirão de importante artifício facilitador para a aproximação entre texto e leitor, com a finalidade de viabilizar este contato, assessorando a avaliação e uso das informações obtidas, a partir da diferente percepção das palavras propostas pela análise textual resultante. Dessa forma, não apenas colaborarão com a comunicação entre a leitura e o leitor como, também, reposicionarão a construção do saber textual, sem desvalorizar a interação da escrita e da leitura (VIEIRA, 2007).

S*oftware*s que analisam o conteúdo dos textos favorecem diferentes processos que facultam a absorção e a compreensão da leitura realizada, uma vez que são desenvolvidos para a finalidade de induzir o leitor a construir determinados significados relativas ao âmago da matéria selecionada. Nesse contexto, os *softwares* de análise textual serão percebidos como instrumentos imbuídos de linguagem e, quando aportados do ambiente digital, apresentarão especificidades peculiares por ocasião do adequado detrimento da temática analisada. Nesse sentido, os *softwares* destinados a tal finalidade facultarão a leitura, o aprender e reaprender, partindo do contato com as palavras por intermédio de uma tarefa dinâmica, divertida, ampla e concreta, a qual explorará estímulos visuais, auditivos, sensoriais e receptivos do leitor (VIEIRA, 2007).

É esperado, fundamentalmente, dos *softwares*, direcionados para análises textuais, que apresentem relevante valorização das temáticas determinadas, a fim de garantir uma maior compreensão textual a partir da disponibilidade de dados concretos, intuindo reflexões sobre a pertinência das palavras por eles sugeridas, assim como, que respondam às questões levantadas pelo leitor, que, naquele momento, ocupa a posição de intérprete dos dados distribuídos na tela (VIEIRA, 2007).

Nesse sentido, os *softwares,* pensados para tal finalidade, deverão, na forma de suporte, garantir ao leitor a capacidade de referenciação e interligação dos principais e mais

destacados dados do texto, para que, desta maneira, confirmem-se como relevantes subsídios

resultantes de análises, sejam elas pequenas ou extensas, com a mesma qualidade. Os *softwares* destinados às análises textuais, deverão, inclusive, indicar elementos muito próximos à ideia principal do autor no texto e, também, intermediar possíveis reflexões sensíveis sobre as palavras com maior ênfase nos textos, além de aguçar e instigar o leitor, partindo das informações que eles devolverem, compreender, textualmente, desde as redações mais simples até as mais elaboradas (OLIVEIRA, 2005).

De maneira incondicional, ao ser utilizado para uma análise textual, é necessário que o *software*, escolhido para essa finalidade, reconheça características textuais que estejam de acordo com a proposta escrita, além de estar condizente com os indicadores de condição do locutor, do interlocutor, bem como com as remissões a outros textos e autores, sem prejudicar suas posições. É indispensável, também, que o *software*, selecionado para alcançar os objetivos propostos pelo pesquisador-observador, indique de maneira precisa a posição do autor em relação ao texto escrito, identifique a ideia principal e, na sequência, as secundárias, assim como localize informações implícitas e explícitas, reconheça a existência de sentido e efeito das palavras, expressões e realces dispostos no texto. Outrossim, sugerir marcas de oralidade, proporcionando a utilização dialetal dos registros da escrita do autor de maneira adequada, no intuito de ressaltar os elementos do texto relacionados à ironia e harmonização das palavras, bem como destacar estruturas responsáveis por promoverem coesão, coerência, reflexões linguísticas contextualizadas proporcionais à matéria (OLIVEIRA, 2005).

Contudo, os *softwares*, quando utilizados em análises textuais, produzem dados para o observador, que serão essenciais para que haja coerência e coesão em relação ao significado proposto pelo texto. Quando ocorrer, dessa forma, o emprego da ferramenta auxiliadora das análises textuais tornar-se-á colaborador para o reconhecimento real para com sentido de palavras e expressões que posicionem os leitores adequadamente sobre os acontecimentos criados pelos autores. Os *softwares*, quando corretamente empregados nas análises textuais, realizarão cabidas interligações, acarretando compreensão geral das ideias, aliás, demonstrando muitas vezes, o provável desfecho do enredo proposto pelo autor (OLIVEIRA, 2005).

Nessa perspectiva, os *softwares* planejados para a finalidade de auxiliar no destaque das principais palavras de uma narrativa servirão como facilitadores para atividades de leitura, objetivando, além da compreensão, a recepção e o reconhecimento das partes textuais, particularmente, em suas expressões conectivas. O leitor terá possibilidade de usufruir, por

meio da imaginação, um perfeito e vantajoso reconhecimento acerca das personagens

enquanto ocorrer o processamento individualizado de determinadas situações que se relacionem com significados concretos (OLIVEIRA, 2005).

Ao ser submetido para análise textual, com o apoio dos *softwares,* o texto assumirá considerável potencial para demonstrações que enfoquem os desejos do autor em relação à obra, enfatizando os elementos mais importantes da distribuição das ideias do autor. Responsabilizar-se-á por garantir, ainda, perfeita harmonia entre ideias da obra e compreensões das entrelinhas da escrita do autor, que dilatarão os conceitos do receptor do texto, o leitor, enquanto sujeito ativo, participante, clivado e heterogêneo da leitura (OLIVEIRA, 2005).

Não obstante, entre as muitas possibilidades oferecidas pelos *softwares,* para análise textual, cabe-lhes, do mesmo modo, a concessão de generalidades suficientes para que o leitor identifique individual ou coletivamente, por exemplo, quando se tratar os resultados de uma determinada análise textual, auxiliada por *softwares,* em se tratando de um texto literário. Características, assim, são essenciais para que um *software* planejado para essa finalidade, seja considerado exemplar e, nesse sentido, infundir na criação de outros, tanto ou melhores que ele.

2.3 ALCESTE: O PIONEIRO INSPIRADOR

O *Software Analyse Lexicale par Contexte d'um Ensemble de Segments de Texte* (ALCESTE) é considerado pioneiro no uso da informática para a análise de conteúdo. Criado na França, na década de 1970, no Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS), no Laboratório de Jean-Paul Benzécri, por Max Reinert, o *Software* ALCESTE foi elaborado para realizar análises de texto qualitativas, direcionado para a área das representações humanas e sociais. Tradicionalmente, o *Software* ALCESTE é constantemente requisitado, também, na área linguística, após ser comercializado pela empresa francesa *Image*, especializada no desenvolvimento de programas científicos e matemáticos, a qual se encarregou de divulgá-lo amplamente (REINERT, 2001).

Introduzido no Brasil a partir de 1998, tem sido, desde então, um dos recursos mais utilizados em pesquisas das Áreas das Ciências Humanas, Linguística, Psicologia, Sociologia e História, propondo-se, inclusive, a realizar análises de bancos de dados textuais, originados da comunicação escrita, como artigos de mídia, textos literários, documentos diversos,

relatórios ou, ainda, transcritos como entrevistas, diálogos, depoimentos, relatos,

questionamentos abertos, questionários, inclusive para avaliações de programas sociais e intervenções técnicas quando exigirem a opinião de vários indivíduos, em qualquer uma das áreas (Reinert, 2001). O *Software* ALCESTE é adquirido por meio da compra realizada no *site* www.image-zafar.com, e seus arquivos secundários, para conclusão da sua instalação, são liberados pelo mesmo *site* após a confirmação do registro. O usuário receberá CD de instalação, da versão 2009, a mais atualizada, além de manual e demais tutoriais. Após os trâmites necessários e confirmados pelo interessado, será possível recebê-lo via postagem internacional e desfrutar dos seus muitos recursos.

Uma vez instalado, um primeiro passo é a preparação do *corpus* na extensão .doc e, na sequência, deverá ser transformado para o formato .txt. O arquivo de dados textuais deverá ser salvo no Microsoft Word, na opção "inserir quebras de linha", após ter sido revisado e preparado com o cuidado de não exceder a 1.500 caracteres/linha, acrescido de linhas de comando, e o nome de cada arquivo deve ser mínimo, sem espaço em branco entre as letras, nem *underline* (REINERT, 2001).

Em relação às Unidades de Contexto Inicial (UCIs), a menor unidade que o *Software* ALCESTE utilizará, para realizar a fragmentação inicial, poderá ser a partir de um capítulo de livro, respostas de entrevistas, artigos de revistas, entre outros. Tais unidades corresponderão às análises submetidas, com a finalidade de levantar respostas consideráveis em consonância com os discursos propostos (REINERT, 2001).

No que concernir às Unidades de Contexto Elementares (UCEs) (os segmentos de texto, num menor fragmento com sentido ou enunciado) estas estabelecerão anexos de palavras no texto e, quando dispostas, formarão matrizes para posterior classificação, sendo representadas pelo símbolo # (REINERT, 2001).

Nas Unidades de Contexto (UCs), ou seja, o maior segmento de texto contextualizado nas UCEs proporciona sentido e colabora na sua compreensão. Dessa forma, ao se agruparem, sucessivamente, dentro de uma UCI, o *Software* ALCESTE as observa, divide, compreende o conteúdo semântico, a fim de proporcionar significados mais amplos a partir de um determinado contexto (REINERT, 2001).

O *Software* ALCESTE, dispõe, também, de classes ou categorias, as quais são definidas como um agrupamento que se constitui por várias UCEs, com vocabulário homogêneo, aproximando-as ou distanciando-as e, no que concerne à Lematização, a operação que substitui palavras por formas reduzidas, permite-lhe considerar palavras

equivalentes com radicais comuns, sem desmerecer a representação icônica do objeto de

estudo, haja vista que ela age de forma subjacente a cada processo interpretativo (REINERT, 2001).

O *software* recupera contextos quando palavras se sucedem a partir da produção de análises Classificatórias Hierarquicamente Descendentes (CHDs), um dos recursos da ferramenta que possibilitam análises lexicais do material textual, oferecendo, em contrapartida, contextos lexicais coerentemente caracterizados em vocabulários específicos, divididos e compartilhados em blocos textuais (REINERT, 2001).

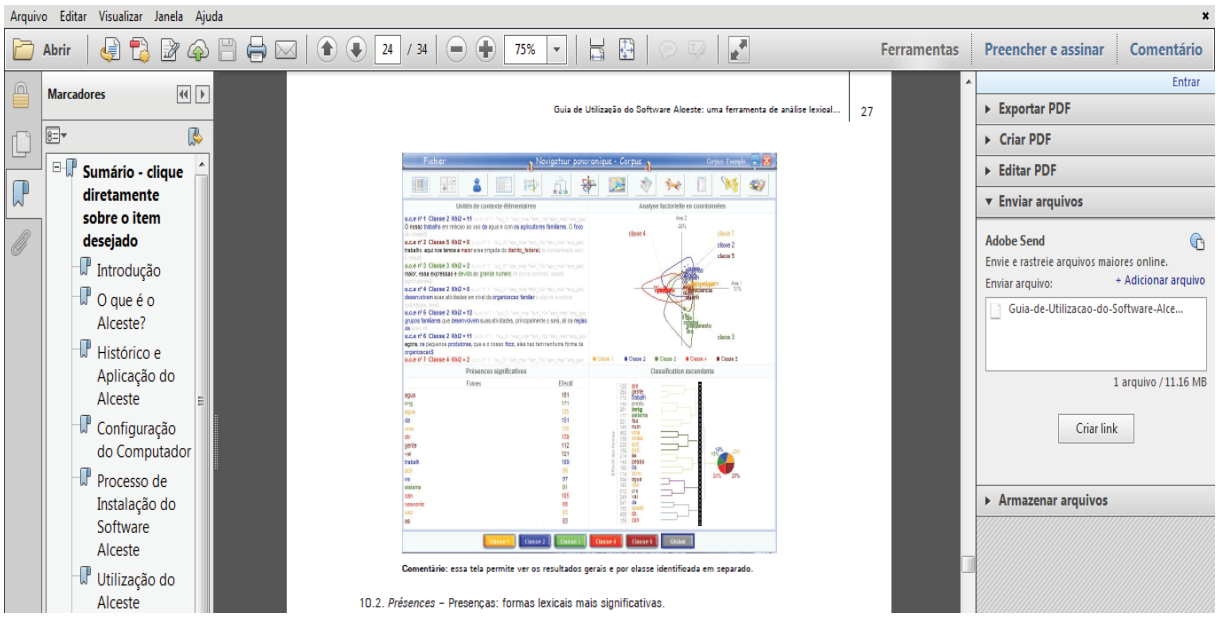
Corresponde, ainda, ao *Software* ALCESTE, apresentar características interessantes em relação às suas análises, tais como aquelas, lidas por ele, que não condisserem a exportações. Disponibiliza, também, em seus resultados, somente as formas lexicais mais significativas encontradas no texto analisado. Propõe, detalhadamente, as unidades de contexto. Classifica ascendente de *corpus,* bem como descendente. Seleciona análises fatoriais coesas e coerentes. Cria redes de varejos, mostrando os discursos dos sujeitos agrupados por classes, podendo, até, identificar o sujeito com discurso representativo em cada uma das análises, quando estas forem devidamente preparadas. Mostra a aproximação e distanciamento dos léxicos de cada classe, de acordo com aquele que mais lhe for representativo. Elabora dicionários a partir do *corpus,* além de mapeá-los. Permite, ainda, avaliações gráficas das variáveis no texto, como o número de unidades de contexto elementares de cada classe, ou ainda conjuntamente, entre outros (REINERT, 2001).

De acordo com Reinert (2001, p. 123),

> [...] o Software ALCESTE é especialmente singular por ser el primero em tomar no sólo la palavra como uma unidad básica de análisis, sino los segmentos de texto, es decir, poner énfasis em la importância del contexto de uso de essas palavras y la relación entre ellas.

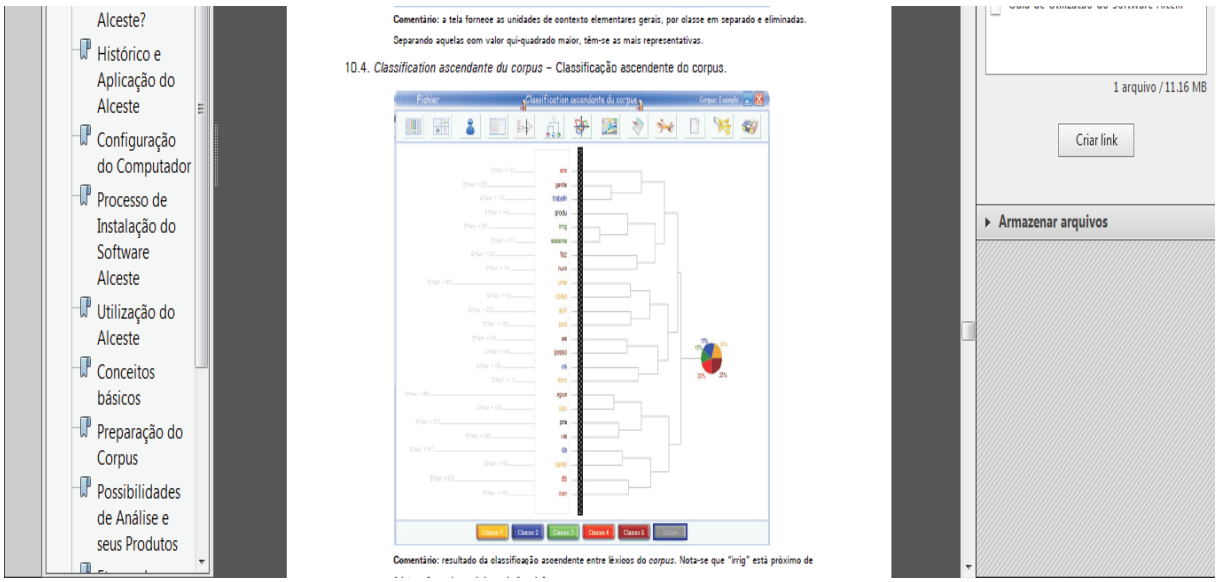
De forma breve, a ferramenta, além de projetar-se no ambiente brasileiro da informática, tornou-se útil, sobremaneira, para pesquisas e estudos profundos que exigissem considerável volume de dados textuais. Transformou-se num *software* de potencial para uso geral de análise de *corpus*, resultando em classificações objetivas, baseadas em critérios estatísticos, matemáticos e qualitativos, considerando a co-ocorrência das palavras, demonstrando, em suas análises, o encontro de relações entre elas, assim como sua representatividade, de maneira breve, rápida, simetrizada e confiável (REINERT, 2001).

Figura 11 – Modelo de Navegação Panorâmica no *Software* ALCESTE



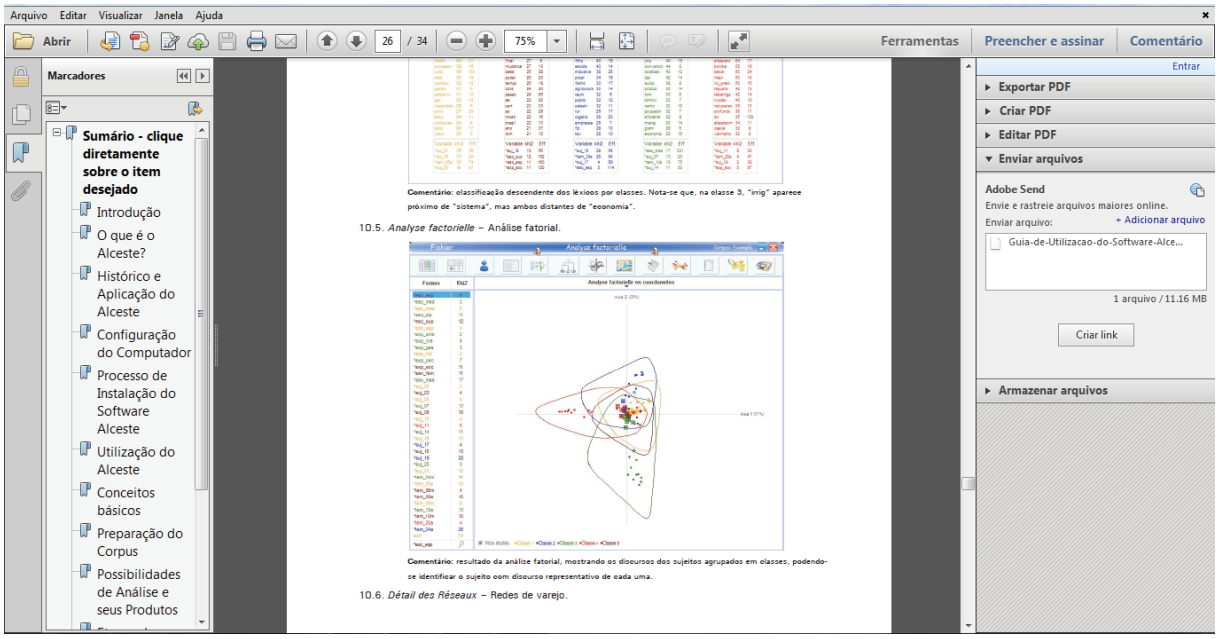
Fonte: Elaborada pela autora

Figura 12 – Modelo de Classificação Ascendente no *Software* ALCESTE



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 13 – Modelo de Análise Fatorial do *Software* ALCESTE



Fonte: Elaborada pela autora

Para que as ferramentas, programas, elementos e afins sirvam de meio de comunicação entre computadores e seres humanos, é preciso haver uma linguagem de programação que corresponda a um método padronizado, almejando expressar instruções ou um conjunto de regras sintáticas e semânticas básicas, responsáveis por definir, por exemplo, um programa de computador. Desta maneira, a linguagem permite especificar precisamente sobre quais dados o computador atuará, observadas às circunstancias que a tornam viável. Uma linguagem pode equivaler a uma das categorias existentes: baixo ou alto nível (ISAACSON, 2014).

2.4 *SOFTWARE* R: A LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO SUPORTE PARA O *SOFTWARE* IRAMUTEQ

O *Software* R, foi criado em 1993, por Ross Ihaka e Robert Gentleman, responsáveis pelo Departamento de Estatística da Universidade de Auckland, em Nova Zelândia, e sua denominação é alusiva às iniciais dos nomes dos seus criadores. Configura-se como um conjunto integrado de instalações de diversos *softwares*, que facilitam a manipulação de dados, cálculos e visualizações gráficas. Sua versão atual é a 3.2.3, atualizada em 2015, estando disponibilizado na *Internet* no *site* www.r-project.org, na forma de *Software* Livre,

sob licença da empresa FSDGPL (*Free Software Foundation 's General Public License),* em forma de código-fonte (Manual de Instalação do *Software*-R, 2011, p. 5).

Corresponde, o *Software* R, a uma linguagem criada para ser utilizada em ambiente computacional gráfico, similar a outro *software* conhecido como S; porém, com a demanda de sua utilização e aceitação aos desafios propostos, foi aprimorado, e sua implementação diferencia-se, consideravelmente, do *Software* R, além de ser compatível com as plataformas UNIX e sistemas similares, incluindo FreeBSD e Linux, Windows e MacOS (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO *SOFTWARE*-R, 2011, p. 7).

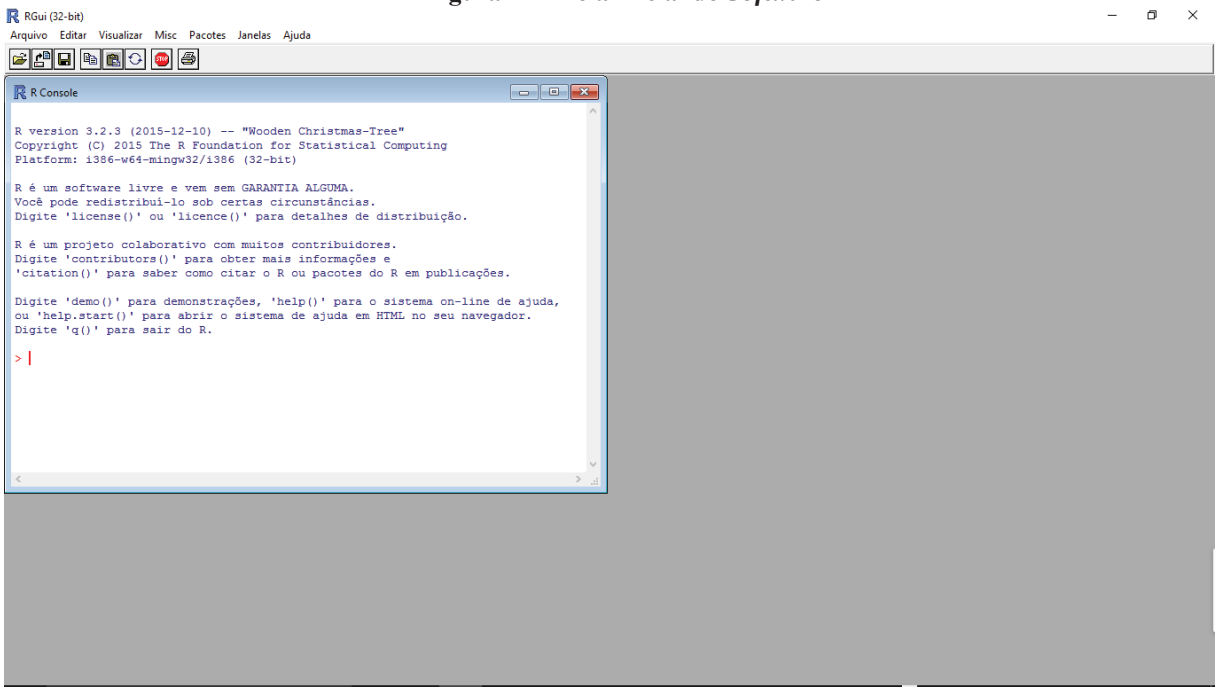
Possui ampla variedade de técnicas estatísticas gráficas, na forma de modelagens não lineares, que viabilizam a realização de análises estatísticas clássicas, capazes de suportarem extensões volumosas. Isso confiou ao *Software* R sua empregabilidade em investigações metodológicas, estatísticas, tornando-o fundamental. Além disso, o *Software* R fornece uma espécie de rota mapeada, via *open source,* que viabiliza as mais variadas atividades por sua participação. Outra característica, a favor do *Software* R, é a facilidade com que este fornece resultados qualitativos confiáveis, especialmente quando se tratar de símbolos e fórmulas matemáticas, permitindo a seu usuário manter absoluto controle sobre ela em qualquer momento de sua execução (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO SOFTWARE-R, 2011, p. 9).

A linguagem do *Software* R permite que o usuário adicione funcionalidade adicional por meio de definição de novas funções. Seu ambiente digital o caracteriza em sistema planejado, para agir com coerência, sem incrementos em suas ferramentas, inflexíveis e específicas, comparando-se a outros modelos de *softwares,* projetados para executar análise de dados. O *Software* R "apresenta flexibilidade para adição de estatísticas implementadas, sendo facilmente estendido por pacotes (arquivos)" com vasta disponibilidade na *Internet*, em *sites* variados (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO SOFTWARE-R, 2011, p. 9-10).

Houve a necessidade de uma breve apresentação, com algumas considerações, sobre o *Software* R, devido à sua indispensável interface com o *Software* IRAMUTEQ, objeto de exploração desta dissertação de Mestrado. A partir da interface simples entre ambos os programas, além da facilidade de acesso, via *open source*, será possível o recebimento de resultados concisos, além de estatísticas que permitirão que pesquisadores e observadores usufruam das diferentes possibilidades e elementos técnicos que o programa disponibiliza para a interpretação das análises qualitativas e quantitativas. Características, assim, viabilizam relevante contribuição para o Campo das Ciências Humanas e Sociais, independente do país

em que forem exploradas (CAMARGO; JUSTO, 2012).

Figura 14 – Tela inicial do *Software* R



Fonte: Elaborada pela autora

Cabe ressaltar, ser necessário prévio conhecimento e compreensão acerca dos comandos do *Software* R, tendo em vista existir a possibilidade de limitações iniciais de uso, graças a sua rapidez, agilidade e eficiência quanto a habilidade de atualizar e fornecer informações, interpretações e assimilações de dados quantitativos/qualitativos.

Contudo, seus desenvolvedores planejaram, inclusive, o pacote RCMDR, similarmente identificado como R Commander, disponibilizado em vários idiomas, com a finalidade de auxiliar, especialmente, usuários iniciantes em informática. Este pacote se constitui de variadas informações adicionais por meio de métodos estatísticos usuais que facilitam o uso das estatísticas descritivas, bem como das inferências estatísticas, tomando-as vantajosas por seus *menus* dispostos e acondicionados diretamente em linhas de comando. Dessa forma, o usuário aprenderá facilmente as instruções fundamentais para instalar, aplicar, executar e usufruir adequadamente os recursos viabilizados pelo programa.

O próximo capítulo dessa pesquisa, abrirá espaço para as informações e detalhamentos que consideramos básicas e indispensáveis acerca do *Software* IRAMUTEQ, tratando de maneira mais específica sobre origem, conceitos, definições, aquisição, instalação e afins.

3 *SOFTWARE* IRAMUTEQ

Como mencionado anteriormente, a proposta desta pesquisa está relacionada ao uso do *Software* IRAMUTEQ como ferramenta para análise de *corpora,* elaborados a partir da seleção de crônicas jornalísticas de autoria do escritor Josué Guimarães, constantes no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG), de propriedade da Universidade de Passo Fundo – UPF.

Poder-se-ia, no entanto, ter utilizado qualquer um dos *softwares* anteriormente descritos, livres ou custeados, os quais submetidos a uma análise mais profunda e detalhada, acerca do conteúdo textual das crônicas jornalísticas escolhidas, talvez não suprissem com ênfase os desejos em relação a resultados concisos, coerentes, práticos, essenciais às análises que demandam conteúdo extenso.

Se, escolhido outro programa, certamente haveria limitações, tão somente à exploração dos recursos básicos como relatórios simples, estatísticas limitadas ou nuvens de palavras, por se tratar de poucos recursos que a maioria dos *softwares,* abertos e livres, disponibilizam. Dessa forma, não se conseguiria alcançar um nível elevado de resultados analisados, desmerecendo o teor das crônicas jornalísticas, privando, ainda, as análises acerca de outros tantos elementos facultados, até o momento, à capacidade do *Software* IRAMUTEQ.

A escolha pelo *Software* IRAMUTEQ, como ferramenta de análise textual para as crônicas jornalísticas, surgiu por intermédio do Professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva, sabedor da existência e utilização do referido *software* em outros países, além da sua relevância em processos mais rigorosos e sistemáticos de análise textual; contudo, pouco difundido. Além de ser utilizado com ênfase, até então apenas na área das Ciências Sociais e, mesmo assim, demonstrando capacidade e êxito, motivou-nos a explorá-lo a partir de um acervo literário.

O Professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva, ao integrar a Banca Examinadora da Dissertação de Mestrado em Letras, do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Porto Alegre/RS, em março deste ano, autoria de Sandra Mariza de Almeida Silva, intitulada DOM CASMURRO E MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: RELAÇÕES ENTRE RESENHAS NA COMUNIDADE VIRTUAL SKOOB E A CRÍTICA ACADÊMICA, para sua satisfação, manteve, novamente,

proximidade com outras informações sobre o *Software* IRAMUTEQ, ferramenta escolhida para realizar as análises das resenhas e textos críticos que compuseram os dados

representativos qualitativos e quantitativos daquela pesquisa. A autora da dissertação, por sua vez, tomou conhecimento da aplicação do programa na realização das análises qualitativas e quantitativas de novelas espanholas utilizadas na pesquisa de doutoramento da filóloga hispânica María Luiza Fernández Rodriguéz, integrante do Grupo Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, Galiza/Europa, na Linha de Pesquisa Estudos Teóricos e Comparados.

Por ser um *software* para análise textual, com pouca divulgação, inexiste uma quantidade suficiente de pesquisas acadêmicas, sobre sua proposta e desempenho, que nos viabilize a conhecê-lo adequadamente. O material encontrado, até o momento, indica ser o *Software* IRAMUTEQ dotado de vasta riqueza de elementos que, de maneira adequadamente compreendida e empregada, além do domínio do pesquisador, assume a posição de ferramenta capaz de enriquecer qualquer análise textual, independentemente dos gêneros textuais propostos, posicionando-se, ainda, como um dos *softwares* para tal categoria, até o presente momento, mais bem equipado com recursos variados.

Entretanto, a realização desta pesquisa só foi possível após um trabalho de observação e busca na *Internet,* assemelhando-se quase que a uma garimpagem, devido à não existência de material completo de informação sobre o *Software* IRAMUTEQ, que abordasse desde sua criação até a sua eficácia. As poucas fontes encontradas, e aqui vale ressaltar, confiáveis e extremamente importantes para esta pesquisa, apesar de nem todas estarem disponibilizadas para acesso livre, da mesma forma muniam-se de informações, algumas fragmentadas, outras até desordenadas.

De igual forma, por mais dificultosa que tenha sido a procura, houve, consideravelmente, uma organização sequencial acerca dos procedimentos para aquisição, instalação, execução e leituras informativas após a leitura e observação do material específico sobre o *Software* IRAMUTEQ. Mesmo assim, com o pouco recurso explicativo encontrado, inclusive de estudos acadêmicos, conseguiu-se que o *Software* IRAMUTEQ participasse desta dissertação de Mestrado, para o alcance dos objetivos, especialmente, a demonstração da sua funcionabilidade e aplicabilidade também na área das linguagens. Viabilizou-se, com isso, uma maior divulgação sobre os recursos multivariados de que ele dispõe, bem como a garantia de resultados viáveis ao final das análises a ele submetidas. Tantos impasses, até que se encontrasse uma maneira prática e instrutiva de explorá-lo, tornou-o muito mais instigante e

desafiador conhecê-lo e utilizá-lo na literatura.

O *Software* IRAMUTEQ, criado pelo pesquisador francês Pierre Ratinaud, em 2009,

possui a função específica de auxiliar estudos e pesquisas em análises de dados qualitativos e/ou quantitativos de extensos volumes. Por ocasião do considerável desempenho, demonstrado por algumas pesquisas em outras áreas, que não a da Língua Portuguesa, nos países da França e da Espanha, esse *software,* por diferenciar-se com recursos como seu manejo acessível e mecanismos simples, pensados para análises qualitativas e quantitativas complexas e extensas, passou a integrar os estudos e pesquisas clássicas do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição da Universidade Federal de Santa Catarina (LACCOS/UFSC) (LACCOS, 2015).

No ano de 2013, quando a equipe do LACCOS tomou conhecimento da existência de um *software* gratuito, que possibilitava *download* sem custos financeiros e completo de seu programa, incluindo atualizações, além de utilizado com êxito na realização de análises estatísticas volumosas, sobre um *corpus* textual ou vários deles, incluindo tabelas indivíduos/palavras e documentos afins, resolveu explorá-lo. De lá para cá, a equipe da LACCOS, juntamente com o Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação, da Fundação Carlos Chagas (CIERS-ed/FCC) e o GPVEFP (Grupo de Pesquisa Valores, Educação e Formação de Professores) da UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), dedicam-se, atualmente, a aperfeiçoá-lo, especialmente no aprimoramento do dicionário de Língua Portuguesa (LACCOS, 2015).

No Brasil, o *Software* IRAMUTEQ está disponível na versão 0. 7 Alpa 2, ainda em sua fase experimental. Contudo, por mais que se apresente em fase probatória e requerendo ajustes e aprimoramentos, tem auxiliado, com êxito e recomendações, o processamento de análises sofisticadas, garantindo resultados suficientemente satisfatórios. Dessa forma, lhe permite ser utilizado em análises de dados textuais da Língua Portuguesa e áreas afins (LACCOS, 2015).

Desenvolvido na França, inicialmente, o *Software* IRAMUTEQ disponibilizou seu vocabulário apenas no idioma Francês, apesar de dispor de recursos referentes à elaboração de dicionários completos, (apenas nas Línguas Inglesa e Italiana). Para as Línguas Alemã, Sueca, Espanhola e Grega, seu aprimoramento ainda é preciso. No que tange à Língua Portuguesa, requer maiores atualizações, pois ainda é utilizado em sua fase inicial. Convém ressaltar que, mesmo estando em fase experimental no Brasil, o IRAMUTEQ tem sido ótimo recurso auxiliador nos estudos que necessitam de ferramenta de análise de dados mais

complexos, não deixando a desejar em seus resultados, tampouco seu vocabulário tem sido insuficiente (LACCOS, 2015).

Assim como o *Software* ALCESTE, já brevemente mencionado anteriormente, o *Software* IRAMUTEQ manteve a Classificação Hierárquica Descendente (CHDs), suporte algorítmico que embasa o ALCESTE na realização das análises estatísticas de textos. Além disso, o IRAMUTEQ apoia-se no *Software* R, também anteriormente mencionado, utilizando-se da linguagem *Python* (LACCOS, 2015).

Este s*oftware*, versatilmente, aceita a junção de vários textos, denominando-os *corpus*. Inclusive, concede ao pesquisador "domínio para constituir cada um dos segmentos textuais de acordo com sua necessidade de direcionalidade" (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 44). Nesse sentido, é visível, desde o início, ser o IRAMUTEQ diferenciado dos demais, também por proporcionar a possibilidade de criação de vários *corpora* para uma mesma análise, sem prejuízo de resultados (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O *Software* IRAMUTEQ está planejado para viabilizar diferentes análises de dados textuais, tais como a lexicografia básica que abrange a técnica da lematização e cálculos de frequência das palavras, assim como análises sofisticadas, das mais vastas e significativas, que requeiram classificação hierárquica, análise pós-fatorial de correspondências, inclusive com análises de similitude (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Nessa perspectiva, a ferramenta está apta a identificar dados qualitativos, quantitativos e textuais em diferentes formas estatísticas, disponibilizando e determinando associações de palavras, com maior relevância para enunciados complexos, consideradas, por ele, merecedoras de destaque. A partir dos enunciados iniciais do texto, por exemplo, o *Software* IRAMUTEQ diferencia as palavras e as analisa entre si, especialmente quanto à forma de sua distribuição e organização, breve e organizadamente (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Outra característica, que merece ser ressaltada, é a visibilidade acerca das análises lexicais realizadas pelo *Software* IRAMUTEQ, sem prejuízo de contextos e objetividade de relevância de dados, "quando integradas em níveis quantitativos e qualitativos das análises" (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 21). Esse *software* baseia-se na técnica de busca de palavras, denominada *lematização*, recurso utilizado para criação de *sites*, quando estes acarretarem maior quantidade de palavras, opções que as relacionem, ignorando, contudo, tempos verbais, gêneros, plurais e afins. Nessa opção, o *Software* IRAMUTEQ, envolverá diversas variações para uma mesma palavra nas execuções a que for submetido (CAMARGO; JUSTO, 2012).

Convém mencionar que adjetivos, substantivos e verbos serão reduzidos às suas raízes, a partir da execução dos recursos disponibilizados pelo *software* em questão.

Da mesma forma, ele está preparado para não comprometer semanticamente os significados, de acordo com o processo de lematização que resultar em morfemas lexicais. Quando selecionada a opção da lematização (análise lexicográfica clássica), a "redução dos tempos verbais no infinitivo, na flexão do gênero e número (masculino, singular) e a uniformização do grau de palavras" (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 31), serão analisadas, observadas e descritas em conformidade com a afluência de vezes que cada uma delas constar no texto.

Há a possibilidade, também, da verificação da localização dos principais segmentos textuais do conteúdo submetido à análise no *Software* IRAMUTEQ. Segundo o agrupamento das classes, "com o intuito de uma melhor visualização informativa" (CAMARGO; JUSTO, 2012, p. 33), o observador terá, também, a percepção e a obtenção de categorização de dados com ênfase facilmente percebida, quando se tratar de textos extensos, contribuindo, sobremaneira, na agilidade de recepção e conferência dos resultados e recebimentos das equivalências (CAMARGO; JUSTO, 2012).

Por sua não tão longínqua existência, o uso de programas de computador, para auxílio em relação às análises qualitativa, quantitativas, e sobretudo às textuais, como vimos, não atingiu, ainda, uma demanda incomum. Entretanto, renomes como Meunier (2009), Chartier (2012) e Lahlou (2012) afirmam certas discordâncias em relação à execução de análises textuais com o suporte desses recursos.

Em especial, chamam nossa atenção para ressalvas acerca de que "um *software* não se trata de um método e os relatórios gerados por este recurso não são, em si, a análise dos dados" (MEUNIER, 2009, p. 101). Reforça, consideravelmente, que o uso de programas informáticos poderá ser empregado, apenas, para facilitar o processamento de textos em grande escala, não estando adequadamente capacitados para resultados que garantam compreensão e interpretação com exatidão (MEUNIER, 2009).

De acordo com Chartier (2012), há a possibilidade de negligência à posição e ao processo realizado pelo pesquisador-observador nas análises dos textos escolhidos, quando se fixarem apenas nos resultados fornecidos por eles, acarretando desvantagens do uso desses recursos, salientando que, embora apresentem potencial que facilite a tarefa de estocar, codificar e apontar resultados, o seu uso nem sempre é recomendado ou necessário.

Não obstante, segundo Lahlou (2012), poderão ocorrer o enfraquecimento e

esvaziamento das relações do material textual com o todo do texto em seu contexto, principalmente, em relação às descrições mecanizadas que eles retratam, ou o que se considera

o esvaziamento das relações do material textual em relação ao todo que ele apresentar. Ainda, em consonância com Lahlou (2012) as descrições tornar-se-ão mecânicas, e o pesquisador-observador, em diversos momentos, confundirá o *software,* por ele utilizado, com o método empregado em sua pesquisa.

Em conformidade com as instruções do passo a passo disponibilizado no guia de instalação do *Software* IRAMUTEQ, de fácil acesso no *site* www.laccos.com.br, para que ocorra satisfação do início ao final do contato com esse s*oftware*, é crucial que se sigam as instruções desde sua instalação até sua execução, na ordem em que se encontram sequenciadas, sem esquecer de nenhuma delas.

Segundo o disposto por Camargo e Justo (2012, p. 39), "primeiramente, é preciso realizar o *download* do S*oftware* R nos *sites* www.r-project.org ou www.laccos.com.br; na sequência, proceder a sua instalação e atualização e somente após a conclusão deste procedimento é que o *download* do *Software* IRAMUTEQ deverá ser iniciado". Os *downloads* de ambos os *softwares* são disponibilizados individualmente em seus *sites,* ou, ainda, no *site* wwwlaccos.com.br, em suas versões atuais.

Com os *softwares* R e IRAMUTEQ, baixados, instalados e atualizados, e a partir disso, estabelecidas automaticamente as interfaces entre si, estarão aptos a iniciar o processo de análise multidimensional do conteúdo a eles submetido, devidamente habilitados para desempenharem os recursos que disponibilizam para os pesquisadores-observadores. Em sua operacionalidade, o *Software* R apoiará, incondicionalmente, o *Software* IRAMUTEQ, lendo e analisando os dados a eles enviados (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Nesse ínterim, após as informações coletadas, estas serão exibidas na forma de resultado da ligação desta parceria em forma de aplicação. Além disso, o *Software* IRAMUTEQ, imediatamente após a abertura de um *corpus* ou de uma matriz de dados, criará um *dossiê* na mesma pasta em que o fichário foi aberto, que deverá ser referenciado com o nome do *corpus* _X, e nesse arquivo, ao final do processo de análise, estarão disponibilizados os resultados e opções das representações (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Nessa perspectiva, por ocasião da interface dos *Softwares* R e IRAMUTEQ, o pesquisador-observador terá a possibilidade de mais de uma maneira de apresentação dos resultados, que receber ao final das análises, mediante a análise fatorial de correspondência, quando executada na Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (FERNANDES, 2014).

Entretanto, por estar representada entremeio a palavras diferentes com variáveis associadas a cada uma das classes das CHDs, em plano cartesiano diferenciado, estará suscetível de

recuperação, no *corpus* original dos segmentos de texto, o contexto de palavras com estatísticas concisas, bem como significativas.

Quando o *Software* IRAMUTEQ proceder às análises lexicais clássicas, ele se sujeitará a identificar, reformatando as unidades de texto, subdividindo as Unidades de Contexto Iniciais (UCIs) em Unidades de Contexto Elementares (UCEs) (RATINAUD, 2009). Nesse sentido, o *Software* IRAMUTEQ apresentar-se-á eficientemente situações, tais como a identificação sobre a quantidade de palavras analisadas; o cálculo da frequência média, bem como o número de *hapax* (palavras com frequência um); a execução e realização de averiguações de palavras nos vocabulários de que dispõe; a redução de sentenças com base em suas raízes (lematização), permitindo ao pesquisador domínio acerca de sua elaboração própria de um dicionário de expressões reduzidas, igualmente identificadas, como formas ativas e/ou suplementares (RATINAUD, 2009).

Na Análise de Especificidades (AE), o *Software* IRAMUTEQ dispõe de várias possibilidades de realização direta sobre associações de textos existentes num determinado banco de dados, com harmonia e singularidade. Dessa maneira, o *Software* IRAMUTEQ concederá controle para o pesquisador-observador, a fim de que este se torne o observador direto dos contrastes variados, constantes no *corpus*, considere, inclusive, sua liberdade para o manejo de suas escolhas, dividindo-as, classificando-as, refazendo-as, sem perda da qualidade dos futuros resultados, quantas vezes forem necessárias (FERNANDES, 2014).

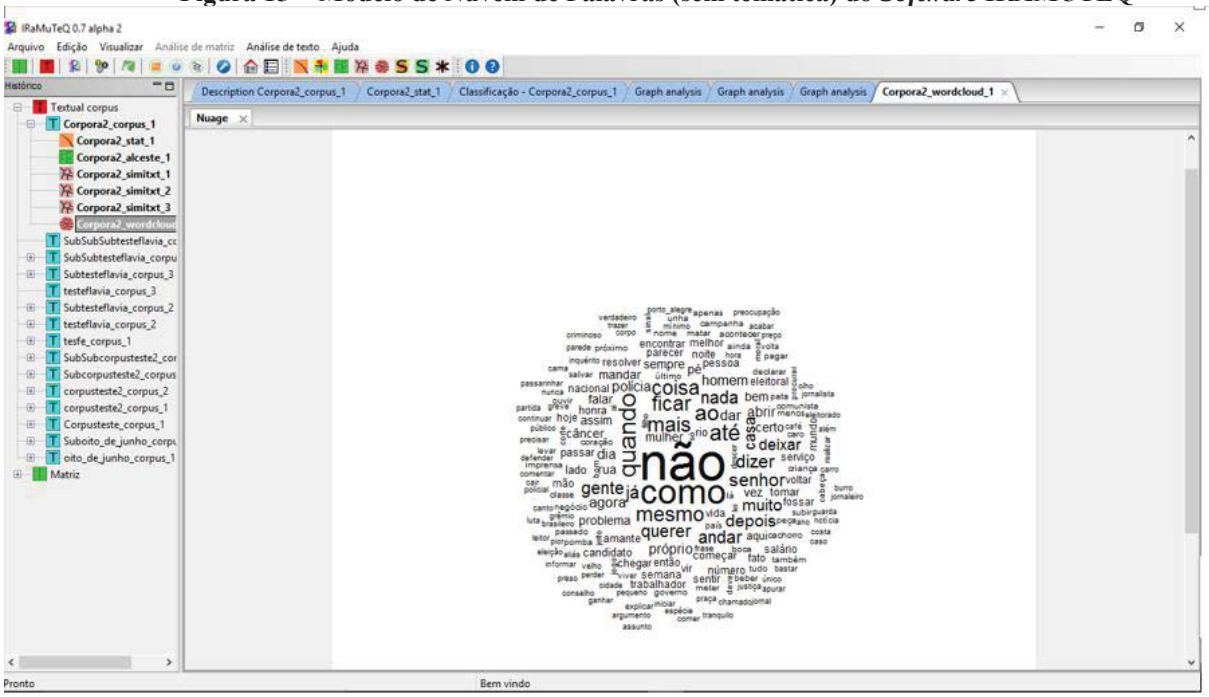
Entrementes ao Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), proposto por Max Reinert no ALCESTE, e preservado integralmente na composição do IRAMUTEQ, a realização e classificação dos segmentos de texto, devidamente dispostos e categorizados em seus peculiares vocabulários, até mesmo considerando o conjunto deles subdivididos em suportes de frequência das formas lematizadas, propenderão à obtenção das UCEs, diferenciando-as das demais, rigorosamente, pela existência e consistência de seus vocabulários (CAMARGO; JUSTO, 2013).

No preceito que trata sobre a Nuvem de Palavras (NP), outro recurso fornecido pelo *Software* IRAMUTEQ, planejado para agrupar e organizar graficamente a frequência das palavras, a proposta de seu uso faz-se além de uma efetiva análise lexical das mais simples, assumindo, quando solicitado, esquematizadamente, uma interessante disposição gráfico-estética que possibilita, rapidamente, a identificação das palavras-chave de um determinado

corpus ou de vários *corpora* , permitindo que o pesquisador-observador brinque com sua criatividade e agrade ao leitor, quando este observar o resultado, que não satisfará apenas aos

olhos, mas, também, à inventividade e à continuidade de criação (FERNANDES, 2014).

Figura 15 - Modelo de Nuvem de Palavras (sem temática) do *Software* IRAMUTEQ

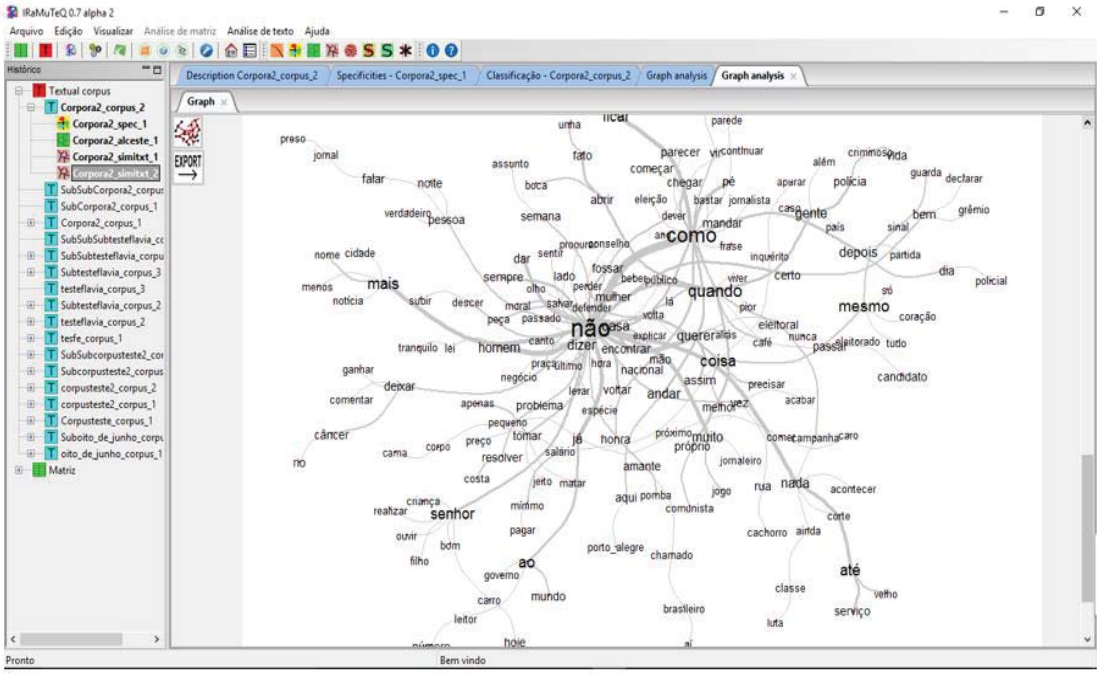


Fonte: Elaborada pela autora

Se, a escolha for pelas Análises de Similitude (ASs), estas se encarregarão de fornecer resultados embasados pela Teoria dos Grafos[5]. Por sua vez, apesar dos resultados demonstrados por elas serem atrativos, várias identificações de co-ocorrências entre palavras e efeitos são generosamente postas à disponibilidade do observador, instigando-o a modificar os pontos de direcionamento das análises, com o intuito de sublimá-las (FERNANDES, 2014).

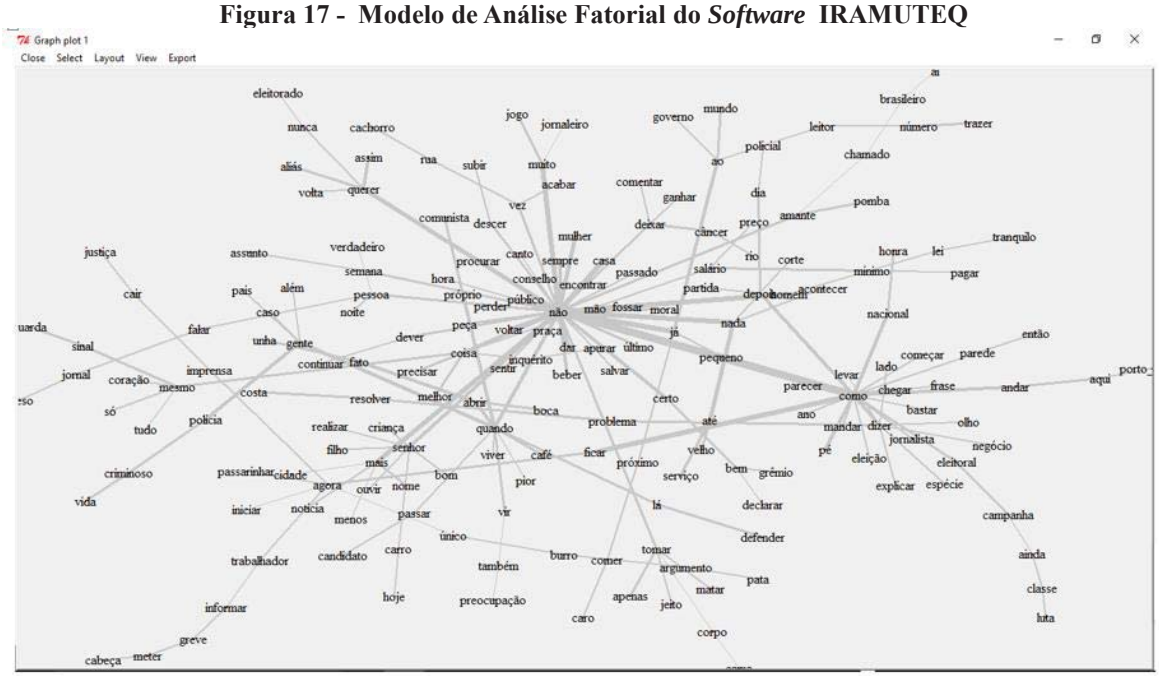
[5] A Teoria dos Grafos aprofunda seus estudos sobre objetos combinatórios — os grafos — modelo para muitos problemas nos vários ramos da matemática, informática, engenharia e indústria. Diversas questões sobre grafos tornaram-se célebres por demonstrarem interessante desafio intelectual, inclusive importantes aplicações práticas (LUCCHESI, 2000).

Figura 16 - Modelo de Análise de Similitude do *Software* IRAMUTEQ



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 17 - Modelo de Análise Fatorial do *Software* IRAMUTEQ



Fonte: Elaborado pela autora

Nas análises textuais realizadas pelo *Software* IRAMUTEQ, ao final do processo são propostos indicadores de conexidade entre as palavras. Tal recurso facilita e auxilia na

identificação da estrutura do *corpus* textual. De igual forma, as ASs, resultantes da execução de um *corpus,* ou vários *corpora*, distinguem-se das especificidades ilustrativas de determinadas palavras no conteúdo analisado (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O *Software* IRAMUTEQ requer, até agora, que o *corpus* ou *corpora* criados com o intuito de obter resultados diversificados, em análises textuais dentro da proposta IRAMUTEQ, SEJA realizada a junção das temáticas simples ou várias delas em, apenas, um arquivo de texto no formato de base *txt. O documento de texto deverá ser preparado, utilizando-se o aplicativo OpenOffice.org ou LibreOffice e seus recursos e ferramentas, de fonte aberta e livre, disponível para *download*, na *Internet,* no *site* https://www.openoffice.org/pt-br/ , e tal indicação deverá ser seguida a fim de evitar *bugs* na codificação do processo das análises, devido à disposição das tabelas sinalizadas por linhas de palavras, colunas, e planilhas em forma de bancos de dados, planejados a partir de testes de evocações (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Cabe, aqui, a ressalva acerca da palavra texto direcionar-se à representação do conteúdo, para análise, estar presente em entrevista, artigo, capítulo de livros ou outro documento transcrito nos idiomas, aceitáveis pelo *Software* IRAMUTEQ, para a realização das análises. Devemos considerar, também, que o mesmo *corpus* poderá incluir um ou mais textos, sem quantidade estipulada, "porém, obrigatoriamente, deverá a análise conter no mínimo um" (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 22).

Por esse ângulo, o IRAMUTEQ proporcionará "o desenvolvimento de técnicas de análise de dados as quais enriquecem e beneficiam pesquisas justificando sua utilização", (RATINAUD, 2009, p. 22), além da demonstração inovadora que este instrumento conferir à análise dos discursos. Também, incumbe-se o Software IRAMUTEQ acerca da proposição do conjunto de estatísticas e utilitários "auxiliar a descrição de análises de *corpus* de textos e de matrizes de dados do tipo indivíduos/caracteres possibilitando o pesquisador efetivar registos de dados em forma de tabelas de contingência" (RATINAUD, 2009, p. 23).

Na maioria das vezes, as análises propostas pelo *Software* IRAMUTEQ diferenciam-se por formas completas ou formas ativas, além de palavras com maior disponibilidade no texto, assim como sua constante identificação com formas complementares (CAMARGO; JUSTO, 2013). No entanto, "apenas formas ativas interagirão em determinadas análises e classificações" (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 33). Ao ser escolhido o ícone *préférences,*

“acederemos a um *menu* que nos permitirá alterarmos os valores ativos e suplementares, eliminando diferentes tipos gramaticais de acordo com nossas necessidades” (CAMARGO;

JUSTO, 2013, p. 24).

Para Fernandes (2014), acerca do manejo do *Software* IRAMUTEQ, é de extrema relevância o conhecimento dos recursos disponibilizados por ele, em especial daqueles referentes ao processamento dos dados a serem obtidos, a partir de um resultado de análise. À vista disso, ressalta que a recuperação do material analisado, bem como o método de pesquisa escolhido para a realização do estudo, com os recursos do *Software* IRAMUTEQ, disponibilizarão importantes contribuições aos estudos que envolverem dados textuais, tendo em vista que o processamento de dados, ocasionado por ele, viabilizará o aprimoramento constante das análises, colocando-se de maneira independente, inclusive para grandes volumes de conteúdo nos textos.

Relembrando o início do século XX, reportamo-nos à técnica clássica de análise de materiais textuais, quando foi marcada pela análise de materiais jornalísticos que abriram espaço às demais áreas do conhecimento, justamente por se tratar de uma análise que, desde aquele período, requeria uma técnica que a descrevesse objetiva, sistemática e quantitativamente. Em meados da década de 1970, a técnica adquiriu espaço e requereu demasiada amplitude, alcançando, dessa forma, outras áreas como a Ciências Humanas e Sociais, as quais também necessitavam de dados qualitativos confiáveis.

Consideravelmente, as pesquisas qualitativas são empregadas na forma de análises textuais, seja para textos já escritos, ou ainda para reproduzir material referente a questionários e entrevistas que necessitem de maior compreensão acerca dos seus dados, exigindo um rigoroso entendimento das informações obtidas por parte do observador. Ao tomar por base “a análise textual consistir em observar, estudar, decompor, dissecar e dividir o texto com a finalidade de interpretá-lo” (KRONEMBERGER; WAGNER, 2002, p. 39), far-se-á uso dos elementos-chave, propostos pelo autor do texto, que foi submetido à observação, a fim de garantir seu entendimento, considerando-se esses mesmos elementos, essenciais para a qualidade da interpretação do conteúdo. A partir dessa forma de absorção, prevalecerá, para o leitor, o conjunto fundamental de ideias, ou, apenas, a ideia principal do texto, que hierarquizarão o conteúdo pelo qual os textos se identificam e se sustentam.

Partindo do pressuposto de que todo texto permite ser lido e interpretado, não havendo uma única leitura objetiva, percebe-se que ao ser lido, o submetemo-lo à imediata discussão dos dados obtidos, quando este estiver vinculado ao desejo da análise qualitativa. É necessário

preservar a relação de cumplicidade entre leitura e significação, tendo por base que o texto possibilita sua consideração como objeto em seu significante, anulando qualquer possibilidade

de ser visto por seu significado, assim como autoriza a ser multiplicadamente lido em função das intenções dos autores como referência teórica da categoria semântica na qual estiver inserido (NASCIMENTO; MEANDRO, 2006).

Nesse contexto, considera-se análise textual, em especial aquela direcionada a dados qualitativos, quando exigir observação criteriosa de resultados, especialmente a análise do material verbal transcrito, quando corresponder à produção do texto em diferentes condições, entre elas a originalidade da escrita, entrevistas, questionários, redações, particularmente aquelas utilizadas tradicionalmente nas Ciências Humanas e Sociais (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006).

A análise textual qualitativa propiciará ao leitor, parcial ou totalmente, a reprodução de uma determinada matéria planejada, de forma individual ou coletiva, originada por um ou mais autores que as tenham direcionado para observância. O texto, quando submetido a uma profunda compreensão, propõe interpretações semelhantes, porém variadas e repletas de múltiplas significações e sentidos, tendo em vista que elaborar logicidades também é uma das fortes características das análises textuais qualitativas (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006).

A análise textual qualitativa pode ser entendida, também, como a compreensão de um conjunto de pressupostos que se relacionam com a leitura dos textos que são apreciados, e o material analisado será o agrupado de significantes que receberá significado atribuído por seu observador. Dessa forma, também haverá comunicação acerca dos sentidos e significados propostos pela observância do texto, especificamente, visto que a análise textual, quando qualitativa e direcionada a aprofundadas compreensões, determina, indispensavelmente, intenso envolvimento do seu pesquisador em relação às informações do *corpus* da observação. Exigirá, entretanto, interação aprofundada entre o observador e os elementos analíticos do processo, uma vez que, somente dessa forma, a posterior leitura e interpretação dos dados recebidos da análise tornar-se-ão pertinentes ao documento intencionado (MORAES, 2009).

Efetuar uma análise rigorosa é ultrapassar o superficial e seguir muito além do exercício da leitura, favorecendo um construir de inovadas compreensões e teorias fundamentadas em informações adquiridas pela exploração diversificada de significados que possibilitam sua base num conjunto de significantes. A partir dessa ação, por vezes exigente e trabalhosa, o observador explora significativamente as variadas perspectivas que os dados da análise

fornecerão, além de dispor, algumas vezes, de não apenas um foco de análise, mas variados focos na mesma análise. Formar-se-á, então, uma espécie de cadeia de interpretações textuais

que, a cada sentido proposto, será possível acrescer maior diversidade de situações e significados (MORAES, 2009).

Quando a análise textual qualitativa implicar rigorosa cuidadosa, pormenorizada e aprofundada observância sobre o material disposto no *corpus* ou *corpora,* deverá, necessariamente, ser submetida à ampla atenção com cuidados e exigências redobrados em relação à movimentação em cada uma das etapas componentes do processo de análise, desde a separação do conteúdo até seu isolamento em forma de frações significativas que disponibilizarão condições para posteriores interpretações sucintas e criativas, quando assim houver preferência por parte do observador da análise. A partir disso, o observador será capaz de estabelecer e identificar as relações entre as partes do texto e seu todo, sem desmerecer a base que constituiu o material analisado (MORAES, 2009).

Ao utilizarmos a análise textual qualitativa, apossamo-nos da ação que estabelece relações entre o conteúdo do texto e a compreensão da (s) ideia (s) que ele nos instiga a descobrir. Comparar e agrupar elementos semelhantes em um mesmo texto ou em vários, implicará seleções e definições categóricas que retornarão os elementos, ciclicamente, no sentido de construção de significados e, desta forma, aperfeiçoados sempre que necessitarem de rigor e precisão (MORAES, 2009). O indispensável e essencial em um processo de análise não será, necessariamente, a forma utilizada para sua produção, mas as possibilidades dessa representação e a maneira selecionada para tal, visando à transparência das informações contidas no texto, haja vista que as análises se diferenciam e incidem em objetivos e focos diferenciados; portanto, serão direcionadas e conduzidas respeitando suas particularidades.

De outro modo, uma dificuldade, senão a mais encontrada, em geral, pelos observadores, faz-se em relação aos procedimentos iniciais de submissão do texto a uma análise textual qualitativa, referente à validação e pertinência sobre o (s) objeto (s) da (s) análise (s) e seu (s) objetivo (s). Priorizá-los, para representar adequadamente as informações finais que a análise requerer, somente ocorrerá quando ambas as situações permanecerem unidas e em evidência durante todo o processo da observância à qual o texto foi destinado. Mantido o foco no (s) objeto (s) e em seu (s) objetivo (s), a qualidade de criação e de intenção do (s) autor (es) será atendida adequadamente e bem empregada quando chegar o momento de descrevê-los e interpretá-los. Além disso, o observador estará, também, apto a preservar a

homogeneidade da produção escrita entre texto (s) e autor (es), afastando-se do risco de embaralhá-los. Nada impede que uma mesma unidade de texto, ou várias deles, seja (m)

submetida (s) a diversas investidas observacionais textuais e qualitativas (MORAES, 2009).

Entretanto, é crucial que seja examinada e classificada, mantendo a mesma categoria reflexiva para que resulte, todas as vezes, munida de múltiplos sentidos, que não interfiram no contexto original do conteúdo (MORAES, 2009). Ter-se-á, portanto, para cada proposta de análise textual qualitativa, o desafio de exercitar uma dialética que se iniciará entre o todo e a parte, seguindo, rigorosamente, os limites impostos pela linguagem, especialmente quando envolver uma formalização acerca de produções escritas.

Condição singular para um processo de análise textual, quando na categoria qualitativa, é o papel da teoria, a qual reunirá, conjuntamente, conceitos, referenciais e suportes que ampararão as explicitações almejadas. Quando o pesquisador examinar, com base em seus conhecimentos tácitos, ou por teorias implícitas, um *corpus* ou *corpora,* deverá fazê-lo conscientemente, tendo em vista que, de algum modo, elas implicarão as informações adquiridas, assim como contribuirão para o aprimoramento do seu explorador. Nesse sentido, indispensavelmente, será exigido do pesquisador esforço construtivo que resulte positivo e favorável para andamento do processo de análise. Nesse ínterim, identificação, sentido e significação tornar-se-ão indispensáveis para a explicação do pesquisador, como para a compreensão do observador e posteriores intérpretes (MORAES, 2009).

Outrossim, para Moraes (2009), a análise textual qualitativa implica direcionar-se fenomenologicamente para o (s) objeto (s) investigado (s), assumindo a posição passiva, sem direcionamentos, permitindo que as ocorrências surjam e acarretem a valorização dos argumentos qualitativos daquilo que for provado a partir de argumentos fundamentados. Ao optar pela análise qualitativa, o pesquisador movimentar-se-á a partir da quantidade para a qualidade, usufruindo de explicações relativas às compreensões elaboradas. Então, ao pesquisar, assume-se o sentido de significar, elaborar e construir para compreender, o mais próximo possível, a complexidade.

De acordo com Moraes (2009), num primeiro momento da análise textual qualitativa, ocorre uma separação isolada de fragmentos de unidades de significados de maneira desorganizada e desconstruída. Em seguida, ocorre o inverso: o pesquisador estabelece relações e reúne semelhanças, a fim de construir uma determinada ordem para que, sintetizada, ocorra compreensão e expresse a visão do pesquisador sobre os significados e sentidos

percebidos.

Segundo a ideia original de Navarro e Diaz (2004), um dos objetivos da análise textual

qualitativa recorre à construção, por exemplo, de metatextos analíticos a partir de um conjunto de textos ou documentos que viabilizem sua expressão por meio do sentido. Esses metatextos são elaborados por ocasião de descrição e interpretação, porém representarão um agrupamento de compreensões e teorizações do conteúdo analisado e sua qualidade resultante da análise recairá, além da validade e confiabilidade, o comprometimento do pesquisador em posicionar-se como autor dos argumentos.

Variados tipos de textos poderão ser analisados desde que se enfatizem e diversifiquem sua descrição e posterior interpretação, tomando como ponto inicial a diversificação do (s) objetivo (s) da análise, alertando-se para que, ao estipular um texto em sua maioria descritivo, mantenha-se a maior proximidade possível do *corpus* de origem. Para os textos interpretativos, é preciso manter um maior distanciamento do material de origem para que, de maneira abstraída e teorizada, ele possa ser otimizado e detalhado. Seja qual for a escolha do pesquisador, a análise proporá, em sua produção textual, caracterizar-se incompleta e suscetível a críticas constantes, com o intuito de qualificá-la (NAVARRO; DIAZ, 2004).

É parte do processo da análise textual qualitativa, durante seu processo, ocorrer, recursivamente, a explicitação de significados que almejem alcançar uma maior e mais profunda compreensão pelo rigor e clareza, o que facultará às análises textuais qualitativas reiterar-se em meio ao processo da escrita, gradativamente, alcançando consideráveis produções (NAVARRO; DIAZ, 2004).

Ao longo da discussão sobre análise textual qualitativa, enfatizou-se que não apenas é preciso entender como, também, expressar algo que já se encontra contido nos textos originais, quando estes forem induzidos a uma nova roupagem compreensiva, por ocasião dos resultados dela obtidos. Validade e confiabilidade é o que se espera das análises textuais qualitativas. Dessa forma, será desafiador para o pesquisador realizar análises cada vez mais significativas, no intuito de captar a realidade em movimento na escrita do autor.

3.1 *SOFTWARE* ABBYY FineReader 12

Software planejado para reconhecer opticamente caracteres (OCR), além de converter documentos digitalizados, documentos em PDF, fotos digitais e arquivos de imagem nos mais diversos formatos, o ABBYY FineReader 12, com possibilidade de editar dados, tem sido

utilizado, constantemente, em demandas de grande porte nas Áreas da Saúde, governamental, financeira, *marketing*, logística, educação entre outras (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO

SOFTWARE ABBYY FINEREADER 12, 2014, p. 2).

Nesse sentido, optar-se-á por utilizá-lo na revisão ortográfica e textual das crônicas jornalísticas, com a finalidade de substituição da digitação de cada uma delas, inclusive pela exatidão dos resultados que o então *software* tem demonstrado, quando utilizado em outros segmentos, com volumosos materiais de observação para, somente após este procedimento, serem preparadas e submetidas ao *Software* IRAMUTEQ, para que as analise textualmente.

Em conformidade com o manual de instalação do ABBYY FineReader 1, na sequência ao acesso imediato aos seus recursos, assim que instalado e atualizado, apresenta diversas vantagens; entre elas: acesso rápido; suportável na maioria dos idiomas mundo afora; alta capacidade de verificação e ajuste de caracteres, com resultados precisos; intuitiva interface para com o usuário; reconhecimento imediato, com precisão, de fotos e documentos; armazenamento na nuvem de diversos formatos de gravação e armazenamentos e disponibilização de suporte técnico gratuito, para usuários registrados, sem acréscimo de custos (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO *SOFTWARE* ABBYY FINEREADER 12, 2014).

Para sua instalação, o *Software* ABBYY FineReader 12 requer requisitos básicos de *software* e *hardware,* como CPU de 32 bits (x86) ou 64 bits (x64) de 1 GHz, ou outro equipamento com maior rapidez; sistema operacional Microsoft Windows7, Microsoft Windows Vista, Microsoft Windows Server 2008, R2, Microsoft® Windows® Server 2003, Windows XP e Windows 10, desde que estes contenham interfaces traduzidas, necessárias ao suporte do idioma a que corresponderem; memória com capacidade de 1024 MB RAM; espaço em disco rígido, com capacidade para 700 MB, para a instalação recomendável do *software,* além de 700 MB para sua operação; placa de vídeo e monitor, com resolução mínima de 1024×768; teclado, *mouse* ou outro dispositivo direcionador e, para que o ABBYY FineReader 12 esteja apto a abrir arquivos em PDF ou imagens de documentos do Microsoft Word, Microsoft Excel e Microsoft Outlook, será crucial e indispensável que se possua o aplicativo correspondente ao Microsoft Office, instalado no sistema do equipamento que o suportará (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO *SOFTWARE* ABBYY FINEREADER 12, 2014).

Sua instalação, por meio de CD-ROM, deverá ocorrer em área local e, a qualquer momento da instalação, será possível contatar ajuda *on-line* para esclarecer eventuais dúvidas. Entretanto, o *Software* ABBYY FineReader 12 dispõe de rápida e simples instalação,

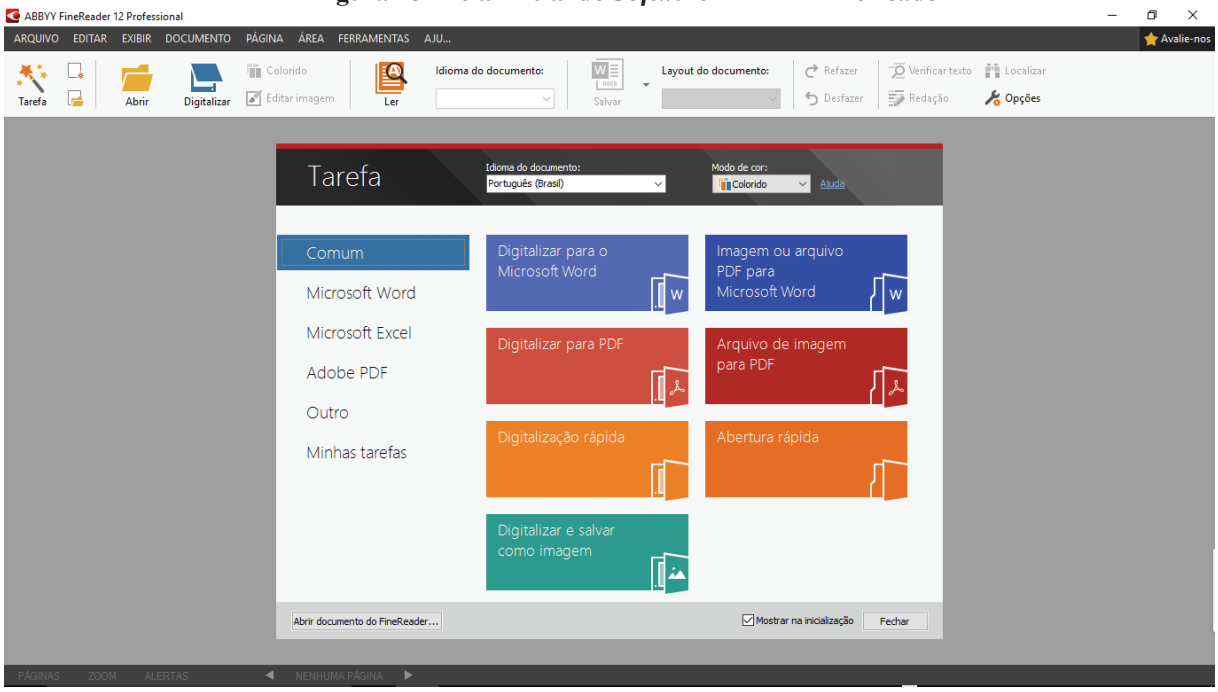
tornando-o prático e compreensível também para usuários leigos (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO *SOFTWARE* ABBYY FINEREADER 12, 2014).

É possível, ainda, copiar textos e tabelas dos documentos, bem como colá-los em outros aplicativos, sem perda de qualidade, ou informação. Os documentos, analisados pelo *Software* ABBYY FineReader 12, serão reconhecidos de acordo com cada página e imagem digitalizada por ele e, somente a partir de seu reconhecimento, poderão ser modificadas, convertidas e salvas para formatos editáveis (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO *SOFTWARE* ABBYY FINEREADER 12, 2014).

O processo de verificação de texto, realizado pelo *Software* ABBYY FineReader 12,ocorre de maneira simplificada. Ao ser incluído um determinado texto, para que ele o verifique- ortograficamente, caracteres desconhecidos, de baixa confiança, mal exibidos ou qualquer outro fator que impossibilite a leitura do *Software* ABBYY FineReader 12, imediatamente serão desconsiderados por ele, de forma destacada, em tom vermelho, possibilitando que o pesquisador-observador reveja e, caso haja necessidade e condições de reescrevê-lo, este(s) poderá(ão) ser reposicionados e considerados no salvamento final de cada um dos arquivos (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO *SOFTWARE* ABBYY FINEREADER 12, 2014).

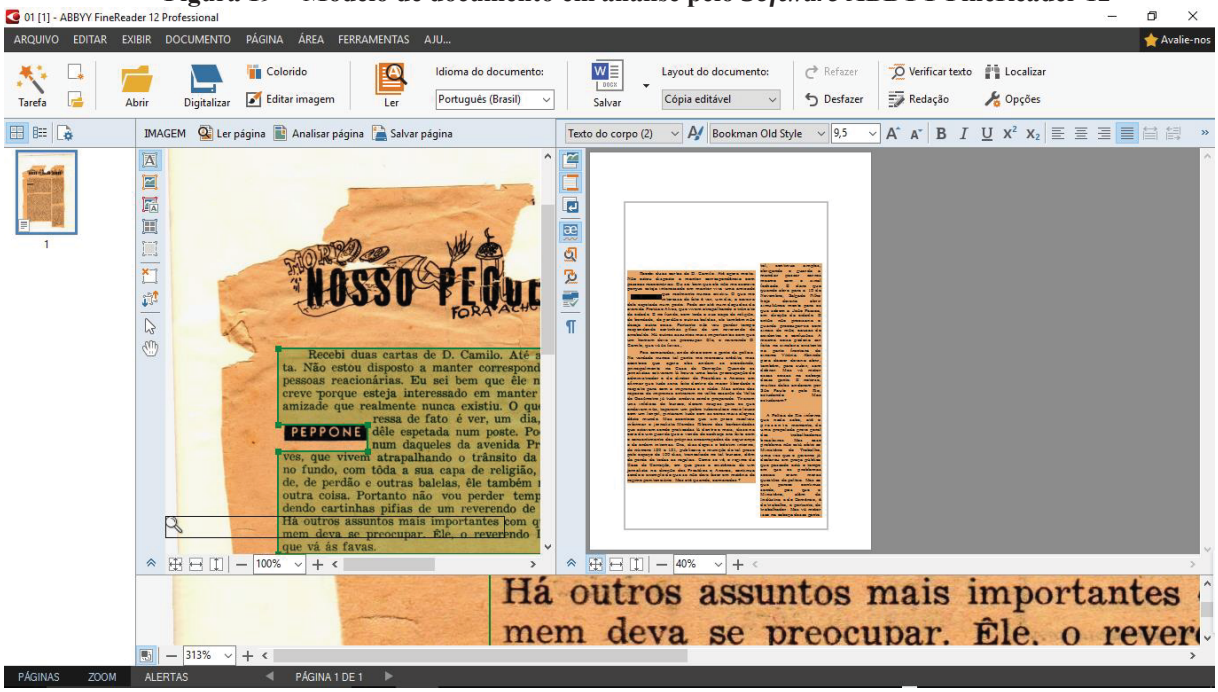
É permitido, também, que se altere a formatação dos documentos resultantes, a qualquer momento desejado pelo pesquisador-observador, com botões explicativos e fáceis de serem identificados na barra de ferramenta do *Software* ABBYY FineReader 12, inclusive, alterando estilos de exibição, sem prejudicar as propriedades principais do texto. Mesmo, ao serem salvos, após, havendo necessidade, poderão ser reeditados e remodelados, conforme a precisão do pesquisador-observador. Após, de acordo com a indispensabilidade do documento revisado pelo *software*, o conteúdo poderá ser copiado ou transferido para outra área de trabalho, sendo acrescido, ainda, em outro aplicativo que suporte a mesma colagem daquela área de transferência. Do contrário, haverá perda de dados ou, ainda, recusa de salvamento onde for desejado (MANUAL DE INSTALAÇÃO DO *SOFTWARE* ABBYY FINEREADER 12, 2014).

Figura 18 - Tela Inicial do *Software* ABBYY FineReader 12



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 19 - Modelo de documento em análise pelo *Software* ABBYY FineReader 12



Fonte: Elaborada pela autora

3.2 A IMPORTAÇÃO DOS *CORPORA*

Antes de se fazer uso dos recursos do *Software* IRAMUTEQ, na procedência de um *corpus* textual, esse deverá ser submetido a vários procedimentos para que não ocorram falhas, tampouco mensagens de erro. Abaixo, estão descritos os procedimentos que deverão ser utilizados para cada um dos *corpus* a serem submetidos à análise do *Software* IRAMUTEQ, antes das respectivas importações:

1. Escaneamento das 53 crônicas jornalísticas originais e salvamento em pastas criadas na área de trabalho.
2. Limpeza das crônicas, uma a uma, com o auxílio do *Software* ABBYY FineReader 12 - Versão Brasil, recurso para digitalização e Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) de reconhecimento de texto, além da conversão de imagem/texto e documentos, eliminando a necessidade de redigitação, reduzindo o custo e esforço de transformação dos documentos para informação editável e pesquisável.
3. Salvamento individual das crônicas em formato .odt, em suas correspondentes pastas, Dom Camilo ou Peppone, na área de trabalho que será de uso exclusivo para a futura importação ao *Software* IRAMUTEQ.

4. Transcrição dos arquivos/crônicas de cada uma das pastas, com correção individualizada de cada uma delas, a fim de criar um *corpora* para cada pseudônimo.
5. Para cada um dos *corpora*, o preparo em relação à correta e adequada montagem dos textos, para importação no *Software* IRAMUTEQ, deverá ser o mesmo.
6. Cada uma das crônicas será transcrita em documento de texto com formato txt no aplicativo OpenOffice.org (www.openoffice.org/) ou LibreOffice (http://pt-br.libreoffice.org/), sem justificar as páginas. Conforme o Tutorial de Instalação do *Software* IRAMUTEQ "[...] jamais abrir estes arquivos e qualquer outro gerado pelo *Software* IRAMUTEQ em aplicativos da MICROSOFT (Word, Excel, WordPad ou Bloco de Notas), pois eles

produzem bugs com o Unicode UTF-8, utilizado pelo *Software* IRAMUTEQ" (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 5).

7. Obrigatoriamente, será preciso a criação de linhas de comando para cada um dos textos (entrevistas, artigos, documentos ou respostas de questões) em apenas um mesmo arquivo, a fim de que o *Software* IRAMUTEQ as reconheça como um texto, e deverão iniciar sempre com asteriscos. Cabe ressaltar que, aqui, será utilizada, para separar os textos, a mesma linha de comando, modificando-se, apenas, o número sequencial do texto e seu nome. Os nomes a serem dados para os textos deverão ser pequenos e o mais reduzido possível. Exemplo de uma linha de comando simples:

   **** *Corpus_1_povo

   Digitar quatro asteriscos (sem espaço em branco antes deles), um espaço branco depois, um asterisco e a denominação Corpus, *underline*, número de sequência do texto no *corpora, underline* e o nome da variável.
8. Cada texto deverá ser revisado, antes dos passos seguintes, para que não contenha erros de digitação, ortografia, ou qualquer outro que possa indicar uma palavra diferente, esquisita, errada.
9. Em relação à pontuação, esta deverá ser observada. Os textos não deverão conter parágrafo nem travessões, tampouco reticências (por ocasião dos nós e tramas entre o uso correto das palavras).
10. Quando o pesquisador utilizar entrevistas ou questionários, as perguntas usadas, ou seja, o material verbal (intervenções, anotações), deverão ser supridas, não entrarão na análise.
11. Na limpeza dos *corpus* de cada *corpora,* deverão ser desconsiderados recursos em negrito, sublinhado e itálico das palavras, ou ainda qualquer outro semelhante.
12. Não deverá haver entradas de parágrafos.
13. Símbolos como parênteses, colchetes, chaves, hifens, aspas, apóstrofos, cifrões, percentagem e asteriscos deverão ser desconsiderados (este último é utilizado apenas na montagem das linhas de comando).
14. Endereços eletrônicos e indicações via *links* não poderão fazer parte dos

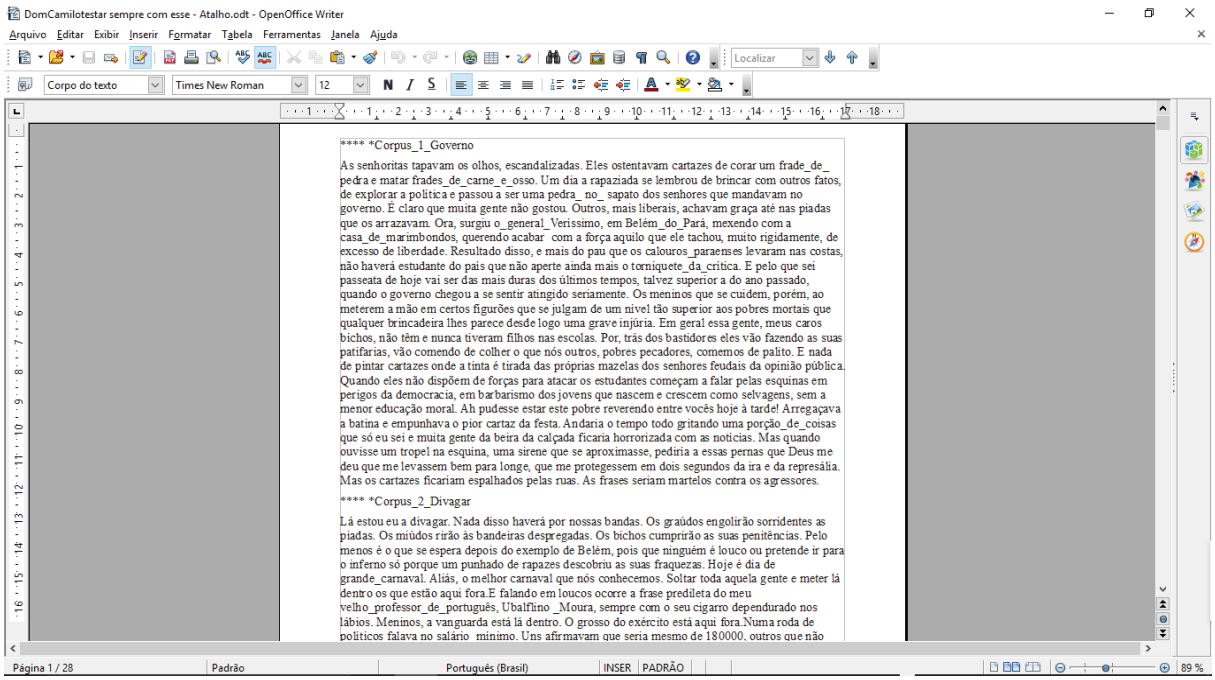
textos que serão submetidos às análises pelos *Software* IRAMUTEQ.

15. Preferencialmente, quando se tratar de siglas, que estas sigam uma

uniformidade: ou todas abreviadas ou todas por extenso.
Exemplo: pm ou prefeitura_municipal

16. As sentenças quando compostas por hifens, ao serem digitadas de igual forma nos textos para análise do *software* em questão, serão entendidas como duas. Elas deverão estar unidas por *underline* caso o pesquisador precise que elas sejam assim analisadas. Exemplo: alto-mar, será alto_mar.
17. Deverá ocorrer a substituição de ênclises e mesóclises por próclises, tendo em vista que o dicionário disponível no *Software* IRAMUTEQ não apresenta, ainda, flexões verbo-pronominais. Exemplo: No lugar de *coloquei-me* a escrita deverá ser "me coloquei".
18. Em relação aos numerais, deverão manter-se na forma algarísmica. Exemplo: Ao invés de quarenta e cinco mil, deverá ser usado 45000 (sem pontos, vírgulas e afins).
19. Cada um dos arquivos (*corpus* ou *corpora*), preparados no *Software* IRAMUTEQ, deverão ser salvos em uma nova pasta originada no *desktop* do computador, e servirão tão somente para as análises, com texto curto, codificado e simplificado. Exemplo: nome_do_corpus.txt .
20. Ao proceder esse salvamento, aparecerá, no OpenOffice.org, a opção e, nesta mesma janela, conjunto de caracteres e quebra de parágrafo, sendo selecionados para Unicode-UTF-8 e LF.
21. Após o preparo do *corpus* ou *corpora,* o pesquisador deverá realizar nova verificação sobre se, os itens acima descritos, estarão todos devidamente empregados, a fim de evitar erros. Cabendo ressaltar que o *Software* IRAMUTEQ não possui recursos que o auxiliem na verificação do correto encaminhamento dos procedimentos necessários acima elencados. Caberá ao pesquisador verificar o emprego correto e adequado do passo-a-passo, para não receber a mensagem de erro de codificação, que acarretará a não análise pelo então *Software* IRAMUTEQ.
22. A seguir, exemplo de parte do *corpora* Dom Camilo, a ser utilizado na proposta desta dissertação de Mestrado:

Figura 20 - Modelo de *Corpora* elaborado para esta pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora

Os *softwares*, como anteriormente mencionado, em determinadas situações, levam seu pesquisador a confundi-los com o método da pesquisa. Ademais, não são eles que garantirão o processo de análise de dados; porém, desempenharão seu papel na forma de ferramentas viáveis para que a exploração das informações seja transparente e fidedigna, assegurando, assim, o resultado esperado pelo pesquisador.

Cabe ressaltar serem as palavras, em seu contexto, responsáveis pelo sentido a se obter nas análises qualitativas e, para que haja esta apreensão significativa em seu completo teor ou, ainda, o mais próximo dele possível, será, necessariamente fundamental, a intervenção e interpretação do pesquisador, desde o princípio da transcrição de informações. De outra maneira, os dados presentes tornar-se-ão, em sua forma de apresentação, mínimos ao pesquisador, prejudicando-o no decorrer de todas as etapas do processo de observação das análises.

Expandir e aproveitar da melhor maneira possível talento e potencial da sua escrita, era uma constante preocupação do jornalista e escritor Josué Guimarães. Cotidianamente existia, também, uma consciência crescente na tentativa de solução para problemas e dificuldades sociais, enfrentados diariamente pela sociedade daquele período. No capítulo a seguir,

demonstraremos como Josué Guimarães soube aproveitar o que existiu de melhor em seus

recursos, tanto humanos como profissionais, para perpetuar como um dos mais consideráveis escritores literários, preocupado o cultivo da imaginação e a atividade criadora.

4 JOSUÉ: A CRÔNICA E AS VOZES

De origem grega *khronos*, crônica, a palavra, nos sugere a ideia de tempo e, dessa forma, resgatar naturalmente em palavras, fatos do passado, presente e futuro, inclusive retoma a história por meio de registros de simples atitudes da humanidade. Na crônica, o que realmente se torna relevante é a brevidade do instante em que a narrativa dos fatos ocorre, relatados de maneira livre e pessoal pelo autor, acerca de temas políticos, esportivos, sociais, entre outros sabiamente organizados, retratando o cotidiano e a atualidade que, por vezes, escapam da nossa atenção.

Em vários momentos este gênero textual transformou-se acompanhando a evolução dos sujeitos. No início, na Idade Média e no Renascimento, quando ainda no formato de cronicões que percorriam toda a Europa, com seu caráter de relatos históricos escritos em latim e, mais tarde, em línguas vulgares, deu origem, provavelmente, a partir daí, ao estilo coloquial da crônica, como hoje em dia é conhecida.

Cabe aqui ressaltar aquele que talvez corresponda, manuscritamente, ao maior e mais instigante de todos os melhores exemplos dos primeiros trechos do gênero crônica sobre fatos e acontecimentos: a Carta de Pero Vaz de Caminha, escrita de 26 de abril a 02 de maio de 1500, pelo próprio, em Porto Seguro, num total de 27 páginas, a qual celebrava, ricamente, os detalhes do achamento[6] do Brasil. Gaspar Lemos, responsável por entregar em mãos para o El-Rei D. Manuel o documento, teve a missão de zelar pelo escrito, com sua vida, se preciso fosse até deixá-lo em seu real destino. O documento, que confirmava a descoberta de um novo descobrimento aos espanhóis, por décadas esteve guardado na Secretaria de Estado, seguindo, após muitos anos, para o Arquivo Nacional, localizado na Torre do Tombo do Castelo de Lisboa, ficando por lá, esquecidamente, pelos próximos séculos da história. O documento recebeu seu devido reconhecimento, de particular importância para o Brasil, em 1822, após a Independência do país. Anteriormente, o narrador era o centro das atenções da crônica, quando delineava fatos e feitos da humanidade, escrevendo tão somente o corriqueiro e o trivial (BENJAMIM, 2014).

[6] A título de curiosidade, é oportuno destacar, por exemplo, termos do português utilizados naquela época, muito distante do que atualmente conhecemos, que lembravam os sons e os significados de algumas palavras, estando em desuso nos atuais dias, no caso, aqui, a expressão "achamento", utilizada no século XVI, substituída por "descobrimento", expressão conhecida atualmente (BRAGA, 1997, p. 34).

No entanto, em virtude do desenvolvimento da imprensa, em meados do século XIX, o Romantismo encarregou-se de proporcionar mais mudanças ao gênero textual da crônica colocando-a, desta vez, em seção de destaque, em formato de comentários sobre os principais acontecimentos semanais da sociedade, possibilitando ao cronista agir e posicionar-se mais nas considerações que ela detinha e, desta forma, a crônica, por meio dos cronistas, transitava, oscilando entre jornalismo e literatura, com afinco e dedicação (CÂNDIDO, 2006).

Prolífico escritor, jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, conhecido por um dos seus pseudônimos de maior importância em sua carreira, João do Rio, criado por ele para assinar o artigo *O Brasil que lê* , publicado no Jornal a Gazeta de Notícias, em 26 de novembro de 1903, responsável por consagrá-lo no universo da escrita por suas preferências literárias, todas ao encontro da preferência do leitor carioca, foi quem transpôs, definitivamente, o caráter social das ruas e do seu tempo para suas crônicas, criando, desta forma, a crônica urbana. Nelas, o renomado escritor apreendia o espaço e o tempo em sua multiplicidade, denunciando conflitos sociais, relatando impactos importantes da modernidade de sua época, levando, assim, a leitura para seus receptores, por meio do espetáculo da vida cotidiana que ocupava considerável espaço nas ruas, de uma maneira profissionalizante (CÂNDIDO, 2006).

No início do século XX, o exercício do jornalismo e da literatura era percebido pelos mais intelectuais como migalhas para os escritores, ou ainda, como os tradicionais bicos da escrita, atividade considerada menor e que correspondia àqueles que possuíam muitas horas vagas, tempo disponível, especialmente pelos profissionais das esferas públicas da época (CÂNDIDO, 2006). João do Rio teria descoberto uma estratégia que inflacionava seus escritos, assim considerados por muitos. Diziam, em suas críticas e afirmações, que o escritor, de curta vida e carreira, porém repletas de afirmações e consideráveis êxitos, que seus textos, após uma enorme seleção, demonstravam, claramente, possuir unidade entre si, concordando com um determinado título geral, previamente justificado que, dele originavam-se sempre os demais (CÂNDIDO, 2006).

Suas narrativas descompromissadas, adicionadas à subjetividade do autor, resultavam no prazer pela leitura, determinando-as como um instrumento moderno de informação, adaptável para a época, sempre em constante atualização. A crônica, neste sentido, possibilitava manifestações duradouras, inclusive, transitando, mais tarde, pelas diversas mídias, interagindo com os novos perfis de leitores, com leveza e diversidade de temas que a mantém, até

o cotidiano da atualidade, apresentável e superior em quantidade e qualidade informacional.

De acordo com Cândido (2006, p. 21),

> [...] no Brasil, ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que, sob vários aspectos, é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que se desenvolveu. A crônica cresceu consideravelmente no ambiente literário, por ter assumido sua personalidade, revestindo-se da cor nacional, tomando-se um dos gêneros que tem mais características brasileiras no estilo, na língua, nos assuntos.

Gênero textual que convive com a diversidade de posicionamentos, em perfeita sintonia com escritores de várias épocas, perpassa a ideia de hibridização. Percebemos, por meio dela, sua fidelidade à narração dos assuntos abordados, continuando vinculada à obediência cronológica do tempo/espaço, porém ambos também vivenciados e denominadas suas impressões e expectativas também pelo cronista, não se permitindo ser negligenciada, por ser um produto evoluído que transmite a palavra, outrora e sempre, convivendo com muitas transformações (CÂNDIDO, 2006).

Para Veríssimo (2000), a noção temporal está muito presente, não somente na etimologia da palavra crônica, mas em todas as suas modalidades, plurissignificando-a de várias maneiras, que a faz, desde sua origem, um recurso da memória do tempo que registra e representa a vida escoada em acontecimentos.

Segundo Veríssimo (2000, p. 13),

> [...] a discussão sobre o que é crônica é que ela é quase tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha. Se um texto é crônica, conto ou outra coisa, interessa aos estudiosos da literatura, assim como se o que nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha interessa a zoólogos, geneticistas historiadores e (suponho) ao galo, mas não deve preocupar nem o produtor nem o consumidor. Nem a mim nem a você. [..] grande parte desses escritores tem na crônica um meio de subsistência.

Em outras épocas, a crônica apresentou altos e baixos, demonstrando, inclusive, estar desacreditada, desmerecida. Os tempos se modificaram e com eles a percepção dos escritores também se aguçou e, assim, colocaram-na no patamar que atualmente ocupa, em lugar de destaque, especialmente em jornais, dissipando-se por várias seções, por intermédio da escrita de cronistas diferentes e muito singulares na escolha dos assuntos a serem exaltados por ela (CÂNDIDO, 2006).

Dessa forma, ressalta-se ainda mais, a importância da crônica, não apenas no cenário

das notícias brasileiras, inclusive nos ramos jornalísticos e, especialmente, na literatura. Convém aqui ressaltar que a crônica tem acompanhado muitos escritores renomados na missão de encantar leitores, contribuindo, consideravelmente, para a consagração daqueles que dela se utilizaram ao longo da história (CÂNDIDO, 2006).

A crônica vivenciou várias modificações ao longo da sua existência, nos últimos séculos, reforçando sua hibridez e sua natureza reflexiva e humorística. Não apenas utilizada pela televisão, o cinema e o teatro brasileiro, o universo digital recorreu e cedeu aos seus encantos para estampar as novas preferências contemporâneas de leitura. Com o despontar do século XX, a crônica adquiriu feições muito particulares, adaptando-se ao estilo e ao gosto do leitor do momento. Nela, suas características próprias despontavam, uma após uma, por intermédio da criatividade e do *feeling* dos escritores do meio intelectual. Nomes considerados como José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, serviram de inspiração para outros tantos que surgiram posteriormente, como Clarice Lispector, Érico Veríssimo, Josué Guimarães, entre outros. O escritor José de Alencar, por exemplo, refinou a escrita cronista com seu requinte de opiniões e constatações; Machado de Assis, de inconfundível estilo, com seus diálogos, ironias, galhofas e humor para com os mais variados assuntos, delineava fatos e histórias com total perspicácia e maestria (KIEFER, 2010).

Consoante Kiefer (2010, p. 26),

> [...] A crônica, desde o seu surgimento histórico, adquiriu mais significância no âmbito literário por seus exemplos de utilização, indo dos nobres, em seus registros genealógicos elaborados por narrativas destacáveis que ocuparam singular espaço para relatos transmitidos de geração em geração, adaptando-se perfeitamente nos dias modernos inovados pela chegada da tecnologia. Prova disto, são, por exemplo, os livros de linhagem. Registros genealógicos das famílias nobres, responsáveis por eternizar palavras em destaque sobre relatos históricos transmitidos a partir da perspectiva da nobiliarquia, utilizando-se de recursos fictícios, no intuito de enaltecer e engradecer a família retratada. Esses episódios ficcionais consistiam, por vezes, na descrição de lendas, em que os feitos heroicos eram atribuídos a membros da família em questão. Por esse enfoque, percebe-se que o conteúdo histórico se dilui, prevalecendo o aspecto literário. Uma compilação literária e sociologicamente considerada mais válida foi a Crônica Geral de 1344, que resultou do empenho de Afonso X de Castela. Ao estimular o registro escrito de lendas e tradições oralmente passadas de geração em geração, ele fez acentuar ainda mais o pendor cultural da corte de Toledo, já conhecida como um grande centro de divulgação da poesia trovadoresca. Em Portugal, é o rei D. Duarte que vai dar o primeiro grande passo na criação de uma verdadeira historiografia, quando, no ano da sua subida ao trono (1434), decide incumbir Fernão Lopes (1380 - 1459), o guarda-mor da Torre do Tombo e escrivão de D. João I, de elaborar as histórias dos últimos reis que o tinham antecedido. Desse modo, encarrega-o de redigir as crônicas de D. Pedro I, D. Fernando e D. João I. Fernão Lopes desempenha essa tarefa com um brilho literário e um rigor histórico impressionante. Usando uma linguagem em que o movimento, a visualidade e a coloquialidade combinam com a dramaticidade dos eventos narrados, o

> primeiro historiador português mostra grande preocupação com a consulta de documentos, elaborando textos em que a imparcialidade e o espírito de independência dominam os fatos mencionados. As grandes transformações sociais e políticas são, para Fernão Lopes, obra do povo e não dos monarcas ou dos nobres, e ele crítica os governantes como, por exemplo, D. João I, pai do monarca, que lhe havia concedido o posto de cronista-mor do reino.

Com base narrativa curta ou condensada, pitoresca, atual ou até imaginária, captadora dos fragmentos da vida, dotada de amplitude e variedade temática, poética ou coloquial, correspondendo ao gênero breve que relata com perspicácia o dia a dia, transita com referencialidade e subjetividade ao confrontar notícias com personagens reais ou fictícios, que em determinados momentos, nos apontam, até, modelos humanos, adquirindo caráter de hibridez, por ter, a crônica, acompanhado mutações conceituais literárias que se fundiram, elaborando inovadores paradigmas (QUIROGA, 2009).

Na escrita cronista há, de certa forma, uma dinâmica de inclusão e exclusão de ideias e pensamentos por parte do seu autor que se encarregam de incitar o leitor, descobri-las. Horácio Quiroga (2009), ao elaborar sua obra *Decálogo do perfeito contista*, soube, com maestria expor, de maneira muito simples o ato de se compreender o diferente. Para o escritor, o dissidente é algo perigoso, pois apresenta, às vezes, muitas alternativas bem melhores do que o já estabelecido. Por isso, segundo ele, na grande maioria das vezes, é necessário suprimir, esconder, banir, para que o leitor se deleite com os fatos. “Não comeces a escrever sem saber desde a primeira palavra aonde queres chegar. Em uma escrita bem-feito, as três primeiras linhas têm quase a mesma importância das três últimas” (QUIROGA, 2009, p. 35).

Observamos, desta forma, que ao final, para a maioria dos grandes escritores, o fator surpreendente final, costuma ser um dos seus segredos, tendo em vista que as leituras mais prazerosas são aquelas que conduzem o leitor, por meio de uma desorientação agradável e cômica, até o entendimento final estipulado. Talvez, aqui, resida a característica fundamental da crônica: ela não pode deixar seu entendimento final disponibilizado à casualidade:

> [...] se quiseres expressar com exatidão uma circunstância lembre-se que não há na língua humana mais palavras que as apontadas para expressá-la. Uma vez dono de tuas palavras, não te preocupes em observar se apresentam consonância ou dissonância entre si. Apenas as escreva” (QUIROGA, 2009, p. 44).

Diferenciando-se por sua exatidão acerca da informação, a crônica ao relatar fatos dos mais simples aos mais complexos, independente de épocas, proporciona ao leitor um colorido emocional diante dos acontecimentos do seu cotidiano. Propõe, também, mostrar aos olhos dos seus leitores, situações variadas, comuns, vistas pelo ângulo singular de quem as decifra. A crônica, nesse sentido, preocupa-se com a capacidade do leitor dentre os mais variados assuntos tratados, em viabilizar a compreensão e a devida atenção aos acontecimentos que os ladrilham diariamente, tornando-os leitores protagonistas (QUIROGA, 2009).

Conforme Montagnie (1999, p. 29, grifos do autor):

> [...] crônica, estudada como gênero de fronteira, **está entre o histórico, o literário e o ensaio gênero híbrido situado,** entre a tensão, a função referencial e a função poética, comporta-se, inclusive, como o resultado da transformação de um fato real numa verdade recriada, ou então, um discurso de invenção que bebe 'da' e 'na' realidade. A crônica se aproxima do **familiar, informal, coloquial.** Modernamente, usa da palavra para perder sentido tradicional de tentativas e surge, então, num sentido oposto ao do original, chamado de sua relação com a palavra falada. A crônica herdou do ensaio, muitas das suas características, tais como: o individual, o curto, o direto, o interpretativo, o flexível, o livre. Permite maior liberdade no estilo, no assunto, no método, na exposição. Mostra uma reação humana diante da realidade.

Entre os limites da realidade e da ficção, feição do relato poético do real, situado na fronteira entre a informação da atualidade e a narração, a crônica tornou-se, ao longo dos anos, um dos gêneros mais apreciados pelas mídias brasileiras, tendo em vista, distinguir inteligentemente a literatura com o factual, mostrando-se habilmente para o leitor por meio de muitas maneiras, desde uma simples história, visitando poemas ou ainda, como sabiamente Machado de Assis pensou "certas regras para uso dos que frequentam bondes" (JÚNIOR, 2000, p. 19).

4.1 IRONIA: LINGUAGEM SALUTAR DA CRÔNICA

Tratar de algo que seja restrito, era como Platão se referia ao sarcasmo socrático que, para o filósofo, compunha a *priori* questões simples e ingênuas, apresentadas pelo mestre a seus discípulos e interlocutores, formadas por total ironia, levando seus colocutores, por vezes, a confusões e fraquezas de opinião, irritando e tornando-se, na grande maioria das vezes, ridículo. Ironia, a seu modo de entender, particularmente, empregava dissimuladamente palavras, com significados que se tornavam restritos.

Na Europa moderna, lentamente, o conceito de ironia transformou-se, e ao longo de aproximadamente dois séculos, foi comparada à linguagem que se firmou, inscrita pelos tratados da Retórica. Na transição do século XVIII para o século XIX, o termo ironia adquiriu outros, significados não se desfazendo por completo dos seus referenciais antigos, adquiridos por meio dos textos medievais. Desta maneira, a ironia firmou-se por duas naturezas em duplicidade: ora instrumental (alguém sendo irônico), ora observável (coisas vistas ou apresentadas como irônicas) (SCHLEGEL, 1997).

Em equivalência com Schlegel (1997), a Filosofia encarregou-se de ampliar os conceitos de ironia, mudando o foco da questão, para não mais falar apenas em alguém, um determinado sujeito, ser irônico, mas, também, que este mesmo sujeito fosse considerado vítima da ironia, por meio de manobras ágeis, visões sarcásticas, qualidades contraditórias, especialmente sobre relações humanas.

Ainda em conformidade com Schlegel (1997, p. 45-46), a ironia pode ser classificada em duas categorias:

> [,..] a ironia do universo que tem como vítima o homem ou o indivíduo, é radical. A ironia tornou-se aberta, dialética, paradoxal ou romântica. A ironia satírica é aquela mais próxima do estilo socrático, é um fenômeno muito mais geral, frequentemente deliberada e em suas intenções; faz julgamento negativo sobre o objeto satirizado, querendo sempre ferir ou menosprezar quando aparece em forma de deboche, da degradação do ser humano, depreciativa, vulgar e barata. A ironia cética, mais próxima da modernidade, tem um tom de rancor e marcas de crueldade, corrosiva ou diabólica.

A crítica que satiriza instituições ou pessoas, censurando males da sociedade e o comportamento dos indivíduos, em modalidade literária ou em tom narrativo, além de assemelhar-se muito à comédia, ao humor, ao burlesco e aos cognatos, apresenta-se, em determinados momentos, como atitudes ofensivas, mesmo se dissimuladas, pois seu poder de ataque é marca indiscutível, indelével, satisfatoriamente estabelecível, que não tem preocupação com a moralização, implicando, ainda, em estratégias de emprego de palavras que implícita e secundariamente, reposicionam a significação do atual contexto em que se encontrarem (DUBOIS, 1999).

Concordante com Dubois (1999),

> [...] a ironia, um desvio quanto à lógica da língua, um desprendimento do decurso do sentido e do enunciado em que ocorrem, enfim, encadeiam infrações que não atingem a estrutura do código verbal, tampouco alteram a coerência lógico-convencional da língua, porém denotam sentidos expressivos tradicionais aos seus usuários e receptores.

Afirmar algo diferente do que realmente se deseja comunicar, consistindo em não valorizar as palavras por completo, porém favorecendo a significância da arte de se dizer o que se pretende de maneira oposta é, também, uma das funções natas da ironia. Disfarçadamente, dizer o que se quer, trocando uma coisa por outra, na grande maioria das vezes, corresponde, por intermédio da sutileza, sinalizar a contrariedade dos fatos dentro de um determinado contexto (DUBOIS, 1999). Para ser aceito, tal disfarce precisa ser compreendido e interpretado pelo leitor, desde que o leve a criticar, refletir e pensar com humor, tomando extrema a relação entre o fato atribuído e o fato verdadeiro. Rir e ironizar corresponde a situar o leitor de maneira inversa, deixando claro para o receptor que, não necessariamente, a ironia corresponde a uma situação risível (DUBOIS, 1999).

Para tanto, não podemos confundir humor com ironia, uma vez que o primeiro valoriza o significante, investindo muito mais na enunciação do que no enunciado propriamente dito e o segundo necessita de elementos pragmáticos, de um determinado objeto a atingir, visando, primeiramente, o discurso, e como base, ampara-se em um jogo de linguagem e, somente assim e definitivamente se realiza, quando contata com a metalinguagem (DUBOIS, 1999). Neste caso, o leitor participa da leitura da crônica, desempenhando, conscientemente, o papel de jogador, fingindo, habilmente, autoconhecimento com uma dose de ignorância.

Cabe aqui fazer uso da contundente colocação de Veríssimo (2000, p. 77):

> [...] a ironia se expõe facilmente ao risco de ser mal-entendida, especialmente quando se reportar às convicções religiosas, política, conversas despretensiosas e também naquelas que querem denotar prestígio e têm como matéria-prima principal as relações humanas. Ironia e modernidade não são exatamente sinônimos, mas as duas palavras estão bem mais próximas do que se imagina. [...] a ironia é aquele movimento que faz a linguagem se suspender ou se negar, está no fundamento de todo período moderno e também na maioria das crônicas. [...] utilizada de maneira espirituosa, o humor fino e adequado em seus gracejos tem suscitado a realidade, por exemplo, do brasileiro, quando situada em um contexto estando em sintonia com certas características do leitor, sujeito propenso a rir dos seus problemas, da situação caótica, da política e de tantas outras coisas. A ironia é uma forma de entendimento, uma verdadeira atitude filosófica. Às vezes toma-se um caminho para a salvação de um mundo tenebroso, revela-se como forma positiva de relacionar-se com a vida.

Para o filósofo americano George Santayana (1999, p. 78), é preciso que se mostre a importância da ironia para a sociedade contemporânea, por meio do riso, o qual corresponde a forma de terapia, capaz de curar todo o negativo que, possa a ironia, destacar. Por meio da ironia vamos de encontro às possibilidades capazes de traduzirem ideais democráticos. A ironia, convive e conhece a tensão substancial da dinâmica da vida e do cotidiano, possuindo a

habilidade de extrair da notícia, fato simples, que aos olhos comuns, transcorreu despercebidamente. A ironia, então, materializa-se por meio de diálogos com os leitores. O escritor ao se utilizar do elemento ironia, inserido em sua crônica, recebe, de certa forma, a viabilidade de se desprender das incertezas amordaçantes.

O cronista, quando ironista, é quem estabelece uma relação irônica entre o dito e o não dito. Segundo a autora, ele, poderá, às vezes, não ter o sucesso que almeja em comunicar sua intenção, uma vez que a ironia transcende ao tropo ou à figura e define-se verdadeiramente como "uma estratégia discursiva que opera no nível da linguagem verbal ou de outras formas, como: a música, a arte visual etc." (HUTCHEON, 2000, p. 24). A partir da multiplicidade de significados, é preciso que consideremos, inclusive, a relevância do contexto, atitudes e expectativas do cronista para com seu leitor, quando este se utilizar da linguagem verbal escrita, para interagir com eles, uma vez que, semanticamente, ela "acontece e não simplesmente existe" (HUTCHEON, 2000, p. 26).

Como afirma, ainda, Hutcheon (2000, p. 30),

> [...] num contexto social /comunicativo - é algo que "acontece" mais do que algo que simplesmente existe. E ele acontece no discurso, no uso, no espaço dinâmico da interação de texto, contexto e interpretador (e às vezes, embora nem sempre, ironista intencional). Como uma resposta à extensa literatura - em vários campos, de linguística a psicologia, de retórica a crítica literária - que vê a ironia como uma inversão semântica direta (antífrase — ou dizer uma coisa e querer dizer o oposto) e logo como um instrumento retórico estático para ser usado. [...] a ironia é, em vez disso, um processo comunicativo.

Desse modo, a ironia se integra por completo e se envolve totalmente com o texto da crônica, podendo, ainda, fazer parte do contexto geral do qual a palavra for utilizada. O significado em relação ao que é dito dependerá, também, muitas vezes, do tom irônico utilizado para elaborar a escrita do cronista, coexistindo em escolhas e em um conjunto de motivações, por vezes complexo, que incidirá na atitude e intenção do escritor. O grau de efeito que a crônica atingirá no leitor dependerá da existência de realidade, atitude e determinação do escritor na utilização da sua escrita. Integrar-se totalmente, a fim de envolver texto e leitor, é uma das principais funções da ironia, quando esta for convidada a integrar as palavras. Significância depende do modo como as sentenças levarão seu significado até o leitor, seja por escolhas inclusivas, motivadas, naturais ou pelo conjunto delas.

De acordo com Hutcheon (2000, p. 51),

> [...] a ironia pressupõe consciência da distinção entre verdade e falsidade, da possibilidade de falsear a realidade na linguagem, e da diferença entre uma representação literal e uma figurada. A diferença está na intenção, no clima do que é dito e, usualmente, o objetivo não é que a mentira seja decodificada ou interpretada como mentira, o que se deseja é o contrário, é nesse contexto que acontece a ironia. Os significados irônicos, entretanto, formam por meio de oscilações aditivas entre significados ditos e não ditos diferentes,) interação de termos uns com os outros, integralmente afetando uns aos outros. [...] essa dubiedade precisa ser considerada, quando tentamos entender de que modo a ironia ocorre no processo criativo. A ironia busca o leitor para sua concretização no texto, comparando contrataste ridicularizando estilos, tomando-se o motivo dominante do texto.

Historicamente, a composição que imitar, cômica ou satiramente, um tema/assunto ou forma literária séria, ridicularizará uma tendência ou um estilo, seja qual for o motivo ou intenção, tendo em vista ser a amplitude do termo ironia bem maior, do que, por exemplo, está disposto nos dicionários. Ao ironizar, o cronista cria vínculos e laços com o leitor, construindo superposição de sentidos, inserindo o novo sobre o velho, dando asas à discussão e à reflexão, dependendo do jogo criado por eles, assim como a intencionalidade e comunicabilidade, necessariamente, por parte do cronista (HUTCHEON, 2000).

Consoante Machline (2000), a ironia integrou a ciência retórica, na forma classificada de metalogismo ou tropo, inclusive, com a antífrase, a lítotes e o eufemismo. A ironia mantém desvios quanto à lógica da língua, pois interage com outras figuras de linguagem, intersecionando, principalmente, com a hipérbole, a metáfora, o paradoxo, o anacoluto e a elipse, transgredindo, consideravelmente, as normalidades da língua. Hutcheon (2000) destaca, também, que a metáfora, processo essencial de transposição, prevalece nas opções dos cronistas irônicos, tendo em vista sua capacidade de provocar sensações improvisadas, perpassando a realidade de um plano a outro, como se dele fosse próprio, além de sobrepor impropriedades de deslocamento das sentenças sobrepostas à capacidade expressiva da comicidade, quase assemelhando-se, ou até, confundindo-se com o humor.

A intertextualidade, em consonância com Hutcheon (2000), anula o gênero paródico, assimilando-o, por exemplo, à ironia, quando esta, por sua vez, tomar conta do texto. Dissonâncias de ordem cronológica, assim como o paradoxo, são elementos cruciais para o ironista que, geralmente, apresenta visões unilaterais que se opõem ao senso comum, combinando ideias que terão impacto surpreendente no receptor, diferenciando-se, assim, da hipérbole que ao ser empregada na crônica, demonstra claramente ser um processo primitivo, porém com

o mesmo efeito de produzir o riso, aumentando ou diminuindo a dimensão de algo, impressionando com sutil estranheza.

Para Hutcheon (2000), o anacoluto age especialmente na forma definida de especializar-se em contrastes ideológicos entre as palavras, mas não para com a direção de pensamento delas. Desmontar o sentido das sentenças, para o anacoluto, nas crônicas, é tornar-se nítido e desconexo, acentuadamente, separando as linhas de pensamento, inclusive, delas divergindo.

Ainda consoante Hutcheon (2000), a elipse, outra figura muito presente que serve à crônica com destreza, corresponde, naquele momento, às entrelinhas e às reticências do texto crônico. Em momentos em que a certeza não se fizer presente, além de o autor não nomear a clareza em suas crônicas, a elipse assume e valoriza a elide. Talvez, por isso, a ironia seja um dos temperos mais elucidantes da crônica.

4.1.1 Josué Guimarães: cronista irônico e político convicto

De leitura fácil e fluente, a crônica possuiu marcas jornalísticas ancoradas, desde sempre, em suportes, como fatos sujeitos às restrições de espaço, por ocasião da diagramação da oscilação de limites e liberdades, próprios do jornal, prendendo-a, desta forma e muito, como produção sem compromissos maiores com o futuro, ao jornal. Para muitos cronistas, entre eles Josué Guimarães, trazer a crônica para o universo literário jamais correspondeu a fugir, por exemplo, das exigências do espírito de reportagem a que ela se edificou ao longo dos anos. Preocupado em emocionar, além de informar, utilizando-se do pretexto como seu ponto de partida, e Josué Guimarães enfocava traços particulares e individuais do cotidiano da sua época, compromissado com a lógica, inclusive desafiando as estruturas rígidas dos textos jornalísticos (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Dessa maneira, o nobre jornalista e escritor, desfiava sua escrita em crônicas tensas entre os universos jornalístico e literário, com linguagem relevantemente austera, abordando diversos temas, desde o mais importante ao mais corriqueiro, chamando a atenção dos leitores, até mesmo dos mais despercebidos, aproximando-os crucialmente do exercício de escrever. Na crônica, em especial, as elaboradas por Josué Guimarães, não importava qual assunto estava sendo tratado, político, esportivo ou outro afim, o que se preservava era valorização do texto, e nele, seu autor descrevia o momento ou situação como única, associando realidade e imaginação do leitor, facultando ao seu público ledor, com maestria, compreensão daquela realidade histórica (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Tais aspectos lhe permitiam, sempre, transitar do jornalismo à literatura com conhecimento e entendimento de ocorrências que predominavam na história da sociedade à qual pertenceu. Fossem suas crônicas elaboradas na 1ª pessoa, assumindo, em alguns instantes certos ares poéticos, com assuntos associadamente livres, que traduziam emotivamente realidade exterior e interior do seu tempo, em linguagem coloquial, próxima ao entendimento do leitor, ou ainda, quando constituídas na terceira pessoa, na presença da narração, da exposição e do diálogo, outra característica sua, muito singular e predominante nas suas produções, gerava histórias que se desdobravam em uma ou mais situações (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

O renomado jornalista e escritor, em suas crônicas, utilizava-se da predominância de histórias, nem sempre suaves, pois na grande maioria delas, seu assunto predileto eram questões políticas, dispostas com textos divertidos, sarcásticos, ritmos acelerados, especialmente com personagens reais responsáveis por apimentar sua escrita. Humor, ironia, costumes, dissabores e atritos faziam parte constantemente da sua escrita, proporcionando aos seus enredos, quase sempre, finais polêmicos ou ainda contínuos de exploração em suas próximas sequências, ressaltando, já naquele momento, a escrita híbrida das suas crônicas. Em sua tradicional sátira, estabeleceu laços com seu público leitor, pois sabia para quem e como escrevia, qual tipo de público demonstrava interesse em seus textos, tendo em vista que planejava suas crônicas de maneira usual, escrevendo-as em função dos acontecimentos diários, não discutindo possíveis fatos ou ocorrências futuras (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Certa vez, Rubem Braga (1997) salientou que a crônica poderia ser o que quisesse, absolutamente tudo desde que não se tornasse chata, imprestável, sem relevância. Colocações assim, contribuíram para reforçar fatores que só contribuíram para impor aos cronistas a necessidade de utilizar, por exemplo, recursos literários a fim de garantir o engrandecimento dos textos, quando amparados por ironia e humor. Ressalta, também, que “leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do escritor” (BRAGA, 1997, p. 19). De uma forma simples de se contar um fato, um causo popular, uma experiência, uma situação, ou até informar e comunicar ao leitor sobre seu cotidiano, muitos foram os escritores que criaram escrita independente de doutrinas e imposições.

Josué Guimarães, ao pensar, era levado a escrever. Para ele, todo e qualquer fato era motivo de importância, desde que levado ao seu artífice, induzindo-o a escrever uma crônica. Seus escritos retratavam as banalidades do cotidiano, de maneira irônica, propositalmente presentes em flagrantes e curiosidades da sociedade, surtindo imediatamente efeito e causa nas

leituras dos seus fiéis espectadores. Pela lógica dos fatos, apoiado pela verossimilhança, o discurso irônico de Josué Guimarães surgiu no cenário político- literário, tão atual quanto outrora fora, moderno e contemporâneo, ainda servindo de ponte entre escritor e público leitor, interagindo, substancialmente com a proposta do texto, por diversas vezes, com críticas ferozes à sociedade hipócrita, rubricada por duplos sentidos de atitudes (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006). Assim, deixava claro seu fascínio por ironizar consideravelmente o mundo através das palavras escritas com dissimuladas interrogações.

A escrita espontânea de Josué Guimarães trazia às suas crônicas cumplicidade com seus leitores em perceber a fantasia, a informação e os acontecimentos do seu cotidiano, sem regras e pudores, apenas com a obrigação de agradar e estabelecer intencionalmente a comunicação entre eles, que não mantinham fronteiras entre si. Críticas naturais eram permitidas, desde que explicassem, historicamente, o tempo e sua evolução em registros, realizados por meio das palavras, sem preocupação em saber como elas deveriam ser empregadas, haja vista que o nobre jornalista e escritor utilizava-se, em diversos momentos, do discurso bivocal, aquele designado por Bakhtin (2004), que utiliza a palavra com o intuito de expressar a intenção do autor (voz na escrita) e a intenção (voz) das personagens, para alcançar o receptor (leitor).

O conceito de polifonia lançado por Bakhtin (2007), filósofo da linguagem, a partir da análise da ficção dostoievskiana, sugeriu estar elaborada em meio a uma intensidade e pluralidade de vozes distintas e resistentes ao discurso autoral. Diante disso, Bakhtin (2007) estendeu o conceito ao gênero romance, no qual, para ele, ora se orquestram, ora se digladiam as variadas linguagens sociais, possibilitando se imporem como a expressão da diversidade social, representada por meio da escrita do autor.

De acordo com Bakhtin (2007, p. 88), "a essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia, sem a subordinação teleológica". Nesse caso, a polifonia é fração essencial de toda enunciação, uma vez que em um mesmo texto, existem muitas possibilidades de ocorrem diferentes vozes que se manifestam, por ocasião de um determinado discurso ser acompanhado por muitos outros.

Para Josué Guimarães, a presença do ironista era fundamental nos seus textos. Imprescindível. O ironista, dualmente, apresenta a capacidade de explorar situações, mimeticamente, imitando o estilo ou ponto de vista de outrem, delimitando que sua intenção é praticar a crítica de enunciados para este fim. Dizia o que pensava, consistindo, essencialmente, em se pronunciar contrariamente para quem quisesse se direcionar, fazendo-se entender pela escrita simples

e acessível. O escritor entendia que seus leitores estavam preparados para este jogo de entendimento e compreensão, simultaneamente, tendo em vista que ler o oposto, para eles, era exatamente perceber a inclinação da contradição, sem correr o risco de ser mal compreendido (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Josué Guimarães, autor de postura e atitude, características que o enobreceram entre os grandes escritores, aos quais proporcionou sabedoria para diferenciar e retratar os mais variados aspectos do mundo a partir do seu olhar miradouro. Com sua escrita, abria vertentes direcionadas para os mais diferenciados problemas da sociedade, momentos e atitudes de libertação ou de opressão da realidade crítica, pesada, enfadonha, de problemas, embaraços e contratempos (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

A crônica, no espaço que ocupa no jornal ou no livro, nos proporciona descobrir não haver apenas uma ou meias verdades. A crônica é produto de forma existencial de conhecimento e informação duradoura, porque se importa em pensar de maneira contingente seu potencial e criatividade e matéria. Desta maneira, Josué Guimarães demonstrava em suas crônicas a relatividade existencial e as reais circunstâncias concretas do cotidiano dos seres humanos, da atualidade dos brasileiros em um país que sobrevive, inclusive, de palavras. Em seus textos, demonstrava, amplamente, que as palavras apresentam significados singulares e que nos instigam a interrogá-las.

4.1.2 Josué Guimarães e sua trajetória político-intelectual

Josué Guimarães, penúltimo dos nove filhos de Josué Guimarães, telegrafista de profissão e pastor leigo da Igreja Episcopal Brasileira e, de Georgina Guimarães, do lar, nasceu em São Jerônimo, Porto Alegre - RS, em 07 de janeiro de 1921 e passou sua primeira infância, até seus nove anos de idade, em Rosário do Sul (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Com a Revolução de 1930, a família mudou-se para Porto Alegre e ele, matriculado no Grupo Escolar Paula Soares, concluiu o curso ginasial, iniciando seu curso secundário no Ginásio Cruzeiro do Sul, em 1934, sendo o criador do Grêmio Literário Humberto de Campos. Nesse momento, já demonstrava seu talento para a escrita, produzindo, em média, cinco a seis artigos por edição, no jornal do colégio. Participava, seguidamente, de peças teatrais encenadas nos finais dos anos letivos da escola, com papéis de destaque, quase sempre polêmicos (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Conquistou seu lugar de destaque na literatura rio-grandense, ao criar personagens marcantes como, Frau Catarina, no romance *A ferro e Fogo* e Camilo Mortágua, em obra homônima. Recebeu vários prêmios por contos, como *João do Rosário, Mãos sujas de terra* e o *Príncipe e o fim* (parte integrante da Coletânea *Os ladrões*, vencedores do II Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná - 1969) e Primeiro Prêmio Erico Veríssimo de Romances, promovido pela Editora Globo, com a obra *Os Tambores Silenciosos* (1977). Teve, também, a novela *Dona Anja*, traduzida em espanhol, publicada pela *Editora Edivision* México, sob o título de *Dona Angela* e, também adaptada em formato de telenovela, exibida de abril de 1996 a abril de 1997, escrita por Yoya Wursch e Cristiane Fridman, sob direção de Roberto Talma, Luís Antonio Piá e Caco Coelho, exibida no Canal SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) tendo como protagonista a atriz Lucélia Santos, intérprete da personagem Angélica (Dona Anja) (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

A ferro e fogo - Tempo de solidão (2003) ganhou seu espaço na televisão por meio da minissérie em treze capítulos, dirigida por Gilberto Perin, realizada pela RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações), assim como o filme *Enquanto a noite não chega* (2010), dirigido por Beto Souza e, anteriormente, em formato de conto, fora adaptado por João Emanuel Carneiro e dirigido por Denise Saraceni, para a série *Brava Gente*, exibida pela Rede Globo de Televisão (2000). Ainda publicado, lido e procurado por leitores de todas as idades, frequentemente, tem suas leituras recomendadas por ocasião de vestibulares ocorridos dentro e fora do seu estado de origem, inclusive, por sua qualidade de produção textual e obras que permanecem repletas de atualidade, aos cuidados da Editora Gaúcha L&PM, constantemente publicadas em formato de livros de bolso. Muito próximo de Erico Veríssimo, Josué Guimarães alcançou voz, por meio da ficção, manifestando seu pensamento e posicionamento político, através de muitos meios ao longo da vida de escritor (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Em 1937 Josué Guimarães integrou no Município de Farroupilha, o grupo de radioteatro da Rádio Farroupilha, com papéis de vilão para várias radionovelas. Em 1939 ao se mudar para o Rio de Janeiro, iniciou o curso de jornalismo. Em 1940, após retomar para Porto Alegre por ocasião do início da Segunda Guerra Mundial (1939-1940), se casou com Zilda sua primeira esposa com quem teve quatro filhos. Se alistou no exército para servir como Pracinha da Força Expedicionária Brasileira, por ocasião da guerra, mas foi recusado por sua condição matrimonial (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Em 1942 lançou a Revista de Rádio Ondas Sonoras, em Porto Alegre e, no ano de 1944, iniciou sua passagem no Jornal Diário de Notícias, em Porto Alegre, mantendo uma coluna

semanal recheada de textos, desenhos, ilustrações e caricaturas, todos de sua autoria que agulhavam políticos da sociedade da época. Se utilizava do pseudônimo de Dom Xicote. Integrou formalmente (1946-1947) os quadros políticos do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, mantendo contato com nomes políticos consideráveis como Getúlio Vargas e Alberto Pasqualini, entre outras lideranças como João Goulart e Leonel Brizola, afastando-se em 1948 para atuar como repórter exclusivo e correspondente da Revista *O Cruzeiro* (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina) (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Em 1949 a crônica *Sangue e pó-de-arroz,* publicada na *Revista Quixote* em fevereiro daquele ano, um importante veículo de divulgação de nomes da Literatura do Rio Grande do Sul, lhe deu a chance de lançar o Jornal *D. Xicote.* Outra colocação relevante sobre o escritor Josué Guimarães, corresponde à década de 1951 a 1954, quando, ele, foi o vereador que alcançou a maior votação expressiva frente ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Porto Alegre, assumindo, assim, o posto de líder da bancada petebista e, na sequência, a vice-presidência daquele segmento (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Em 1952 a convite da delegação dos jornalistas brasileiros, foi o primeiro jornalista ocidental a visitar a União Soviética e a China comunistas com a autorização do Presidente da República, Getúlio Vargas. Em seu retorno ao Brasil se desfilhou do PTB e integrou o Partido Socialista Brasileiro (PSB) com o intuito de concorrer às eleições ao cargo de deputado estadual. Neste ciclo, foi criada pelo escritor, a obra *As muralhas de Jericó. Memórias de Viagem: União Soviética e China nos anos 50,* lançada pela Editora L&PM, em 2001 (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Também neste período o nobre jornalista e escritor assinou a coluna *Um dia depois do outro* no *Jornal Última Hora,* contribuindo, também, com vários jornais porto-alegrenses, aludindo, por exemplo, personagens irônicos como alguns criados pelo jornalista Giovannino Guareschi. Dessa admiração, Josué Guimarães foi inspirado e criou os pseudônimos *Dom Camilo* para o Jornal *Folha da Tarde* e *Peppone* para o *Jornal* A *Hora*, jornal, este, responsável por revolucionar o jornalismo gaúcho a partir da utilização da "diagramação diferenciada, assemelhando-se, por vezes, à esculturas" (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Entre as décadas de 1956 a 1964 Josué Guimarães desempenhou vários ofícios, ganhou muitas atribuições e ocupou empregos como redator de agência, colunista, diretor-secretário de semanários, inclusive, após a posse do Presidente João Goulart, desempenhou a função de Diretor da Agência Nacional (1961-1964). Em 1964 com a deposição do Presidente João Goulart, Josué Guimarães vivenciou, também, a clandestinidade nas cidades de Santos e São

Paulo, atendendo pelo nome fictício de *Samuel Ortiz,* proprietário de uma livraria. Descoberto por agentes dos órgãos de segurança em 1969, respondeu inquérito policial em liberdade e retornou para Porto Alegre (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Sua carreira literária deu sinais de iniciação em 1962 com a publicação de contos de sua autoria constantes na coletânea intitulada *Nove do Sul.* Em 1969 recebeu premiação ao participar com três contos pertencentes à coletânea *Os ladrões,* no II Concurso de Contos do Estado do Paraná, confirmando, assim, sua chegada ao universo da literatura e seu futuro talentoso de escritor literário. Apaixonado pela literatura, se rendeu aos seus encantos, abraçando-a com a mesma sapiência e agudeza que tinha para com o jornalismo. Em 1970, definitivamente Josué Guimarães iniciou sua carreira literária com várias criações as quais não paravam de lhe surgir a mente (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Dentre tantas, merecem destaque como o seu primeiro romance publicado em 1972, *A ferro e fogo – Tempo de solidão,* Volume I; em 1973, *Depois do último trem*; em Portugal, a trabalho, no ano de 1976, deu vida ao segundo volume *A ferro e fogo – Tempo de guerra,* seguido de outra obra *Os tambores silenciosos;* entre 1977 e 1978 publicou as novelas *É tarde para saber* e *Enquanto a noite não chega,* além do romance *Dona Anja;* em 1978 propalou nova coletânea de contos designada *Cavalo Cego* e, em 1980, lançou o romance *Camilo Mortágua* além de obras infantis (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Segundo Queirós (2007, p. 24),

> [...] a obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, porque através de suas obras o artista transmite seus sentimentos e ideias do mundo, levando seu leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posição perante a realidade, assim a literatura auxilia no processo de transformação social. A literatura também pode assumir formas de crítica à realidade circundante e de denúncia social, transformando-se em uma literatura engajada, servindo a uma causa político-ideológica. [...] o texto literário conduz o leitor a mundos imaginários, causando prazer aos sentidos e à sensibilidade do homem.

A literatura louvadamente corresponde, até mesmo com a arte desenvolvida pela palavra, meio pela qual ela se concretiza, servindo, também, de instrumento para a comunicação e a interação social dos sujeitos. Desempenha um dos seus maiores propósitos: transmitir conhecimento e cultura para a sociedade, e se origina como um arquétipo artesanal que proporciona ao seu artista não ficar indiferente à realidade (QUEIRÓS, 2007).

4.2 DOM CAMILO E PEPPONE: VOZES E TERMOS

Quando iniciamos a pesquisa, muitos questionamentos e dúvidas surgiram quanto à maneira de realizá-la e quais efeitos resultariam deste trabalho. A proposta de exploração do

Software IRAMUTEQ fazia-se emergente e o tempo para tal, suficientemente hábil, ainda assim, parecia que não seria executável. Além disso, a preocupação com os resultados esteve constantemente presente durante toda a pesquisa.

Vale relembrar que utilizamos cinquenta e três crônicas jornalísticas, das muitas constantes nos arquivos do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG), propriedade da Universidade de Passo Fundo (UPF), a fim de submetê-las à análise textual pelo *Software* IRAMUTEQ, programa informático planejado para análises textuais acuradas e extensas, ainda pouco divulgado e utilizado no Brasil.

Com o intuito de experenciá-lo na área das linguagens, no gênero textual crônica jornalística, a partir dos resultados aferidos pela exploração, discutir, ressaltar e expor as principais características observadas entre os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, utilizados pelo jornalista e escritor Josué Guimarães, nos Jornais *Folha da Tarde* e *Hoje*, na década de 1954, inclusive, sobrelevar acerca da viabilidade de uso do programa selecionado, bem como de seu desempenho. Assim, possivelmente, contribuiremos muito para difundi-lo, apresentando-o às demais áreas que por ele se interessarem, a partir da leitura desta dissertação de Mestrado.

Inicialmente, realizamos a leitura de uma quantidade significativa das muitas crônicas jornalísticas dos vários pseudônimos utilizados pelo jornalista e escritor Josué Guimarães, constantes no ALJOG e, na sequência, optamos por selecionar aquelas pertencentes aos pseudônimos Dom Camilo e Peppone. A decisão se deu por ocasião do elemento comum a todas, percebido num primeiro momento: a ironia que muito chamou nossa atenção a cada texto lido.

A partir de então, observamos, cuidadosamente, as temáticas escolhidas pelo autor para cada uma delas, percebendo que todas as matérias eram relacionadas ao cotidiano da sociedade política, cultural e econômica de uma época marcada pela censura e omissão de informações.

Decidimos por seguir uma sequência de escolha, a partir das publicações do mês de março de 1954, de cada um dos pseudônimos selecionados, observando e separando os escritos originais que estivessem mais completos, com melhor legibilidade e visualidade da escrita, sem perder de vista a temática individual dos textos. Após selecionadas as crônicas, procedemos seu encaminhamento conforme sequenciado no item 3.2 (p. 107) ao *Software* IRAMUTEQ.

A combinação do manejo político com decisões econômicas e administrativas que acarretaram fortes impactos para todos os segmentos sociais na década de 1954 foram características muito presentes no cotidiano político da nação brasileira, naquele momento

histórico. O uso desmedido do poder, sem cautela ou real necessidade, assegurava a quem o detinha, seguramente, que a informação não chegasse à população, levando-lhe a realidade do momento (CÂNDIDO, 2006); (MONTAGNIE, 1999). Pessoas jogavam entre muitas possibilidades, com o êxito político de maneira individualizada, como se fosse própria e naturalmente viável esta prática, desafiando a viabilização que, para poucos, parecia o melhor possível para o país.

Nesta linha, o jornalista e escritor Josué Guimarães, tanto quanto pôde, percebeu e concretizou suas ideias obstinadas sobre os mais diversos temas do cotidiano, por ocasião dos seus ideais e convicções acerca do justo, correto comum a todo e qualquer cidadão brasileiro. Defensor por natureza e em todos os sentidos da liberdade de expressão, aberto e mesmo ávido de mostrar-se sempre atual, sensível ao novo, à reforma, ao jovem, ao trabalhador, ao cientista e ao empresário, aos direitos e deveres de uma nação, não se desviou, em nenhum momento da sua jornada como jornalista e escritor literário, de promover, da melhor maneira possível, o acesso para todos os tipos de (HUTCHEON, 2000); (APÊNDICE A, p. 183); (APÊNDICE J, p. 189).

Nesse contexto, seria inevitável, porém, que o autor das crônicas jornalísticas aqui estudadas resistisse ao seu personalismo tutelar e populista. Na sua época e depois, comunicou-se diretamente com as massas, abolindo, quaisquer que fossem, intermediações partidárias. Para o jornalista, independente da procedência, algumas questões precisavam ser postas em primeira instância, a qualquer custo e a principal delas relacionava-se ao total fracasso da política, ocasionada pela incompetência dos partidos e de muitos governos, pois estes conseguiram ser incapazes, naquela ocasião, de constituir sólidas e estáveis alianças, o que originou, até a atualidade, grande instabilidade e crises intermináveis. Com muita sabedoria, deixou um legado de informações sobre o período governamental, social, cultural e cotidiano, que até nos atuais dias

resultam em questionamentos que demonstram claramente o lado mais problemático da política da época (APÊNDICE G, p.188); (APÊNDICE E, p. 187).

Foi possível perceber, também, não importar para o jornalista escritor Josué Guimarães, qual tipologia textual deveria predominar, exatamente nas suas crônicas. O que realmente tomava seu tempo e atenção eram ações como dissertar, descrever, narrar, questionar, duvidar, selecionar e, principalmente, ironizar profundamente os enredos escolhidos por ele e, que eles chamassem a atenção do leitor para a atenta compreensão dos fatos e acontecimentos, bons e ruins, que cerceavam seu cotidiano (APÊNDICE B, p.184); (APÊNDICE J, p. 189).

Para o autor em questão, os elementos acima mencionados, especialmente para um escritor cronista jornalístico, são indispensáveis e devem ser guardados na verossimilhança com a realidade, exigindo apenas do seu criador, estarem o mais próximo possível da realidade do leitor. Muito presente nas crônicas lidas, a necessidade de se fazer uso da maior quantidade possível de objetividade nas informações, levantamentos de dados, depoimentos, constatações, testemunhos de autoridades do assunto repassados para o leitor, era tarefa crucial para que o autor atingisse o ápice informacional. Características essas, perceptíveis do início ao fim de cada uma das cinquenta e três crônicas lidas para essa discussão de dados (CÂNDIDO, 2006).

Observamos, ainda, que o jornalista e escritor Josué Guimarães estabeleceu seu estilo cronista singular, seja pelo uso da adjetivação, de neologismos, juízos próprios e, em diversos momentos, por sua proximidade muito consistente, assemelhando-se a uma notícia em destaque ou, até mesmo, uma reportagem, em virtude de serem constituídas de elementos, mesmo comuns, consistentes, que, ao se entrecruzarem, ampliavam os horizontes do leitor com análises profundas acerca do tema selecionado. Conflitos expostos ora no início, ora no meio, ora no fim, por vezes eram precisos e capazes de assuntar descrições fidedignas, transformando as mais variadas situações, no intuito de não somente atrair o leitor mas, de forma criativa, informá-lo sob os diversos ângulos que seriam tratados.

Palavras aceleradas, delineadas por movimentos consistentes que transitavam harmoniosamente em pontos altos e reativos, de euforia ou desilusão, suspeitas ou constatações, como “mundo”, “nascer”, “acreditar”, “político”, “udn”, “liberdade”, “nobre”, “chapas”, “cédula”, “ordem”, “tratamento”, “defesa”, eram apenas algumas das características muito bem dispensadas pelo nobre jornalista nas crônicas aqui referidas, tendo em vista a realização de comparativos fictícios, porém enfáticos, sobre a atualidade política, social e econômica da sociedade daquele período. Elementos, assim, permitiram-lhe passear por meio do jornalismo e da literatura, com afinco, fineza e racionalidade, levantando questões polêmicas sobre profissão, arte,

economia, labor, entre outras, por intermédio de uma linguagem condicionada à liberdade criativa de expressão verbal, escrita que transpunha compreensíveis experiências imediatas de entendimento e compreensão (APÊNDICE A, p. 183).

Nas crônicas jornalísticas aqui observadas, preconceito, fato, realidade, ficção, objetividade, subjetividade, tempo, dinheiro, espaço local e universal, eram assuntados com os mais

diversos questionamentos, levando o leitor para caminhos distantes, negados para ele por ocasião de repreensão e cerceamentos políticos e militares daquela sociedade. Em relação aos temas escolhidos para cada uma das crônicas jornalísticas, o cuidado do autor em valorizá-los foi constante. As temáticas serviam-se de atentas observações, sensibilidade e acuidade por parte do seu idealizador, especialmente na polidez da informação (APÊNDICE C, p. 185).

O jornalista escritor em todas as crônicas jornalísticas analisadas para esta dissertação de Mestrado, foi enfático ao tomar o leitor por parâmetro, levando-o a perceber o real motivo da construção daquele texto, além de possibilitar, inclusive, que este mesmo leitor ressaltasse sua competência preceptora acerca de fortes constatações, capazes de sobressaírem sobre qualquer resistência de compreensão da leitura realizada (CÂNDIDO, 2006).

Segundo Cândido (2006, p. 101);

> [...] a classificação dos gêneros jornalísticos, para a maioria dos autores, leva em consideração, principalmente, as técnicas utilizadas em cada categoria jornalística para anunciar fatos. Portanto, o gênero jornalístico é estudado de acordo com as especificidades dessas categorias. [...] as especificidades que tornam um gênero pertencente a uma determinada categoria, ou melhor, as regras que definem se um gênero é informativo ou opinativo constituem-se em critérios muito fechados. Estes critérios visam atender a aspectos funcionalistas. [...] estão ligados ao mero cumprimento do efeito final e, supostamente calculado, que um gênero tem por obrigação transmitir ao público leitor, do que ao potencial estético e semântico que esse gênero possui, e que se trabalhado pode contribuir de forma intensa para o enriquecimento intelectual dos leitores.

Em trecho mais atenuado das crônicas apreciadas, notamos que o autor soube com mestria e detrimento conduzir cada um dos seus textos, desde aquele mais restrito e acanhado em sua forma de comunicar determinado fato para o leitor, assim como nos textos restritos ao elegante emprego de muitos elementos advindos de outras áreas do conhecimento humano que não apenas literatura e jornalismo. Narrador, personagens, conflitos, tipologias textuais do dia a dia, eram mais alguns dos vários recursos inteligentes de que o jornalista e escritor Josué Guimarães se valeu para engrandecer seu trabalho de cronista (APÊNDICE D, p.186); APÊNDICE G, p. 188).

Ao manter contato com os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, artistas da transmissão de ideias e pensamentos do autor nas crônicas estudadas, a julgar pela elaboração e estilo da escrita, estavam em perfeita sintonia com a expressão jornalística daquele momento da história social. Dom Camilo, arrojado, irreverente, desobediente famigerado das regras dos manu-

ais de redação. O outro, Peppone, cauteloso, formal, usufruía de sua voz verbal limitada, utilizava-se de elementos e expressões refinadas para se fazer compreender em seus textos, sutilmente, ironizando, quando necessário.

Para ambos, a narração variava da primeira para a terceira pessoa, possibilitando, assim, perfeito desembaraço da leitura dos leitores. Além disso, o cronista valia-se de monólogos interiores e registros de pensamentos, muito parecidos com a literatura que permite transitoriedade total para com as palavras. O autor, Josué Guimarães, por meio das suas crônicas jornalísticas, relatava franca e abertamente o cotidiano e o imaginário da época, garantido pelos leitores argutos do seu tempo, diferenciando-os das demais épocas.

Os textos lidos almejavam, na maioria deles, buscar conclusões e oferecê-las aos leitores sobre fatos claros, concisos, em que a objetividade era carregada de pretensão, inclusive no intuito de esgotá-los por intermédio dos relatos imparciais e parciais, por vezes assemelhando-os ao andar na contramão das características destinadas àquele gênero textual. Todavia nada se perdia ou se desperdiçava. O autor, por entre longas escaladas informacionais comunicativas, passeava tranquilamente na sua escrita abusando da criatividade ao escolher suas palavras e coloca-las à disposição dos pseudônimos (KIEFER, 2010).

A presença clara do escritor-autor funcionou nas crônicas jornalísticas examinadas, como perturbação munida de criteriosa veracidade, transferindo, de maneira exata e suficiente, problematizações do real que, certamente, contribuíram para a provocação de muitas outras aberturas jornalístico-políticas de outros escritores daquele período. Dessa forma, os pseudônimos Dom Camilo e Peppone ganharam, descomplexadamente, a atenção do leitor que, por sua vez, sentia-se presenteado com tal enriquecimento do conhecimento com escrita afinca, afiada, diferenciada, debochada, instrutiva, divertida, clara e objetiva, que se seguia dos assuntos mais simples aos mais banais, com princípios meramente informacionais (KIEFER, 2010); (SCHLEGEL, 1997).

Nas leituras realizadas, o tempo presente destacou-se como a matéria-prima para ambos os pseudônimos. Esse elemento, quase sempre, extraiu-se em seu contexto e se encarregou de organizar as crônicas jornalísticas em formatos padronizados e personalizados, mas rebeldes, com regras e afins, o que torna a leitura daqueles textos acessível desde o leitor iniciante até o leitor crítico, observador, exigente (MONTAGNIE, 1999).

Importante ressaltar acerca da maioria das palavras utilizadas pelo escritor Josué Guimarães na composição das crônicas jornalísticas “Camilianas” e “Pepponeanas” - expressões

adotadas por esta pesquisadora-observadora, agirem como mediadoras, elos que ligavam comunidades diferentes que se identificavam e completavam quando abordavam temas relacionados a enfermidades, descasos, corrupção, omissões da verdade, entre outros, próprios do jornalismo, da atualidade, da realidade de qualquer sociedade, variando apenas as décadas em que ocorreram. Desta maneira, os pseudônimos entregavam-se à linguagem coloquial ou à formal, conforme melhor lhes conviesse, sedentos por provisoriedade, concretude e singularidade, mantendo, inclusive a simultaneidade destes elementos (MONTAGNIE, 1999); (APÊNDICE D, p.186); (APÊNDICE F, p. 187).

Segundo Hutcheon (2000, p. 39),

> [...] compromisso estético com a realidade social filtra-se através do imaginário, da fantasia, da pesquisa do subconsciente das personagens. A escrita passa a ser sonho gráfico pensado, trabalhado, fato que não lhe impõe o rebuscamento, mas, pelo contrário, distancia-a deste, pois é na escolha bem-sucedida de palavras coloquiais e mesmo das gírias, que as crônicas se tornam ainda mais incisivas quando se trata de retratar a realidade. Mesmo como sonho e fantasia, a crônica existe ideológica e politicamente.

As palavras, uma a uma, quando em contato como leitor, transmitiam a impressão de estarem, cada uma delas, com seu encaixe milimetricamente calculado pelo autor do texto, em seus mais diferenciados graus de alteridade, afastando qualquer possibilidade de se tornarem alheias, individuais, ou ainda, semiocultas. Nesse sentido, o autor esbanjou aspectos pretensiosos, ao se utilizar, por exemplo, da linguagem coloquial, típica do pseudônimo Dom Camilo, de maneira neutra, a fim de demonstrar que ela não pertence a ninguém, mas é, ainda, um dos meios mais eficazes de difundir a informação, quando se torna palavra alheia na fala de vários personagens. No entanto, as palavras em posse de uso dos pseudônimos, constituíam-se de ecos derivados dos muitos enunciados e arraigadas expressões adotadas pelo escritor, dando-lhes sentido e significância no texto (HUTCHEON, 2000); (MACHLINE, 2000).

Por sua vez, o grau de acabamento das crônicas jornalísticas aqui pensadas, na voz de ambos os pseudônimos, possibilitava, inclusive, respostas independentes e compreensões responsivas por parte dos leitores. Aspectos como tratamento excessivo de um determinado tema e o querer dizer do locutor, atuavam na escrita cronista de Josué Guimarães, como formas típicas responsáveis pela estruturação do gênero.

Congruente Kiefer (2010, p. 45),

> [...] dentro de produções como a crônica, os meios de comunicação acabam sendo palco, quase sempre, como uma luta contraditória. Sendo parte, originalmente, integrante do jornal, a crônica divide o mesmo espaço, muitas vezes, com aquilo que repugna, fator que lhe ajuda a ganhar significado pelo contraste estilístico e mesmo de tom, que possui em relação aos demais gêneros. A crônica distancia-se das notícias jornalísticas e, também, do tom enfático da ficção. Com graça ela articula fatos miúdos e literatura, sem ser enfaticamente literária ou enfaticamente realista. Uma produção que duela com o passageiro, na medida em que o que importa não é o fato em si, mas a sua essência.

Nesse sentido, o leitor é convidado a apreciar o discurso elaborado pelo escritor jornalista, muito bem distribuído entre os pseudônimos, de maneira singular e proposital para que ele perceba diversas nuances ideológicas refratadas em cada uma das crônicas. Uma outra particularidade que convém ser ressaltada é o constante diálogo dos enunciados com uma perfeita cadeia de comunicação, refletindo-se uns aos outros, reluzindo matizes dialógicas em perfeita harmonia arquitetadas para responder possíveis indagações do leitor ao término da experiência enriquecedora de leitura das crônicas jornalísticas de ambos os pseudônimos (DUBOIS, 1999); (APÊNDICE F, p. 187); (APÊNDICE I, p.189).

Nas crônicas lidas, seja em suas vozes sociais, concordantes, discordantes, refutantes ou simplesmente produzidas para elucidar as mais simplórias situações rotineiras de um povo, seus papéis sociais, relações hierárquicas e interpessoais, horizontes temáticos, vontades enunciativas do locutor, assim como a atitude descompromissada dos pseudônimos, a partir de uma breve leitura, eram perfeitamente compreendidas por qualquer tipo de leitor (BENJAMIM, 2014); (QUIROGA, 2009). Estratégia discursiva, esta, que o renomado cronista Josué Guimarães, em tom de conversa e de bate-papo, apresentou como garantia certeira de diálogos criativos e rotineiros com os seus leitores, em cada uma das crônicas selecionadas para esta análise.

Unanimemente, podemos afirmar, que as crônicas que serviram de suporte para esta análise, por mais que as opiniões dos pseudônimos pesassem sobre a escrita, não assumiam caráter de verdades incontestáveis, tendo em vista não afugentar leitores críticos que pudessem delas discordar (COUCHOT, 2003). Dessa maneira, a habilidade de escrever do nobre jornalista e escritor, além de convencer os ledores, era, também, responsável maior, por proporcionar-lhes assimilação imediata do texto, sem que estes percebessem as ideias e pensamentos defendidos.

Por meio dos fatos, cautelosamente escolhidos pelo cronista para sensibilizar seu leitor, forneciam vazão a sentimentos legítimos, como, por exemplo, completo domínio por parte do

autor acerca de ficção, imaginário com o real associado a jogo de palavras e conceitos (SAMUEL, 2003), assim como contraposições que se encarregaram de realçar o cotidiano, exercendo forte influência na formação de correntes de opinião dos que o liam.

Outra característica muito presente nas crônicas analisadas trata da presença constante de reações pessoais do cronista, muito bem demonstradas por seus pseudônimos Dom Camilo e Peppone. Configuradas pelo humor, ironia, elogios emocionados entre outras formas de sentimento, eram peculiaridades do autor que reforçavam a proximidade das suas crônicas jornalísticas com a literatura, não comportando em sua desvalorização, mas sim, em reafirmar um gênero jornalístico configurado pela ligeireza, praticidade, simplicidade, coloquialismo e efemeridade, buscando, para tanto, na literatura, espelhamento para sua comunicação com os diversificados leitores da época (BANBERGER, 2002); (SAMUEL, 2003); (TODOROV, 2009).

Ao lermos os textos jornalísticos, especificamente, as cinquenta e três crônicas selecionadas para esta dissertação, a capacidade do jornalismo em ser amplo e complexo, assim como a literatura, adquiria maior consistência a cada uma das leituras que realizávamos. Nesse sentido, claramente, tivemos a oportunidade de perceber a crônica muito mais como instrumento informativo jornalístico utilizado por Josué Guimarães para abordar aspectos históricos do seu tempo, como prática social, produto de consumo a serviço do capitalismo ou na função de ser diluída para caráter comercial (SANTAYANA, 1999).

Fica claro, para o leitor destas crônicas jornalísticas, o intuito do nobre jornalista e escritor preocupar-se muitíssimo com a formação eficaz de leitores críticos e ansiosos por reconhecerem interesses ideológicos de uma determinada fase da história política brasileira. É relevante destacar, em meio ao seu processo discursivo com o leitor, haver consideração em demasia do autor em constituir leitores reativos e valorosos aos mais distintos discursos hegemônicos, pertencentes a uma determinada sociedade que, mesmo naquele período, desvalorizava o já-dito dos homens (DUBOIS, 1999).

Desta forma, o leitor, ao ler as crônicas aqui mencionadas, ocupa a posição de autoridade soberana na ação de construir seu acento de valor, a partir das imagens que elas lhe fornecerem à mente. Assim, ao desenvolver mais esta habilidade, valorizará ainda mais a concepção de autonomia de leitura, bem como a compreensão e produção dos argumentos pronunciados por ele, posteriormente. Acreditar no que for lido, vivenciando cautelosas articulações acerca de posições privilegiadas sobre o comportamento de um determinado cenário político, cultural,

social, até mesmo artístico-literário de um determinado segmento social, torna o leitor, interessantemente apto a comportar-se como fazedor de sua história (QUEIRÓS, 2007).

De acordo com Queirós (2007, p. 36, grifo do autor),

> [...] **toda arte é política e por mais que se discuta o valor literário das crônicas, ela, ainda, assim, estará enraizada no seu engajamento de impulsionar o prazer estético** (e possivelmente por isto mesmo), a crônica jornalística, por sua vez, instiga à visão do mundo sem vendas. A destruição dos estereótipos, resultante da crônica, é necessária porque ela, por si mesma, representa um avanço concreto em direção aos anseios básicos da humanidade, fazendo-o por meio de uma intensificação lúdica.

Josué Guimarães, ao tratar com humor e refinada ironia os mais variados temas rotineiros responsáveis por enfocar diversas relações humanas em suas muitas crônicas, especialmente aquelas que aqui analisamos, legitimou-se, socialmente, executor do humorismo e da ironia, sem desmerecimento algum. As crônicas redigidas por ele representavam, com astúcia, a figura física de um escritor sério que sabia, com maestria singular, brincar com fatos reais, mesmo ao falar seriamente, apresentando visões recriadas da realidade de uma sociedade respeitosamente, conturbada (APÊNDICE I, p. 189).

Os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, com desenvoltura, executam, nos textos que participam, a arte da realização de radiografias bem-humoradas, a partir da alma de uma determinada cultura, por assim dizer, que se permite retratar, o mais próximo possível do atual, haurindo-se de material ficcional, como real. O domínio da linguagem, assim como do ritmo da narrativa pertencentes ao jornalista escritor Josué Guimarães situava, por procuras incansáveis, pessoas, fatos, objetos, acontecimentos, as condições que os cercavam incondicionalmente (POUND, 2001).

Não ocorreu, que tenhamos notado, em nenhuma das crônicas lidas, economia no uso das palavras. Dom Camilo, exímio pseudônimo informal, valendo-se de muitos diálogos. Qualquer assunto serviu-lhe de fio condutor para expor pretextos, revelações, obsessões, preocupações, anseios, tanto sociais, éticos, políticos ou econômicos do seu autor. Criativamente, o pseudônimo encontrava nos momentos de diálogo com seu leitor uma nova forma de fazê-lo como se fosse a primeira vez que o dizia, independente das situações cotidianas e seus ângulos insólitos e inesperados, que porventura seriam, no texto, abordados.

Segundo Nascimento e Meandro (2006, p. 103),

> [...] todo o discurso criativo assinala um ato fundador, na medida em que nomear situações e elementos imprevistos, conferindo-lhes existência e lançando-lhes na luta por um espaço e por uma posição [...]. Produzir crônicas criativas não é um gesto que exprime apenas inconformismo. É desse manancial de imaginação a crônica jornalística se nutre, sorvendo, aí, toda a sua significação [...]. Este processo sutil corresponde a articulação adequada das palavras em citar todo e qualquer sentimento do poder político, que não está, talvez de ser mais legítima aos olhos dos homens.

Em vários momentos, o autor reforçou o já esperado pelo leitor com pitadas exatas de exagero, produzindo a noção de até mesmo uma caricatura comum parecer o mais realista retrato. Algumas destas noções, por meio da linguagem dos pseudônimos, por instantes, comportavam-se com aparência de avessas e libertadoras. O autor transpunha para o papel revelações de tamanha grandeza verdadeiramente potencializadas em proporcionar sentido e nitidez aos assuntos discutidos (NASCIMENTO; MEANDRO, 2006).

De fato, os tons humorístico e irônico despretensiosos do nobre jornalista escritor assumiram o papel de estabelecer ancorismo para a entonação do gênero, autorizando-o por meio de sentenças que valorizam a percepção do leitor, haja vista que o ser humano sempre terá o que transmitir para os demais. Observando desta forma, podemos considerar, então, que a finalidade discursiva dos temas abordados nas crônicas jornalísticas aqui analisadas serviu de orientação para o leitor, via provocação do riso, refletir, compreendendo, de fato, as mais variadas situações polemizadas pelo jornalista escritor. Este, portanto, não diferenciava seu público leitor (MORAES, 2009). Para Josué Guimarães, assim como as palavras, os sujeitos eram tão somente seu alvo específico.

A esse respeito, o jornalista e escritor Josué Guimarães, escrevia para toda e qualquer cultura letrada. Os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, desprendidos de ser sarcásticos e mordazes com o dito das suas palavras, por conseguinte, afirmaram estar aí a riqueza do gênero textual crônica, uma vez que este se preocupa essencialmente com a contrapalavra, cuja força e determinação contemporâneas de observar os fatos e acontecimentos da época, indispensavelmente, faziam-se presentes nas criações de Josué Guimarães. Com uma total experiência alheia, embriagava os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, fazendo-os demonstrar, por meio, também, dos personagens que eles eram encarregados de configurar, adquirissem relevante importância, demarcando territórios e opiniões, discreta, porém, zombadamente, inclusive imbuídos de onisciência (APÊNDICE J, p.189); (APÊNDICE H, p. 188).

Conforme Navarro e Diaz (2004, p. 79),

> [...] o olhar do escritor cronista ultrapassa o plano físico, chegando aos pensamentos da personagem central. O trabalho com este plano psíquico gera na crônica o enredo misterioso, criador de expectativas, pois a embriaguez de quem narra está naquilo que já denominamos bastidores da história e não em uma realidade imediatamente observável. É o retrocesso mental do cronista que determina todo o enredo da crônica e, por consequência, dá vez à descoberta das artimanhas do poder, seja através dos diálogos revividos ou das reflexões das personagens.

O cronista Josué Guimarães ressaltou, em suas crônicas jornalísticas, as muitas facetas de um mesmo acontecimento, evidenciando preocupações e anseios futuros carregados de sensibilidade e estilo próprio para cada um dos seus pseudônimos que, em muitas das particularidades apresentadas por eles, traduziam reconstruções dessacralizadoras da realidade circundante à sociedade daquela época.

Deste modo, ocorreram simultâneas articulações entre as personagens reais e ficcionais que conviviam organizadamente entre perspectivas alegóricas e fantásticas, essencialmente as recursivas. Observamos com a leitura, interpretação e compreensão das crônicas jornalísticas, temas profundamente direcionados a ultrapassar o cotidiano e servir, portanto, não somente de posteriores registros históricos, mas construções jornalístico-literárias, exemplares (BENJAMIM, 2014).

Imbuídas de tantas características, as crônicas em questão carregavam em si extremas doses de atualidade. Atualizadas diariamente, faziam-se misteriosas, quando o autor engendrava por enredos simples, tendo em vista que seus leitores, ao lerem poucas delas, imediatamente identificavam-se com o escritor, sua novidade e seus propósitos audaciosos, exigindo, dele, correlatamente, a necessidade por observâncias futuras que os reconhecessem como membros da realidade ali transfigurada (NAVARRO; DIAZ, 2004).

De fato, esta sensação é percebida por estarem as crônicas jornalísticas difundidas por Dom Camilo e Peppone, cronologicamente assinaladas pelo passado, quando tratavam da discussão de valores universais cotidianamente presentes. Independentemente, os sujeitos continuavam sendo alvo principal para o autor dos textos, assim como a sua preocupação com a história nacional alicerçar-se em incansável discussão sobre ela (NAVARRO; DIAZ, 2004).

Aos moldes contemporâneos daquele período, em sentido simples, as palavras exploradas pelo autor das crônicas jornalísticas eram cerceadas de significados econômico e político que, ainda em nossa atualidade, insistem em se fazer presentes como naquele momento histórico. Os pseudônimos das crônicas jornalísticas aqui analisadas demonstraram, nos momentos

de auge de suas falas dialogadas com o leitor, saberem, habilidosamente, utilizar espaços cativos comunicacionais, especialmente a esfera política, para se fazerem compreender (HUTCHEON, 2000).

Para a mídia jornalística daquele momento, ambos os pseudônimos utilizados pelo escritor Josué Guimarães, causaram relevantes impactos contextualizados para os leitores ao ultrapassarem a visão daquilo que é permitido ou não, produzindo neles pensamentos e/ou comportamentos intensos em simulacrar um mundo contemporâneo ao passado, transfigurados por personagens do mundo real.

Conforme Montagnie (1999, p. 106),

> [...] realçar ao máximo as questões políticas, dando maior espaço aos fatos e acontecimentos do cotidiano, transmitindo conteúdo ou mesmo informações de forma a conduzir muito mais à reflexão, apresentando pessoas, principalmente políticos, rotulando-os tendenciosamente, conduzindo de antemão simpatias e antipatias conforme seus interesses, é um dos papeis exercidos pela crônica jornalística.

O tom sarcástico das crônicas jornalísticas ora observadas, além da capacidade de proporcionar ao leitor risos humorados, apresentavam tendência às soluções fantásticas para tamanhas dificuldades, assim como impasses quase impossíveis de se resolver, uma vez que os temas tratados chegavam à percepção leitora, dominados pelo sarcasmo inteligente e sutil que linha a linha do texto provocava aos olhos do leitor a visão clara sobre, por exemplo, corrupção, sonegação, descasos, falta de escrúpulo político entre outros, obstruídos pelo cenário social da época (CÂNDIDO, 2006); (KIEFER, 2010); (CRUZ JÚNIOR, 2000); (SCHLEGEL, 1997).

A exemplo disto, a linguagem coloquial utilizada pelo jornalista escritor, a partir do pseudônimo Dom Camilo, a rigor, comprometia-se social e politicamente com o momento histórico daquela época, incidindo, à medida do que era criticado ou abarcado, discutindo a íntima relação dos cidadãos com a política. Para Josué Guimarães, o cronista só tem um compromisso: com a realidade.

Decerto, este comprometimento não se esgotava em um realismo estreito, idealista, pois, para ele, a crônica tem a responsabilidade de discutir situações com olhar insólito sobre os acontecimentos, haja vista que o cronista tem a capacidade de transformar um pequeno fato em uma hiper-realidade, sem censurar as evidências aos olhos dos leitores, até mesmo dos mais inocentes.

Como a origem da palavra crônica, por ela mesma, nos indica uma íntima ligação com as palavras e, em especial, com aquelas destinadas a repassar para o leitor temporalidade e objetividade, neste sentido, as crônicas jornalísticas que foram aqui utilizadas para o fornecimento de elementos suficientes para apresentarmos, no nosso entendimento, os dados resultantes das análises do *Software* IRAMUTEQ demarcaram, suscintamente, observações como serem as narrativas do autor uma real tentativa de estudo, direta ou indiretamente, da sociedade e da humanidade daquele período, possibilitando, inclusive, ao leitor, interpretar os temas muito além dos fatos relacionados.

Nesse sentido, interpretar os fatos e colocá-los no papel sem desmistificá-los é, também, uma das atribuições do cronista. De acordo com o jornalista e escritor Josué Guimarães, cabe ao autor, por intermédio de minuciosas observações, característica fundamental da crônica e do cronista, despojar do imediatismo do mundo informacional, por vezes oferecido de maneira rala pelas informações das mais variadas esferas de comunicação, valer-se delas para não permitir, mesmo no cotidiano moderno-contemporâneo, passe incólume às crenças, saberes e lealdades de uma sociedade (CÂNDIDO, 2006); (KIEFER, 2010); (ECO, 2003); (BEIGUELMAN, 2003).

Tivemos a oportunidade, ainda, de observar, ao lermos as crônicas selecionadas para este estudo, as muitas barreiras criadas por alguns segmentos da sociedade que intuem burlar a aproximação do público leitor da verdade. Ao contrário, as crônicas criadas por Josué Guimarães aproximavam o leitor do universo privado, soberbo, destinado ao mundo fétido da política, demonstrando que a ideologia do poder pertence tão somente aos interesses particulares de poucos (VERÍSSIMO, 2000).

Em todas as crônicas jornalísticas que serviram para esta análise, foi perfeitamente possível a constatação da insistência dos muitos personagens fétidos que assolaram e, muitos, recentes, insistem em se espelharem naqueles exemplos, vendendo ilusões, recalculando valores pessoais e morais das gerações, colocando os sujeitos à prova de suas reais necessidades. Para Josué Guimarães, a título de ressalva, a crônica jornalística possibilitou espaço para que ele, com grandeza e entendimento impecáveis, desse vida a um cenário capaz de surpreender qualquer leitor, de qualquer faixa etária, quando este compreender a indispensabilidade de reverter opiniões forjadas, consagradas naquela época, como no atual cenário contemporâneo, gerenciado por um cotidiano que, diariamente, é surpreendido, fazendo da mesma forma com o ser humano.

Nas crônicas em estudo, percebemos que o autor enfatizava, por meio de frases diretas, os muitos sentimentos comuns para a sociedade daquela época, estarem soterrados ou cedidos às aparências cabíveis ao momento político, assim como atitudes relacionadas aos bons costumes e ética, não representarem a vontade do povo. Entretanto, muito presente nas crônicas lidas é o surgimento, sempre esperado pelo leitor, de resultados de imposições às rachaduras criadas pela cúpula do poder, também instaurada naquele período histórico, muito similar ao sistema de governar contemporâneo da atualidade, conforme as expressões "gris", "prego", quebrado", "impulsos", sistema", "crentes", "defendendo", "autêntico", "julgar" (APÊNDICE C, p. 185).

Em diversos momentos dos textos, outro elemento de excepcional relevância para tornar autêntica a integração autor, pseudônimos, acontecimento e leitor, foi o emprego da razão. Ao fazer parte do contexto das frases de destaque utilizadas pelo autor, sem pedir qualquer tipo de licença, ela possibilitava tamanho espaço para intensas reflexões. Em cada momento do texto, o autor instigava pensamentos, fazendo falar por seus pseudônimos (HUTCHEON, 2000). Aqui, cabe ressaltar que por meio de uma peculiar malícia em utilizar palavras adequadas para cada situação, quem roubava as cenas era, sem dúvida, Peppone.

Instintivo, prático e ponderado, ao se fazer presente, Peppone estipulava imediatamente linhas de pensamento que o interligavam ao leitor. Palavras elaboradas, dotadas de fluidez e sentido, afirmam que assim como a literatura traz em si o real comportamento social e político de uma sociedade, a crônica jornalística assume um intenso papel social informativo, satirizando, sem perder o esplendor, a história de um país, com excelência (QUEIRÓS, 2007).

As crônicas jornalísticas dos pseudônimos acima mencionados estão impregnadas de ideias e soluções, em cada letra, em cada palavra, em cada frase ou entrelinha. Distribuem possibilidades, para que o leitor perceba e compreenda, quase em tempo real, o que muitas vezes lhe parece impossível. Por meio das falas, diálogos e presença dos pseudônimos nas linhas dos textos muito bem elaborados pelo nobre jornalista, enxergar o momento e a realidade, era o mesmo que desatar nós cegos. Nós, estes, que os leitores, independente de idade, cultura, credo, crença, nível de compreensão, eram tocados pela luz no final do túnel, apresentada pelo autor, para cada uma das situações debatidas, recheadas de sarcasmo e riso (HUTCHEON, 2000). O autor não subestimava nenhum tipo de leitor que o acompanhava.

Em determinados momentos dos textos lidos, a percepção da arte do exagero em convencer a categoria leitora, acelerada e engraçadamente, quebrava toda e qualquer impercepção que talvez pairasse após as leituras, tendo em vista que todas as crônicas estudadas baseavam-

se em fases importantíssimas das histórias nacional, local e, por vezes, universal, a fim de efetivamente intimar o leitor a se comprometer com uma atenta reflexão acerca da construção da identidade daquela sociedade, em especial, da sua.

Sabemos que a linguagem jornalística, assim como a literária é ampla por natureza é dramática e, sua retórica, rica e imensa. Recursos linguísticos e extralinguísticos cooperaram em demasia, para remeterem o leitor a estados de surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc., quando estes liam os textos, em especial as criações para o pseudônimo Dom Camilo. Utilizados uniformemente, prosperavam para a identificação do leitor com os assuntos narrados, amenizando fatos cruéis e brutais, assim como tragédias e incomposturas humanas, promovendo sensível compreensão das situações.

Nesse contexto, um dos aspectos mais importantes dos diálogos observados, por exemplo, era quando o autor tomava o leitor por seu ponto ou ângulo de visão e, a partir dele, organizava sua crônica jornalística. Para o jornalista escritor, a focalização, seu alvo, o leitor, eram subitamente atingidos por ampla gama de possibilidades de encontros embatedores entre locutor e receptor, acompanhados de narrações conscientes. Nesse sentido, o narrador onisciente que tudo sabia, pois tudo via, percebia, pressentia, via e contava, a partir de uma perspectiva ilimitada ou, então, por meio do narrador que relato os fatos a partir da primeira pessoa, esta, como participante das situações que contavam, retrospectivamente, ou no instante em que elas ocorriam, parecendo estar ali presentes.

Nesse cenário as crônicas jornalísticas não dispensavam elementos como narrador, fundamental a escolha de perspectivas que criam a referencialidade de autoridade para dizer o que pode ser dito dentro de um determinado poder técnico ou político; conflito, como fechamento ou resolução (HUTCHEON, 2000), em que transparecem as situações e acontecimentos a partir de um olhar externo por meio da lógica da transparência e da tipologia textual, expressões que visam objetividade por ocasião da exposição, explanação, explicação e interpretação de ideias, do conhecimento de algo, a fim de convencer, persuadir, influenciar, fazer crer em algo.

Em consonância com Santaella (2002, p. 148),

> [...] o leitor desenvolve autonomia própria, podendo se referir a todas as questões que privilegiam a interpretação dos dados, em lugar de somente mensurá-los. Esse tipo de abordagem busca uma interpretação inovada, diferenciada, das unidades do sentido, das relações entre elas e do que delas emana.

Outro aspecto relevante que convém ser mencionado, pois muito se destacou nas crônicas jornalísticas analisadas, além da destacada anteriormente voz narrativa é o emprego da ênfase. Palavras, meio de palavras como "tanto", "tanta gente", "apenas", "tudo isso", "cada vez mais" e "justamente", por meio do narrador que ele se mostre genuinamente envolvido pelo problema, fato, acontecimento que está destacando.

A proximidade criada pelo jornalista escritor para seu narrador e a interpretação do conteúdo pelos pseudônimos Dom Camilo e Peppone, mesmo que não imbricadas por completo na trama, propiciavam, por ocasião das farpas certeiras que entre eles eram arremessadas, que o leitor se questionasse quanto à objetividade jornalística dos fatos apresentados. Os pseudônimos contrabalançavam recursos próprios de argumentação com fortes referências externas da sociedade. Esta postura, ora narrativa, ora passional, oscilou constantemente entre o envolvimento e o distanciamento do certo e do errado.

Com a mesma facilidade, em certos momentos, ambos os pseudônimos exploravam com veracidade não apenas os fatos, mas sua origem e quem os trouxera à tona. De um simples lugar comum, por meio de conversas informais, como se estivessem em uma roda de amigos, as chibatadas de críticas arrasadoras que eles desferiam contra o lado obscuro, a politicagem, aos mais impensados, impolidos, incivilizados, indelicados e inurbanos cenários da vida real (SCHLEGEL, 1997); (MONTAGNIE, 1999); (SANTAYANA, 1999).

Em outras passagens, o tom de fala, pois eram assim abordadas as questões imprescindíveis de conhecimento, e mais distante, quase categórico, como se as crônicas tivessem um público específico a ser alcançado. Nesse momento da leitura, é possível perceber tal intensa modificação pelos enunciados adotados pelo autor, não só quanto a sua maior ou menor complexidade, porém diversas nuances que ele impunha aos seus pseudônimos. Não havia outra possibilidade para ambos que não fosse duelar, duelar, duelar acerca das mais variadas temáticas, as quais tratavam de demandas diversificadas, exigindo deles demasiados argumentos para continuarem ativos no contexto da crônica.

Nas crônicas não havia outro tom que não o humorístico, o irônico, o despretensioso. O autor, assumindo posto de estabelecimento para ancoragem da informação sem limites, não conhecia outra atitude que não a de valorizar seu leitor. Estes três elementos, entre muitos que poderíamos citar, o revelaram ousado, astuto, corajoso em correr riscos – aqueles que ele se dispunha a correr, a partir do seu ponto de vista para os fatos expostos ou, então, quando, ainda na intenção de despertar criticamente o leitor desejoso, não media as circunstâncias de impor suas opiniões (SCHLEGEL, 1997). O autor, ao criar e produzir o gênero em foco, optou

pelo elemento ironia como condição necessária de elaboração do discurso de sentido para os leitores das suas crônicas.

Consonante Kiefer (2010, p. 149),

> [...] outra questão recorrente quando se intenta apontar as características e marcas definidoras desse tipo de narrativa diz respeito à temporalidade. A partir de sua própria terminologia, as marcas temporais do gênero se, por um lado, afirmam sua historicidade, na medida em que está plantado no real imediato em seu movimento dinâmico, por outro, tal fugacidade do tempo implica na própria efemeridade do texto. Tal efemeridade torna-se mais fortemente percebida quando a crônica tem por suporte o jornal, meio impresso de rápida e massiva divulgação. Nesse caso, o texto narrativo associa-se, em geral, às demais matérias e à própria diagramação do periódico, aumentando sua circunstancialidade. A relativa transitoriedade da crônica não diminui, contudo, sua qualidade informacional e estética, uma vez que o cronista, ao colocar em ação os referidos elementos narrativos/constitutivos do gênero, torna-se capaz de recriar o real, de forma imaginativa e elaborada.

À vista disso, jornalismo e literatura aliavam-se por entre as linhas textuais criadas pelo jornalista e escritor Josué Guimarães em seus textos jornalísticos, ultrapassando toda e qualquer simplificação de linguagem ou de estilo. Dessa forma, o leitor ao refletir, autonomamente, fazia uso do seu senso crítico sobre o mundo e tudo que está à sua volta, a partir dos muitos discursos acessíveis e centrados na realidade, dispostos pelo autor (WELLECK; WARREN, 2003).

O autor, na condição cotidiana de insistente na preocupação com a atualização permanente dos seus textos, gerava multiplicidade de temas, baseando-se na incumbência de dar conta da igual multiplicidade dos tantos aspectos da vida difundidos por ele, a um público que ansiava por suas ideias cativantes e ampliadoras de horizontes. Ao manter contato com as crônicas jornalísticas, a sensação que temos, num primeiro instante, é a ânsia escritora de Josué Guimarães em problematizar o gênero informacional em questão, em meio ao contexto brasileiro na época da ditadura militar brasileira, sem a menor condolência com as situações tratadas (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

As crônicas que tivemos prazer de estudar colocaram-nos em contato direto com relevantes momentos políticos que implicavam em oposições, supressões, negações das diversas formas de expressividade do pensar. Dessa maneira, a sensação de estarmos dentro dos acontecimentos, especialmente as manifestações artísticas, fossem elas literárias ou jornalísticas de uma forma geral, nos pareciam reais. As ações censuráveis sobre os meios de comunicação de massa, bem como sobre a produção editorial, vivenciadas nas 24h do dia de

cada um dos membros da sociedade daquele período, provocavam diferentes reações entre autores que, no limite de suas atuações, tinham que optar por estratégias variadas de comunicação com seu público, quando, na maioria das vezes, viam-se obrigados ao silêncio. Se, para os autores da época, assim a era, o que dizermos, então, dos leitores daquele momento histórico?

No período da ditadura brasileira as crônicas jornalísticas que ganhavam espaço para publicação tornavam-se veículos privilegiados de divulgação da informação. Nos textos lançados ao público, a sociedade podia ver-se e ouvir-se, estabelecendo um elo de comunicação com os fatos regionais, nacionais e/ou internacionais. Poucas se fizeram possíveis no atual contexto de liberdade de imprensa daquela instância histórica. As que conseguiram tal proeza eram tolhidas e cerceadas por leis que incidiam em censura prévia, a qualquer forma de comunicabilidade, fosse ela qual fosse.

As crônicas jornalísticas aqui analisadas, veiculadas nos meios jornalísticos da época, comprovam a afirmação acima. Supervisionadas pelos órgãos maiores, acima da imprensa a todo e qualquer momento, implicavam, dessa maneira, por parte dos cronistas, na busca incessante de sua expressão, da melhor maneira que lhes possibilitasse continuar ocupando a função de comentaristas e formadores de opinião, em meio a um argiloso terreno (HUTCHEON, 2000). A bravura, então, era para poucos.

No entanto a militância e censura exercidas pelo regime político daquela época, inúmeras vezes, silenciaram muitas vozes que se pronunciavam por meio da produção de textos informativos, de certa maneira, camuflados conscientemente. Diversos deles foram proibidos de publicação. As crônicas jornalísticas aqui analisadas confirmam e atestam os diferentes meios de que o jornalista escritor Josué Guimarães se valeu para se manter atuante em meio a esta dura realidade. Não há como sermos insensíveis e não mencionarmos nossa percepção acerca de cada uma delas transparecer o efetivo resgate da memória local e nacional, a fim de não deixar apagar a história que se alimenta e procura preservar o passado para esclarecer o presente, fazendo ressalvas para com o futuro.

As crônicas jornalísticas aqui observadas serviram de importante abarco para a preservação da memória coletiva de uma sociedade que sentiu, na pele, o real sentido da palavra não. Por meio das palavras do autor, o leitor, certamente, encontrava clareza nas explicações e servia para dar liberdade ao seu pensamento, além de se sensibilizar com os esforços do autor, para que compreendesse as estratégias utilizadas por ele para aproximá-lo da realidade que lhe era ofuscada (WELLECK; WARREN, 2003).

O jornalista e escritor Josué Guimarães, assim como muitos cronistas daquele período, ao se utilizar dos pseudônimos para opinar e refletir sobre os mais polêmicos assuntos e acontecimentos, evitavam que seus nomes próprios fossem calados pelo regime da proibição. Com isso, manter-se-iam ativos e continuariam com a criação de novos textos e o leitor continuaria com o acesso aos repasses informacionais, ultrapassando possíveis barricadas acerca da compreensão da realidade da qual eles faziam parte, porém lhes era inacessível.

Naquele momento histórico, qualquer cuidado era muito precioso. Repassar fatos e acontecimentos da atualidade sem cometer ambiguidades, especialmente com temas delicados, era um ato heroico. Os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, por meio do seu autor, conduziam o desenrolar dos temas abordados de maneira estruturada por períodos que, mesmo lidos de maneira não linear, ainda assim apresentavam-se repletos de lucidez. Em cada diálogo travado entre ambos, por vezes necessitando serem apaziguados pelo narrador, eram eles que exigiam do leitor disponibilidade para, se preciso fosse relembrar o passado para adquirir postura perante as atrocidades e injustiças cometidas diariamente pelo círculo vicioso da politicagem (KIEFER, 2009).

Na voz dos pseudônimos Dom Camilo e Peppone, o jornalista e escritor Josué Guimarães resgatou veementemente a indispensabilidade de afirmação do conhecimento sobre o tempo e o espaço a que todos os envolvidos pertenciam. De uma simples crítica, Dom Camilo instigava Peppone para elogiados embates entre passado, presente e futuro (KIEFER, 2010); (QUIROGA, 2009).

Outro importante elemento muito presente nas crônicas jornalísticas observadas, essencialmente as do pseudônimo Dom Camilo, quando estas assumiam a função de sátira político-social, de maneira a formar autocredibilização, entendida aqui simplesmente como a necessidade de reforço do outro em seus textos, diversas vozes se faziam unânimes, ao serem invocadas pelo poderoso discurso persuasivo do autor (BAKHTIN, 2007).

Congruente Bakhtin (2007, p. 59),

> [...] a linguagem não representa meramente a realidade, mas cria no mundo estados de coisas novas. Passa a ser compreendida a partir de sua natureza sócio histórica, enfatizando-se sua ação interativa, uma vez que toda enunciação é uma resposta a alguma coisa e por isso. [...] não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com ela, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as.

Como uma forma de credenciamento, o escritor jornalista validava o que referia. Não

se desresponsabilizava completamente pelo que era por ele afirmado. No entanto, nas vozes alheias, a sátira político-social, a promoção da voz diferenciada, convocando, inclusive, vozes anônimas e objetivas, perpetuava seu envolvimento com o leitor, reduzindo, dessa forma, qualquer distância que houvesse entre eles (BAKHTIN, 2007).

Verificamos, também, em algumas das crônicas do autor, o forte aparecimento de situações que classificaremos aqui de 'nós' (HUTCHEON, 2000). Palavras entrelaçadas, fortemente inclusas em todos os diálogos mantidos entre narrador e receptor tinham presença garantida a cada iniciar de duelos entre os pseudônimos. Diante de tantas informações acerca do cotidiano que rodeava leitor e autor, a impressão que tivemos em alguns momentos de atenta leitura foi claramente a compaixão do cronista pela preservação da fé e dos bons costumes enraizados em muitos valores morais obrigatórios aos seres humanos, todavia alvo de políticos possuidores de índole duvidosa.

Nas crônicas lidas para este estudo, as muitas expressões utilizadas pelo autor para se dirigir ao sistema político daquele momento, semipresidencialista ao extremo, o fazia de maneira perturbadora, amarrando trama e leitor entre muitos adjetivos que se seguiam argutos do início ao fim dos textos. Cada crônica era, com certeza, uma nova caixa de surpresas que, ao ser descoberta, adquiria proporções gigantescas na forma de discurso transformador com destinatário certo. Expressões coloquiais, articuladas, marcantes, eram, por exemplo, preferidas pelo pseudônimo Dom Camilo, desenvolvedor de um novo estilo oralizante em cada um dos diálogos aos quais ele pertencesse (KIFFER; GARRAMUÑO, 2014).

O mesmo se deu algumas vezes em relação às expressões idiomáticas, também adeptas do autor. Por meio delas leitor e autor concorriam entre marcas, frases curtas, vocábulos, locuções e termos que reforçavam e enfatizavam o dito dos pseudônimos. Preciosas informações eram compartilhadas por eles. Em determinadas situações, a capacidade de engrandecer ou reduzir o agrado pela leitura entre os leitores que o seguiam era definitiva para a formação de opinião sobre a gama de informações repassadas (KIFFER; GARRAMUÑO, 2014).

Desta maneira, com segmentos breves, ora preocupados em encerrar atos linguísticos, ora preocupados em responder as muitas das perguntas dissimuladas lançadas pelo autor nas suas crônicas jornalísticas, percebemos, novamente, muito presente, a instauração da polifonia. Aqui nos referimos a ela de maneira apenas perceptiva, tendo em vista as muitas presenças concordantes e/ou discordantes dos casos construídos pelo tom dos diálogos nos discursos entre os pseudônimos Dom Camilo e Peppone, cabendo, em um outro estudo, a

sugestão de observação detalhada sobre a característica polifônica dos (as) personagens (BAKHTIN, 2007).

Ainda em relação a algumas das muitas características de ambos os pseudônimos, vale destacar o pseudônimo Dom Camilo, carregado de coloquialidade que se diferenciava consideravelmente do seu oponente, pseudônimo Peppone. Dom Camilo, sarcástico em todas as suas maneiras de se expressar, mantinha-se atento a tudo que lhe servisse de sátira. Desmedido, em algumas vezes, com palavras aguçadas de ironia, não media seu palavreado para desferir, de certa forma, ameaças às personagens que estava incumbido de descrever naquela determinada crônica. Em tom ameaçador e definitivo, não era sujeito de recados. A frase de acusação era completa e demonstrava que seu alvo era exatamente aquele que a situação tratada no texto se referia.

Ao contrário, passivo, intelectual, sensato e formal, Peppone não se fazia escravo das situações a que respondia o oponente ou aos possíveis fatos que porventura ele questionasse, o que pouco fazia. Cauteloso em suas profundas marcas de expressão voltadas à formalidade, contrapunha-se com elegância e cordialidade aos rotineiros registros sequenciais de discurso sagaz do seu oponente. Peppone fazia da sua fala uma intensa atividade incessante de regimes homogêneos, capaz de ser distinto entre as camadas dos campos discursivos criados pelo autor, fosse por meio de imagem, palavra, traço, letra, desenho (KIFFER; GARRAMUÑO, 2014).

Assim como Dom Camilo, quando Peppone entrava em cena, roubava a atenção e os olhares sedentos de informação dos seus leitores, perpassando a sensação de que o tempo, ali, havia parado e aguardava as reações dos seus leitores, sem nenhuma pressa. Dessa maneira, conforme observamos e o mesmo nos acontecera, era levado, sem perceber, a ler e reler seu texto, sem demonstrar cansaço ou desânimo por mais elaborada que fosse a linguagem por ele utilizada (HUTCHEON, 2000).

Em ambos os comportamentos dos pseudônimos, percebemos, também, muitas marcas de modais epistêmicos na forma de expressões gramaticais preocupadas em se reportar tão somente ao eixo do saber, a fim de exprimir grau elevado de conhecimento ao que era abordado no texto. Demonstravam, inclusive, dever e obrigação em fazê-lo para com os leitores, da melhor maneira possível (MONTAGNIE, 1999).

Marcas atenuadas, constantemente sentidas nas leituras das crônicas jornalísticas, oral ou silenciosamente, permitiam ao leitor intervir na força locutória dos atos de linguagem executados pelo autor, participando, intensamente, da construção da ironia e do humor do

conteúdo do texto (DUBOIS, 1999); (MONTAGNIE, 1999). Este reforço, se assim podemos dizer, produziu efeito favorável na compreensão da leitura, justamente por palavras constantemente apresentadas nos resultados das análises do *software*, como "força", "poder", "parecer", "talvez", "provável", entre outras (APÊNDICE E, p. 187).

Em ambos os pseudônimos percebemos, explicitamente, posicionamentos convictos acerca do tema abordado em cada uma das crônicas elaboradas pelo jornalista Josué Guimarães. Facilmente identificáveis com o contexto da época daquela sociedade, os conteúdos propositais de que tratavam os textos criados por ele individualmente se faziam notórios pelo léxico ou pelas muitas construções de carga semântica utilizadas, preparadas normalmente para fortes apreciações, comportando-se como veículos de excelente ironização, sarcasmo e humor (QUIROGA, 2009); (SCHLEGEL, 1997); (VERÍSSIMO, 2007); (SANTAYANA, 1999); (HUTCHEON, 2000); (MACHLINE, 2000).

Até certo ponto, podemos ressaltar que ambos os pseudônimos participaram ativamente da linearidade das estruturas narrativas, fazendo com que o leitor percorresse todos os caminhos do que ali estava sendo dito, por consequência do vasto campo de experiência do autor entrelaçando fatos, coincidências, sugestões, acontecimentos e afins, o autor deslocava os campos jornalísticos e literários, permitindo harmonia entre eles, além de perfeito diálogo entre si (KIEFER, 2010).

As recorrências enunciativo-pragmáticas estabelecidas nas crônicas jornalísticas aqui observadas aproximam o leitor de diálogos intertextuais e interdiscursivos estabelecidos pelo autor com outros textos e outras macroestruturas discursivas, dando-lhe a impressão do "limite ser aquilo que antes de tudo está" (BAKHTIN, 2007, p. 78). Dessa forma, por intermédio da convocação das muitas vozes presentes no texto, não há como deixarmos de nos referir novamente à polifonia. A construção de registros informais promove tons dialogais, coexistindo amigavelmente com elementos semanticamente e pragmaticamente compatíveis, nas mesmas sequências textuais, sem perder ou se desviar do conjunto de objetivos do autor pensados para proporcionar informação profundamente divertida, além de restritamente informacional.

Por tratar de temas do cotidiano que, invariavelmente, pertencem à vida de todos os membros de uma sociedade, a crônica possui liberdades linguísticas e estruturais que outros textos não têm (BENJAMIM, 2014); (CÂNDIDO, 2006). Nela, a utilização do foco narrativo em primeira ou terceira pessoa, torna-se indiferente, pois da mesma forma estabelece diálogos, variações e erros linguísticos propositais, no intuito de aproximar o fato, história,

acontecimento, de questões pitorescas da vida do ser humano, o mais perto da informalidade possível (BAMBERGER, 2002).

Nas crônicas jornalísticas aqui analisadas, percebemos a forte ligação do autor com as raízes do jornalismo, além das literárias. Josué Guimarães criou suas crônicas como obra de arte, demonstrando ser para ele muito mais que um ofício, uma atividade prazerosa, livre de obrigações, mecanizada ou planejadamente. Para ele, suas crônicas jornalísticas expressavam muito mais que estética (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006). Nelas, ele se fazia pronunciar meticulosa e lapidadamente, sem se tornar vulgar, passeando do sério para o irônico, sublimemente.

A partir de pequenos detalhes e palavras como "salafraria", "infame", "xeréu", "novos presos", "costado" e "capelão" que, evidenciavam muito bem o cotidiano em seus textos, as crônicas jornalísticas aqui observadas retrataram com muito esmero um exímio jornalismo opinativo, onde só havia espaço fixo para retratar e enfatizar a diversidade de temas sociais, criticando, quando fosse necessário, por vezes, quase ridicularizando fatos e personagens, mas sem perder a volúpia e a finura da *finesse* (APÊNDICE B, p. 184); (QUIROGA, 2009); (SCHLEGEL, 1997); (VERÍSSIMO, 2007); (KIEFER, 2010).

No ir e vir, no dentro e fora, acima e abaixo, parecendo não haver fronteiras para o pensamento e a reflexão, o autor submeteu seus pseudônimos e personagens, constantemente, à produção de um jogo de aproximação intensa que mesclava importantes fragmentos da memória política, social, cultural, filosófica, geográfica e até geológica da sociedade daquele período histórico, desestabilizando ideologias hipócritas de pensamentos de uma certa quantidade de afortunados socialmente aceitos pelos padrões da época (BAMBERGER, 2002). Inclusive, suas crônicas jornalísticas encaminham o leitor para a percepção de relatos da vida cotidiana, difundidos nas histórias da vida urbana, de maneira satírico-humorística, com o principal objetivo de mostrar para ele o seu real cotidiano revelado por meio de opiniões do autor e, ainda assim, lhe facilitar o entendimento dos mais diversos assuntos de maneira subliminar (VERÍSSIMO, 2000). Ao ler as crônicas aqui em questão, o leitor desenvolve, entre muitas das competências que alguns nem sabem tê-las, a compreensão de que Josué Guimarães praticou um jornalismo polêmico, apaixonado e peculiar que, praticamente, não mais existe.

4.3 DOM CAMILO E PEPPONE: VOZES E POSIÇÃO

Muitas foram as influências para que a comédia italiana surgisse, também no cinema. Contribuíram com seu aparecimento muitos segmentos, dentre eles, especialmente a tradição cômica literária e teatral, fator de grande relevância para a composição do gênero conhecido como o teatro das variedades, possibilitador do espaço criado para as muitas diversões que reuniam grandes públicos com diversão popular garantida. Estes espetáculos, também denominados de *vaudeville*[7], continham carga intensa de elementos, como comicidade, ironia, imaginação, fantasia e erotismo, demonstrados, por exemplo, por meio de truques ilusionistas, assegurando sucesso de risos e aplausos das plateias. Dessa forma, grandes espetáculos tinham apreciação do público popular garantida e rotineira, destacando personagens como Cretinetti, Robinet, Tontolini, Polidor, Dom Camilo e Peppone, entre muitos outros. Cabe, aqui, ressaltar, acerca do periódico satírico Candido (1945), dispor de uma tônica política anticomunista; dirigido por Giovanino Guareschi, fonte inspiradora para o jornalista e escritor Josué Guimarães, na criação dos pseudônimos Dom Camilo e Peppone, ter se tornado, após a Segunda Guerra Mundial, espelho semanário de páginas repletas de reflexões sobre as tendências políticas de maior projeção daquele período, ativamente até a década de 1961. A partir desta vertente jornalística, criada humoristicamente, arrecadou enorme sucesso de público, ultrapassando gerações, inclusive gerando novos talentos, como argumentistas, roteiristas, diretores, dentre outros.

Personagens cômicos marcaram a época da comédia italiana, assim como Don *Camillo*, pároco democrata da aldeia de Reggio, na região de Emilia Romagna, norte da Itália e Peppone, um prefeito tolo e comunista, figuras conectadas por árduos conflitos marcados por brigas, provocações e, em alguns momentos, estima e consideração entre ambos, com características determinantes e próprias, dotados de um estilo reservado, com falas pejorativas, críticas e desprovidas de limites.

---

[7]*Vaudeville*: o mesmo que *vaudevile*. Substantivo masculino. 1. Comédia ligeira e divertida, de enredo fértil em intrigas e maquinações, que combina pantomima, dança e/ou canções. 2. Divertimento teatral composto de vários números, por exemplo, acrobacias, esquetes cômicos, danças, canções, animais amestrados etc., sem relação entre si. Fonte: Dicionário Houaiss. Disponível em: < https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#0 >. Acesso em: 17 nov. 2016

A comicidade e a sátira produzidas por ambos pseudônimos eram evidentes, por vezes, caricatas, grotescas, zombeteiras, mas evidenciavam inteligentemente as misérias e agruras da vida e do cotidiano das pessoas daquele período, proporcionando, assim, aos leitores, outra maneira de encarar no dia a dia, infortúnios, desigualdades, necessidades.

Ambos, anteriormente unidos pela resistência, Dom Camilo e Peppone não mediam esforços para disputarem seus seguidores. Suas intolerâncias levaram-nos a perseguir incansavelmente um ao outro, até tornarem se inimigos políticos assumidos que, por algum motivo muito relevante, lhes permitia unirem-se, momentaneamente, a fim de lutarem por determinada causa que lhes possibilitasse algum objetivo em comum.

Munidos de sátira social, ironia, deboches, Dom Camilo e Peppone representam as duas faces da Itália, no final da década de 40, assombrada pela divisão dos principais segmentos da sociedade daquele momento histórico: os Católicos e os Comunistas. De fato, por intermédio das suas interações dramáticas, escrachadas, porém humoradas, o leitor reflete sobre as tensões pós-guerra de reconstrução, bem como acerca do início da Guerra Fria.

Figuras pitorescas, os pseudônimos Dom Camilo e Peppone surpreendiam a cada fala. Dom Camilo moderador de severos embates com Cristo, mantinha atitudes extremas, quando necessitava ser compreendido em suas aflições. Convicto, tornava-se misterioso em seu silêncio pessoal, quando se tratava de defender suas ovelhas. Em interações dramáticas, humoradas e criativas, refletia sobre as mais variadas situações sem perder o traquejo da zombaria crítica, mesmo que estas necessitassem de maior *finesse* para serem ditas.

Crítico à política, religião e amizade, em seus embates com Cristo e suas ovelhas, por vezes deixava claro não haver nenhuma possibilidade de reconciliação entre personagem e leitor, tendo em vista que os diálogos acalorados, quase sempre, terminavam em desastrosas situações, mesmo que suas mensagens fossem em defesa da lei, da esperança e da humanidade, sempre repassadas com extremo humor, vencendo momentos de ambiguidade e confrontos ideológicos.

Dom Camilo preocupava-se com suas ovelhas, sempre expostas ao fascismo, enquanto Peppone, suas inovadoras concepções eram contrárias à Igreja. Aferrados embates verbais, em alguns instantes, transcorriam de maneira física, sem maiores barreiras, pois mantinham a amizade e o respeito entre eles. Quando se tratava de vida e de morte, ambos, por exemplo, uniam-se e defendiam o real e o irreal, o verdadeiro e o falso, inacreditavelmente, de maneira concordante.

Sob forte característica de intolerante, Dom Camilo convive com incertezas e conflitos internos. Convicto de seus pensamentos e crença, vivenciava muitas tentações pelo orgulho, inclusive da sua luta política e seu cuidado e zelo com seus fiéis. No entanto, menosprezava aqueles em que ele confiava, quando se tratava da sua fé, sua admiração, seu Cristo, especialmente, quando este o lembrava do seu dever religioso. Dom Camilo, por sua vez, de maneira sutil, justificava seus escorregões de maneira inteligente e retórica, com longos períodos de jejum, restaurando, assim, sua espiritualidade.

Peppone, perspicaz em suas artimanhas, era hábil criador de inúmeros fatos folgazões, burlescos e galhofeiros, hilariantemente não se eximia do respeito entre ele e seu concorrente. Do contrário, exigia constantemente a presença do seu opositor, sempre com coragem e sagacidade, destemido por novos obstáculos, induzindo Dom Camilo, em algumas vezes, a demonstrar instabilidade e fragilidade perceptíveis nos diálogos que mudavam constantemente o rumo da conversa.

Para Dom Camilo, as mãos foram feitas para orar e agradecer aos céus e os pés, para correrem e alcançarem o que o pensamento enxerga. Um pertence ao outro. Um não vive sem a figura do outro. Unidos e munidos de muitos meneios, cada trama, estrategicamente elaborada por ambos, insidia em motivos que os unia. Peppone, em suas falas políticas era constantemente interrompido por Dom Camilo com discursos vorazes, munidos de armas e doses gigantescas de pólvora, capazes de incendiar, por muito tempo, a mente do leitor.

A disputa por qual dos pseudônimos seria o melhor, não os afastava da harmonia, pois Dom Camilo e Peppone eram faces da mesma moeda, praticamente intercambiáveis entre si e, tanto um como o outro queriam o que era melhor para seus seguidores. Utilizavam argumentos, bem como termos apropriados com estruturas complexas, para tornar seus diálogos concisos, reunindo assim, com estilos diferentes, as muitas facetas da vida real tratada por diversas temáticas, atraindo público leitor diferenciado.

Ainda no que tange ao mundo irônico criado para os pseudônimos Dom Camilo e Peppone era sempre o mesmo. Um universo que girava em torno do pequeno espaço da burguesia, sempre à procura de sua identidade, indiferentista, avessa aos parâmetros corretos de uma sociedade justa e tranquila para todos, que se estruturava a cada nova busca humana por direitos iguais. Neste sentido, a burguesia era retratada como um mundo à parte de importantes questões sociais e as massas populares permaneciam excluídas politicamente, à beira dos ditames fascistas da época. A burguesia se familiarizava com a questão do comunismo e aproximava-se dele e, assim, os grandes embates ideológicos de direita e de

esquerda, quando não neutralizados, eram apenas amenizados.

De maneira mais simples, podemos dizer que Dom Camilo representava a imagem do herói sonhador, idealizado pela humanidade inteira, capaz de combater os terríveis problemas que dividem uma sociedade, mesmo que para tal necessite estar empunhando uma arma de fogo e tenha total capacidade de brigar, ser esperto, forte, vitorioso, mesmo que generoso, e Peppone,

a figura política comunista, que age com violência e palavras hostis, porém menos forte que seu oponente que trava seus duelos, sem armamento algum, desavisado de pontos ideológicos essenciais, sendo vencido, na grande maioria das vezes, pela crença de Dom Camilo, insistentemente demonstrada por ele, por meio da cruz de Cristo e seu sinal sagrado.

A todo instante a superioridade de Dom Camilo se faz presente. Em geral, de viés político, consistindo em enfrentar o comunismo, doa a quem doer, descrevendo contrastes sociais e ideológicos, de maneira assustadora e insolúvel, como por meio de brigas e discussões meramente realizadas por uma figura religiosa, chegando, até mesmo, ao turbulento e revolucionário cidadão.

Peppone, também nada amigável nas entrelinhas das suas falas, a fim de vencer seu rival com muito bom senso, optava por apelar para o sentimento patriótico, quando se dirigia aos seus compatriotas, enaltecendo suas bravuras, momentos em que ele era o protagonista da história, pois inflamava seus discursos com frases e expressões ufanistas, inclusive, entusiasmando não apenas o seu eleitorado, como roubando a cena de Dom Camilo, junto aos seus.

Ambos pseudônimos tinham objetivos similares, almejando o alcance de graças por meio de estratégias muito parecidas, por ocasião de suas ofertas refrescantes acerca das mais variadas perspectivas políticas, que incluíam religião e amizade, refletindo a maneira como o direito aliado à esperança, à humanidade e ao humor, vence as mais diferentes ideologias. As tensões eram fortes entre as duas partes e num clima volátil, as ideias incomuns eram muito bem satirizadas e exploravam, com audácia, os pontos fracos de ambos os lados, reduzindo, assim, as tensões entre as supremas e violentas oposições.

Dom Camilo, frequentemente é tentado pela petulância e pelo orgulho. No entanto, não fere seu dever com as almas que dele dependem. Cristo, seu mentor e sua única luz, está aposto para conduzi-lo ao caminho correto. Com justificativas inteligentes, Dom Camilo aplica argumentos memoráveis em seu opositor, a fim de mostrar-lhe que suas atitudes, em certos momentos, vão muito além das sutilezas sofistas e, novamente, os diálogos se acirram e o

embate de palavras entre os pseudônimos carrega o leitor para o mundo de disputas entre ambos, que parecem ser intermináveis, dando-nos apenas a impressão da fronteira respeitosa entre eles estar prestes a ruir. Mesmo assim, gigantes e soberanos, Dom Camilo e Peppone, lentamente curam suas feridas como homens de bem, e pacificam seus caminhos, temporariamente.

4.3.1 IRAMUTEQ: termos em conflito

A despeito dos mais variados recursos e acompanhamentos destinados às pesquisas mais sofisticadas, há intensa necessidade e essencialidade que o investigador-observador construa seus próprios aprofundamentos avaliativos, a fim de assegurar a melhor qualidade possível ao rigor que pesquisas de alto nível requerem.

A globalização contemporânea trouxe consigo inúmeras aproximações e justaposições de culturas e diferentes maneiras de se pensar e expor seus sentimentos e anseios. Muitos, ainda, em conflito por ocasião das muitas vozes presentes em suas alocuções. Particularmente, quando se tratar de posturas críticas que visem compreender posições próprias ou adversárias.

Podemos, então, comparar a experiência vivenciada com o IRAMUTEQ, acerca das palavras destacadas por ele, uma forma quase ingênua de ler o mundo criado pelos pseudônimos Dom Camilo e Peppone, se nos basearmos no sentido comum da expressão, tendo em vista que os significados das sentenças apontadas por ele como as mais presentes e sobresselentes, contrastavam elaboradamente com significados naturais, analíticos e rigorosos, por vezes incontestáveis.

A fala das personagens, severamente apontada pelo IRAMUTEQ, nos instigava à leitura calcada das crônicas analisadas a fim de perceber, nitidamente, as vozes presentes nos textos, bem como suas necessidades de entendimento. Dessa maneira, nos envolvemos diretamente com o processo político de reflexão da época e, através dessa exigência, claramente imposta pelo programa IRAMUTEQ, construímos conhecimento consciente acerca dos propósitos do autor dos textos.

A linguagem expressa pelos pseudônimos Dom Camilo e Peppone, proporcionadora de consciência sócio-histórica, possibilitava a conexão de pessoas do mundo comum ao mundo mais favorecido, a partir de ligações externas com foco em objetos complexos, possuidores de temas modificadores de pensamento, capazes de promoverem mudanças impactantes nos

processos de leitura dos mais variados tipos de ledores. A partir dela, intencionada e direcionada para as mais diferenciadas pluralidades de vozes, transformava intervenções em realidade, reconstruindo pensamentos e reestruturando, assim, a prática do outro.

A integralidade das ações de questionamentos assegurada pelas personagens dos pseudônimos, aspecto positivo e em grande quantidade sempre relacionada à qualidade, de superior demanda em relação ao domínio de reflexão e compreensão imposto aos leitores, exigiu, inclusive, do programa IRAMUTEQ, agir de maneira pautada em suas devoluções. A partir desta necessidade, o IRAMUTEQ dispensou olhares criteriosos sobre o material examinado, qualificando, por várias vezes, o processo de categorização, a fim de potencializar os retornos.

Consequentemente, para uma melhor compreensão sobre protagonismo (Dom Camilo) e antagonismo (Peppone), cabe, aqui, ressaltar, também, o que vem a ser integralidade entre ambos, como situações conflitantes nas quais uma das partes desejava alcançar um objetivo e outra, direcionava-se, insistentemente, contra isto de maneira a evidenciar vontades e anseios. Elementos assim impulsionavam os diálogos dos pseudônimos, e a resolução deles, prendia, além da atenção do leitor, até mesmo sua respiração. Vários conflitos básicos entre as vozes das crônicas, normalmente rivalidades entre adversários ou adversidades que precisavam ser vencidas por eles, foram adequadamente preservadas nas análises do IRAMUTEQ.

Em alguns momentos, limitou-se às informações básicas. Em outros, devolvia grandes montantes de sentenças, por exemplo, nas Análises de Similitude que descreviam os resultados de maneira imparcial acerca dos dados qualitativos. Dessa maneira, ao analisarmos as respostas fornecidas pela ferramenta de auxílio, as descrições dos textos das crônicas eram instantaneamente ultrapassadas, tornando-se referência, por exemplo, para transformação de pensamento acerca de posicionamentos ultrapassados ou com pouco significados para a realidade.

Nesse sentido, as análises fornecidas pelo IRAMUTEQ, em sua grande maioria, privilegiavam a produção do social nas mais diversas mídias ressaltadas nos textos daquela época, sem se preocupar com dicotomias, gêneros e tipos, permitindo, então, ao leitor, ultrapassar sua fonte de saber, por meio das mais diferentes vozes, acentos e ecos, participando, assim, ativamente do texto, espaço privilegiado para a expressão da criatividade, não apenas por fatos representados pelas falas das personagens, como, também, pela maneira expositiva responsável por ressaltar e enobrecer o conteúdo das informações constituídas pelos significados das palavras.

Por diversos momentos, nas representações sociais constantes nas falas das personagens, o leitor fora induzido a perceber com maior veemência suas perspectivas a respeito de sua própria condição. Este considerável significativo transversal, se assim for permitido expressar-nos, representa e opera o decisivo processo comunicacional preparado para dar sentido. Quando a informação é compartilhada socialmente, a partir dela outros grupos pensantes se formar-se-ão, independente de qual estrutura de mídia se apoiarem. Assim, novas formas representacionais
do social serão justificadas e prevalecerão em sua relevância e especificidades. Com base nisso, novos aspectos associados à representação garantirão uma maior assertividade no direcionamento das informações.

Os resultados disponibilizados pelo IRAMUTEQ, de um lado, surpreendiam em sua astúcia, tendo em vista que preservavam o sentido real da sentença, sem oscilações, reafirmando com finura a identidade das personagens que, todavia, constantemente, oscilavam de padrões emotivos, abstraídos de afirmações. Em outros momentos, estas mesmas sentenças eram apontadas com menos valia, baseando-se, tão somente, na permanência do conteúdo do texto, mesmo assim, comparando posições diferentes entre ambos, fornecendo muitas alternativas para definições.

Com vocabulário acirrado e vasto material prático de consulta, dentro do próprio texto das crônicas analisadas, era possível acordar, entre muitas explicações complementares fornecidas pelos pseudônimos, vários exemplos ilustrativos que auxiliavam os leitores na apreensão dos objetivos de maneira muito ágil e rápida. Esta tomada consciente de percepção nata do ser humano é convidada a adquirir novos aprofundamentos do conhecimento, quando posta em funcionamento a partir das leituras do conteúdo veiculado pelas crônicas observadas, especialmente quando se pretendia dizer algo, relacionando-o a muitas situações, empregando, captando e fidelizando a informação textual ao alocutário, viabilizando, consideravelmente, uma grande variedade de discursos, sem comprometer nenhuma estrutura textual.

Escolhas assim permitiram, por exemplo, que o IRAMUTEQ analisasse os termos de maneira clara e objetiva, multidimensionalmente, preservando as estruturas sintáticas e argumentativas das personagens Dom Camilo e Peppone, sem restrições a fatores puramente textuais. Amparo assim, possibilitou à observadora-pesquisadora identificar variados universos linguísticos capazes de qualificar ainda mais os diálogos entrelaçados das personagens. Percepções assim, colaboram para que haja uma análise mais profunda, em outro

momento, acerca dos muitos discursos e variadas conversações sociabilizados pelos pseudônimos, no intuito de identificar outros universos dedicados ao estudo de fatores que contribuirão, inclusive, para a textualidade dos fenômenos comunicativos, a partir da utilização do IRAMUTEQ.

Se pensarmos o texto em duas dimensões, uma que não dispensa definições, e outra que implica criação de sistemas que o analisem textualmente, teremos que nos ater tanto a teorias discursivas, como, também, a objetos da língua naturalmente materializados. Dessa forma, teremos de compreender situações concretas e pressupostas aos locutores e alocutários, a partir

de seleções, sobretudo concretas, que não excluirão a validade de outras perspectivas. No entanto, com o auxílio do IRAMUTEQ, os textos analisados por ele tornavam-se, a cada uma das suas devoluções, comunicativos e reais, transformando a maneira de percepção da informação entre as comunidades comunicantes.

Por consequência, o conteúdo das crônicas lidas, encaminhadas para apreciação do IRAMUTEQ, em nenhum momento demonstraram ter servido como subsídio artificial para os resultados das análises ou, ainda, implicaram em fatores como não-texto ou sentenças invalidadas. Em determinados momentos, as palavras surgiam desequilibradas, nunca desnecessárias e, mesmo assim, apresentavam um conjunto de considerações e observações repletas de textualidade, que mereciam pertinência por parte da pesquisadora-observadora, eliminando, assim, qualquer desfavor de interpretação.

As ocorrências comunicativas recorriam, sempre, a uma linguagem natural[8], simplesmente quando as sentenças se encontravam em um padrão convencional de enquadramento do significado entre real, formal e possível. Os intervenientes mantinham sua fiel relação com a linguagem, havendo maior compreensão comunicativa, e suas relações em

nenhum momento de interpretatividade, rejeitavam-na a ou menosprezavam a informação fornecida, que era fundamentalmente proporcionada ao nível do conteúdo abordado pelo autor, assim como transmitido pelos pseudônimos personagens.

Deste modo, as sentenças fornecidas pelo IRAMUTEQ demonstravam claramente experiências vivenciadas no grupo social e, ainda, quando necessário, ressaltavam serem individuais, por ocasião da maneira como as palavras surgiam à tela, em sincronia e riqueza de exposição. A partir delas, era possível identificar seu significado e colocação nos textos estarem intimamente ligadas e relacionadas com histórias e momentos historiográficos de

importante relevância para a sociedade, além de possibilitarem à pesquisadora-observadora identificar grande monta de conhecimento, relatos e fatos do dia a dia daquele e deste atual cenário político.

Analisando algumas sentenças devolvidas pelo IRAMUTEQ, que por vezes admitiam ser quase tão mais importantes que o texto em seu todo, a internacionalidade e a comunicabilidade, constantemente desenvolvidas nas crônicas analisadas, demonstravam, claramente, registros e práticas daquele momento histórico em seus mais variados segmentos, que permitiram, inclusive, melhor percepção de traços semelhantes de experiências e interações análogas àquelas com que, diariamente, nos deparamos. Detalhes assim, permitiram à pesquisadora-observadora evidenciar abordagens em comum com o fato de inúmeras pessoas desenvolverem o hábito de esmiuçar a forma de construção do seu universo, demarcando limites para seu território e estilos próprios, atribuindo maior espaço, por exemplo, às suas particularidades.

4.3.2 Considerações parciais na pluralidade das vozes

A partir deste momento, as colocações que se seguirão corresponderão todas ao intuito de levar ao conhecimento do leitor desta dissertação de Mestrado a experiência que nos propusemos a realizar a partir da leitura das crônicas jornalísticas escritas por Josué Guimarães e a exploração do *Software* IRAMUTEQ. As frases que serão lidas logo abaixo não apresentam o desígnio de criticar, tampouco induzir a novas discussões, mas sim, demonstrar as constatações mais relevantes, bem como as colocações que entendemos de pertinência acerca dos objetivos buscados desde o início desta pesquisa.

Canetas, mãos e conhecimento, jornalismo e literatura, de fato, caminham lado a lado, entrecruzando-se, almejando explicações por meio da palavra, a cada novo caminho trilhado. Ávidos jornalistas e escritores, por muitas razões, explicitaram alianças, diferenças, insídias, propósitos, ideias, pensamentos, opiniões sobre os mais variados temas, embatendo a realidade e a ficção nos mais distintos momentos da história da humanidade, exclusivamente pela palavra.

Dom Camilo e Peppone, insistentes por natureza, ambos sublinhavam ardentemente, abalroamentos entre duas visões de mundo: o político e o religioso. Intercambiáveis entre si, mantinham-se os mesmos sujeitos, combate a combate, protagonizando embaralhamentos de

direita e de esquerda com palavras incisivas que lhes garantiam protagonizar contendas apreciadas por muitos leitores, todos eles, à espera de acordes decisivos entre os sujeitos e, no entanto, o mundo às avessas de Dom Camilo e Peppone, continuava ditame. Um e outro estavam muito distantes de qualquer perspectiva de uma trégua temporária, quiçá, expressões cândidas.

Para os leitores, as coisas não eram exatamente como esperavam, porém a familiarização com os diálogos travados entre as vozes de cada um dos textos interpretados por eles não restava dúvida alguma, que os aproximaria e os tocaria, mesmo com a mais breve das falas projetadas por qualquer um deles, ou ainda, as que surgissem com maior índice de contrastes. Contrastes estes, ambientados pelo sempre e atual cenário da política, munido de muitos momentos calorosos de cumplicidade entre os dois pseudônimos e suas convicções.

Dom Camilo e Peppone, moderadores dos mais profundos e conscientizadores diálogos opinativos, cada um com suas paricularidades, assumiam, perante seus leitores, representações

significativas, por exemplo, acerca de uma verdadeira e leal forma de resistência, podendo, até, ser comparada, ao movimento italiano de firmeza e persistência de suas origens durante a Segunda Guerra. Entretanto, apesar das inúmeras diferenças entre os dois pseudônimos, fica evidente para os leitores, que ao serem confrontados sobre questões fundamentais, ditas como vida e morte, seus atritos deixam de existir e suas defesas tornam-se unas.

Dom Camilo, sutil em sua rudez teimosia, por vezes bradava com palavras excêntricas, insipientes, impolidas. Nas entrelinhas dos textos enfatizados por ele, os ataques não eram de bom senso e, quando assim eram promovidos, sublinhavam momentos de Jardim de Infância. A infantilização das personagens que, na grande maioria das vezes, propositalmente, partia de Dom Camilo, desprovia o oponente da "solução" dos problemas. Assim, seguiam suas narrativas de modo a exibirem-se, cada um a seu modo e brio, exagerados e espaçosos, quando se tratava, em especial, de uma nova alusão a fatos relativos à colaboração da população, solidariedade, direitos, deveres e sentimentos patrióticos. Quando havia necessidade de conquistar novo território de pontos de vista, convicções, teorias ou concepções, rachaduras irreparáveis se posicionavam entre os dois. Adeptos dos discursos inflamados de ufanismo, completavam, dessa maneira, os efeitos tão desejados por seus leitores, ao encobrirem suas supostas novas falas, retomando acotecimentos já protagonizados por eles outrora, entusiamando, assim e bem mais, seus seguidores.

Convictos, os pseudônimos demonstravam, cada um a sua maneira, tenro patriotismo às

suas convicções. Nutriam sentimentos de receios, por vezes partilhados diretamente com o leitor. Dom Camilo, que glorificava a bravura, o sentimento de união, a representação de ideais sociais, portava-se sempre soberano em seu púlpito, a fim de exigir que toda e qualquer forma de ordem fosse restaurada, mesmo que sob mãos de ferro. Peppone, ao contrário, frívolo, prescindível e ocioso, esvaziava suas ideologias, se assim fosse preciso, para defender sua ambição. Não lhes importava a estratégia a ser seguida, desde que houvesse brindes, diversão, concorrência e, obviamente, outros muitos militantes para as suas greis.

Se refletirmos bem, poderemos, até, considerar que estes ferozes antagonistas políticos são constituídos dos mesmos ímpetos e movidos pelos mesmos instintos. Ambos demonstram terem as mesmas aspirações e, de certa forma, creem nos mesmos valores. Incompletos e alienados, Dom Camilo e Peppone interessavam-se pelos mesmos problemas, mesmo que fosse um simples fato, questionando significativamente a contemporaneidade do seu tempo.

Dom Camilo, gigantesco em todos os sentidos, adepto da força física para registrar seus pontos finais nas batalhas travadas com seu opositor, também lhe garantia destaque dentre o melhor humor, entendia-se, por exemplo, perfeitamente à vontade, para questionar seu onicriador, a fim de ser compreendido quantas vezes se fizesse necessário. Ele representava a minoria, os miseráveis, os lastimosos, os desprovidos, porém com um grande poder de liderança e raciocínio crítico, que lhe permitia ver além de circunstâncias políticas.

Peppone, longe de ter uma boa alma, portador de máscaras cômicas que marcavam sua forma de ser, refletidas externamente, era um sujeito simples e demonstrava ser uma pessoa com inúmeros defeitos de caráter, de pouca instrução, mas nutria um invejável poder de liderança, inclusive, seu raciocínio crítico, percebia providências que se seguiam além do seu partido político. Entretanto, Peppone, o responsável por ideias truculentas que giravam sobre outros eixos que não aqueles determinados pela Igreja de Dom Camilo, visualizava saborear bem-estar, ingrediente salutar para as gerações experientes.

Assim, havia, sempre, o riso garantindo cruentos bate-bocas entre os arqui-inimigos, a partir de linhas de trocadilhos sonoros bem elaborados, que facilitavam, às personagens em questão, brincarem livremente com as palavras. A maneira de utilizar o jogo paronomástico de sentenças e expressões, elaborava para as personagens, linguagem discursiva detectável, responsável por contribuir com a aproximação do significado das expressões utilizadas pelos pseudônimos, excepcionalmente por Dom Camilo.

Derrisoriamente, os pseudônimos dialogavam incessantemente com os leitores. Este jogo sonoro elaborado por palavras não repetidas, simétricas entre si e carregadas de

modernices articulistas, qualificavam a capacidade de argumentação de ambos. Expressões fortemente empregadas, quando decorridas de muita indignação, reforçavam suas etimologias, por vezes exorbitantes em sua essência e, assim, exploravam consideravelmente os discursos caricaturados do mundo e à sua população.

Dom Camilo, arguto e proficiente com seus pensamentos, ideias e convicções, intertextualizava suas críticas, principalmente ao então Governo Peppone, sendo sarcástico diante da corrupção desmedida e da desorganização do governo em relação aos governados. Suas denúncias eram afãs e profundamente indignadas e ardorosas, acompanhadas de inúmeros questionamentos cravejados de dedicação aos seus seguidores.

Logo, seus discursos politizados, como meios de sua comunicação instantânea com os envolvidos na cena e/ou nos fatos veementemente trazidos à tona por ele, adquiriam caráter simbólico com as mais variadas instâncias da realidade, dotadas de tenaz sentido, fáticas e imediatas acerca do mundo cotidiano. Assim, então, Dom Camilo, persistentemente, aproximava seu oponente de “breves mentiras coadjuvantes”, capazes de apontar sentido inverso do que era dito, legitimando a teatralidade político-religiosa, a serviço, tão somente, dos interesses mais diversos cabíveis.

Nos diálogos de Dom Camilo e Peppone, ora se diziam verdades, ora se blasfemava, tendo em vista que tudo entre eles era criado para determinar potencialidades a serem usufruídas a partir de propósitos específicos. A sinceridade entre eles era algo inquestionável, por vezes complicada de ser entendida pelo leitor, quando ambos se acomodavam em suas reflexões. Os leitores, em alguns momentos, esforçavam-se para interpretar os recursos linguísticos contraídos pelas duas personalidades. As máximas de conversação figuradas por Dom Camilo e Peppone nem sempre viabilizavam a intenção comunicativa mais apropriada para o momento

Algumas delas não pretendiam ser irônicas. Eram suficientes para afirmar e representar um vasto repertório de acontecimentos e situações que permeavam o dia a dia de uma sociedade. Articulações das mais variadas possíveis, disponibilizavam suas reais intenções de modo que o leitor, em determinados momentos, parecia estar literalmente na presença destas duas celebridades. Por consequência, não haveria restrições, mas, sim, apontamentos contingenciais de caráter estético, para cada um dos momentos, sem perder a veracidade dos fatos.

As figuras Dom Camilo e Peppone, ao longo dos processos discursivos estabelecidos por eles com seus leitores, reconheciam a obrigatoriedade de serem leais e sinceros com os

participantes dos seus palavrórios, a fim de integrar seu contato social, aquele que regula, determinantemente, as relações e reflete o conjunto de forças predominantes nas circunstâncias, tornando, assim, mais relevantes e facilitadas as renegociações entre ambos, quando as sentenças demonstrassem claramente a realidade. As explicações dos pseudônimos eram alternativas à medida que a interpretação fosse plausível. Quando as palavras eram constituídas de gírias e jargões, ou até mesmo de termos técnicos ou sentidos não usuais para os receptores, pistas, ao longo dos diálogos, eram fornecidas, além de uma especial pontuação a cada enunciado, e funcionavam como mecanismos de descoberta para quem os lesse.

Parece-nos oportuno ressaltar, ainda, a concentração do cenário portador das mais inusitadas intrigas e do local onde decorriam suas incompatibilidades de concepções, sendo imprescindível para que, tanto um como o outro, demonstrassem, tão somente, seu apreço de suprema importância, para garantir tal agilidade às personagens que, por sua vez, precisavam, incansavelmente, encontrar-se, depois desencontrar-se para, então, escutarem-se e perceberem-se sujeitos ativos e proporcionadores de enredos verossímeis, propícios às mais variadas situações nada convencionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA FERRAMENTA ENTRE SUJEITOS POLÍTICOS

Vários jornalistas e literatos, dentro de suas grandezas e, certas vezes, miudezas, escreveram sobre homens e suas histórias, ligando espaço e tempo, cada um ao seu estilo, sujeitos ou não às leis dos diversos gêneros textuais e suas mais variadas descrições. Nem por isso, deixamos de encontrar a beleza latente das palavras, por intermédio das suas mãos. A verdade incondicional que os leitores necessitavam conhecer, assim como a luta contínua pela fixação da realidade, captando novos conhecimentos sem menosprezar os antigos, nossas raízes, em sentido de permanência, o tempo todo e todo tempo permanente para a vida do homem, foram eximiamente relatados, diferentemente de seus estilos e escolhas.

O jornalista, quando escritor, no sentido exato da expressão, tem a capacidade inigualável de aperfeiçoar a linguagem que utilizar na sua maneira de escrever, proporcionando o melhor de si, sem medição de esforços, a fim de aproximar o leitor do conhecimento, missão para a qual foi incumbido. Dessa forma, sabiamente, a partir de qualquer suporte ou aparato que lhe for imposto, o faz na completa certeza de que tanto o jornalismo quanto a literatura tornaram-se essenciais, singular ou pluralmente.

O modo de expressão, seja do jornalismo ou da literatura, apresenta traços diferenciados, repletos de ênfase, estilo, valor próprio, unindo, ambos, principalmente, pela arte da apreciação. Este e aquele preocupam-se com o sentido e o significado que suas palavras proporcionarão aos leitores. Jornalista e escritor não o serão, se não possuírem uma soma razoável de conhecimento, além de sutil sensibilidade para penetrar no mundo dos leitores.

Tanto o jornalismo como a literatura, apurados, almejam a tentativa de alcançar a maior fidelidade imaginável, a última maneira de desígnios por seu autor. Para eles, escrever não se trata somente de preencher espaços em branco, com frases elaboradas, destacadas, adequadas. É preciso muto mais que isso. É imprescindível que possibilitem mudanças, variações e imbricações na realidade dos seus leitores.

Ao construir um texto jornalístico, o autor se precocupa com o rigor técnico da informação. Ao elaborar um texto literário, o escritor constrói cada uma das frases, escolhendo minuciosamente as palavras que serão utilizadas. Um e outro estão necessariamente unidos pela mesma preocupação: preencher uma página em branco, um deteminado espaço ainda virginado, o qual prevalecerá por décadas, séculos, milênios com o que nele for estatutado, preponderando

a essência do conhecimento. A contar desta inciativa nas mãos daqueles cosntrutores do conhecimento, a linguagem se estrutura em toda uma variedade de funções, tornando-se o centro das atenções. Nesse sentido, encontramos certeza de nem o jornalismo querer copiar a literatura, tampouco a literatura plagiar-se no jornalismo, comprovando mais que simples indícios, que os dois gêneros beneficiam-se de um saudável e prazeroso convívio.

O jornalismo é caracterizado por sua temporalidade, função referencial e, de caráter informativo, alimenta-se de episódios que acontecem narrados por palavras que servem de utensílios, andaimes e tapumes, objetivando a construção de um texto. A literatura, por sua vez, estabelece uma perfeita relação do autor com as palavras, produzindo contextos, escapando do imediatismo, do previsível e do estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. Articulam singular ou coletivamente sentenças que apresentam uma mesma finalidade entre si: proporcionar entendimento, alimentando o conhecimento.

No jornalismo como na literatura, Josué Guimarães, a partir dos seus registros, conciliou habilmente os interesses jornalísticos e literários, com perfeita harmonia, por meio de uma comunicação eficiente e socialmente aceita, basicamente usando da palavra, expressões e regras próprias de linguagem coloquial, passíveis de aceitação. Sua comunicação com o leitor é definida, a nosso ver, após as leituras das crônicas jornalísticas utilizadas nesta dissertação de Mestrado como referencial, pois explicita o mundo exterior ao receptor, representando o referente da notícia com a garantia de um discurso ou muitos deles, legitimados apenas por sua fala e pontos de vista.

Nesse contexto, relevantemente, o nobre jornalista e escritor originou seus textos sem complexidade, porém multissignificativos e os emoldurou pela liberdade de criação com total ênfase de significante, independendo da sua variabilidade, esta última, uma das características do discurso literário de que ele não se absteve, em nenhum momento, de compartilhá-lo com sua escrita jornalística. Para ele, o texto crônico, no gênero jornalístico, aqui especificamente, é, ao mesmo tempo, um objeto linguístico e um objeto estético, criando, assim como a literatura, fundas incursões de sentido à leitura.

Nessa continuidade, Josué Guimarães construiu admiravelmente seu pensar intuitivo acerca de qualquer assunto que se lhe tenha demonstrado ser realmente necessário debater, permitindo-lhe ser realçado, principalmente, em caráter expressivo e significante dos discursos jornalístico/literário, reafirmando, assim, haver perfeita conexão entre o jornalismo e a literatura, a contar do processo criativo e transformador da palavra, independente da época

em que ela for escrita ou transportada para outras instâncias que proporcionem sua leitura.

Assim, é perfeitamente possível entendermos que os discursos são representações inapelavelmente ligadas aos interesses de indiferentes classes e grupos sociais de qualquer período histórico da humanidade. Seja qual for a forma de expressar sentido por meio das palavras, sem dúvida, tornará qualquer documento possível de ser lido e interpretado, aproximando-se ou até ultrapassando a intenção do autor, mesmo milênios afora.

Para ele as opiniões contidas em suas crônicas demonstravam sua preocupação constante em assumir a função informativa, reafirmando, assim, que a crônica jornalística não se permite ser vazia, sem destino, sem planejamento. Nelas, o jornalista Josué Guimarães adotou, obrigatoriamente, registrar até mesmo o mundo em que vivia e a vida que levava, no intuito de um sentido explicativo, lembrar o leitor que ele também vivia num mundo global, mesmo tendo o seu em particular.

Ele, enquanto jornalista, não se permitia estagnar na mesmice diária de um noticiarista qualquer, não eximindo, inclusive, seu leitor da obrigação prazerosa de sê-lo por ocasião da orientação e esclarecimento sobre os mais variados assuntos do seu cotidiano. Os leitores, então, identificavam-se com o autor por meio do humor, da ironia, do sarcasmo, dos elogios emocionados ou não, até nas mais distintas formas de sentimentos produzidos pela leitura dos textos originados por ele.

O jornalismo, meio de expressão verbal, não se abstém da palavra, pois objetiva exatamente, entre muitas outras intenções, fazer-se presente pelo uso e exploração da palavra. A literatura vista como a arte da palavra junta-se aos mais variados meios de comunicação sem ser abalada em suas funções e pertinência, mesmo assim, farta em detalhes e descrições, mantenedora da consciência informacional, mesmo que não demonstrada visivelmente. A informação não desabita da literatura, intermitentemente. Para ambos, não se trata apenas de um outro modelo de escrita, mas sim, da presença constante do conhecimento divulgado ao modo de cada um, por meio do conhecido articulismo informacional criativo.

Surgido com o intuito importante de testemunhar fatos sociais, o jornalismo, especialmente por meio do poder da comunicabilidade, é passível de censuras e, mesmo assim, segue seu caminho, comportando-se como relevante prática discursiva verbal, mantendo seu prestígio de atividade informacional, mesmo que uns e outros profissionais menos valorosos, em alguns momentos da história, tenham dele se utilizado, não exatamente para os propósitos a que veio. Do contrário, um exemplo formidável se trata de Josué Guimarães, o autor que dava asas para a liberdade de expressão, mesmo que muitas vezes tenha sido impedido de

fazê-lo da maneira que programara, concedendo, mesmo assim, sem medir esforços, voo a esse valor.

Enquanto o jornalismo oferece objetividade em sua fidelidade aos fatos que descreve, além de permitir que o leitor busque em outros tantos a mesma informação contada de várias maneiras, tornado-se uma quase produção coletiva, a literatura, por sua vez, apresenta um recorte verossímil do mundo, abrindo-se ao novo, destrancando janelas e permitindo-se ser explorada de outras maneiras, sem perder sua relação interior com seu próprio texto e explorar variadas camadas de significação, criando, assim, efeitos de realidade. No saber literário, o mundo real se ilumina de maneira peculiar e a literatura, novamente, consiste naquilo que somente ela pode se atrever a dizer, trata-se de, antes de mais nada, aventurar-se no reino das possibilidades planejadas pelos seres humanos.

Nesse sentido, como não perceber que o saber jornalístico e o saber literário, de comum acordo e perfeita parceria, formem juntos uma dialogia capaz de ultrapassar qualquer fronteira a eles imposta, tendo em vista que ambos produzem conhecimento sem suas particularidades? Se os dois descrevem, promovem maravilhas, corroboram indiscutivelmente com a razão repleta de fantasia e imaginação, como não dialogarem entre si, seja qual for o formato escolhido para expô-los?

A crônica, como ponto de impulsão para jornalistas e escritores, via possível, por ser gênero híbrido, mescla os elementos necessários para aproximar jornalismo e literatura, sem perder a proeminência das belas palavras, das letras bem postas ou, ainda, como queiram, da arte da palavra. Relações e influências, sem perder seus contornos próprios, inclusive suas linhas com alto poder de delineação para o sentido do texto lido, robustecem a linguagem jornalística, assim como a literária, muito bem servidas pelo talento dos cronistas que transcedem tempo, forma e espaço, transportando a informação por meio das palavras, enriquecendo os resultados.

Em suas crônicas jornalísticas, o nobre jornalista e escritor integrava uma só personalidade: por ser jornalista, trabalhava incansavelmente com o calor do momento, rastreando diariamente os acontecimentos, dia a dia, como se estivesse ao vivo para transmitir a informação; como escritor, laborava a simplicidade da temática escolhida por meio do foco narrativo, e o narrador se encarregava de garantir a ordem significativa do texto, demonstrando com isso que a literatura não trata do acontecido, mas sim, de um discurso articulado para gerar possibilidades de real efeito.

A literatura, então, com efeito, é imune ao tempo e suas transformações, exemplarmente

se fixa em novos espaços criados pelo mundo contemporâneo em sua exímia linguagem merecedora dos méritos, por usar a palavra para descobrir outras verdades por vezes ocultas, a partir do acompanhamento de um determinado fato ou acontecimento da sociedade. Dentro dessa mesma ordem de ideias, percebemos o incansável interesse e preocupação do jornalismo e da literatura, muito bem representados nas crônicas jornalísticas de Josué Guimarães.

Atualmente, quando lemos as crônicas jornalísticas da grande maioria dos jornais que circulam pelo nosso país, nos deparamos com um formato que nos atrevemos a adjetivar, aqui, como um modelo de crônica jornalística agonizante. De fato, em outras épocas, o gênero nos presenteava com surpresas do início ao fim e percebemos claramente esta colocação, ao lermos qualquer uma das crônicas selecionadas para esta pesquisa, que sustentaram as análises textuais complexas, encaminhadas ao *Software* IRAMUTEQ.

Não queremos aqui opinar, tampouco renovar discussõess sobre questões desse gênero, mas é perceptível que os cronistas e, aqui nos referimos aos jornalísticos, por si mesmos, perceberam o quão padece esse estilo, em virtude de ainda existirem certas resistências em perceber que as palavras que serão escritas nas crônicas do dia seguinte necessitam se adequar à hibridização do dinamismo informacional que a *Internet*, por exemplo, se encarregou, também, de provocar mudanças, também na maneira de se levar a notícia. Em meio aos muitos aparatos disponibilizados pela supermodernidade que vivenciamos diariamente, inclusive sem perder de vista a desenvoltura, leveza e profundidade da escrita do texto, o vasto agregado de ideias e incontáveis possibilidades de chegarmos até a informação, comprovam, por si só, o que ainda virá.

Os valores mencionados anteriormente, parece não terem sido percebidos pelo meio cronista jornalístico atual porque se responsabilizaram, em nosso cotidiano, em lidar com a palavra escrita, em tempos que diversas mídias também o fazem, triunfantemente, aliás dotadas de uma espantosa velocidade informacional, especilamente quando o uso da palavra se faz em promover a comunicação, múltiplo da narrativa. Não é suficiente apenas investir nas narrativas ou resgatar as infalíveis fórmulas das boas histórias a serem contadas, sem se permitir conhecer e experimentar novas maneiras para tal. O leitor está carente de bons textos que o prendam desde a primeira linha. Melhor ainda, quando se apresentarem de maneira inédita.

Jornalistas e escritores travam diariamente vitais embates com as palavras que, por vezes, lhes chegam e lhes saem como balins desapoderados e incoerentes. Assim, não lhes é possível perceber que palavras não nos proporcionam limites, mas, sim, viabilizam, cada uma

delas singularmente, a busca por expressões únicas, concisas e memoráveis, indispensáveis a construções objetivas, sejam elas no tradicional papel impresso ou, ainda, nos mais diferenciados apóies dos quais fomos agraciados com a descoberta do mundo virtual.

Pensando dessa forma, notamos o quanto o mundo virtual, consideravelmente, revolucionou muitos segmentos. Nova forma de percepção do real, também no virtual, este revolucionário universo não apenas serve, inclusive, para simular as mais diversas situações em terrenos não mais desconhecidos, como, ainda, permite-nos assumir o controle, por meio das telas e suas fantásticas imagens em movimentos dos mais variados possíveis, alcançarmos camadas de informação e meios para chegarmos à ela jamais sequer imaginados.

Após o surgimento do alfabeto na Grécia, por volta do ano 700 a.C., se considerada a tecnologia da época, tornou-se o delimitador para a base do desenvolvimento da filosofia ocidental, inclusive da ciência que atualmente conhecemos. Muito tempo se passou e fomos agraciados com inúmeras transformações tecnológicas, se comparadas às várias dimensões históricas similares que viabilizaram a integração de diferenciados modos de comunicação, especialmente aquela originada pela interatividade do universo virtual que, a partir da formação de hipertextos e metalingaugens, juntou-se no mesmo sistema, modalidades de escrita, oral e audiovisual da comunicabilidade humana.

Desde a Galáxia de Gutemberg, a tecnologia transfez todo o universo das palavras escritas tipograficamente, não apenas em seu sentido de escrita computadorizada, como em termos culturais, devido à aletração que promoveram, mas, também, no interesse do ser humano sobre as coisas que ele pensa. Dessa maneira, as inovadoras tecnologias subverteram a estética, compreendendo novos processos que organizam, por exemplo, os espaços onde tradicionalmente, a literatura habitou por muitos séculos. Escrita, leitura, visão, audição, etc. foram apreendidas pelas tecnologias e o computador, por sua vez, nada mais significa que um relevante fragmento que ampara a constituição de toda uma trama universal do ciberespaço.

Nas telas dos computadores as palavras adquiriram espaço infindável para transitarem livremente amparadas pelos mais diversos recursos e ferramentas. Nelas, o leitor tem permissão para multilinearmeante transitar nas mais curiosas maneiras de leitura. Nesse emaranhado de criatividade, o tecido literário, fino e delicado, porém não maciço, permite-se ser absorvido por outras superfícies que não apenas as folhas impressas, estando, propenso, especialmente, a oferecer novas experiências de leitura, interpretação e compreensão textual a um novo tipo de leitor, aquele que não mais se detém apenas ao estático, pois ele também se vê apto para o novo, o imprevisível, o ousado e o revolucionário, o instigante, o criativo, o

independente.

Toda nova tecnologia ou técnica provoca impactos e, estes impactos, em geral, num primeiro momento, sempre são profundos e estranhos. Entretanto os meios se pensados como extensões dos nossos sentidos, tornam-se relevantes índices relacionais. Nesse sentido, as mídias nada mais são que suportes materiais nos quais as linguagens se corporificam, transitando por meio dos mais variados processos comunicativos. Sem elas, linguagens e sistemas sígnicos, os quais se configuram consonantemente com as potencialidades e os limites de cada mídia, a significação seria inexistente.

É preciso que compreendamos e percebamos que a tecnologia comporta-se apenas como um veículo possibilitador da hibridização de linguagens que, naturalmente, transformarão as técnicas de informação sejam elas visual, sonora, textual, em uma linguagem universal. Dessa maneira, as formas de produção, armazenamento, distribuição e recepção dos produtos culturais, definitivamente, serão modificadas.

A semióloga Lúcia Santaella (2013), sabiamente lançou questionamentos em sua obra *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação,* acerca do que realmente ocorre entre a interface do ser humano-máquina, em relação à maneira de comunicação significativa na atual cultura contemporânea do século XXI. Estamos de acordo, quando ela bem explicita que o mais impressionante não é exatamente a novidade do fenômeno quando ele surge, mas sim, a pulsação, compasso e cadência que as mudanças tecnológicas e os consequentes impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais povoam o pensamento humano, provocando nele as mais desconhecidas curiosidades.

A pesquisadora, à frente do seu tempo, tem olhos astutos para as novas ferramentas e suportes que amparam as palavras. Todavia, na obra *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação* (2013), uma das bases teóricas que nos amparou nesta caminhada, deixou a desejar, pois não fez menção acerca do recurso para contato com a palavra que referencia, também, um novo aparato para o ato de ler: os *softwares*.

Concordamos com a pesquisadora acerca das novas modalidades de práticas sociais de leitura terem sido introduzidas neste inovador contexto, a fim de facilitar a criação de novos formatos para a leitura que levam a novas possibilidades de produção de sentido. Com isso, surge a necessidade indispensável de novos olhares sem preconceitos sobre a literatura se posicionar, propícia em desbravar inovantes multimeios. Nessa lógica, inéditas formas de literatura, em seu contato com os diferenciados leitores da atualidade, emergem, apresentando, cada uma delas, suas especificidades.

Isto somente ocorrerá, se adotarmos como parâmetros de análise dos procedimentos que tais dimensões requerem: artísticas, visual, cinética e sonora e computacionais, meios digitais, hipertextualidade, interatividade, processamento interativo e hipermidialidade, a partir de critérios de literariedade redefinidos, abandonando-se a concepção de centralidade, tão somente disposta na capacidade de estranhamento da linguagem verbal, todavia no diálogo entre as diferentes linguagens, tendo em vista que a literatura deixa de ser linguagem verbal e é ela quem se permite ampliar seus horizontes, suas delimitações, transmudando-se para texto verbal, sonoro, visual, audiovisual, digital, em outro contexto que não o impresso.

Prova disso são as colocações, muito bem fundamentadas, de Katherine Hayles (2009), em sua obra *Electronic Literature: New Horizons for the Literary,* importante texto que aproveita as características já tão conhecidas da literatura para demonstrar a capacidade que ela, independentemente dos suportes em que se apresentar, demonstra ter. Foi ela, a literatura, que se permitiu ser movida para outros ambientes por ocasião dos motores da cultura contemporânea, especialmente os *games*, filmes, animações, artes digitais, desenho gráfico e cultura visual eletrônica, aceitando nominações desde a literatura eletrônica, literatura digitalizada, literatura hipertextual, literatura hipermidiática, literatura marginal, literatura urbana, entre outras que, do contrário, aproximam todo o tipo de leitor da literatura clássica que possui milhões de amantes até os dias atuais, sem, dubitavelmente, perder seu valor. Diante dessa breve classificação, nos cabe, então e tão somente, perceber a diversidade de contato com a leitura por meio das muitas formas e aparatos que se apresentam por ocasião do fenômeno virtual.

Pensando que é pela palavra que tudo se cria, essencialmente as grandes obras literárias, não há outra forma de percebermos jornalismo e literatura que não por sua matéria-prima: as palavras. Vamos esquecer que ambos correspondem ao ato de selecionar as melhores sentenças que, por sua vez, comporão em uma determinada linguagem, um exímio texto jornalístico ou uma grande obra literária. Pensaremos muito além. É por meio do conhecimento produzido pelo homem, quando este fala, pensa, escreve e respira palavras, à medida que corresponderem aos seus apelos por sabedoria, que jornalismo e literatura são, indubitavelmente, unânimes em sua vastidão de oportunidades.

De todos os inúmeros apelos que nós humanos apresentamos, a linguagem que conhecemos se constitui em sua essência, de palavras, tornando-se, então, primordial para os seres humanos. São as palavras, em suas formas, que, primeiro e em última instância, nos

acenam para essências raras de contato com o saber. As palavras, enquanto elementos composicionais indispensáveis ao texto, não abandonam seu s*tatus*, quando unidas à literatura em outros patamares. Aliás, terão seus sentidos ainda mais potencializados por outros recursos, especialmente quando associados a movimento, criatividade e à visualidade.

Pensando dessa maneira, analisar dados qualitativos ocorre de maneira muito constante nas mais variadas áreas, tendo-se para cada uma delas, especificamente, um embasamento teórico cerceado por conceitos e/ou programas metodológicos, sobretudo quando relacionados à palavra, implicando em seu significado e significância dentro de um mesmo espaço, o texto.

Seja qual for a técnica utilizada para análise de dados, a interpretação final por parte do observador e pesquisador responsável pelo processo de descoberta, será crucial e deverá seguir procedimentos peculiares, inicialmente pela preparação dos dados para a apreciação, consistindo em extrair real sentido dos dados a partir de texto e imagem, até o último instante, quando este receber os resultados e necessitar utilizar-se de diferentes procedimentos para obter o significado profundo das comunicações nele cifradas.

Dessa forma, a escolha do procedimento mais adequado dependerá exclusivamente do material a ser analisado, para que garanta os objetivos instituídos no início da pesquisa, garantindo, por sua vez, a posição ideológica e social do observador pesquisador. Ao escolhermos a análise textual como procedimento de observação mais adequado, assim como em toda e qualquer técnica de análise de dados, os resultados obtidos são apenas dados em si, que constituem informações brutas, necessitando serem lapidadas por seu pesquisador-observador, devendo ser muito bem refinados no momento da inferência, interpretação e compreensão.

Assim, então, a análise textual tornar-se-á para o pesquisador-observador um adequado conjunto de técnicas de estudos para as mais variadas maneiras de comunicação, objetivando ultrapassar incertezas e enriquecer a leitura dos resultados fornecidos. Cabe, aqui, ressaltar que todas as etapas que envolverem variados simbolismos necessitam ser decodificadas e o pesquisador-observador deverá esforçar-se ao máximo para desvendar o conteúdo latente, pois não lhe será possível deter atenção tão somente ao conteúdo manifesto dos documentos. Nesse sentido, o contexto histórico da situação, do fato, do acontecimento, do tema, será de grande valia, inclusive a criatividade, intuição e crítica também serão relevantes elementos que enfatizarão o papel do caráter crítico da pesquisa.

A maneira como nos utilizamos da análise textual para esta pesquisa preocupou-se com as muitas faces de observação necessárias à sua efetivação, especialmente em se tratando de

interpretação, análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva, reinterpretação e compreensão de dados. No entanto deixamos evidenciado, aqui, e a partir da leitura de teóricos renomados, entendemos ter alcançado os objetivos a que nos propomos desde a ideia inicial, quando nos dispusemos a explorar o *Software* IRAMUTEQ, inclusive com as circunstâncias específicas do estudo.

Dessa forma, pensamos as análises dos resultados estarem adequadamente apresentadas na forma discursiva qualitativa, percebidas e entendidas a partir do contexto e também da história, entre outros elementos importantes que encontramos no decorrer da execução dos estudos que potencializaram a técnica, sem comprometer a interpretação e compreensão dos resultados obtidos a contar da experiência com o programa.

A partir delas as construções significativas que exigiram uma maior atenção em relação à interpretação, como as falas dos pseudônimos, expressões em outros idiomas, expressões de chacota, ironia, e sarcasmo, por serem construções significativas e indispensáveis nas crônicas jornalísticas analisadas, não desvirtuaram a compreensão da pesquisadora-observadora em relação às demais intenções iniciais.

Para tanto, ressaltamos que o método utilizado colaborou consideravelmente para a percepção da pesquisadora-observadora no intuito de percebê-las de uma maneira nova, não se tornando o responsável pelos resultados, apenas um complemento facilitador para obtermos novos ângulos perceptivos, de acordo com os temas e ideias do autor das crônicas jornalísticas analisadas.

Assim, foi-nos possível alcançar por diversos momentos, culminância de compreensão a partir da distribuição das palavras nos resultados fornecidos pelo programa, que permitiu, além de facilitar a interpretação, utilizarmo-nos da construção criativa de explicações, exigindo da pesquisadora-observadora, apenas, disponibilidade de tempo e atenção para refletir sobre os textos lidos.

A utilização do *Software* IRAMUTEQ facilitou o desenvolvimento da dissertação, contribuindo, a partir dos resultados fornecidos por ele, nas muitas vezes que o executamos, ampliar a visualização das unidades de sentido demonstradas nas categorias *Nuvens de Palavras* e *Análise de Similitude,* modelos escolhidos dentro os variados recursos disponibilizados pelo programa. Este, por sua vez, não eliminou o esforço da pesquisadora-observadora nas desconstruções necessárias de compreensão e interpretação, para chegarmos a um real entendimento da disposição das sentenças recebidas pelas análises do programa.

Num primeiro momento, as impressões que tivemos acerca do *Software* IRAMUTEQ

eram duvidosas e preocupantes, necessariamente por ele ser pouco usado no Brasil e quase nada acessível no que diziam os manuais e informações exatas para sua instalação e utilização. A primeira dificuldade, talvez a maior delas, foi encontrar dentre os poucos manuais de instalação do programa disponibilizado na *Internet,* aquele que nos desse a maioria dos passos corretos para seu funcionamento, pois além destes houve a necessidade de tradução de algumas informações no idioma francês, que muito contribuíram para o processo inicial.

Após enorme pesquisa, assemelhando-se a uma garimpagem, a qual nos proporcionou agigantado cansaço mental e físico, além de inúmeros contatos com acadêmicos que mencionavam a utilização do mesmo programa em suas análises quantitativas encontradas em artigos e publicações em periódicos, não qualitativas e na área das linguagens, sempre sem recebimento de respostas, montamos nosso próprio manual de instruções para instalação e utilização do *software.* É necessário que ressaltemos que em processos de análises textuais, é imprescindível que o pesquisador-observador conheça a utilização dos *softwares* responsáveis por inserirem codificações em seus processos. Caso ocorrer o oposto, a falta de conhecimento por parte do pesquisador-observador, evitará o recebimento dos resultados ou, ainda, quando ocorrerem, o levá-los-ão a interpretações equivocadas e até incorretas.

O *corpora* do pseudônimo Dom Camilo superou nossas expectativas. Permitiu que o *Software* IRAMUTEQ nos presenteasse com inúmeras possibilidades de interpretação de uma mesma análise. O fato se deu por estar adequadamente composto por uma grande quantidade de conteúdo, fato este que deverá ser sempre considerado pelo pesquisador-observador, quando utilizar o programa em questão. De outra forma, o programa não fornecerá sentenças suficientes para resultados ou, quando o fizer, serão empobrecidas de dados, haja vista que ele é planejado apenas para grandes volumes de informação.

Quanto ao *corpora* Peppone, número muito inferior de crônicas disponíveis para o estudo se comparado ao *corpora* Dom Camilo, obtivemos resultados mais esparsos, que não desmereceram as interpretações, porém foi necessária a leitura das crônicas juntamente com o recebimento dos resultados das análises, a fim de observarmos as palavras sugeridas pelo programa realmente condizerem com o teor das crônicas jornalísticas observadas. O programa, por seis vezes, nos devolvia os resultados das análises, acusando *beaucoup d'espace* (muito espaço), detalhe este não encontrado em nenhum dos manuais e demais informações sobre o *Software* IRAMUTEQ.

Entendíamos haver necessidade de acrescentar mais conteúdo ao *corpora* Peppone, pelo fato de o programa em observação ser planejado para maior quantidade de informações que o

corpora dispunha. Após muita insistência da pesquisadora-observadora, relendo o *corpora* com muito mais atenção do que das vezes anteriores, ela percebeu haver maior espaço entre uma e outra distribuição dos *corpus*, decidindo aproximá-los mais e excluir outros caracteres que demonstravam, naquele momento, não serem necessários. Alterações realizadas, o *Software* IRAMUTEQ nos agraciou ainda mais com sua capacidade de superação dos obstáculos que, porventura surgirem no decorrer da sua utilização, reafirmando o que todos os manuais estudados informavam: por ser recente, necessita aprimorar sua funcionalidade. Também, vale ressaltar que o dicionário de Português que atualmente compõe o programa superou as expectativas da pesquisadora-observadora, uma vez que uma das maiores preocupações estava relacionada às palavras, seu sentido e significado que, aliás, o programa demonstrou ter em seu acervo considerável quantidade de sentenças.

No entanto quanto mais explorávamos os recursos e possibilidades de articulação estética das palavras, por conta da utilização do *software*, a visualização por meio de janelas disponíveis das probabilidades que iam surgindo, nos surpreendiam e cada vez mais uma nova resposta em forma de muitas sentenças numa mesma análise, agradavelmente, nos chegava aos olhos e, com isso, nos impulsionava com mais ideias de como apresentar os resultados obtidos.

Vale destacar que em alguns instantes, por ocasião da quantidade de elementos resultantes recebidos das análises, estes serviam não apenas para explicar o texto lido, mas também para nos situar perante os fatos e temáticas que os constituíam, mesmo sem termos em mãos, naquele momento, as crônicas com que condiziam, exceto o *corpora* Peppone, como acima já explicado.

De outro lado, chamamos a atenção para o fato de a pesquisadora-observadora ter se comportado de maneira neutra, uma receptora passiva diante das muitas viabilidades encontradas. Dessa forma, a inferência da pesquisadora-observadora somente se fez presente, quando houve a real precisão, por exemplo, ao necessitar submeter os *corpora* mais de uma vez ao programa, por ocasião dos resultados - as palavras selecionadas por ele como presentes e relevantes em cada um dos *corpora*, lhe surgiam em demasia, dificultando a seleção do que realmente escolher. Isso não quer dizer que a pesquisadora permaneceu acrítica ou não realizou inferências, aspectos que uma análise, especialmente textual, de conteúdo extenso, em pesquisas qualitativas, exige.

Constatamos, inclusive, que para ocorrer a validação dos resultados de uma pesquisa, especialmente, quando agregar análise textual com auxílio de *softwares*, culmina numa

exigência básica em qualquer campo científico, seja qualitativo ou quantitativo, haver confiabilidade e generalização, características importantes que desempenham um papel relevante para a investigação qualitativa. Mesmo assim, ambas não podem ser tratadas como limitações para o pesquisador-observador, tendo em vista que o processo, as etapas e as fases para realizarmos pesquisa qualitativa ou quantitativa, praticamente se assimilam todas, definidas e desenvolvidas em conformidade com as diferentes matrizes paradigmáticas selecionadas.

Ou seja, imprescindível, também, haver conhecimento por parte do pesquisador-observador para, seja qual for o método escolhido por ele, haver percepção dos critérios próprios de confiabilidade e de validação, interna ou externamente. As pesquisas devem cumprir critérios que validem ética e seriedade, principalmente na apresentação dos resultados, pois confiabilidade demonstra a capacidade dos instrumentos utilizados em produzir medições constantes, interpretações, representações, e afins, quando aplicados a um mesmo objetivo. A confiabilidade, então, minimiza erros. A validação corresponderá, assim, à capacidade de um determinado instrumento produzir resultados adequados e precisos que comporão conclusões corretas, assim como a viabilidade de repasse de descobertas, resultados e demais elementos importantes a terceiros.

Conjuntamente, percebemos com a experiência, que a tentativa de facilitar o contato com o *Software* IRAMUTEQ corresponde, ainda, a uma excelente maneira de comunicação, tendo em vista a necessidade atual de enriquecimento informacional acompanhando a velocidade substancial das novidades. O programa demonstrou, ao longo de sua exploração, assim como temos buscado algumas alternativas por outros meios informacionais, ser um adequado recurso para análises tanto quantitativas, como já são utilizadas, assim como para a qualitativa, especialmente quando se tratar da área das linguagens e da comunicação.

Nesse sentido, *softwares* quantitativos ou qualitativos facilitam e qualificam o processo de análises. O *Software* IRAMUTEQ, além da finalidade básica de facilitar e agilizar as análises textuais das crônicas jornalísticas selecionadas para demonstrar sua viabilidade, validou características essenciais para uma pesquisa formal, como confiança, qualificação do material coletado, rentabilidade de dados, diversidade de interpretação, como qualquer programa computacional pensado para tal, destacando-se, principalmente, na agilidade, sutilidade, resultados apropriados que não dispensaram, inclusive, de termos uns *corpora* falho.

Reafirmamos, após nossa experiência, no que tange às pesquisas qualitativas, ser a

utilização de *software*s mais comum do que pensamos, antiga e até conhecida e mais bem aceita no meio acadêmico, profissional e afins, desmistificando, assim, o que outrora pensávamos. O momento contemporâneo atual evidencia tendências para que outras áreas de pesquisas qualitativas façam uso da informática, intencionando agilização e qualificação do material de análise, e este, por sua vez, certamente, será melhorado, quando submetido, mesmo ao uso de programas de computador com *software*s qualitativos.

As tecnologias como facilitadoras afirmam que o procedimento de codificação do que é comunicado por ocasião do auxílio de *softwares,* tornar-se-á mais simples, pois, do contrário, poderá ser fastidioso, quando feito apenas manualmente. É pertinente reafirmar o fato de que a utilização de *softwares* apenas facilita a análise e a interpretação, não eximindo, de maneira alguma, o atento olhar do profissional, assim como sua atuação ativa de pesquisa, imprescindivelmente, quando se tratar da adoção de um método de análise coerente, condizente com o tema.

Mesmo assim, para que alcancemos satisfação em relação ao produto final da análise de uma pesquisa, quando submetida ao auxílio de *softwares*, independendo do seu brilhantismo, ela deverá ser percebida, quase sempre como provisória e aproximativa. Dessa forma, o pesquisador-observador sentir-se-á instigado a promover o conhecimento crescente, de modo cumulativo e contínuo, objetivando continuadamente obter novos saltos qualitativos.

Muitos antigos questionamentos, assim como inúmeros novos, apresentam-se neste século, possibilitador do surgimento de intensas e velozes mudanças carregadas de historicidade, nas mais diferentes áreas disciplinares. Estas, também se fazem inquietas, carecendo, urgentemente, de revisões e reformulações. No que concerne à seleção das técnicas de análise de dados de uma determinada pesquisa, sem dúvida, múltiplas escolhas ocorrerão, devendo ser múltiplas, para que proporcionemos adequada e abrangente aproximação do pesquisador-observador com o tema a ser estudado.

Quanto aos desafios dessa perspectiva, percebemos que eles serão contínuos e provocarão o aprimoramento da utilização do *Software* IRAMUTEQ em análises textuais, nas diversas áreas do saber, assim como a perspectiva de sua expansão será cada vez maior pela forma como os recursos de que ele disponibiliza compõem ampla visão, quando se tratar de sua potencialidade. Para tanto, desde que o pesquisador-observador atue com o método de forma coerente, ética, reflexiva, flexível e crítica, além de considerar seriamente o contexto e a história nos quais sua pesquisa estiver inserida, obterá, certamente, somente resultados satisfatórios, além de diferenciados e destacáveis.

A utilização de *softwares* para análises textuais articula, até, o resgate de particularidades, por exemplo, da técnica de análise de conteúdo em pesquisas qualitativas, responsabilizando-se para salientar seu potencial de aplicação. Nesse sentido, o *Software* IRAMUTEQ contribuirá com pesquisadores e observadores que visam desenvolver estudos no campo das mais variadas áreas do conhecimento, a partir de abordagens analíticas, críticas ou reflexivas, aventurando-se pelo universo da interpretação de dados qualitativos ou mesmo quantitativos, no sentido de complementação.

Na realidade, mantivemos, também, o objetivo de apreciar algumas peculiaridades encontradas no teor das críticas jornalísticas estudadas, a fim de demonstrar, por vezes de maneira crítica, a interação das sentenças resultantes das análises realizadas pelo *software* comportarem-se como importantes para dar ensejo às diversas possibilidades da utilização da técnica.

Percebemos, no entanto, ao testar outros *softwares* que utilizam codificações que requerem um maior cuidado por parte do pesquisador, no sentido de atenção e entendimento às ideias que serão relacionadas após o recebimento dos dados. Isto, certamente, evidencia que antes da escolha do programa, o pesquisador, obrigatoriamente, deverá conscientizar-se acerca da clareza do método de pesquisa que por ele será utilizado. A técnica, por si própria, não deverá ser determinante, mas sim, determinada consoante os aspectos qualitativos que nortearão o tema estudado.

Considerando-se que é possível solicitar, no *Software* IRAMUTEQ, que sejam realizadas correlações entre respostas oferecidas, também foi possível evidenciar que este *software* será um enriquecedor auxílio para profissionais da área de Letras que desejarem produzir maior efeito de sentido com relação aos textos de maior exploração e significação. Deste modo, este *software* apresentar-se-á como excepcional ferramenta, útil para as mais variadas análises textuais, pois agiliza consideravelmente o processo de tabulação das informações, dispondo-as de maneira relevantemente adequada e confiante.

Constatamos, inclusive, que o *software* demonstra uma certa autonomia em auxiliar o pesquisador devido à rapidez e eficiência no retorno dos resultados, sugerindo, nas entrelinhas do seu desempenho, estar com novos outros resultados à disposição, bastando, apenas, ser acionado novamente. Entretanto o programa ocupou realmente, em todos os momentos, apenas o seu lugar na pesquisa. Ressaltamos, também, que a utilização do *software* minimiza, por exemplo, muitas redigitações que envolvem as releituras dos dados, desprezando a desconstrução das respostas adquiridas, o que, na maioria das vezes, ocorre.

Por fim, nos sentimos aptos para sobrelevar que *softwares* não apenas agregam qualidade considerável em seus mecanismos, como, também, demonstram dispor de relevante qualidade pedagógica, quando utilizados adequadamente e ao encontro das propostas dos conteúdos escolhidos pelos profissionais. De fato, é perceptível o significativo aumento da elaboração de *softwares* com variadas finalidades, inclusive para fins comerciais, que precisam de criteriosa escolha de opção, exigindo do pesquisador utilizador, um maior cuidado, ao selecionar aquele que realmente será capaz de servir aos seus interesses, para que nem ele, nem sua pesquisa, sejam interpretados de maneira equivocada ou deixem a desejar.

REFERÊNCIAS

ALCESTE. **Versão Demo**. Disponível em: <http://www.image-zafar.com/telecharge-mentsAuk.html >. Acesso em: 4 abr. 2016.

ALMEIDA, J. **Cultura digital.br.org.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.

ASCOTT, R. **Plissando o texto:** origens e desenvolvimento da arte telemática. São Paulo: ed. SENAC, 2009.

ATAYDE, A. P. R. **Metodologia da Avaliação de Qualidade do Software.** São Paulo: Pontes, 2002.

ATLAS.ti. **Manual de Instalação.** Disponível em: < http://atlasti.com/free-trial-version/ >. Acesso em: 10 abr. 2016.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
_____ **Problemas da poética de Dostoiévski.** 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 2002.

BARTHES, R. **A morte do autor.** In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BAUER, M.W. **Análise de conteúdo clássica**: uma revisão. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAGA, R. **200 Crônicas escolhidas.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

BEIGUELMAN, G. **O livro depois do livro**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BENJAMIM, W. **Estética Moderna:** Século XX. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2014.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Nacional, 2006.

CAMARGO, B. V**.;** JUSTO, A. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. 2012. Disponível em: < http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais >. Acesso em: 8 mar. 2016.

_____2013. Disponível em: < http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais >. Acesso em:10 mar. 2016.

CAMPOS, G. H. B. **A Qualidade em Software Educacional**. Metodologia para avaliação da qualidade de software educacional: Diretrizes para desenvolvedores e usuários. Rio de

Janeiro, Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

CHARTIER, R. **Text mining methods for social representation analysis in Large Corpora**. Papers on Social Representations, 2012.

COUCHOT, E. **A tecnologia na arte**: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CULLER, J. **Teoria Literária:** uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

CUPANI, A. **Filosofia da Tecnologia**: um convite. Florianópolis: UFSC, 2011.

CRUZ JÚNIOR. D. F. da. **Estratégias e máscaras de um fingidor:** a crônica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Área do Conhecimento Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2000. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-19062004-141158/pt-br.php>. Acesso em 16 jul. 2016.

DUBOIS, J. et alii. **Retórica Geral.** São Paulo: Cultrix, 1999.

ECO, U. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ETHNOGRAPH. **Informations.** Disponível em: < http://www.qualisrese-arch.com/SS%20Memo%20Write.htm >. Acesso em: 2 abr. 2016.

FELINTO, E. **Materialidades da Comunicação:** Por um Novo Lugar da Matéria na Teoria da Comunicação. In: Ciberlegenda, n. 5, Rio de Janeiro, 2001.

FERNANDES, B. **Manual IRAMUTEQ.** Universidade do Minho Social Sciences Institute. Braga: Portugal, 2014. Disponível em: < https://www.academia.edu/9312034/Manual_Iramuteq > . Acesso em: 21 mar. 2016.

HAYLES, K. **Electronic Literature**: New Horizons for the Literary. Notre Dame:

University of Notre Dame Press, 2009.

HUTCHEON, L. **Teoria e Política da Ironia.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. **Josué Guimarães:** escrever é um ato de amor. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.

ISAACSON, W. **Os inovadores:** uma biografia da revolução digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KIEFER, C. **É conto ou crônica?** In: Para ser escritor. São Paulo: Leya, 2010.

KIFFER, A. P.; GARRAMUÑO, F. **Expansões contemporâneas**: literatura e outras formas. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

KLEIN. C. **A Arte de Ensinar Utilizando *Softwares* Educativos**. Em: Simpósio de Testes de Software e Jornada Científica da Unibratec, 2006. Disponível em: < http://.unibratec.com.br/sbts/diretorio/FEEVALE+CK. pdf >. Acesso em: 20 abr. 2016.

KRONENBERG, N.; WAGNER, W. **Palavras-chave em contexto:** análise estatística de textos. In: M. Bauer & G. Gaskell (orgs.)Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013.

LACCOS. **Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

LAHLOU, S. **Text Mining Methods**. Papers on Social Representations, 2012.
LEMOS, A. **Cibercultura:** Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

LORENZI-CIOLDI, F. **Questions de méthodologie en sciences sociales**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1997.

LUCCHESI, C. L. **Introdução à Teoria dos Grafos.** 32o. Colóquio Brasileiro de Matemática. Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), 2000.

MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MANUAL DE INSTALAÇÃO DO SOFTWARE ABBYY FINEREADER 12 (2014). Disponível em: < https://www.abbyy.com/pt-br/finereader_brasil/>. Acesso em: 20. abr. 2016.

MANUAL DE INSTALAÇÃO DO SOFTWARE IRAMUTEQ (2011). Disponível em: < http://docplayer.com.br/15994284-Tutorial-para-uso-do-software-de-analise-textual-iramuteq.html>. Acesso em 26 abr. 2016.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 3. ed. Cultrix. São Paulo: 2005.

MAXQDA. **Manual de Apresentação.** Disponível em: < http://www.maxqda.com/lang/informacao-em-portugues/portuguese >. Acesso em: 20 mar. 2016.

MEUNIER, J. **Image, cognition, centration, décentration.** Cinémas, Revue d'Études Cinématographiques, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=7911307&pid=S0034-77012005000200007000037&lng=en > . Acesso em: 22 abr. 2016.

MONARD, M. C.; BARANAUSKAS, J. A. **Conceitos sobre aprendizado de máquina**. 1 ed. Barueri: São Paulo, 2013.

MONTAIGNIE, M. **Vida e obra.** 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MORAES, R. **Análise de conteúdo.** Porto Alegre: Editora do Brasil, 2009.

MORIM, E. **A Cabeça Bem-Feita**: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NASCIMENTO, A. R. A., MENANDRO, P. R. M. **Análise lexical e análise de conteúdo:** Uma proposta de utilização conjugada. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2006. Disponível em: < http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a07.pdf > . Acesso em: 20 abr. 2016.

NAVARRO, P; DIAZ, C. **Análise de Conteúdo**: métodos e técnicas de investigação científica. São Paulo: Moderna, 2004.

NVIVO. **About us.** Disponível em: < http://www.qsrinternational.com/nvivo-product/nvivo11-for-windows >. Acesso em: 6 mar. 2016.

OLIVEIRA, L. F. R. DE **Tutorial Básico de Utilização do IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Goiás. 2005. Disponível em: < https://l3p.fic.ufg.br/up/771/o/Tutorial_-_Revis%C3%A3o.pdf >. Acesso em: 19 mar. 2016.

PATO, A. **Literatura expandida**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo - Associação Cultural, 2013.

PERISSÉ, G. **Elogio da leitura.** São Paulo: Manole, 2005.

POUND, E. **Lustra**. Tradução Dirceu Villa. São Paulo: Demônio Negro, 2011.

QUEIRÓS, B. C. DE **Para ler em silêncio.** São Paulo: Moderna, 2007.

QUIROGA, H. **Decálogo do perfeito contista.** 3. ed. São Paulo: L&PM, 2009.

RATINAUD, P. **IRAMUTEQ:** Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. 2009. Disponível em: < http://www.iramuteq.org >. Aceso em: 26 mar. 2016.

REINERT, M. **Alceste**. Version 4.0 – Windows (Manual). Toulouse: Societé. São Paulo: Image, 2001.

SAMUEL, R. **Manual da Teoria Literária**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua:** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulos, 2013.

SANTAYANA, G. **A ironia da matéria.** 2. ed. São Paulo: Anthropos, 1999.

SANTOS, A. L. dos. **Leitura de nós**: ciberespaço e literatura. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. Disponível em: < http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000402.pdf. > Acesso em: 27 jul. 2016.

SCHLEGEL, F.**O dialeto dos fragmentos**. 6. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SFEZ, L. **Crítica da comunicação**. 3. ed. Tradução Serafim Ferreira. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 2009.

SOUZA, R. A. Q. de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

SPAD. **Manual de Informações.** Disponível em: < http://spad.software.informer.com/ >. Acesso em: 22 mar. 2016.

TAGUL. **About us.** Disponível em: < htttp://www.tagul.com/about.html >. Acesso em: 18 mar. 2016.

TAURION, C. **Software Livre:** Potencialidades e Modelos de Negócio. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

TAXGEDO. **About us**. Disponível em: < http://www.tagxedo.com/about.html >. Acesso em: 26 mar. 2016.

TODOROV, T. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: DIEFEL, 2009.

TRI DEUX MOTS. **Manual de Informação**. Disponível em: < http://trideuxmots.com >. Acesso em: 2 abr. 2016.

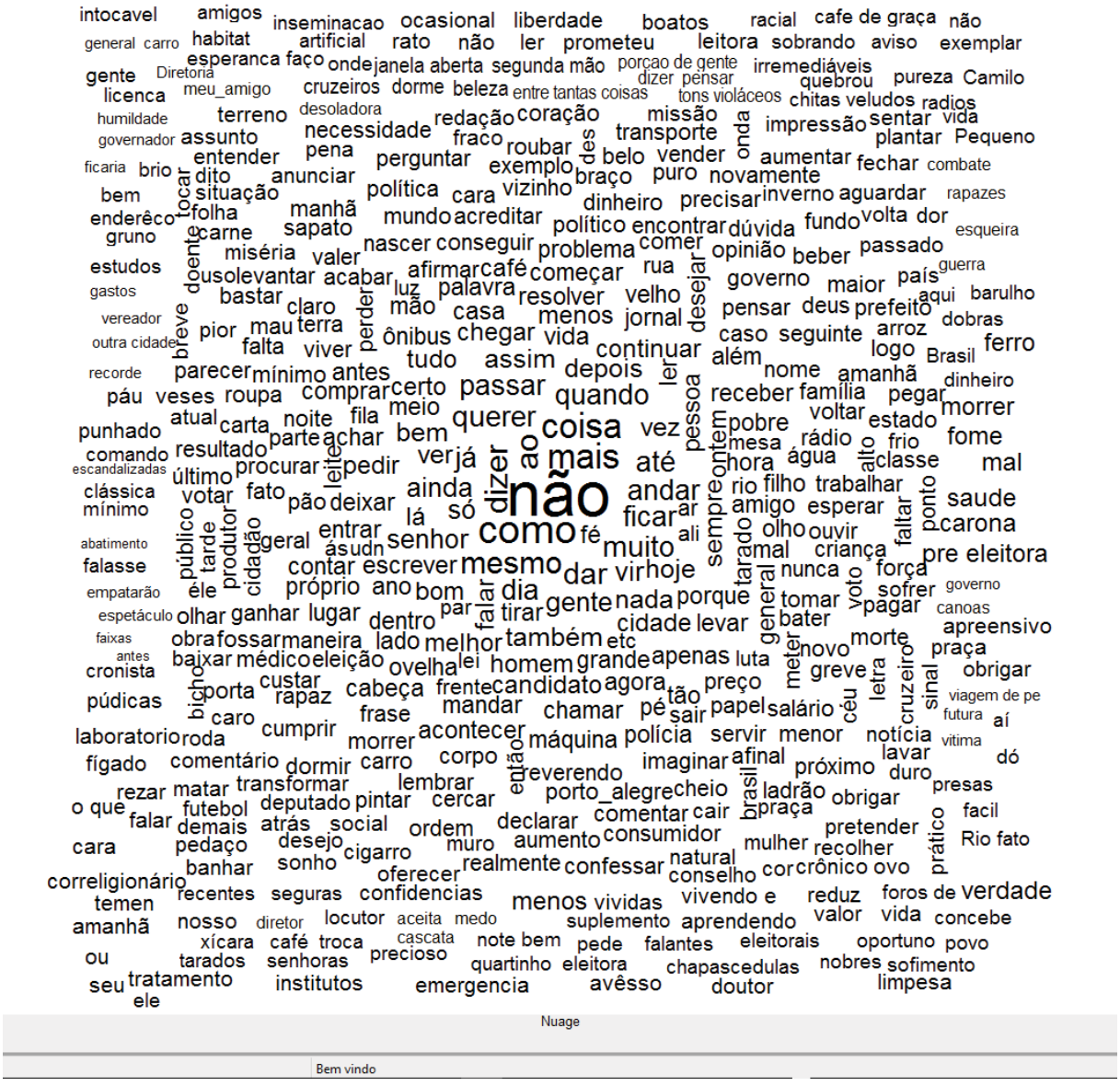
VERÍSSIMO, E. O **Nariz e Outras Crônicas.** São Paulo: Ática, 2000.

VIEIRA, I. L. **Leitura na Internet:** Mudanças no Perfil do Leitor e Desafios Escolares. São Paulo: Internet & Ensino, 2007.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

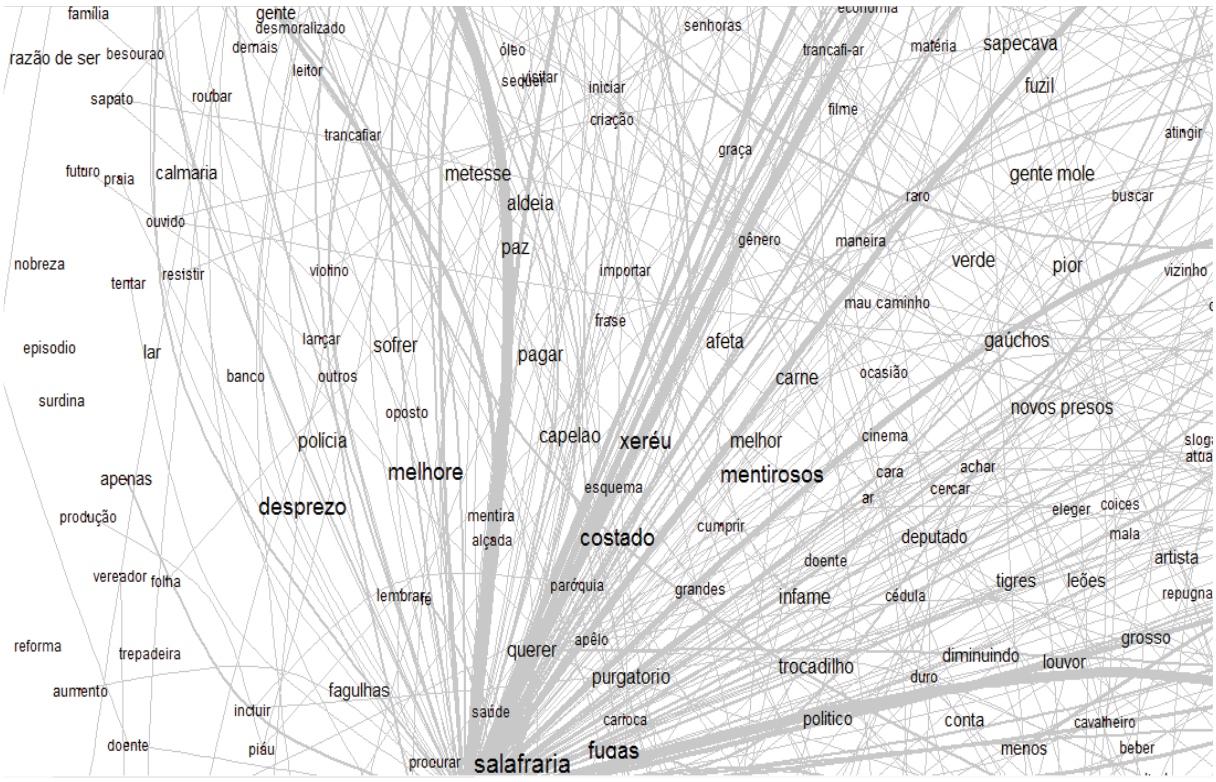
WORDLE. **About us**. Disponível em: < http;//www.wordle.net>. Acesso em: 19 mar. 2016.

APÊNDICES



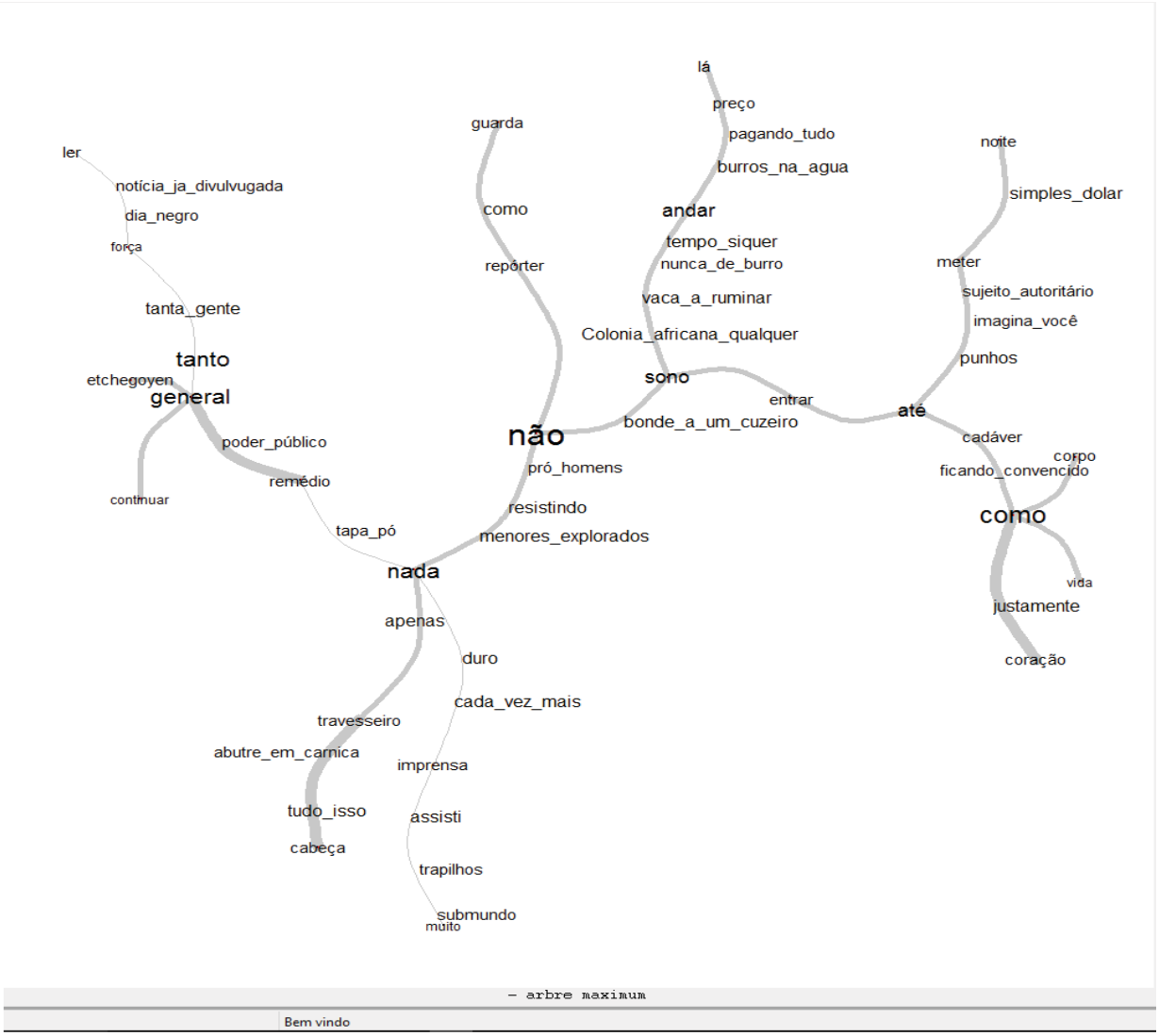
APÊNDICE A - Nuvem de Palavras *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ

Fonte: Elaborado pela autora

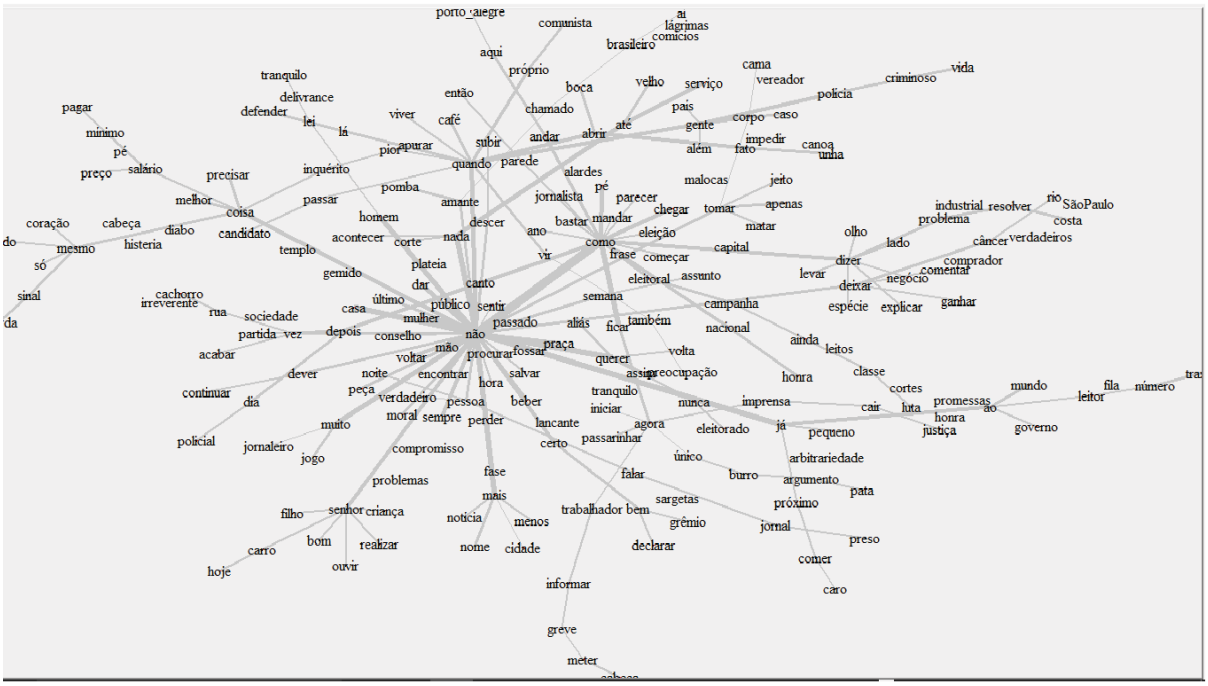


APÊNDICE B - Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora

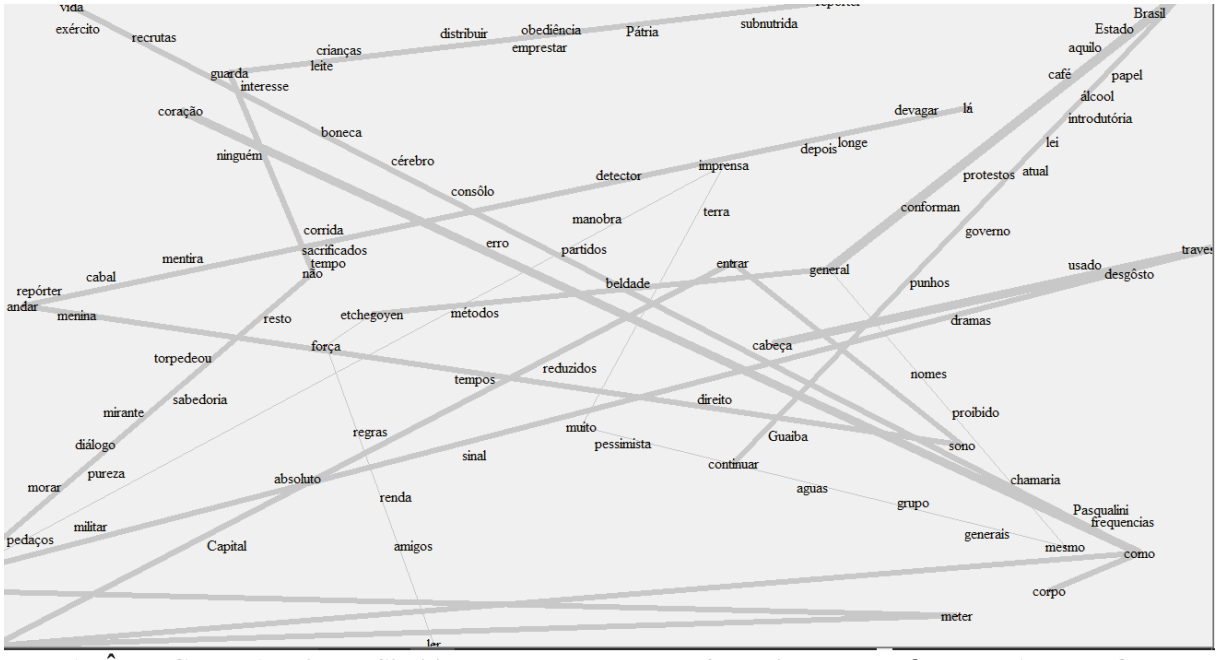
APÊNDICE C - Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora



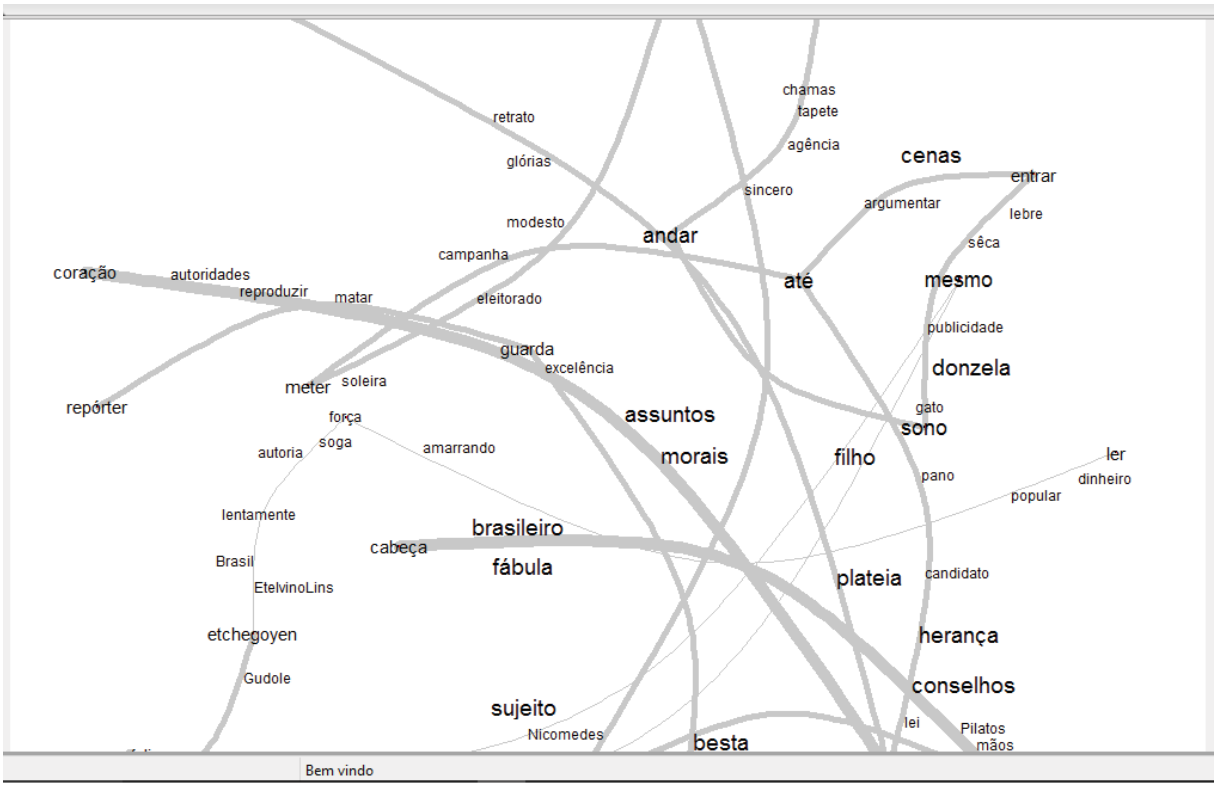
APÊNDICE D - Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora



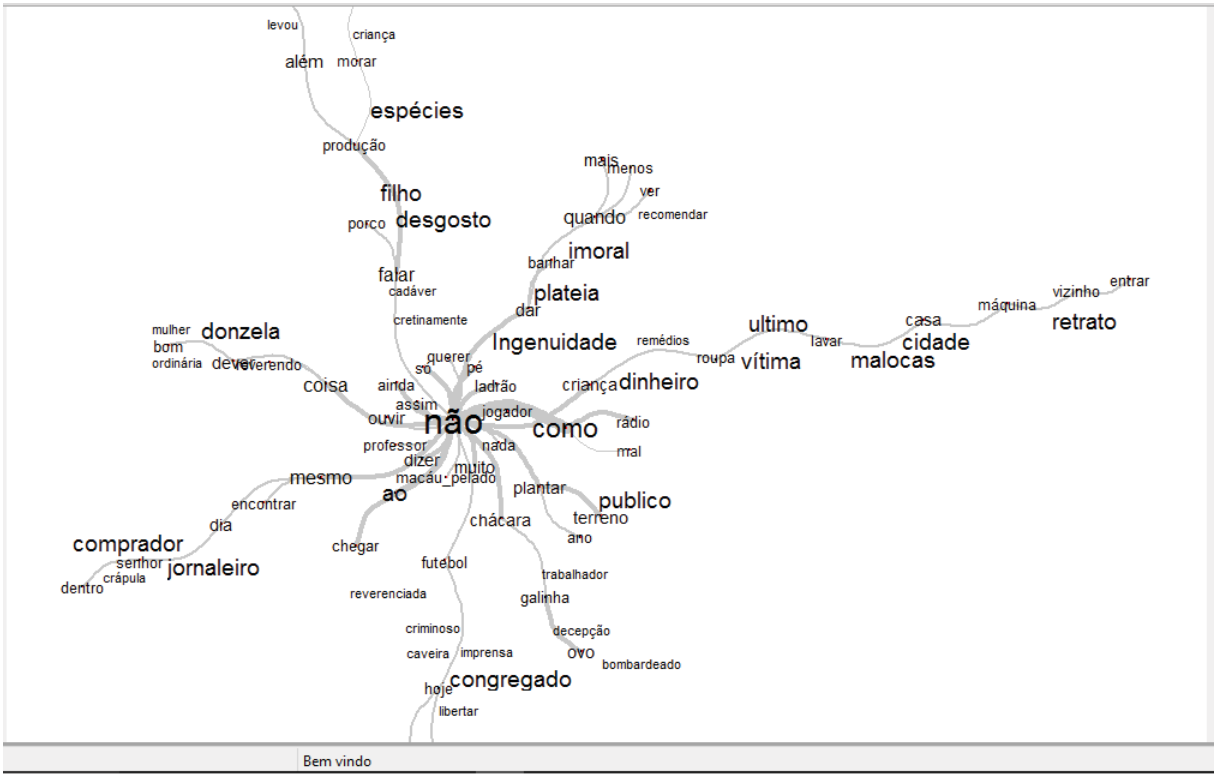
APÊNDICE E - Análise de Similitude *corpora* Dom Camilo fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora



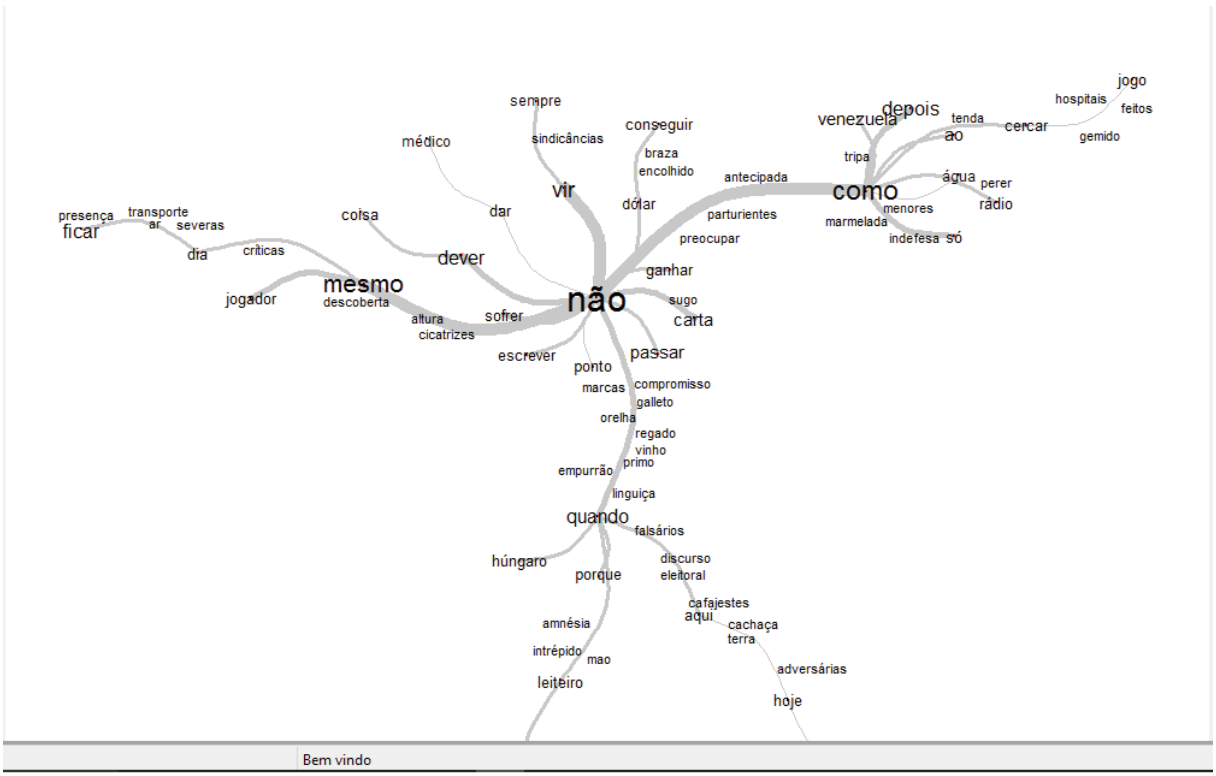
APÊNDICE F - Análise de Similitude *corpora* Peppone fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora



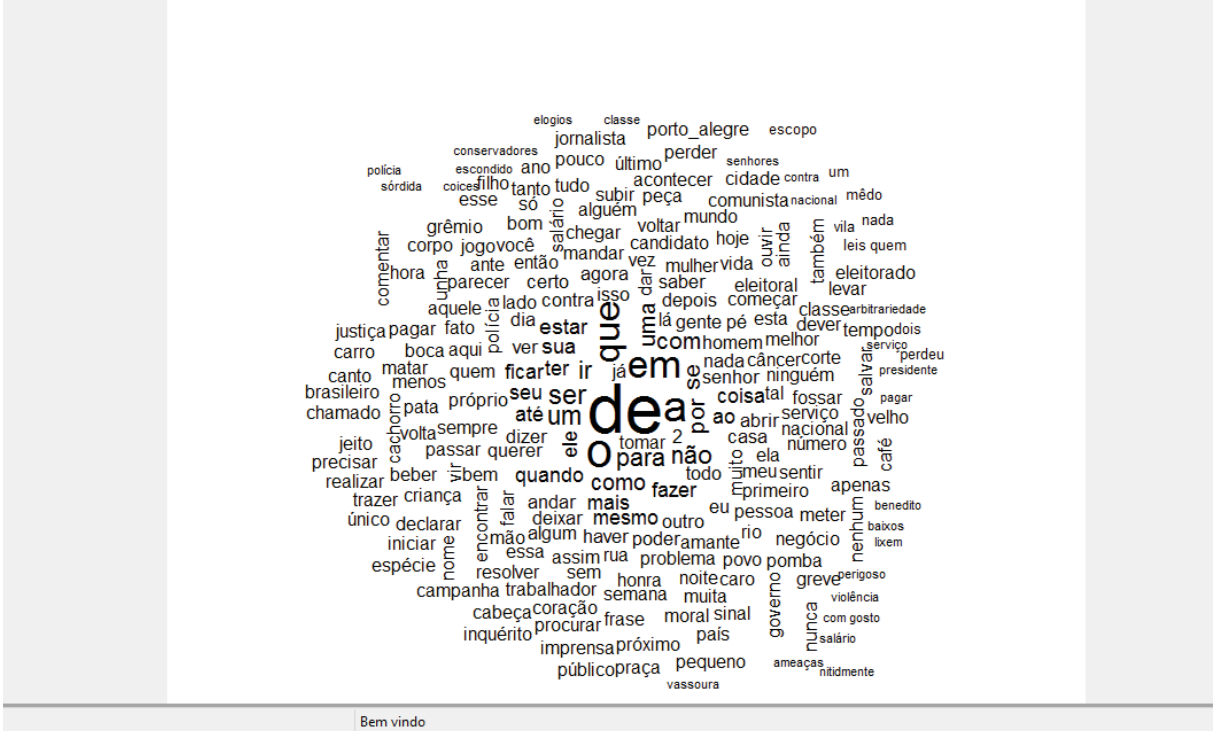
APÊNDICE G - Análise de Similitude *corpora* Peppone fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora



APÊNDICE H - Análise de Similitude *corpora* Peppone fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora



APÊNDICE I – Análise de Similitude *corpora* Peppone fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora



APÊNDICE J – Análise de Similitude c*orpora* Peppone fornecida pelo *Software* IRAMUTEQ
Fonte: Elaborado pela autora

ANEXOS

ANEXO A – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 18 de maio de 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Leio a entrevista do presidente do Sindicato Atacadista de São Paulo. Não que a opinião de um atacadista me interesse como opinião, varejistas que somos de idéias e palavras. Mas leio pelo feio habito de ler tudo o que se publica, incluindo-se artigos assinados por cavalheiros que melhor figura fariam no Museu do sr. Dante Laytano, como belas estampas de um passado remotíssimo. O Presidente do Sindicato, porém, focaliza um dos pecados mortais da nossa civilização: o medo a origem de todos os males. Diz êle que a alta constante que vem sofrendo o custo de vida se deve, em grande parte, a uma psicose de medo, um temor coletivo que nada tem a ver com a produção e o consumo, a oferta e a procura, a bolsa de mercadorias ou a ganancia pura e simples. Acontece que o português aqui da esquina tem medo de estar cobrando menos do que o italiano ali da outra quadra. O dono da botica treme só em pensar que os seus concorrentes estão vendendo os produtos mais caros. E' um temor de perder dinheiro, muito justo e até perdoável em pessoas que nada sabem sôbre o dia de amanhã, se alguém vai se animar ou não a dar o golpe que se fala diàriamente. Outros temem que o estoque passa ser renovado. Em vista disso cobram pelos três estoques futuros. Alguns temem que a opinião publica os tache de ladrões, pois seria impossível a um vivente cobrar tão pouco numa época em que habitualmente se cobra tanto. E se quizermos dar a esta nota obscura de um pobre pároco de aldeia o tom literário adequado a quem escreve e sonha entrar para a Academia Sul Riograndense de Letras, poderiamos citar Machado de Assis, no seu "Circulo Vicioso", naquele negócio de vagalume, estrela etc. Na verdade a gente sobe os preços porque os outros tambem subiram. Os outros já haviam subido porque nós subimos tambem sem consultar ninguém. E' o caso dos onibus nesta bela Capital. O Prefeito não quiz dar o golpe frontal na população. Preferiu fazer a coisa na surdina. Estrila o morador da Vila Jardim. Amanhã os da Independência. Depois Glória e Teresópolis. Floresta e Farrapos. O que não convem são os estrilos coletivos. E assim vamos vivendo, como na canção de Lupiscinio Rodrigues, hoje autor de uma churrascaria que leva o modesto nome de galpão (cultura musical necessária para o enriquecimento da crônica). Essas e outras considerações me acudiram lendo a entrevista do presidente daquele Sindicato paulista, pois na forma e no fundo concordo com êle. E depois acusar o medo do alto custo da vida é politica inteligente, pois que afinal achamos um bode espiatório que não reage e nem dá marradas. Um bode espiatório de papelão e celofane, com chifres de papel crepon. Acusar gente do estado de coisas em que vivemos seria imperdoável, além de profundamente perigoso. Portanto, todo o nosso ódio ao medo, êsse monstro de olhos verdes que vive a se banquetear nos nossos bolsos. E termino aqui, que tremo de mêdo em sobressalto.

Dois comunistas se encontram. Um deles diz para o outro, meio em segredo, imaginando um Kley qualquer disfarçado em banco de praça ou porta de farmácia:

— Precisamos entrar logo nessa campanha de "protesto" contra o cancer...

—oOo—

O sr. Marcial Terra ficou no ar. Ficou meio mal no PSD e não foi recebido com muito carinho pelo PTB. Ficou no meio, que é o local onde dizem, mora a virtude. Mas o que é preciso saber é se na casa dela tem lugar para mais um. Vai ver, tem.

—oOo—

Dizem que êste episódio que passo a contar em meia duzia de palavras aconteceu realmente num ônibus da cidade. O cobrador quiz passar pelo corredor, mas uma insuportável senhorita dificultava o transito colocando entre um banco e outro 58 quilos de perfumada carnação, em que pese o esforço de um suéter negro à Lollobrigida. Então o rapaz parou e disse a ela, em tom suave:

— Senhorita, pediria a gentileza de permitir a oportunidade que almejo de passar para o lado oposto, em função profissional de cobrador da Prefeitura desta Capital. Isso se não molestar o seu conforto e não ferir a sua graça tão feminina e gracil. Permite-mo?

A senhorita desmaiou e vários cavalheiros desprevenidos fizeram o mesmo. Afinal se tratava de um cobrador da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre.

ANEXO B – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 19 de maio de 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Há dias em que a gente se sente profundamente melancólica. Não adianta a fé. De pouco vale a crença. E' um estado d'alma que não é e nem deixa de ser, antes pelo contrário. Mas em compensação o marechal Eurico Dutra esteve anteontem de aniversário e ganhou uma imagem de São Jorge, a cavalo, esmagando o dragão. Naturalmente os seus amigos visaram, com isso, dar uma indireta qualquer aos inimigos do Marechal, hoje menos do que ontem. Fez o discurso habitual o sr. Daniel de Carvalho, ao tempo ministro da Agricultura, e hoje saudosista de cortar o coração. Estava lá, na certa, o dep. Armando Falcão, um outro que papou de colher no Instituto dos Marítimos e que terminou fazendo uma coleção de armas de fazer inveja ao próprio Tenório. Os presentes pertenciam todos ao grupo que acha o Marechal até meio bonito, ou então, como naquela história de caipira, que acha o Marechal feio, mas de uma feitura tão simpática que chega a ser até uma beleza. E' claro que se êle concorresse ao concurso "Os mais belos olhos do Rio Grande" perderia na certa. Outro fato desagradavel foi haver o chofer do carro 61, da Secretaria do Interior, perdido a placa preta que dá imunidades, na hora mesmo em que o coitado se defendia brilhantemente. Entre uma rua e outra escolheu a do centro, que não era rua mas um canteiro com o indefectivel poste a beira-fio plantado. Vai daí o desastre, a perda da placa, a escândalo jornalistico. No Rio a policia assinala mais um espancamento, dentro da rotina, mas desta vez contra um jornalista. O general Ancora promete, então, uma "reforma de base" nos quadros policiais. A imprensa inteira não acredita, coisa que deixa o general brabo e irritado. Enquanto isso já estão vendidas todas as passagens aéreas para a Europa, até fins de julho do corrente ano. Isso porque estamos em plena crise e o comércio e a indústria declaram que não podem pagar o salário minimo. O delegado O. A. Klein defende-se e acusa. Chama o deputado Croaci de Oliveira de "filho do general" e acha que êle abusou de suas imunidades parlamentares, inclusive para não se deixar prender pelo delegado, junto com uma leva de ferroviários "que não queria assinar a convocação de retorno ao trabalho". O delegado era homem mais ou menos sumido, mas agora prefere o cartaz diário, coisa que talvez o faça perder a posição. Os maiores interessados no seu trabalho não gostam de muita evidência. Preferem o anonimato meio pastoso, meio chinfrim, do sr. Jacy Magalhães. Ora, com tanta coisa acontecendo nem a oração consegue eliminar esta melancolia que se assemelha com durex. Visito alguns doentes, leio o meu colega Germano de Novais, releio a "Fulgens Corona", ouço a "Ave Maria", falo horas seguidas só em latim, mas o abatimento persegue, inflexivel como uma diesel-hidráulica do Secretário. Por isso paro por aqui. Encho o pneu da minha bicicleta e vou dar umas pedaladas pela estrada. Tomar um pouco de ar fresco, ver novas paisagens. De momento estou pensando seriamente em adotar na pobre um motor de pôpa. Por menos que custe servirá, pelo menos, para que eu não ouça as piadas e graçolas dos gorís que vivem sem religião e sem Deus.

Encontra-se nesta Capital Mr. Jam Roth, cavalheiro que fundou no Rio Grande o Rotary Club. Daí o afirmar-se, e com muita razão etimologica, que no Rio Grande só ha rotharianos...

x x x

E' tal a inflação néste país que o delegado fiscal opina pela emissão de notas de cinco mil cruzeiros, pois muitos senhores desta República ao se dirigirem às boates cariocas, são obrigados a deformar a fatiota com massos de minguadas notas de mil, atualmente com a efigie do sr. Pedro Alvares Cabral. Não informa e nem sugere de quem deverá ser a efigie nas futuras notas de cinco mil, mas podemos jurar que será o Rei Momo, uma vez que o país é de Carnaval.

x x x

A Nova America anuncia maravilhosos cobertores de pura lã, por preços razoaveis. Não diz, mas muito deles serão de pele de camelo, que é um bicho que se presta a essas coisas. As casas especializadas oferecem casacos de pele apenas com módica entrada e prestação tipo indio, isto é, mão na testa em forma de pala, a perder de vista. Certas lojas anunciam meias de pura lã, capazes de por si só, sem o auxilio de nenhum sapato, elevar a temperatura dos pés em cêrca de vinte graus. O que não se vê nos jornais — e nem nas revistas, nem nas estações de rádio — são anuncios indicando onde está o dinheiro. Dinheiro ainda que frio, pois não se pode exigir grandes calorias neste suave mês de maio que, alem das flôres e de Maria, está sendo o mês predileto de todas as inflações.

ANEXO C – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 20 de maio de 1954

— 6 — 20 — MAIO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Furou de novo o pneu da minha bicicleta. Um pneu com pouco uso e nenhum bacalhau. Liso, na verdade, mas em perfeitas condições de rodagem. E o que me intriga, no momento, é saber como furou, se ela estava encostada na portalada de pneu bem estufado e não havia moleque nenhum por perto. Longe de mim desconfiar de alguma maldade. Seria um pecado mortal atribuir a um inocente um ato menos digno. Aceito a borracha no chão como mais uma provação, como uma penitência, mas seria capaz de jurar que isso foi obra de um espírita que mora aqui perto, sujeito de maus bofes, misterioso, demagogo barato entre a gente pobre. Acontece que na hora em que o pneu baixou êle deveria estar passando para tomar o lotação. Unindo as duas coisas fica bem claro que não estou fazendo deduções materialistas e que nenhum pecado comete quem se baseia no raciocínio puro para chegar a conclusões certas. Com o tempo tudo se esclarecerá. Aproveito o resto da tarde fria e fico a lagartear no jardim. Depois chega para bater um papo um vizinho meio novo na zona, pessoa que, apesar da pele grudada nos ossos, demonstra que já teve trato e algum lustro de instrução. E' êle que me diz, com certo orgulho besta, que a cidade possue os medidores elétricos mais perfeitos do mundo. Fico olhando para a cara dele. Fosse eu menos religioso e teria dito poucas e boas. Contei até dez e continuamos a conversa. Ele nem notou. Apenas perguntei a êle porque motivo devíamos ter orgulho dos melhores e mais perfeitos medidores de energia elétrica se a coisa que a gente quer medir anda pelas caronas? Perfeitos êles seriam se, na falta de luz, acusassem as despesas que todos temos com velas e lampiões. Se dissesse, em números e curvas, o exato prejuízo da carne estragada na geladeira. A salada que arruinou. O leite que azedou. Se calculasse, pelo arroxeado do edema, o grau de intensidade da canelada que se dá no escuro, na primeira cadeira que se atravessa na frente. Ora, medir energia elétrica, afinal, é a função normal dos medidores elétricos. Dentro das leis trabalhistas precisariam êles de oito horas de atividade por dia para o exato cumprimento do dever.

Mas trabalhando apenas duas ou três horas é de se esperar que dêm tudo de si, marcando em décimos de milímetros o preço que todos nós pagamos para andar no escuro. Os comerciantes, quando são muito vivos, fazem isso mesmo: vendem o produto como podem e cobram com a exatidão de um relógio suiço. O rapaz concordou com os meus argumentos e foi embora. Nessa altura já estava debruçada na cêrca uma senhorita que não é desta paróquia mas que não causaria nenhum estrago se fôsse. Penso que seria o caso de falar do seu sueter no primeiro sermão de domingo. Afinal nem tudo o que

Deus nos dá é para deleite dos nossos semelhantes. Ela apenas quer saber um endereço, mas o meu pecado se revela quando, sem querer, faço conversa comprida. Termino complicando o caminho da moça, aliás, um pedaço de mau caminho. E como castigo esvazio o outro pneu. E toca a trabalhar.

Recebo hoje a visita de vários delegados de polícia. Reclamam de mau humor a inclusão dos seus nomes num time de futebol formado não sabem por quem. De maneira alguma desejam participar do próximo jogo contra o Dínamo. E esclarecem: "O trio final é ótimo, mas a linha média e a dianteira em absoluto estão capacitadas a desenvolver jogo tão perigoso. Preferimos ficar de fora, assistindo a pelcia". Ora, o Szekely que trate do caso, convocando os reservas, pois que a baluarte defensivo e pau para toda a obra. E não trato mais do caso, que esta não é a minha arma.

x X x

O Luiz Palhares de Melo comentava, ontem, numa roda da Faculdade de Filosofia onde êle desempenha as funções de aluno do terceiro ano de jornalismo:

— O Varela é homem de sorte mesmo. Foi comer aquela cuca com sardinha em cima e ganhou a passagem de ida e volta á Suiça, para assistir ao campeonato mundial de futebol. Eu comi tanto quanto êle, em homenagem ao Cid, e não fiquei sequer como suplente.

E concluiu amargurado:

— E' isso, eu termino indo prá cama com urticária...

x X x

Há um anuncio nos jornais q diz apenas isto: "Qualifica-te e vota nos candidatos da UDN". E alguém comentou, meio intrigado:

— Está bem, qualificar-se é um gesto patriótico. Mas votar nos candidatos da UDN por que?

ANEXO D – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 21 de maio de 1954

– 6 – 21 — MAIO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Conheci o dep. Joel Presídio quando o marechal Dutra era general. Quando êle ainda não havia sido presidente da República, mas candidato. O sr. Presídio era qualquer coisa da caravana do simpático general Dutra. Os tempos rolaram. Passou uma barbaridade de água debaixo das pontes. Muitas luas passaram, como dizia um índio de algum toldo de Palmeira. De repente sei que êle está no PTB e que até não suporta muito o velho de Palmeira. De repente sei que êle está no PTB e que até não suporta muito o velho Marechal que vive hoje de recordações. Agora vem mais uma notícia do sr. Joel, desta vez ensaiando os primeiros passinhos rumo ao cariz do senador norte-americano Mac Carthy. Não há nenhum projeto fundamental do sr. Joel — e nem êle é muito disso, não — a não ser êste que aponta a reforma de base à Nação: uma comissão parlamentar de inquérito para apurar atividades subversivas no país. Assim no primeiro escorrego o negócio não aparenta nada além de um projeto do dep. Joel. Mas lendo bem a extensão da coisa até um pobre reverendo como eu treme dos pés à cabeça. Amanhã ou depois nove cidadãos entram na minha paróquia, vasculham os meus bolsos, abrem os armários, olham debaixo da cama, espiam para dentro dos guarda-roupas. O cristão não pode fazer nada, a não ser pedir desculpas pela desarrumação. E se entenderem de levar a minha bicicleta não haverá fôrça nenhuma no mundo capaz de impedi-los. Serão nove super-homens, nove capitães Marvel, nove Mandrakes. Ninguem sabe o que êles entendem por "atividades subversivas", pois a própria história está mostrando todos os dias, que certas coisas que hoje aparentam êrros tremendos são amanhã reconhecida como únicas verdades. Hitler, no seu tempo, era a verdade e a lei. Era o gênio e era Deus. Hoje é um safardana, um pilantra, um pobre doente mental. Musso'lini outro tanto, mas um pouco mais galhaço. Pois muita gente, apenas por pensar, e dizer aos amigos, que desconfiava do acêrto das suas falas, perdeu a cabeça ou foi mandado desta para melhor, com passe direto. Que farão os senhores deputados nessa propalada Comissão de Inquérito? Quais os pesos e as medidas que empregarão? Converso sôbre isso com meia dúzia de botões que me sobrou do último passeio. Êles não falam, mas entendem muito bem as minhas dúvidas e os meus temores. Afinal até hoje a gente vai vivendo aos trancos e barrancos, mas vai vivendo. De um lado os presidencialistas lutando pela conservação do "statu quo". De outro o reverendo Pilla cabulando uma reforma geral na base do parlamentarismo. De um lado uma turma de pessoas "bem" achando que a única solução para o problema do petróleo é entregar a exploração das nossas jazidas para os nossos caros e sinceros amigos americanos. De outro lado muita gente achando que a exploração só pode ser feita por brasileiros natos, maiores de 18 anos, vacinados, reservistas, casados ou desquitados. Um bando lutando pelo divórcio. Outro achando que se um êrro fôr cometido aos 25 anos o vivente deve aguentá-lo pelo resto da vida. Por tudo isso fico intrigado sinceramente, com a anunciada Comissão de Inquérito. Desconfio que alguem andou dando por cartas marcadas. Era o caso de psicanalisar o dep. Presídio e trancafiá-lo num ideni, antes que a doença suba e faça estragos. Se é verdade que dos pobres de espírito é o Reino dos Céus bom será que se reserva, desde já, um lugarzinho no Paraíso para o deputado que, a falta de um outro, apresentou êste projeto de causar espanto, de salardamiinho que é.

Aconteceu na Câmara Municipal. Duas senhoras desejaram falar com o ver. Temperani Pereira. Como êle estivesse em Plenário, solicitou ao Morais, do serviço interno, que convidasse as senhoras para entrarem. Elas entraram, meio sem jeito. Sentaram perto do vereador e começaram a falar. Desejavam oferecer um presente, por algum serviço relevante que o vereador lhes havia prestado. Falaram um pouco mais. De repente tiraram de uma sacola de matéria plástica um embrulho côr-de-rosa. Enquanto isso a sessão prosseguia, com a leitura de pareceres e votações. O ver. Temperani abriu o embrulho e deu com uma galinha vermelha, e mais vermelha ainda de ódio por estar empacotada como qualquer quilo de carne. Encabulado pelo espetáculo á parte que estava dando o vereador não teve outro jeito senão encaminhar o galináceo, já enchendo a sala de cacarejos, para a portaria. E não se sabe como a galinha ainda voltou a Plenário várias vezes, como a denunciar a Casa que aquilo que se fazia com ela não passava de violencia contra a liberdade individual. No fim da tarde o vereador foi visto embarcando no seu carro, com a galinha debaixo do braço.

ANEXO E – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 22 de maio de 1954

— 6 — 22 — MAIO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

HOROSCOPO PARA DOMINGO

CAPRICORNIO
22 de dez. a 20 de jan.

Verifique dois pedaços de bilhete da Loteria do Estado, esquecidos num bolso qualquer de roupa velha. Se não encontrar não desespere. Estavam brancos, mesmo.

AQUARIO
21 de jan. a 20 de fev.

Cuidado! Conflito em casa provocado por pessoa que vem a ser mãe de sua esposa. Tome a iniciativa, antes que seja tarde. Se possivel de faca. Coragem!

PEIXES
21 de fev. a 20 de março

Vá pescar o seu próprio signo. De passagem pelo mercado leve alguns dourados que não tiveram os rabos cortados pelo DES. Leve galinha com farofa para o almoço.

ARIES
21 de março a 20 de abril

Não tente o suicidio diante do inevitavel. Tome um vidro de Elixir 914 ou vá ao Clube da Chave. Se não tiver dinheiro use o papo, que é coisa bem diferente.

TOURO
21 de abril a 20 de maio

Aproveite o dia de descanso para podar a cêrca viva. Corte você mesmo a grama. Lave o cachorro. Ajude na cozinha, pinte o muro, encere o assoalho. Felicidades!

GEMEOS
21 de maio a 20 de jan.

Ótimo dia para aplicar bem o seu dinheiro. Dê três mil cruzeiros à sua esposa. Procure esquecer. Não pergunte nada. Não se lamente. Tenha paciência.

CANCER
21 de ju. a 20 de jul.

Lembre-se que hoje não é dia de andar de ônibus. Trate o seu signo com carinho. Abandone o cigarro. Não beba. Coma pouco. Evite morte violenta.

LEÃO
23 de agosto a 22 de set.

Dia ótimo para fazer ginástica. Aproveite e faça as suas contas do armazem. Dê uma nova arrumação em casa. Carregue você mesmo os armarios. Seu time vae perde...

VIRGEM
23 de agosto a 2 20e set.

Você precisa de penitência. Vá ao cinema, hoje. Aguente firme a bicha. Aguente os encontrões na sala de espera. Assim o filme sempre terá mais valôr.

LIBRA
23 de set. a 22 de out.

Não trate casamento. Não assuma compromissos. Não assine promissórias. Não seja fiador de ninguem. Enfim, não faça nenhuma asneira dessas.

ESCORPIÃO
23 de out. a 21 de nov.

Escreva hoje uma carta para um politico de evidência. Desabafe à vontade. Não assine para evitar incomodos. Diga francamente o que pensa dele. Ele que se dane.

SAGITARIO
22 de nov. a 21 de dez.

Ótima ocasião para tentar pagar as suas dividas. Chame pessoas a quem não deve nada e diga de suas intenções. Mas não exagere que os outros podem saber. Pese bem a sua consciencia, mas antes reforce a balança.

A Comissão Estadual de Energia Elétrica publica nos jornais uma nota esclarecendo que houve uma pequena avaria na Central dos Bugres, domingo, dia 16 do corrente, sem que nenhuma interrupção houvesse de fôrça, tanto assim que não foi preciso sequer apelar para a Usina de Emergência desta Capital. Daí a gente não entender a nota, pois que está esclarecendo uma coisa que não houve. Já com a Energia Elétrica a coisa muda de figura: quando diz que vai haver racionamento há mesmo, às vezes até com antecedência, terminando sempre com atrazo. E as notas não esclarecem nada. Ora, vá um vivente entender essa gente que costuma dar a luz!

***

A manchete era tranquilizadora: "O DEAL não importará manteiga norte-americana". Afinal, pensamos nós, os homens estão pegando vergonha. Mas logo depois do título uma frase botou tudo a perder: "Motivo: falta de aparelhamento para empacotá-la". Rale de motivos esses!

***

O dep. Plo Muller da Fonteur apresentou um projeto de lei de grande repercussão: isenta de sêlos os pedidos de empréstimo. Ora, nada mais acertado. Se o sujeito vai pedir dinheiro emprestado não tem, às vezes, nem para o sêlo, coisa que tem levado muita gente ao suicidio. Em vista disso vou aguardar mais algumas semanas, para entrar com o meu pedido ao sr. Luiz Domingues, que a esta hora deve estar raciocinando como Hamlet: "Sêlo ou não sêlo, esta é a questão".

ANEXO F – ALJOG – 030- 2476-1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 24 de maio de 1954

- 6 - ALJOG-030-2476-1954 24 — MAIO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

O pior aconteceu para o guarda espancador, um tal de Peixoto: morreu o reporter Nestor Moreira. E pior para o guarda, e não para a Policia. A Policia continua sendo uma entidade amorfa, para a qual o general Ancora não encontrou remédio. Uma entidade desmoralizada, para a qual não ha moralização possivel, segundo o mesmo general. Uma agremiação espancadora, comedora de bolas, recebedora de propinas, achacadora. E como ela é um mal sem remédio, apesar das propaladas "reformas de base" do general, nada poderá ser feito pelas autoridades responsaveis. Punirão o guarda Peixoto melhos pelo que ele fez contra um velho e indefeso reporter d'"A Noite", mas pela inabilidade com que espancou. Todos lá dentro sabem que há maneiras especiais de "fazer o páu baixar", sem deixar equimoses ou ferimentos. E daí o ódio da Policia do Rio, hoje, contra o guarda Peixoto. Pedirão até a pena de morte para o assassino, não como exemplo de bom caminho, mas para que os demais guardas peixotos que infestam a Policia do Rio e de todos os Estados aprendam a bater sem tamanhas consequências. O general continuara achando que o mal é sem remédio. E nós também, desde que lá continue o general. Fala-se muito em Policia de carreira, mas na hora de eleição mete-se lá para dentro tudo que é cafageste que anda trocando pernas por aí, de preferência os que assinam ponto no "buss found" e que, por serem da mesma laia, conhecem todos os segredos da malandragem. Contudo mesmo no duro, seleção a base do conhecimento e da vida pretessa, exame completo da vida, isso nunca farão, que os afilhados, em geral, são destituidos de todos os predicados exigidos senão estariam trabalhando como qualquer pessoa que se preza. A morte de Nestor Moreira — um velho profissional pai de dois filhos — poderá se transformar, caso a imprensa realmente queira, num inicio de moralização. A começar pela saida do general Ancora, que é mole e acha que nada pode fazer. E se é uma verdade que somente general pode ser Chefe de Policia, seria o caso de experimentar o general Etchegoyen, que uma vez andaram ameaçando de nomear, mas que a Policia carioca repeliu, com uma fôrça que ninguem esperava que ela tivesse ainda. Etchegoyen pode não ser muito simpático, mas é decente. Pode não ser agradavel, mas não tolera safadeza. Pode não agradar a politica dominante, mas não tolera apadrinhamentos. Muito homem grande, — velhos batalhadores da imprensa, — choram ao saber que Nestor Moreira não resistira aos coices do guarda Peixoto. Chorar é uma bela manifestação de dôr, mas inóquo, ante coices e patadas. O que vale agora é mobilizar jornais e revistas, reporteres de setor e diretores, numa luta sem treguas contra a declaração do general Ancora de que a Policia não se modifica mais, de que é desmoralizada, de que ninguem pode moraliza-la. Basta pegar um por um dos máus policiais e joga-los pela gola do casaco, janela á fóra. E fazer o mesmo com os padrinhos da alta politica que se atreverem a interferir. A imprensa pode ajudar divulgando os nomes, apontando á execração pública os protetores de cafagestes. E essa tarefa, acreditamos nós, poderá ser feita integralmente pelo general Etchegoyen, que contra todos os defeitos que tem em posse ter apresenta a alta qualidade de ser inflexivel contra os desmandos, duro com os ladrões, feróz com os espancadores, intolerante com a corrupção, carrasco com a malandragem. Pois isso tudo somado nos dá uma pálida idéia da Policia carioca nos dias que correm.

Recebi ontem á noite a visita de cêrca de cento e cinquenta gremistas, armados até os dentes, que me fizeram um cordial "apêlo" esportivo. Acontece que sempre faço referências aos perdedores, que deles é o reino dos céus. E em face do resultado da partida de ontem, entre Internacional e Renner, eles « penas queriam saber se o velho pároco iria escrever alguma coisa. Fui de uma coragem exemplar. Não Não iria escrever coisa alguma. Para o Internacional basta o amargor da derrota. Não quero dar aos rapazes um complexo de derrota, o que seria uma grande maldade neste ano. Tenham paciencia, rapazes, sôbre a surra do Renner ontem no Internacional não direi uma palavra hoje. Faz de conta que não sei de nada.

—oOo—

O dep. Pio Muller da Fontoura sonhou aqui com o reverendo. Dou um resumo do sonho pedindo aos psiquiatras desta praça uma interpretação qualquer. Remetam o estudo para a redação aqui da Folha. Devo dizer que nossa amizade não é intima. E' uma simpatia pessoal com encontros esporadicos. Não privamos. Pois bem, ele sonhou que nós dois estavamos num local sem identificação precisa. Ambos numa mesa, bebendo cognac "Biscuit". Cada um com um copo na frente. De vez em quando vinha o garçon e oferecia para os dois ovos frescos. Fazíamos um furo de cada lado e bebiamos o conteúdo. (Faço uma pausa para refrear a náusea. Isso poderá indicar aos psiquiatras que tal coisa me repugna sobremaneira. Mas o dep. não sabia disso). E dê-lhe a beber cognac "Biscuit". (A marca era bem clara. Diz ele que atribui a marca tão boa por saber que sou pessoa viajada e de fino paladar). Pois o sonho foi êste. Aqui fico aguardando as interpretações. A' melhor será conferida uma cédula para ser usada nas próximas eleições, de candidato indicado pela LEC (Liga Eleitoral Camiliense).

ANEXO G – ALJOG 35 a 2577 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 25 de maio de 1954

ALJOG 35 a 2577 - 1954

– 6 – 25 — MAIO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Peppone:

Quebro o meu silêncio mantido com tanto carinho. Afinal, um cristão não faz nada de mais se perdoar seus inimigos. Apesar de todas as tuas patifarias e dessa acendrada burrice que te caracteriza és filho de Deus e como tal deves ser tratado. Escrevo para desabafar um pouco. Confesso que sempre te achei dum sectarismo cretino ao viver afirmando que só os estrangeiros têm lucros nesta terra. Afinal eu não tinha certeza se eram ordens do Cominform para confundir os cristãos. Pois agora deparo com uma notícia que afirma que o próprio sr. João Goulart andou declarando, um dia desses, que apenas 22 companhias usufruem, elas só, a quarta parte dos lucros totais das companhias existentes no Brasil. Veja só! São coisas, aliás, ditas pela própria Conjuntura Econômica. E falam em Brazilian Traction, Bond and Share, Standard Oil, Belgo Mineira, Shell Mex e outras. Isso me dá mais tristeza menos pelo dinheiro que afinal vai para fora do que por ser forçado a concordar contigo que vives a dizer asnices e a bater por paus e por pedras. Ainda ontem fiquei quasi duas horas na janela do torreão lateral, ao cair da tarde, pensando coisas. A minha vizinhança a passar de volta do trabalho. Gente simples, Peppone, que come um feijão com arroz mal cozido e que ainda acha tempo para vir ao salão paroquial se divertir, contar casos, dansar. Os filhos vão para a escola com sapatos de tênis, caindo aos pedaços, e como merenda levam pedaços sêcos de pão. Nessas manhãs de frio, depois da geada que ainda alveja a grama, eles andam encolhidos, a soltar baforadas de ar quente. Sob as calças uns joelhos bolotudos e as pernas acanicadas. Amanhã eles serão operários, como os pais. Gente que mal sabe carregar um pedaço de pau de um lado para outro. Sem nenhum conhecimento técnico. E essas companhias estrangeiras, meu velho ateu, a sugar todo o nosso sangue. Por isso é que eu tenho visto fotografias dos seus operários. Lá longe, vestindo uns macacões engomados e calçando luvas de couro. Puderal São quinhentos pares de mão a sustentar cada mão estrangeira! Não vou escrever muito, não. Hoje estou com mais disposição para ficar na janela, mastigando velhas coisas, pesando muito pecado que a humanidade e os homens praticam. Qualquer dia um inimigo da religião é capaz de inventar por aí que a nossa amizade, em que pesem os cachaços e algum trompaço bem dado, esconde qualquer identidade política. Imagina, eu fazendo parte da tua grei sem civilização e sem amor, sem compostura e sem religião! Mas essa gente, meu bom ateu, é capaz de tudo. Lê essa carta e queima o papel. Abençoa a criançada por mim. E recebe um abraço saudoso de quem te quer ver no bom caminho. D. Camilo".

Há casos que mobilizam a opinião publica de todo o país. O vandalismo da policia carioca contra um humilde reporter de cabelos brancos, Nestor Moreira — hoje mártir da imprensa brasileira — ainda emociona profundamente. Outros fazem parte da rotina e se perdem na crônica policial, como o caso do infeliz Pedro José Ferreira, morador miserável de um morro qualquer. Apanhado roubando é preso pelo guarda noturno n.º 30, de nome Art " Kitz, e trancafiado no xadrez do 4.º Distrito Policial. Na manhã do dia seguinte êle é encontrando na cela, urinando sangue, ferido barbaramente. Pouco se dirá do episodio, que em lugar de um reporter está um gatuno. Mas será possivel que ninguém olhe para essas coisas? Quando começaremos a reforma da nossa Policia, tão cheia de "coices de mula" e de "leões de chácara"? Quando?

x X x

Há poucas semanas dois representantes dos sindicatos foram admitidos no seio da Coap, mas apenas para discutirem, sem direito a voto. Agora eles se retiram, pois chegaram à conclusão de que aquêle órgão foi feito apenas para ratificar os aumentos propostos. E discutir não adianta nada, que a banha está custando mais quatro cruzeiros por quilo. E é pouco, dizem os produtores.

x X x

Tirei o dia de hoje para falar em coisas tristes e revoltantes. Poderia escrever um livro sôbre borboletas. Um outro sôbre um besourão meio azulado, meio dourado, que esvoaça contra o vidro, numa ansia de liberdade que dá pena. Aqui de cima eu vejo o casário de telhado vermelho, roupas brancas estendidas nas cercas, um bando de guris jogando bola de gude. O céu está azul, levemente enfumaçado. Há uma pandorga no vento, só uma, que não é tempo disso. Poderia falar dessas coisas. Na trepadeira arroxeada e florida, no pé de maracujá, na goiabeira que cresce, no pé de abacate arrasado, em tantas outras coisas belas e serenas. E vai daí a gente começa a dizer palavras tristes. Puxa!

ANEXO H – ALJOG 03 a 0503 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 26 de maio de 1954

ALJOG 03a 0503-1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Por via das dúvidas peguei a minha lurdinha, dei uma azeitada nela e arranjei um geito de meter o trambolho em baixo da batina. A's vezes chamam a gente altas horas da noite, quando um pecador qualquer passa desta para melhor, e a noite sempre foi má conselheira para os desocupados. Tanto mais agora que os gatunos acabam de arrombar uma casa comercial e furtar de lá uma batelada de pistolas e garruchas. Com essa notícia não paro mais na rua, depois das dez, nem para dar a extrema unção. No Rio o deputado Tenorio Cavalcanti se viu alvo de quatro tiros e só não morreu todo perfurado porque há um santo forte a proteger-lhe as manhas. Ninguém achou os autores dos tiros e ninguém encontrou até agora o sujeito que se dizia oficial do Exército e perseguido. Pelo visto tudo não passou de uma armadilha para apanhar o deputado-pistoleiro. De minha parte ando mais tranquilo. Meus inimigos o são também do cão. Só temo realmente um assalto visando o roubo. Politicamente não sou contra e nem a favor, sou antes pelo contrário, como aquele ilustre deputado conterrâneo. E se passo a carregar a lurdinha é mais por garantir uma vida preciosa para a coletividade do que propriamente por temer qualquer coisa. Sob êste aspecto de general Ancora se esconde um homem de sangue quente, ótimo atirador, ágil e que nunca levou desaforo para o seu salão paroquial. Na verdade costumo me arrepender horas depois, mas no momento fico como cruza de tigre com leôa, isto é, juba e cara malhada, como um que a "Fôlha" publicou anteontem. Até agora andei desprevenido, mas isso já não é mais possivel porque há gatunos armados até os dentes. Confiar na polícia não mesmo. Prefiro confiar na pontaria, como o dep. Armando Falcão, pois assim vive-se mais tranquilo, dorme-se melhor, come-se com mais apetite. Não é por nada, não mas tenho procurado sempre desarmar os espiritos, ainda que seja de opinião diversa quanto ao corpo. Principalmente para aqueles que, como eu, não têm o corpo fechado.

X—X—X

O café, dentro de mais alguns meses, passará a disputar com o uisque a preferência das elites. Passado e coado, o litro estará na casa do scotch Ambassador, President, Queen Ann. Tomar-se-á em doses medidas, aspirado em casos de doenças, cheirado o vapor que criminosamente se evola. Dos pobres, êle passou para a classe média. Com mais esse aumento fugiu para as chamadas elites, isto é, pessoas que no ano social que transcorreu conseguiram lucros razoaveis, na base de dobro dos seus capitais. Resta aguardar da COAP uma providência imediata: fabricação de café em pilulas ou comprimidos para ser vendido em farmácia e drogaria. E com receita médica.

X—X—X

O deputado Joel Mac Carthy Presidio está tendo o desgosto de ver minguar, uma a uma, as assinaturas que pressurosamente foram apostas no seu requerimento pedindo a nomeação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar atividades consideradas subversivas no país. Alguém parece que andou esclarecendo os senhores deputados da asneira que estavam praticando, e agora êles vão, em bicha, retirar as suas assinaturas do documento. Mas como todo o reacionário que se preza o deputado Presidio ainda não desistiu da idéia.

X—X—X

Alguém depara com outro anuncio que diz: "Zela pelos interêsses da tua terra! Ingressa no Partido Libertador". E isso motivou o seguinte comentário, na mesma roda do Largo:

— Zelar pelos interêsses da nossa terra é, até certo ponto, uma obrigação de todos nós, mas ingressar no Partido Libertador por que?

ANEXO I – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 28 de maio de 1954

— 6 — A306:03a 0503: 1954 28 — MAIO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Como todos sabem não há elevador que consiga alcançar o custo de vida. Cada dia, na verdade, ela sobe mais. Desse geito eu não sei se durarei mais seis meses, mas a esse tempo ouviremos conversas mais ou menos dos tipos que se seguem:

— "O Euclides tirou um empréstimo na Caixa Economica e com ele comprou duas entradas para assistir "Nem Sansão nem Dalila", que está há seis meses em cartaz, no Vitoria. Com o ordenado do mês fez uma loucura e comprou um pacote de pipocas..."

— "Para mim o Euzébio andou metendo a mão no Fundo Sindical. Imagina que ontem foi à "boite" e bebeu duas doses de café".

— "Assaltaram a Casa Masson e roubaram do cofre cêrca de 840 gramas de café tipo D'Orvillier. Estão oferecendo 200 mil cruzeiros para quem der uma pista do ladrão".

— "Nunca pensei que a inflação atingisse o esporte. 82 a 74 é um escore muito elevado para o Grenal".

— "O Joaquim fechou a escritura, ontem, de um terno sob medida. E fez um negocião: vai dar 30% de entrada e o restante em 180 prestações ao juro de 60% ao ano. E daqui a dois meses o terno valerá o dobro!"

— "Pensas que eu faço negócio para perder? Pois troquei o meu Ford 52 por três quilos de manteiga e cinco litros de leite pasteurizado!"...

— "Admiro é a politica do Municipio, não deixando subir nada. Sabes que as apólices estão custando cada vez menos..."

— "Nosso Sindicato esteve ontem com o Governador. Depois de muita luta conseguimos uma autorização para a Secretaria da Agricultura ordenar ao Instituto de Carnes mandar o açougue Popular n.º 2 vender quatro quilos de carne para o próximo churrasco".

— "Dei uma voltinha, ontem, no par de sapatos do Manricio. Que maravilha de conforto!"

— "Foi preso ontem o dono da loja "A séda cara". Imagina que sob o titulo "loucuras d emalo" estava vendendo tudo realmente mais barato!"

Na Casa de Correção:
— "Seu guarda, o senhor não acha que um litro de cachaça a Cr$ 1.800,00 é muito caro?

— "Escuta aqui ó 5.362, queres por Cr$ 1.800,00 comprar um litro de café? Tá besta?"

O negócio da banha, todo o mundo sabe, é muito gordurose. A Holandesa, alem disso, é vinte porcento cebácea, conforme atestado de origem, fornecido na lingua mater de Rembrandt, que não tem nada a ver com isso, naturalmente. E alem de cêbo de gado contem a banha holandesa, óleo ou cêbo de baleia. Não há informações se algum tonel contém cêbo de tubarão, coisa que já era um bom aproveitamento.

x x x

O reverendo de Belém Novo é um emotivo. Ontem sentiu imensas saudades da voz do seu alto-falante. Vai daí irradiou a Missa e acordou parte da população, justamente aquela que achava que um feriado é dia especial para tirar uma pestana até mais tarde. Gente, aliás, que vinha sonhando com o feriado desde segunda-feira. Os aparelhos da Paróquia ainda estão em perfeitas condições, apezar do ostracismo a que foram votados, o que demonstra, filosóficamente, que sob uma grossa camada de cinza há sempre uma braseinha com vida. Basta assoprar um vento inesperado.

ANEXO J – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 29 de maio de 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

OS GAITEIROS

Uma pessoa que se assina "Peppone", mas que evidentemente não o é, pela correção do português e pela inteligência, escreve para dizer que há qualquer coisa errada ali pela porta da Eletro Mercantil, na rua da Praia. Guardei a carta e fui pessoalmente ver com os olhos que a terra há de comer, mas custa. E vi. Uns rapazes entrados em anos — entre 50 e 80 mais precisamente — fazem da porta daquela casa comercial o ponto preferido para o pleno exercício de um retardatário donjuanismo. São figuras distintas da nossa mais velha e decrépita sociedade, em vãs tentativas de, através de piadas, ingênuas algumas e safadas a maioria, atrair para o seu redil de museu brotos e balzaqueanas desta praça. Desmanchando-se em rugas, aproveitam o colarinho para uma amarração inicial do pescoço que se desmancha papada abaixo. Escondendo as luzidias carecas usam chapéus de aba virada e até boinas. Na barriga atravessam alguma faixa de flanela, de maneira a manter o corpo teso e os rins aquecidos. O ceroulão até ás canelas, com a artística amarração a aflorar sob a bainha das calças, grossas meias de lã a segurar as varizes, sapatos pretos de verniz poído. E piadas, meus senhores, piadas para as jovens que se atrevem a passar naquela cerrada carga de fuzilaria, desde o "Isso é que o médico me receitou" até o atrevido "Vem cá meu bem, ajudar a curar este reumatismo", onde êles imprimem certa dose de sinceridade. Na verdade não praticam esse esporte durante o dia todo, mas apenas nas horas de sól, quando lagartelam e não ficam expostos ao frio, ao sereno e ás correntes de ar, coisas que os empurrariam para a sepultura num sopro. Por outro lado, as senhoritas e as damas, não tendo á mão marido, noivo ou namorado, usam das mais variadas defesas contra o bafo dos jovens sexagenários. Algumas fingem que não ouvem. Outras ameaçam com as bolsas e sombrinhas, e outras retrucam ao pé da letra, com frases que poderíamos reproduzir, em parte, tais como "quem gosta de velho é reumatismo", "Vai deitar, vovô", "Vai cuidar da alma que o corpo já está na miséria", "Vai cuidar dos nétos, gaiteiro". O missivista que se assina "Peppone" mas não o é, reclama contra isso. Diz horrores dos nossos adoráveis matusaléns de porta de loja, pois que em geral as piadas seriam capazes de fazer corar um frade de pedra, se algum destes se atrevessem a passar pela rua da Praia, ao alcance das piadas dos nossos ancestrais que fazem ponto de parada ali. Pois eu se fosse marido ou pai mandaria a senhora ou a mocinha passar nas barbas do grupo asmático e ficava do lado, bancando o gaiteiro também. Dita a piada agarraria o velhote pela gola, meteria o ferro velho num carro e ia direto para a casa dele. Lá chamaria a vovó sua espôsa, contaria a história na frente dos netos, e pronto. E depois ia oficiar no enterro, que ninguém resiste tanto ao ridículo, nem êles mesmos, os gaiteiros da porta da Eletro Mercantil.

Notícias do Rio nos dão conta da alergia que vem sofrendo Portinari com relação ás suas tintas. Por isso êle ficará algum tempo afastado das suas telas famosas. Pena é que não se descubra alergias semelhantes em muito pintor que anda por aí, trocando tintas. Seria um expurgo de benéficas consequencias para a Arte nacional. Mas logo em Portinari vão descobrir essas coisas!

oo—oo

Um sr. Campos da Paz Filho lançr a idéia da criação de um Instituto de Fertilidade. Não fôsse êle filho!

oo—oo

Um deputado petebista declara, com relação ás barbaridades acontecidas na Casa de Correção, que se faz necessária uma "reforma de base". Nunca se falou tanto em reforma de base. Para a agricultura, para a Polícia carioca, para os institutos de Previdência, para a Justiça, para o esporte, para a tributação. E agora para a Casa de Correção. Pois é preciso que algum deputado nos dê a base da reforma.

oo—oo

Notícia-se que o Brasil vai importar borracha. Mas como? Pois as mais recentes notícias vindas do Rio nos dão conta de que a única coisa que realmente está baixando é a borracha. Nas costas do povo, é verdade.

ANEXO K – ALJOG 03 a 0502 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 31 de maio de 1954

— 6 — AL306-03a-0502-1954 31 — MAIO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Ele se chama Mário Mustapha. Mora em Taquari. Vou encontrá-lo á moda chinesa, fazendo saudações com um calice de vermute e mais cachaça. Tem sessenta e seis anos, mas segura nos braços um guri de quatro meses. Depois de passar a manga do casaco na boca êle diz: "Este é o último. Tenho mais oito em casa, com a velha". E depois acrescenta do alto de suas sessenta e seis primaveras: "Nove desta última, mas aí pelo mundo sôma tudo vinte quatro". Mustapha chegou ao Brasil com dezessei. anos de idade, fugindo do serviço militar obrigatório do Libano, que é de seis anos. Veio em busca de um outro irmão que ainda hoje mora em Taquari, cheio de filhos "todos bem na vida". Na testa enrugada Mário Mustapha tem duas cicatrizes. Atrás da orelha esquerda uma outra que lembra um balaço. Ele não espera para contar a sua vida. No tempo em que o cel. Paixão era o delegado da terra Mustapha foi preso por cinco brigadianos e mandado tocar para fóra da cidade. A ordem era "fazer o serviço" em algum êrmo da estrada. Iam todos a cavalo. Na passagem de uma ponte Mustapha ouviu um soldado perguntar para outro: "Vamos queimar o fósforo?". Tirou a camisa a pretexto do calôr e, sem que os brigadianos se dessem conta, jogou-se na cara dos primeiros. Confusão. Mustapha se atira nágua. Recebeu seis tiros. Andou tanto dos balaços e quase se afogou, mas conseguiu fugir e chegar são e salvo, tempos depois, na cidade. Curou-se "graças á cabriúva e á arnica". Na cidade pediu proteção aos coroneis seus amigos. De vez em quando o velho Mustapha bate no peito e declara cheio de orgulho: "Gaúcho é assim", "gaucho morre, mas não se entrega". Tempos mais tarde êle sustentou com o corpo e com os braços um andaime que vinha desabando com cinco operários em cima. Seria morte certa. Mustapha, como bom gaucho, aguentou o rojão. Os homens se salvaram. Êle se rebentou todo por dentro, que era forte como um cavalo, e porisso se aposentou. E sôbre os filhos Mustapha diz: "Em São Leopoldo me juntei com uma negra e plantei cinco filhos. Até hoje ela está lá, criando a gurizada". Tira uma palha de milho do bolso da bombacha, um pedaço de fumo e prepara o palheiro. Bebe mais cachaça. Aponta para o rebento no braço esquerdo e declara: "Este tem quatro meses. Pois a velha se apalpou hoje e viu que vem outro aí. Tudo guri são. Pode ver que não tem marca nenhuma no corpo. E é alegre o bichinho". Ah, era preciso que o Presidente Chamoun o visse! Um libanês gaúcho como o quê...

Falava-se da vida irregular de certas profissoes. Alguem comenta:

— Mulher de politico, de jornalista e de homem de radio quando morre vai direto para o céu!

E um outro ajuntou, com calma e perfeita sabedoria:

— E', mas antes disso ela vai vivendo o seu infernozinho particular...

X X X

Um cruzeirista desconsolado comentava para outro, numa roda de café, hoje:

— Logo com a gente é que o Grêmio acha de desabafar as suas mágoas? Não podia esperar o Internacional que anda pelas caronas até mesmo com o Almoré?

X X X

Declaração sincera de um politico:

— Só tenho um compromisso, nesta altura: é com o povo.

E arrecentou cheio de magua e melancolia:

— E assim mesmo até o dia três de outubro...

ANEXO L – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 1º de junho de 1954

— 6 — 1.º — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

No dia 24 de fevereiro de 1909 nascia em União dos Palmares, Alagôas, um belo menino que levou na pia batismal o nome de Joaquim José França Junior. Porque o seu pai possuia uma grande biblioteca o menino se criou entre os livros e assim fez cultura. Leu Faguet, Emerson, Littre, Rousseau, Leibniz, Locke e, se não me engano, Pitigrili, Shaw, Rotermund e Berilo Neves. Seu primeiro artigo, no jornal local, se intitulou "O nosso combustivel", ocasião em que foi muito cumprimentado pelos parentes. Aos 18 anos ingressa no funcionalismo municipal. Tempos depois logra uma colocação na Recebedoria Central. Nessa época publica "Como estudei a humanidade". Faz sucesso como cronista social na "Gazeta de Noticias", a ponto de ficar conhecido como o Jacinto de Thormes de Maceió. Colaborou na revista "Souza Cruz", fumando ali durante vários anos. Mais tarde é nomeado, pelo governo, bibliotecario da Faculdade de Direito. Em 1932 recebe um elogio do governo do Estado. Marcou sua estréia no livro de poesias, ainda inédito, "Quando a mulher tem de ser homem". Vem depois o livro de poemas e fantasias, tambem inédito, "E a consciencia das multidões falou!". No Rio fundou a "Agência Reunida de Jornais", quebrando logo a seguir. Lá mesmo funda o "Correio Trabalhista", quebrando logo a seguir. Foi diretor do Serviço de Informações do Ministério do Trabalho, quebrando tambem tres anos depois. Em 1945 fundou o Partido Republicano Socialista, apoiando o general Dutra, motivo porque acabou quebrando também. Atualmente o dr. J. J. França Junior está chocando uma nova escôla filosófica e um novo Partido político, intitulado "Partido Nacionalista Radical", com sede no Distrito Federal, avenida Presidente Vargas 417, 11. andar, sala 1.107, fone: 23-1466. Mas já há seis anos o dr. J. J. França Junior vem trabalhando na sua obra fundamental, intitulada: "Quando a humanidade despertar, o Mundo estará destruido", onde procura fixar os momentos transcedentais do homem que, ao acordar, compreende horrorizado que está morto. Com isso êle pretende esclarecer os fundamentos de uma nova vida. Concluido o seu trabalho pretende bater ás portas da ONU, de maneira á convencer a humanidade de que a razão está com a familia França. Eis em rápidos traços a biografia do notavel homem público que acaba de ver lançado o seu nome a candidato á Presidência da República, nas próximas eleições de 1955. E' possivel que até lá, em face do seu acendrado amor ao nacionalismo, êle se passe a assinar J. J. Brasil Junior, numa homenagem á terra que viu nascer toda a sua familia, incluindo-se o candidato agora lançado. Como o ilustre homem lidera uma nova corrente de pensamentos, passaremos, de amanhã em diante, a publicar os trechos mais interessantes do programa partidário do P. N. R., com ligeiras anotações aqui do revendo. Êle afirma que o Brasil clama por principios construtivos, no que estamos inteiramente de acôrdo. Aguardem, portanto, esta sensacional novela política, a partir de amanhã.

Aos poucos a gente vai descobrindo coisas. Por exemplo: a banha holandesa não é banha e nem holandesa. Seria bom continuarem as investigações.

x x x

Em virtu dos altos preços obtidos pelo trigo em grão acabam os comerciantes de conseguir um aumento tambem no preço da farinha. Essa coisa se assemelha ás bolas de neve, vão aumentando de acôrdo com o caminho percorrido. Agora tocará a vez do pão.

x x x

Está cada vez mais complicada a vida de um cidadão de nome Geraldo que, estando a "libar" num bar qualquer teve a sua pasta roubada e, dentro dela, vinte e cinco mil cruzeiros. Horas depois prenderam um dos gatunos, desta vez entregue ao trabalho perigoso de roubar galinhas numa rua qualquer da metropole. Agora a policia deseja saber quem roubou mesmo, quem foi o comparsa e... como conseguiu o sr. Geraldo tão avultada quantia em dinheiro. Pois em verdade chegamos numa época que não só o ladrão precisa prestar contas á justiça, mas o roubado, que a gente nunca sabe de onde vem o dinheiro.

x x x

O governo acaba de anistiar todos os empregadores relapsos, em atraso com os Institutos de previdência social. Nada como um dia depois do outro.

ANEXO M – ALJOG 03 a 2481 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 2 de junho de 1954

ALJOG 03 a 2481 – 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Comecemos por afirmar que o Partido Nacionalista Radical tem em vista apenas um objetivo: trabalhar pela grandeza do Brasil, salve, salve! De cara já se diz que "a nossa marcha é para a Presidência da República". E' um Partido que tem muita fé em Deus e pé na tábua. E mais ainda: nos sublimes princípios cristãos que norteiam toda a humanidade. Seu fito é despertar as energias cívicas adormecidas. Ele tem como mística partidaria o nacionalismo radical, ma coisa que os futuros teóricos do Partido se encarregarão de analisar e definir, revelando o que seja, realmente. Compete ao Partido, nesta sua fase inicial, apelar para todos os diretores de jornais, revistas e estações de rádio no sentido de que êles colaborem para a maior difusão do patriótico movimento político. Pela primeira vez funda-se no Brasil um partido diferente, que agradará toda a gente, pois que êle é de cooperação. Só através do cooperativismo político chegaremos a alcançar os verdadeiros objetivos de uma só política administrativa. Ele é contra a politicagem, o filhotismo, as posições. Ninguém poderá ter posições de mando no país fora das fileiras do PNR. Nada de re-

voluções, pois "a nossa tendência é pacífica". No manifesto inicial os dirigentes do PNR perguntam por que sofrem os brasileiros? Pois se todos somos soldados da Pátria. De mais a mais o Partido Nacionalista Radical é o Partido do Centavo. Constituído de gente pobre, inicialmente, êle espera trazer aos seus filiados, uma era de riqueza e abundância de recursos. Necessário se torna, antes de mais nada, empalmar as rédeas do governo, botar a mão em todos os cargos públicos, até agora usufruídos por pessoas que nada tem a ver com o PNR e que vão enriquecendo sem programa, sem um ideal político. O PNR permitirá aos seus membros enriquecerem, mas com modos, com jeito, sem sofreguidão, sem ânsias infantis. Cada um terá a sua oportunidade. Outro ponto abordado pelo programa do Partido é a situação da raça negra em face dos direitos políticos. O PNR defende o voto do negro. Defende o direito do negro comer em mesa de branco. Defende até o casamento do Grande Otelo com qualquer loira desta ou de qualquer outra praça. O PNR ajudará os casais sem filhos a terem filhos, estimulando a procriação através de livros picantes, histórias amenas e filmes franceses e italianos, além de farta distribuição que fará de fotografias da Marilyn Monroe, Lollobrigida, Pampanini, Lúcia Bosé e Miss Itália. O Partido Nacionalista Radical pede ajuda hoje para poder ajudar todos amanhã, pois que irá para o governo quer queiram quer não queiram os reacionários e revolucionários de todos os matizes. Amanhã darei o plano financeiro do Partido, um dos mais perfeitos de que temos notícias. Aguardem, pois, patriotas nacionais.

Comentários feitos nos corredores da Prefeitura Municipal dão como certo que o chefe do Executivo divulgará, dentro de mais alguns dias, uma nota oficial destinada a desfazer certas explorações que vem sendo feitas por motivo das conhecidas dificuldades no transporte coletivo. A título de informação podemos adiantar que ela se destina a chamar a atenção das senhoras casadas deste município para o fato de estar constituindo um hábito as constantes desculpas apresentadas ao chegarem os maridos em casa em horas bastante adiantadas. Deseja o Prefeito esclarecer que as maiores dificuldades são enfrentadas nas horas de "pique", e nunca depois das onze horas da noite, quando os carros trafegam vasios. Não é possível que até isso seja atirado nas costas largas do Município. Os maridos, portanto, que arranjem outras desculpas menos esfarrapadas.

—oo—

Recebo uma reclamação contra lamentáveis episódios ocorridos na matinée de domingo último no Cinema Imperial, quando a sessão foi inteiramente perturbada por meia dúzia de grandes ratos que deram para circular nas horas em que o filme apresentava as melhores sequências, obrigando as senhoritas e senhoras locais a tomarem posições as mais incômodas, na defesa de um horror que pertence ao que há de melhor na psicologia feminina. Como um outro espectador reclama contra os ratos do cinema Marrocos, lembro aqui a falta de espírito de colaboração e mútua assistência que existe entre os exibidores, pois bastaria, no meu entender, juntar na mesma sala de projeções os ratos do Cinema Marrocos com os ratos do Cinema Imperial. Pois que uns terminariam por comer os outros. Aqui fica a sugestão.

—oo—

As notas policiais informam, com a maior naturalidade, que uma casa inteira foi roubada de um determinado local e levada para Canoas, onde agora, o seu proprietário, após ingentes buscas, acaba de encontrá-la, até com a mesma pintura. Mudou tão sòmente o quintal... e o inquilino. Não resta dúvida que em certas coisas estamos tendo progressos palpáveis e muito auspiciosos.

—oo—

Contam que estavam reunidos no Palácio do Catete os ilustres trabalhistas, discutindo nomes para concorrer ao governo do Estado. De repente o sr. Getúlio Vargas atalhou a conversa, definindo-se:

— Para mim qualquer candidato saído das fileiras do PTB é bom...

E quando as fisionomias se desanuviaram, êle acrescentou:

— ... desde que seja o Lourival!

ANEXO N – ALJOG 03 a 2482 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 3 de junho de 1954

ALJOG 03a 2482 - 1954

- O —

3 — JUNHO — 195.

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

E' bom que se saiba que todo o eleitor do Partido Nacionalista Radical recebe um diploma, possivelmente de pergaminho com belos arabescos coloridos. O eleitor viverá fichado eternamente num cadastro, o qual registrará: o grau de instrução, os encargos de familia, os gastos com utilidades e futilidades, o salário que percebe, o aluguel da casa, os gastos com transporte (se houver) as despesas muito naturais fóra de casa, incluindo-se tambem, é claro. Em absoluto o eleitor será uma pessoa a ser procurada exclusivamente em épocas de eleições. Será chateado todo o santo dia. O eleitor do PNR é, antes de mais nada, um associado e uma fôrça viva da nacionalidade. De mais a mais êle é obrigado a contribuir religiosamente para o partido, sendo dividido em cinco categorias: eleitor-cooperador, que contribui com cinco cruzeiros e se obriga a aliciar adeptos e fazer propaganda, além de limpar a sede, escovar a roupa do candidato à Presidência da República e cuidar das crianças do eleitorado feminino; o eleitor-monitor, que paga dez cruzeiros e se obriga a servir de cabo telegráfico entre os diretorios estaduais e municipais, entrar com papéis na justiça eleitoral e coletar assinaturas; o eleitor-fiscal, que contribui com quinze cruzeiros e tem por encargo fiscalizar, é claro (que esperavam que êle fizesse mais? Dançasse de urso em praça pública?); o eleitor-coordenador, que paga vinte cruzeiros e tem por tarefa entrar em contato com pessoas de alta posição, além de ser portador de segrêdos partidários de alto valôr politico; e finalmente o eleitor-delegado que paga trinta cruzeiros e só faz aquilo que o partido determinar. De todos êles o eleitor-delegado é o mais folgado, motivo porque tal categoria só é preenchida através de concurso público, de provas e títulos. Para as funções de cobradores são escolhidos os eleitores-monitores. Tais funções só serão preenchidas mediante cartão de apresentação de político mais em evidência, comumente chamados "pistolões". O Diretório Nacional deverá receber dez porcento da renda bruta de todo o país, pois a sua sede deverá ser algo de impressionante, atestando a pujança economica do partido. Eis aí, em rápidas pinceladas, o programa financeiro do Partido Nacionalista Radical, que deverá ser o único partido inteiro da Nação. O dr. J. J. França Junior já tem como certa a sua eleição á Presidência da República, motivo porque mandou confeccionar uma casaca pelo costureiro Jacques Fath, que será a pessoa indicada para coser para êle, depois de eleito. Nota Final: Aos eleitores que desejarem entrar para o partido sem desembolsar um niquel, isto é, que preferem entrar com o trabalho em lugar do capital, haverá uma classificação especial, intitulada "eleitor-pão duro". Mas a eles será confiada a limpesa geral de todas as sujeiras partidárias que porventura incidir o novel PNR, pois que o homem, meus caros patrícios, é feito de barro, barro bom e batuta.

A noticia considerada "da semana", pelo nosso cronista Petrônios, por haver agradado a 100 porcento da população, foi aquela que estava encimada pela seguinte manchete: "Desmantelada a Comissão de Preços". Ninguem acredita em milagre, mas vai ver alguma coisa é capaz de baixar nêste meio tempo. Enquanto o diabo pisca um olho...

x x x

Com a mobilização da imprensa contra a policia carioca, após o bárbaro assassinato do jornalista Nestor Moreira, os leões de chácara recolheram as unhas e foram tratar de pentear as jubas de papel celofane. Mas estavam saudosos dos coices e patadas. E na falta de um outro jornalista ou de um outro major do Exército resolveram "comer-se", como naquela história de cobras. Assim é que para desenferrujar os músculos, o comissário Sérgio Monteiro agrediu o soldado Thiago Theron. Nossos aplausos pela medida adotada. Enquanto o páu vai e vem, na policia, folgam as costas, dos demais cidadãos.

x x x

Finalmente o DES concluiu os exames que vinha fazendo na pretensa banha holandesa. Fiquei horrorizado ao saber que ela apresenta glicerides concretos, além de ácidos evolados dos glicerides. Imaginemos um bife mal assado, ou mesmo no ponto, com recheio de glicerides e glicerides! Ademais, o cheiro é de sebo, mesmo.

ANEXO O – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 4 de junho de 1954

— 6 — 4 — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Leio o que venho escrevendo e me envergonho. Tenho estado a tratar de política com a mesma desfaçatês de um velho escriba profissional. Hoje mesmo escreverei uma carta ao prezado e querido dr. J. J. França Júnior, candidato à Presidência da República no próximo ano, para dizer a êle que pouco se me dá o nome que será escolhido nas urnas, pois o que importa, realmente, são os programas. E programa êle tem até para rifar, graças a Deus. O que interessa — direi ao ilustre homem público que tanto tem sofrido e ainda continua — é a sobrevivência do regime democrático. Esta frase pode parecer óca e batida, mas não há fórmulas de dizer a verdade senão usando as mesmas palavras com que se mente, louvado seja. Depois da carta largarei de mão o dr. J. J. e o seu muito sensato Partido Nacionalista Radical.

Abordarei hoje certos problemas de educação, assuntos todos muito compatíveis com a minha posição na sociedade e com o meu ar ligeiramente pedagogo. Quero dizer da profunda tristeza que me dá quando me relatam fatos desagradáveis acontecidos no interior de cinemas desta Capital, locais em geral feitos e mantidos para que uma pessoa até de certo ponto desocupada veja histórias e cênas que se passam com outras pessoas até certo ponto bastante ocupadas com o que estão fazendo. Já não falo dos empurrões na bicha de entrada, nas piadas de certos rapazes de bom cabelo e péssimas qualidades, nos encontrões na sala de espera quando as portas se abrem, na maneira de sentar um cristão num local público. Em absoluto, também, desejo abordar as várias graduações de amôr, desde as manifestações de olhares sutis na fila de entrada até certos carinhos nada sutis no escuro da sala de projeções. Não direi uma palavra sôbre o hábito desagradável de certas pessoas escolherem o cinema para fazer suas refeições, comendo quilos de pipoca, amendoim ou pinhão, ou mascando toneladas de caramelos, numa algazarra de dentes e trituração que nos mantém em constante arrepio de espinha. Falarei hoje do péssimo hábito dos nossos cavalheiros e mocinhos em fumar no interior dos cinemas e teatros. E' claro que há leis contra isso. E desde já desafio a que me provem que nêste país haja alguma coisa que se possa ou não fazer e que não tenha, sob medida, uma lei qualquer estabelecendo normas. Com referência ao cigarro há um dispositivo legal que dá poderes aos fiscais dos cinemas para botar no olho da rua o transgressor. Antes de cada sessão é projetado na tela um aviso de palavras duras, "sob pena" disso, "sob pena" daquilo. Entretanto os nossos cavalheiros fumam tranquilamente em qualquer cinema, não só dando um triste atestado da sua educação como enchendo a sala de fumaça, o que é pior. As senhoras que se danem. Quando alguma dama protesta a classe dos maleducados, unida como um só fumante, faz sorrisos de desprezo e trocam entre si olhares como a dizer: "Ora veja só os dengues dessa fulistrica!". Além disso há o perigo de incêndio, pois que os fósforos são jogados no chão ainda acêsos, além da morrinha muito natural de fumantes pouco higiênicos. A polícia poderia fazer alguma coisa nêsse sentido e sugiro aqui um castigo democrático e exemplar: o transgressor da lei, apanhado fumando no interior dos cinemas, é recolhido á Delegacia mais próxima e obrigado a fumar cinco maços de cigarro, um atrás do outro. As despesas correm por conta do mal educado. Não é preciso aurrar ninguem, com essa idéia.

x x x

O Grêmio começou a dar certas preocupações aos demais clubes locais. Entrou nêste campeonato com um apetite de gol os que até parece a Hungria, semanas atrás. Zunino, aDemais os entendidos, joga mesmo futebol. E como as águas correm para o mar reina desde já uma grande espectativa em torno da luta contra os colorados.

x x x

O serviço de telefones em Pôrto Alegre esta cada vez mais cada vez. Já não falo no aparelho desta paróquia que afinal foi ganho numa rifa, e que porisso mesmo não pode funcionar melhor do que vem funcionando, mas falo nos aparelhos em geral. Ainda ontem um cidadão se queixou que foi acordado as quatro da madrugada por uma voz desesperada que perguntava: "E' do Pronto Socorro? E' do Pronto Socorro?". Ele respondeu educadamente que não, que era da casa do sr. fulano de tal. Então a voz retrucou furibunda: "Mas se não é do Pronto Socorro que tem o senhor de se meter na ligação?". Disse um palavrão que atingiu o cavalheiro até a terceira geração e desligou. Um outro me contou que atendeu o telefone, em hora mais adequada, e ouviu alguem perguntar: "E' do número tal e tal?". Ele respondeu que não, que era do número tal e tal. Minutos depois nova ligação: "E' do numero tal e tal?". Não, era do tal e tal. E assim a coisa se repetiu várias vezes mais. Lá pelas tantas a voz reclamou: "Mas se o senhor não é do número tal e tal que diabo faz atendendo sempre o telefone?". Ao que o outro explicou: "Eu apenas estava esperando que o senhor cansasse primeiro. Era só isso". E desligou a tempo de não ouvir uma frase que já começara a ser construida, do outro lado.

x x x

Apesar de todas as notícias coincidirem, desta vez, quanto á saida do sr. João Cleofas do Ministério da Agricultura, o fato ainda não conseguiu se impor como verdadeiro. Foi o Ministro que mais coisas engoliu nêste governo, sem se dar por achado. Durou tanto que até parecia vela de promessa. Era o simbolo da ostra em casco de navio. Mas enfim parece mesmo que está sendo comido em salada, com algumas gôtas de limão por cima. Prato que chamamos de "ostras ao natural".

ANEXO P – Crônica Jornalística D. Camilo, publicada em 5 de junho de 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Aproveito este sábado meio triste para fazer alguma limpeza no corpo, que a alma é lavada e escovada três vezes por dia. Corto o cabelo, corto a barba, aparo as unhas, lixo um calo e troco de batina. Depois disso me sinto rejuvenescido e até certos pecados afloram como cogumelos. E como gosto de cogumelos boto um pouco de azeite e sal nos pecados e os como feito salada. Há várias maneiras de se combater o mal, já dizia Santo Agostinho. Examino a igreja e chego à conclusão de que u'a mão de cal não faz mal a ninguém, e muito menos a um templo que vem abrigando a fé desde os tempos em que se amarrava cachorro com linguiça. Hoje se amarra os bichos com corda mesmo, e se bota na feijoada a linguiça, se o glutão fôr homem de fortuna. Examino também o cofre dos óbulos para a construção da nova torre. Por incrível que pareça mandei pintar na lata a frase: "Deposite aqui o seu troco". Resultado: encontro todos os dias, lá dentro, passagens de bonde, caramelos, cafiaspirinas e até grampinhos de prender cabelo de moça. Afinal, hoje em dia o troco é isso mesmo. Como as balas, guardo as passagens de bonde, tomo uma cafiaspirina porque as balas são indigestas e resultam em dôr de cabeça e prendo os últimos fios de cabelo com os providenciais grampinhos encontrados no cofre dos óbulos. Pego a minha bicicleta e vou bicicletar. O ar frio faz bem e senta com a batina. As meias de lã são um conforto. Apesar de tudo os pássaros andam pelas árvores e uns pedaços muito azuis de céu enchem de luz a paisagem úmida e cinzenta. Vou de bicicleta, mas de repente sinto uma vontade enorme de andar de bonde. Eles passam vazios e vagarosos. Parecem bondes da Suiça. Com a diferença que não tem hora para chegar e nem para sair. Mas continuo de bicicleta, que o exercício, nesta difícil quadra da vida, é o tônico maior contra a velhice. E eu estou ficando velho, irmãos, velhíssimo!

As notícias são as mais contraditórias. Alguém mete uma faca na barriga do próprio amigo. Outro, de sabre, agride a espôsa e um filhinho. Os grandes frigoríficos estudam a possibilidade de exportar carne ovina. Descobre-se mais um túmulo dos Faraós, coisa totalmente desnecessária, que êles não morreram de amor pelas próprias sepulturas. A UDN trabalha pelo "impeachment" e o PTB de Pernambuco pensa em candidato próprio. Rubem Braga chama o Ministro Tancredo Neves de "Trêfego". E eu concordo.

—oo—

Qualquer crime ocorrido em Caxias envolve o nome do deputado Tenório Cavalcanti. Ou Caxias é muito pequena e a família Cavalcanti é uma das duas existentes no município, ou o crime persegue o deputado e é por êle perseguido. Agora acabam de liquidar com a raça de um sujeito chamado "Domingão", motorista do deputado. Em vez de tiro, punhal. Tenório estava ausente, motivo porque as mortes ficaram numa só.

—oo—

Meu horóscopo para hoje dá que os planetas me prometem notícias vantajosas e diz mais: que cartas e informações me chegarão inesperadamente, em qualquer momento, de dia ou de noite. Porisso vou para a cama esperar as boas notícias, que a cama é lugar quente. Ou era. Até segunda, se Deus quiser.

ANEXO Q – ALJOG 03c 2485 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 7 de junho de 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

O domingo foi esportivo. E frio. A vontade que dava era meter uns chinelões de lã, um pijama de pelúcia, uma touca de tricô e ficar numa poltrona qualquer cara a cara com o fogo. Daí chegar-se à conclusão de que, além de todos êsses apetrechos próprios para o inverno, a situação requeria uma boa lareira, se possível com nós de pinho. Uma garrafa de cognac Macieira, cinco estrelas, completaria o confôrto do vivente. Agora, como leitura várias obras seriam recomendadas. O Diário, de Amiel, suportaria dez ou doze páginas. Mas depois disso desinteressa. O Capital, de Marx, em absoluto poderia ser incluido no que se chama de "boa leitura". E' pesado escrete e, o que é pior, materialista. Uma tarde assim fria, e tanto confôrto, não deve ser gasta na leitura de revistas ou jornais. Isso é para ler no bonde, na fila do ônibus, enquanto se espera um quarto de quilo de manteiga ou meio quilo de carne. Nunca no fundo de uma poltrona, entre lãs e peliças. As Memórias do Cárcere, do Graciliano, são muito tristes e faz a gente descreditar nos homens e nos regimes. Principalmente nos homens. Livros de Max de Venzit ou Madame Delly são um atentado às boas leituras. E' o que se pode chamar de "psicologia macarrônica". Por outro lado, ouvir irradiações de foot-ball é uma temeridade. Antigamente irradiavam uma partida só e a gente, como bom esportista, prestava atenção aos lances e aos goals e entendia tudo. Hoje, porém, isso é impossível. Irradiam três partidas ao mesmo tempo. De São Leopoldo, daqui, de Caxias. O Floriano faz um goal em Caxias e o locutor já passa para São Leopoldo e a gente fica pensando que o goal foi do Grêmio no Almoré, mas de repente já se está em Pôrto Alegre com o rapaz gritando alucinado que o Renner vence a duras penas. No final a nossa burrice esportiva chega ao climax, com goleadas de todos os lados. Isso dá dor de cabeça, azia e frieiras. O melhor é ler a Bíblia, a começar pelo Velho Testamento que é profético e terrível. Depois se passa para o Novo, que é histórico e parabólico. E, acontece a ducha de espírito, tranquila no ambiente aquecido, enquanto lá fora o sol é frio e apagado, as árvores se agitam fracamente, os cachorros andam de rabo entre as pernas, a bota-se mais nó de pinho no fogo. E serve-se outra dose de cognac. E fuma-se outro cigarro. Ah, meus caros, desconfio que só em pensar nisso a gente está pecando.

Houve muita confusão, ontem, no estádio da Sogipa. Sabia-se que participaria das provas um paulista recem chegado. Sabia-se que o seu primeiro nome era Ademar. E daí muita gente chamando o Ferreira da Silva, de Barros. Inclusive o locutor que gritou cheio de entusiasmo patriótico: "Prepara-se para saltar o grande atleta brasileiro, Ademar de Barros!". Mas apesar dos pesares saltou o Ademar Ferreira da Silva mesmo, que salta mais longe que o outro, ainda que não tenha corrida tão grande...

—X—X—X—

E por falar em Ademar Ferreira da Silva êle disse, ontem de noite, na Adega Espanhola: "Saltar 16 metros corresponde ocupar o terceiro lugar no mundo inteiro. E quando eu não alcanço tal marca todos ficam decepcionados..."

—X—X—X—

Os colorados andam meio preocupados com a fome de goals do Grêmio. Só se fala em "goleada". Mais algumas semanas e muita gente começará a chamar a linha tricolor de "rolo". E isso é muito mau, muito mau...

ANEXO R – ALJOG 03 a 2486 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 8 de junho de 1954

ALJOG 03 a 2486 – 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Esta noite não consegui dormir. Apaguei a luz, cheguei o acolchoado até as orelhas, que entrava um frio danado pela janela de vidro quebrado, e meti a cabeça no travesseiro. Nada de sono. Nenhum mau pensamento, tambem. Experimentei ficar de barriga para cima e braços estendidos ao comprido do corpo. Depois tirei o travesseiro, entortei a cabeça para a direita e fiquei de bruços. Nada. Imaginei que o sono fôsse um sujeito notivago e que andasse de taberna em taberna. Lá pelas tantas êle voltaria para casa, bebedo, e bateria na porta. Eu abriria, mandava êle entrar, despir-se, deitar. E só poderia contar essa história na manhã do dia seguinte. Mas o sono não veio e não era nenhum boêmio perdido pelas tascas da cidade. Procurei ler os sermões e nada. Outra vez me acomodei nos lençóis, botei o travesseiro em cima da cabeça, contei ovelhas saltando uma cêrca e cansei depois que cheguei a mil. Quem sabe um banho morno? Deixei a água escorrer para aquecer. Entrei para debaixo dela, fria como neve derretida. O coração parecia que ia parar. Até a respiração faltou. Enxuguei o corpo no exato tempo que o diabo levaria para esfregar um olho. Meti um pijama de pelúcia e enrolei os pés numa flanela. Novamente acolchoadu até as orelhas. Os olhos apertados até doer. Mas Senhor, onde andaria o sono esta noite? Procuro um livro qualquer. Dou com um que me foi enviado por um amigo. Sinto um calafrio quando leio o título: "O poder da mulher na Virtude e na Maldade", de Patricio de Irlanda Rabello. Sob a fotografia de uma senhora vestida de maneira inconveniente lê-se:

"Sua malgulce e seu coração como armas de poder atômico sôbre as deliberativas do homem". No prólogo o autor afirma que "são apreciações sôbre fatores que desagregam as classes sociais e tornam o povo brasileiro num amontoado de desordenados, egoistas e misantropos, com escalas desagregativas do senso religioso, fraterno e moral". Há uma frase, na outras página, de dona Evita Peron: "O país que abandona as suas crianças, renega o seu porvir". Mais uma página: "Fôrças de propulsão do organismo humano". E começo a ler: "O coração, como órgão de sentimento na série animal, ocupa lugar de proeminência entre as fôrças que dirigem o corpo humano em sua vida material". E aí durmo.

Chega-se á conclusao de que em Porto Alegre as crianças estão nascendo até em sofás. Ha falta absoluta de leitos em que possam chegar a êste mundo de Deus as criançinnas filhas das familias desta praça. E chegamos á uma encruzilhada dolorosa: ou aumentamos as instalações hospitalares destinadas a receber parturientes ou restringimos a natalidade. O que não pode continuar é esse espetáculo cada vez mais delicado das crianças nascerem em sofás, como qualquer visita. Afinal, elas chegam para ficar.

x x x

Caxias do Sul, ao que parece, não deseja permanecer eternamente á sombra de Caxias, do Rio. Cansada de andar esquecida ante as façanhas dos moradores da outra Caxias resolveram movimentar a crônica policial da cidade, importando alguns "gangsters" para algumas cênas de fuzilaria dentro da madrugada. Com essa notícia qualquer dia dêsses se muda para a Pérola das Colônias o próprio Tenório Boa Morte, com Lurdinha e tudo. E aí vai correr muito vinho das veias de muita gente!

x x x

Alguns paranaenses estão fazendo muita frça para ver candidato á Presidência da Republica o general Juarez Tavora. E' deles a frase da semana: "O Brasil precisa de Juarez". E de muita coisa mais...

ANEXO S – ALJOG 03 a 2487 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 9 de junho de 1954

ALJOG 03 a 2487 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Pois acordei com o "Poder da Mulher" entre os braços. Tranquilo como se dormisse há 48 horas. A leitura me fez o efeito de um belo sedativo, pois que amanheci novo em fôlha, como se tivesse ainda os meus bons vinte anos, quando a gente pensa em sair da cama e fazer ginástica, pular na corda, andar de bicicleta. Mando buscar um pouco de café com torradas, chupo uma laranja e fico a lamber os dédos enquanto vou devorando as páginas do livro que, de ontem para a eternidade, passou a ser o meu "livro de cabeceira". Depois do capítulo que trata da fôrça de propulsão do corpo humano passo para um outro: "A mulher como sogra". Primeiro o autor trata da sogra exceção, a boasinha. Depois aborda o tipo mais comum, a caseavel. A respeito da primeira êle diz: "Onde ela chega as nuvens brumosas se levantam, para dar lugar ao clarão chamejante de sua bondade. As suas expressões de alegria são risadas de cristais". Sôbre a segunda afirma: "Onde ela chega o ambiente todo estremece de pavor e se torna brumoso, pela disposição de vindita que o seu espírito estabelece, na generalidade dos sentidos". E finaliza o capítulo da seguinte maneira: "Por tudo isso, devemos saber que nos lares construidos sob o influxo da bondade e do mór, só devem ter acesso aquelas sogras que souberam ser mães amantissimas e tiveram seus lares em extensas normas de direção social e moral". Outros capítulos nos prendem. Entre eles "O anjo gris", "Fatores mesológicos, hereditários e congênitos", "Egoismo impatriótico" e muitos outros. Na parte que trata do "Conflito amoroso-social" êle afirma que "só homens inferiores, e que só são homens porque usam calças, cometem alucinações e se tornam loucos apaixonados!". Ora, o autor vai longe, mesmo com essa tremenda falta de transportes em nossa Capital, porque há homens bem superiores que andam de cabeça virada por um rabo de saia. Eu mesmo conheço um, aqui na minha rua... bem, não convém citar nomes nesta breve notícia sôbre um novo livro de cabeceira, mesmo porque isso criaria inúmeras dificuldades não só para êsses cidadãos que usam calças, mas para todos os seus parentes, incluindo-se a figura tão bem tratada nessa obra sôbre a mulher perversa e sôbre a mulher que passa a ser um autêntico "anjo gris", isto é, a sogra. Assim, mal o sono se ausenta e a insônia se anuncia com todas as suas côres sombrias, dou de mão na obra e começo a ler. E' o mesmo que tomar meio litro de vodka: ouve-se o estouro da cabeça, caindo no travesseiro. E' sono de pedra, palavra!

Há um café — na realidade são muitos — em Caxias, que dependurou na parede um aviso bem claro e vistoso, tratando dos preços de aperitivos, bebidas, frios etc. Lá pelo final — nas últimas, como diria o leitor medio — diz textualmente: "Esta tabela foi aprovada por todos os proprietários, de acordo com compromisso assinado, sendo que sòmente poderá ser alterada para mais, nos seus preços, mas nunca para menos". Francamente, até parece uma ordem interna de serviço da COAP!

x x x

O Instituto do Alcool e do Açucar está, presentemente, pleiteando um aumento de apenas oitenta porcento no preço do quilo de açucar. Como vemos, êles são de amargar...

x x x

O DES constatou a presença de pesadas porções de sébo na pretensa banha holandesa aqui chegada. Viu, examinou e liberou. E' uma coisa assim como lavar as mãos ou ainda "passar as mãos na parede".

ANEXO T – ALJOG 03 a 2488 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 10 de junho de 1954

ALJOG 03a2488 – 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Meu Deus, não é mais possivel um reverendo viver com tais recursos! Quando se falou no aumento do preço da farinha eu logo imaginei que o pão seria arrastado em tal aventura. Fiquei pensando um pouco mais e compreendi que atrás do pão viriam os biscoitos, as massas, os bolos. Depois disso era de se imaginar, tambem, que a nossa pressão arterial subiria inexoravelmente, acompanhando a moda, seguindo a rotina. Vem agora o Instituto do Alcool e do Açucar falar em aumento de oitenta porcento. E logo no preço do açucar que é um produto que ainda não se arrependeu de adoçar a nossa vida, adoçando o café. E por falar nêle ouvi esta noite uma conversa na beira da calçada, entre tres vozes anonimas. Apesar da chuva miuda que caia as tres misteriosas personagens batiam um papo descansado. Primeiro falaram em futeboi e campeonato do mundo. Depois passaram para a politica e ai a coisa azedou um pouco mais. Finalmente entraram no custo de vida, quando foram proferidas algumas palavras que bem mereciam um barbeiro, tão cabeludas eram. Um deles, então, — para horror de um pobre reverendo que vive de parcos recursos — adiantou aos demais que novo aumento do preço do café estava sendo arquitetato. A conversa teria sido anotada pelo correspondente estrangeiro de um jornal carioca, na Côte d'Azur, entre vários cafeicultores paulistas que lá se encontram gastando um pouco a taxa dos ágios. Eles não se conformam, pois não, em que o café — base da economia brasileira e, em particular, deles próprios — venha sofrendo tamanha restrição interna, ao ponto de ser fixadas em oitenta cruzeiros as mil gramas habituais, e isso há mais de quinze dias. Outros produtos, alegam com muita razão os plantadores de café atualmente em veraneio naquela bela praia européia, obtêm aumentos semanais com toda a regularidade. Não será com o café, esteio da nacionalidade, que se permitirá tamanha demagogia do governo. Isso é que não! Por tudo isso, e por mais algumas coisas bastante ponderaveis, estou hoje mergulhado na mais profunda e negra melancolia. Não posso fazer greve, não posso falar em comicio, não posso desejar mal a ninguem. Estou, juntamente com a minha gente aqui da Paróquia, na posição de Cristo: obrigado a entregar a outra face para a bofetada sacrilega. E tal coisa, nêste século de luzes e cofaps, significa apanhar como burro de carga, ser castigado como negro de atafona, ser humilhado como passageiro de ônibus depois das seis. Mas como viemos ao mundo para sofrer, como dizia Zaratrusta, soframos. Amem.

O sr. Armando Borges, de Ibirubá, acaba de ingressar no PTR, desiludido da vida e dos homens. Em nota mandada publicar nos jornais ele declara que enquanto militou em partidos como o PSD, o Libertador e a UDN nada conseguiu, a não ser promessas. Agora, não. Mal entrou para o seu novo Partido já conseguiu um lugar de funcionário municipal. Agora sim, encontrou o seu ideal na vida. Parabens meu caro amigo Armando Borges, a vida pública exige, antes de mais nada, atitudes.

x x x

Uma outra coisa que subirá, dizem as noticias oficiosas, são os cigarros. Talvez que tal coisa se deva menos por auferir de sua venda lucros ponderaveis, como se faz moda em território nacional, do que por dar apoio á Campanha Contra o Cancer. De qualquer maneira o cigarro não poderia ficar atrás, pois é o único produto que canta no verão e passa fome no inverno. Ou será a cigarra? Cada confusão!

x x x

Entre o cônsul geral do Uruguai e o diretor do Departamento do Leite está havendo uma polêmica cerrada, tudo por causa de vacas estrangeiras entradas em território brasileiro. O leite, quando agitado convenientemente, produz manteiga — e isso é coisa que a gente aprende no colégio. Ora, se dessa discussão em torno de leite e de importações, resultar alguma manteiga, viva a discussão! Pelo menos acabaremos uma das mais antipáticas bichas da cidade. E não comeremos puro o pão que o diabo amassou.

ANEXO U – ALJOG 03 a 2489 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 11 de junho de 1954

ALJOG 03a2489_1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

"Peppone:

Sei que andas dizendo muita bobagem por êste mundo de Deus, mas pratico um ato de piedade cristã dirigindo-me a um pobre secretário de poucas luzes. Não serão palavras ôcas para ouvidos moucos, pois sempre acreditei que um bom par de gritos te leve a compreender as coisas. E quando os gritos não te conduziam à razão, alguns safanões faziam efeito, e vinhas outer no pelo aqui na paróquia, único lugar onde angulistas rompantes e macriações. Mas deixemos de lado as velhas questões pessoais que só têm servido para colocar em campos opostos mouros e cristãos. Afinal tenho fé em que essa ovelha negra, malacara bragada de vermelho, venha um dia pastar no redil da Igreja, e aqui prepare, entre o rebanho, a pobre alma que um dia deverá ser devolvida ao Criador. Sei de fonte segura que estás agora percebndo um salário mais elevado, se não estou enganado de cêrca de dois mil e quinhentos cruzeiros mensais, menos o Instituto e os naturais descontos dos empréstimos feitos. Com cinco filhos, que são a riqueza dos pobres, deves andar pelas caronas, tanto mais que és um materialista inveterado, mais por cabeça dura do que mesmo por convicção. E a falta de fé agrava os males, pois que o homem, nas horas amargas, se não acreditar em alguma coisa superior se entrega ao desespero e à dôr. As últimas notícias de aumentos talvez te afetem pouco, pois gravam certos materiais elétricos que é possivel nem saibas de sua existência. Máquina de lavar roupa, em casa de pobre, tem por motor um coração e por instrumento um par de braços. Ferro de engomar é um cofre de brazas que além de calór produz fumaça e cinza. Enceradeira não é elétrica, mas um escovão movido a vapor de axila. Panela de pressão se consegue tapando a lata de querozene e sôbre a tampa descansando um péso qualquer. Os materiais de construção estão pela hora da morte, bem sabemos, mas se me vieres com pretensões a construir casa nada mais fazes senão baixar a máscara da face e mostrar em toda a sua nudez o recôndito desejo de se aburguesar. Daí terminarias a vida como governador distrital do Rotary, o que seria a suprema humilhação de um revolucionário, a pé de cal na fachada proletária. Vestuários de lã não são assim tão necessários como afirmam os anúncios de artigos de inverno. Um bom pano de algodão substitui o fio animal, desde que não te esponhas à intemperie e deites cêdo. Quanto aos cigarros devo confessar que em absoluto acredito que um pobre fume. Qualquer majoração nos seus preços será mera coincidência, como diria de saída um filme americano. E depois, isso faz parte da campanha nacional contra o cancer. Ora, meu caro Peppone, analisando assim a frio essas coisas todas chegamos sempre a resultados nem tão negros e nem tão desesperadores. O objetivo é levar para a frente a vida que Deus nos deu e o govêrno quer tirar. Nada de rendições. Coragem, pois um dia eles conseguirão provar — em que pese o fracasso do cavalo do inglês — que o homem pode viver perfeitamente sem comer. E' uma questão de hábito, pois já vivemos sem muita coisa que antes nos parecia essencial. Não vives tu sem religião? Eis uma prova. Recebe a minha benção e o meu perdão. E lembra-te: é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico ir para o Reino dos Céus. Lê nos evangelhos em breve, se tudo continuar subindo dessa ma-

Estou envergonhado e confuso. O Prof. Dante de Laytano teve a gentileza de autografar o seu livro "A estancia", teve o trabalho de redigir uma frase agradável, ocupou-se de fazer chegar a obra às minhas mãos. Pois bem: guardei o presente, ainda não tive tempo sequer de passar os olhos por suas pagmas, nao escrevi duas palavras de agradecimento, coisa que agora estou fazendo. E como penitencia por tal grosseria sacrificarei o corpo e o espirito lendo pelo menos quatro obras dos seguintes autores: L. Romanowski, Cláudio de Souza, Ataulfo de Paiva e Madame Delly.

x x x

Em sessão noturna, a Camara Federal aprovou a redação final do projeto de lei que prorroga, mais uma vez, a chamada "Lei do inquilinato". Isso quer dizer o seguinte: o govêrno não melhora um milimetro a vida dos inquilinos, mas aumenta enormemente o ódio dos senhorios. Eu, se fôsse govêrno, aproveitava a ocasião para baixar alguma coisa nos aluguéis, pois compensaria a revolta dos proprietários com alguma alegria em casa de pobre. Ainda que o sorriso tivesse a duração das rosas de Malherbe valeria a pena dar uma mexida na historia.

x x x

Os moradores do conjunto residencial do IAPI andam meio tontos com o que acontece por lá. Além do sacrificio que fazem nas longas filas do transporte coletivo, aguardando onibus e bondes superlotados, ainda são obrigados a carregar na cintura ou no bolso um revolver, um porrete, uma adaga ou coisa que o valha, pois as ruas não têm iluminação e as trevas são inimigas da tranquilidade. E apesar de entregue há quatro meses o novo conjunto residencial não tem luz, coisa que auxilia grandemente a produção de velas e lampiões. Estão desesperados porque não tem a quem se queixar. Já experimentaram queixar-se ao bispo?

ANEXO V – ALJOG 03 a 2430 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 12 de junho de 1954

- 6 — 12 — JUNHO — 1954

ALJOG 03 a 2430 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Hoje é dia dos namorados, segundo a folhinha social do meu caro amigo Petronius. Portanto vale dizer que é dia dos jovens, de gente que ainda tem o coração na forma "standart" dos anúncios de alianças, um negócio com um bico em baixo e duas faces com um sulco, em cima. Gente que mal desperta para a vida e que freme com um simples roçar de dedos, para a qual os cabelos são sempre sedosos, os lábios de mél, a pele de setim, em que pesem as espinhas e o batom barato. Pois hoje é o dia deles, graças a Deus, que sou de opinião que deverá haver dias para todas as coisas e todas as comemorações. O que não está certo, uma vez que o dia é dos namorados, é andar certa espécie de gente insinuando alianças aos jovens que apenas se reconhecem, que iniciam um desbravamento psicológico de cada entidade, que procuram saber, entre uma sessão e outra de cinema, se os gostos combinam, se gostam do mesmo picolé, da mesma torta, do mesmo artista, do mesmo time, do mesmo Partido. E' um crime empurrar esses jovens para as joalherias, pelo simples fato de que os pais desejam ficar tranquilos. Aliança não prende ninguém, não é corda, não é cadeado. Pois se o dia é dos namorados evitemos falar em alianças, em casamento e em outras coisas tristes. Namoro é fase de ilusão, é mão na mão, olhos nos olhos, é fase de ciumeiras por dá cá aquela palha. Fase em que até a leitura de jornais deveria ser proibida, por atentatória às ilusões e esperanças. Imaginem um jovem casal de namorados embebido na leitura, por exemplo, da crônica policial. Marido espancando mulher, genro a dar tiros na sogra, mulher assassinando marido, noivos bebendo formicida em cruel pacto de morte, chefe de família metendo uma bala na cabeça porque os filhos estão passando fome, espôsa ultrajada, marido enganado, desquites e separações. Imaginem! O ideal, ainda é a figura do casal de namorados ao pé de uma árvore qualquer, de largo tronco, a desenhar com o bico do canivete dois corações entrelaçados, com as iniciais de cada um no meio. Florzinhas entre a grama, borboletas no ar, pássaros nos galhos, um céu de brigadeiro. E' certo que os velhos corações empedernidos não mais compreendem a graça e a poesia de tal cêna. Certo e natural, que êles casaram, tiveram filhos, pagam aluguel de casa, são obrigados a comprar sapatos para as crianças, roupas de inverno, carne e leite. As árvores em que êles desenharam os dois corações entrelaçados foram cortadas e vendidas à razão de sessenta cruzeiros a talha, para fazer café de oitenta o quilo, para ser bebido com pão que vai subir mais. E essas coisas não alegram ninguém, antes pelo contrário, enchem a cara de todos nós, ainda que castos ou celibatários. Portanto nada de alusões a noivados e casamentos neste dia maravilhoso dos namorados. Eles pertencem a um mundo diferente. E se presentes tiverem mesmo de ser trocados que o sejam nos velhos moldes de sempre: estojos de unha, flôres, vasos, quadros, livros, bijuterias, no caso de ambos pertencerem à classe média. Na pobreza um punhado de flôres do campo, um abraço, um beijo na testa. Agora, se o casal fôr da alta burguesia, se

— ooOoo —

Sinal dos tempos é a recusa do Presidente da Câmara de Vereadores do Distrito Federal em prestar depoimento na Delegacia de Roubos e Defraudações, sobre o caso do assassinato do reporter Nestor Moreira. Sobre os motivos êle declarou: "Tenho receio de levar uma surra daqueles mocinhos metidos a valentes..."

— ooOoo —

Contam que a Rádio Patrulha estava fazendo testes com vários rapazes da Policia, na esperança de aproveitar muitos deles nas unidades volantes. De saída o aspirante deu de mão no microfone da camioneta e começou entusiasmado a extravasar a sua iniludível vocação rádio-policial:

— Atenção, amigos ouvintes! Vamos dar início, neste preciso momento, a sensacionais investigações pela cidade. Começaremos com o primeiro capítulo da formidável novela do homem que matou para roubar...

E como não achasse um patrocinador à altura o sr. Rodolfo Pierri mandou o moço de volta para a sua delegacia.

— ooOoo —

Dizia um rap para outro, numa mesa de café:

— Burrice total, no dia de hoje, é mandar tatuar no braço o nome da namorada. E' um arrependimento que dura a vida toda. E as outras ficam danadas!

— ooOoo —

Dizem que no dia de hoje, consagrado aos namorados, é indício de máu agouro ver padre. Mas, pergunto eu, não será muito pior, no dia dos na-

ANEXO W – ALJOG 03 a 2431 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 14 de junho de 1954

ALJOG 03a 2431 - 1954

- 6 — 14 — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Escrevo na tarde escura e triste de domingo.

Em principio nunca um domingo deveria ser escuro e nem triste, que é dia de sol e de alegrias. Mas nisso vai a vontade divina a que mesmo nós, os pecadores, devemos aceitar e compreender. Assim sombrio e quieto o domingo é uma lagoa parada, na qual os peixes deslisam no óleo e nele submergem. Tarde gris que convida à leitura, ao recolhimento, aos exames intimos. Na prateleira os livros modorram, mortos. Suas palavras são de museu, como a representar vidas que já foram, movimentos que um dia pararam no tempo e no espaço. Há conversas silenciosas, trocas de impressões sem que ninguem saia do lugar, olhares baços como o olhar dos cegos, como se tudo fôsse visto através da vidraça molhada. Tarde assim para ler Schopenhauer, saber do amor, das mulheres e da morte. Para rezar com Bossuet as suas orações fúnebres, espalhar pela sala coróas e palmas. Tarde própria para conversar com Nietzsche, participar com êle de todas as amarguras, de todas as dúvidas, de toda a dolorosa filosofia da moral. Nada com Zaratustra, mas apenas com a sua moral. Poderia agora pesar, cada um, a sua própria vaidade, pois aquele que nega a sua própria vaidade a possue, geralmente, sob a forma mais brutal, na vã tentativa de baixar dela os olhos, quando então seria obrigado a desprezar-se. Nietzsche aí tem razão. Ainda que o livro seja escrito contra a vida há nele possibilidades imensas de ser um estimulante poderoso para a vida, desde que seja um bom livro. E êste é um bom livro para a tarde assim incolor, parada, quasi morta. É verdade que muita gente dirá que Nietzsche é um péssimo companheiro para um dia sem sól. Pior ainda com luz, com risadas infantis na calçada, com gritos de jovens no esporte. Assim nos prendemos atrás dos vidros embaçados e lemos ao acaso. Sôbre os idealistas êle acha que mesmo arrancados do céu eles aproveitam o inferno para a criação de um novo ideal. Está aí uma vã teimosia, mas bela e fulgurante, digna de busca e persistência. Ele afirma que é mais cómodo obedecer à conciencia do que a razão, pois que a cada fracaso a conciencia acha em si mesmo uma desculpa e um estimulo. E porisso vemos tantas pessoas conscienciosas e tão pouco razoaveis. E êle me diz que esta tristeza da tarde, do dia, do próprio domingo, do homem que está dentro dêsse quadro, tem alguma razão de ser, pois se alguém está alegre é sinal de que é um bom homem, mas talvez não seja inteligente com toda a fôrça de sua inteligência. Pela dedução chegamos a pensar que a tristeza é uma forma de inteligência. E o domingo hoje é triste e inteligente. No final êle diz que "o êxito não está somente na vitória, senão as vezes no desejo de vencer." Deixo Nietzsche. Não vento por êle em si, mas para me livrar desta tarde cinzenta, deste domingo escuro e frio e úmido. Que a um reverendo sinta mais pensar nas suas ovelhas, rezar as suas próprias orações.

Nesta tarde, ainda, os homens apanham um ladrão. Ha uma correria desenfreada entre o casario. Era de se dizer que perseguiam uma quadrilha. Finalmente o agarram e o trazem a empurrões. E' um pobre menino quasi tisico, encurvado, febril, nesta bela idade de 14 ou 15 anos em que os filhos dos afortunados começam a nascer para a vida. Mas o ladrão teme diante dos seus algozes, talvez de medo, talvez de frio pela roupinha rasgada, pingando água, é um pobre animal perseguido. Uma coça de olhos grandes e úmidos, entre mil caçadores ferozes. Afinal êle estava roubando uma camisa posta de uma cêrca qualquer. Ele e o irmão menor que conseguiu escapar, protegido pelas negaças do ladrão que parece que vai desmaiar de susto e medo. A Radio Patrulha veio e os guardas olham para o menino que treme dos pés á cabeça. Alguem lembra uma surra. Ninguem lembra uma escola, um par de sapatos, um pedaço de pão, uma camisa que não fôsse roubada da cêrca de ninguem, um casaco, um pouco de remédio para as suas mazelas. Ninguem pensa como irmão, mas como inimigo. E levam o perigoso ladrão para a Policia. Carregam a fera para a Colonia Africana. Só assim as familias dormirão tranquilas, pois segunda-feira é dia de colégio para os seus filhos.

Senhor, teu domingo foi triste e escuro.

ANEXO X – ALJOG 03 a 2492 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 15 de junho de 1954

— 6 — 15 — JUNHO — 1954
ALJOG 03a 2492 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Hoje pretendo conversar com uma turma miúda. Se soubesse contar histórias contaria agora uma com dragões e fadas, cavaleiros andantes e marinheiros de mares tenebrosos. Ao meu redor veria sentadinhos, uns mais atentos outros a [illegible], a [illegible] Lúcia, o José Carlos, o João Fernando, a Susana Maria, o Jorge Alberto, o negro Guilherme, a Maria Teresa, o menino Augusto e agora mais dois que nasceram no dia 10 deste mês, o Clóvis Antônio e o Cláudio Luiz. Estariam convidados, para ouvir as histórias e ajudar a educar os mais irrequietos, o pai de todos eles, o dr. Carlos [illegible] Becker, e a mãe da criançada, dona Ilse [illegible] Becker. E a história que contaria, na falta de alguma mais interessante e misteriosa, era a de um casal corajoso que vivendo no ano da Graça de 1954 resolveu ter uma família onde dez crianças enchessem as horas de carinho e de movimento. No meu entender a Câmara de Vereadores tinha obrigação de escolher uma dessas praças ajardinadas, com balanços e gangorras, passo de gigante e escorregadores, e nela botar o nome do casal, para que todas as crianças da redondeza pudessem brincar junto com os irmãos Becker, que serão de futuro uma família unida e feliz. Ao pai, além dos cumprimentos pelo nascimento dos gêmeos, a gente procuraria dar ânimo e coragem nos embates da vida, estar sempre presente nas horas de doença, dizer uma palavra quando uma das crianças aparece com febre, estar com ele nas preocupações e nas dúvidas.

E ajudar também a apagar as velinhas do bolo de aniversário de cada um, saber das notas no colégio, dos progressos na escola, acompanhar o desenvolvimento da inteligência, ver crescer e vencer na vida. Pois que na verdade ele já tem em casa vinte pezinhos para calçar de sapatos e meias, [illegible] para comer mingau, batata frita, [illegible], [illegible], [illegible], [illegible], pão, além de vinte olhinhos para chorar de vez em quando, em geral de madrugada, quando o sono tem o peso do chumbo e o ar é frio e desagradável. Dona Ilse, então, nem se fala. Os dias não são mais para ela, mas para as crianças. Adeus preocupações femininas pela pele, pelos cabelos, pelas unhas. Tudo agora é em função da petizada que precisa tomar banho morno uma vez por dia, que come sabonete, que molha fraldas, que rasga roupas, que esparrama a colher na sopa. Ela é a heroína anônima da grande batalha pela criação dos filhos, em todas as horas, a qualquer momento, em qualquer local. A natureza está vivendo os seus dias de gala no lar da família Becker que participa aos parentes e amigos o nascimento de mais dois guris, os gêmeos Clovis Antonio e Claudio Luiz. Eles vêm se juntar a oito irmãos que estão pressurosos por fazer festas aos recém chegados, que desejam carregá-los ao colo, fazê-los dormir, provocá-los a rir e andar. E isso tudo, visto nas sociais do Correio, comove êste velho sacerdote e lhe dá um novo sentimento humano, uma nova e viva fôrça interior, um desejo enorme de ser útil. E é bom que um raio de luz e de alegria banhe os nossos corações, quando êle vinha mergulhado na tristeza do espetáculo de domingo, quando a polícia prende e pune um pequeno ladrão de 14 anos pelo simples fato de haver tentado roubar uma camisa para cobrir a sua nudês. Pois o meu abraço ao casal de tantos filhos — e que nem conheço — leva uma mensagem de esperanças por um mundo melhor, um mundo em que as crianças sejam felizes como a petizada Becker, um mundo em que os homens não permitam que as crianças roubem aos 14 anos uma camisa para vestir, um pão para comer e que antes dos 20 morram tísicos e abandonados. E pensar que isso depende exclusivamente de nós todos!

x x x

grossas camadas de pó que há por toda a parte, o aeroporto velho, de memória pouco saudosa. E me pede, então, para fazer um apêlo no sentido de se proceder uma limpesa em regra naquilo tudo, salvando do máu aspecto uma coisa que, sem sofisma e nem retorica, é a sala de visitas de Porto Alegre. Que diabo, o mai difícil era construir o edifício. Limpar é coisa de somenos.

x x x

O nosso elegante cronista social, Petronius, resolveu domingo último dar uma grande barretada social, convidando seus amigos e colegas de redação para uma feijoada à brasileira, em sua residência, tida como das mais luxuosas desta Capital. Acontece que domingo a casa começou a encher e aí se constatou a ausência do anfitrião, que havia viajado para Passo Fundo, e da feijoada, que não entrara na panela sequer. A festa, em que pese o "pedigree" do cronista, foi um autêntico fracasso social e gastronômico.

x x x

Um paroquiano, pessoa de bons costumes e hábitos morigerados, veio confessar a êste reverendo que cometeu um grave pecado na noite de sabado para domingo. Acontece que o seu telefone fica na mezinha de cabeceira e êle é homem de deitar sempre antes das nove, velho hábito adquirido quando andou pelo seminário, nos idos de trinta e poucos. Pois eram tres da madrugada quando o aparelho chamou, estridente como sempre. Acendeu a luz de cabeceira e atendeu, sonolento. Uma voz do outro lado perguntou se era da telefônica, pois queria fazer uma reclamação. Explicado o engano, com evidente máu humour, é claro, o meu caro paroquiano acomodou-se novamente entre os lençóis já resfriados. Outro chamado. A mesma vóz. A mesma pergunta. Explicações e desculpas. Outro chamado cinco minutos depois. E aí ele pergunta: "Mas não é possivel confundir o [illegible] da telefônica com o meu número, cavalheiro. E *depois isso não é hora de reclamação*". E a vóz explicou com fleugma: "Hora é, meu amigo. E eu estou chamando não é o 00 da Telefônica, mas o numero particular de um dos seus dire-

x x x

ANEXO Y – ALJOG 03 a 2493 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 16 de junho de 1954

-6- ALJOG 03a2493.1954 16 — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Meus filhos, tremo ante a notícia de que uma comissão de panificadores viajou para o Rio. Boa coisa não irão fazer êsses senhores do pão na Capital Federal. Se fôssem apenas gozar um pouco os últimos lêros, nas cálidas noites do Casablanca ou do Monte Carlo, assistindo os "shows" de moças pecaminosamente vestidas, ou despidas, não seria nada, que o nosso estaria tranquilo. Mas êles vão pleitear aumento no preço do pão, dos biscoitos, dos bolos, das bolachas. A viagem deles ao Rio é profundamente lesiva aos nossos interesses de consumidores sem direitos, mas apenas deveres. Nunca uma população desejou maior azar a uma comissão, e nem tão péssima viagem, do que no caso presente: ou êles se agarram aos seus melhores e mais sólidos santos ou despencarão do ar como urubú com carga de chumbo no papo. De minha parte apenas peço absolvição para os seus pecados, que se constituem nos avanços diários na economia dos pobres, porque êsse não come pão, come torta, rico não gosta de bolachas, prefere biscoitos de lata, cheirando a essências. Agora, acho que êles estão botando dinheiro pela janela, dinheiro fora. Ninguem precisava sair daqui para pedir aumento no preço do pão e nem das bolachas. Bastava aumentar, como se faz com o carro. Ou se passava um telegrama duro ao cel. Hélio Braga — que de tanto aumento conceder, já deve andar em vésperas de ser promovido a general — informando a êle que, em virtude do aumento da farinha, da banha, do feijão, da carne, do leite, da falta de vergonha, da miséria alheia, etc., a classe dos panificadores resolveu aumentar tambem o preço do pão, das massas e das bolachas. Comunicar, vejam bem, e não pedir autorização para tal coisa. O defeito em nosso país é pedir alguma coisa por meios legais. Meta-se os peitos — e o exemplo do café aí está saltando aos olhos doh mai incrédulos — e tôdas as riquezas serão postas a vossos pés. Pois eu não desejo mal a ninguem, nem mesmo á comissão dos panificadores que viaja para o Rio no visível proposito de dificultar ainda mais a vida das minhas ovelhas, que já vivem mais de hostia, aos domingos, do que de pão e manteiga nos dias de semana. Quero que êles, os panificadores, tenham êxito na importante missão da classe. Mesmo não se compreende que apenas êles, e só êles, se vejam obrigados a vender o pão nosso de cada dia, que Deus nos deu, por preços equivalentes ao pão que o diabo amassou. E afinal, o nosso destino é comê-lo com o suor do nosso próprio rosto. Que "se vaya bien" a dita comissão.

x X x

A "Folha" publica ontem uma boa reportagem sôbre a prisão de menores da Colônia Africana. Bastariam as fotografias, além da habilidade do repórter, para deixar bem claro que algo está profundamente errado nessa coisa toda. Os menores delinquentes são tratados como animais selvagens e perigosos, sem o menor sentido de humanidade que era de se esperar de bons moços que agora voltam a pedir o voto popular. Mas o que foi feito até agora para resolver êsse problema, além de entrevistas e promessas? Pois ontem passei a tarde e a noite amargurado com aquelas monstruosidades, irritado com êsse estado permanente de injustiça que ainda impera entre nós. Senhor, não é mais possível viver olhando para essas coisas, sob pena de perder a vida alguma coisa de belo e de justo que ainda possa ter. E' preciso que sejam julgados os responsáveis por essas monstruosidades, pois que se assassina impiedosamente uma geração inteira que nasce para o trabalho, mas que nós teimamos em levar para o crime e para a perdição.

x X

Prossegue o governo acreditando que a solução do problema dos gêneros de primeira necessidade está na criação de uma rêde nacional de armazéns e super-mercados, como se apenas aos intermediários coubesse a culpa da corrida altista. Veja-se a Campal. Conseguiu deter a onda inflacionária? Não, e nem poderia. Não é pondo bolsas de gelo na testa, baixando a temperatura da febre, que se cura o mal que mina o organismo. E os armazéns e super-mercados, ainda que moralizem um pouco a intermediação, refreando a ganância, só podem acompanhar a corrida. Na terra, que é o ponto de partida para qualquer coisa que se queira fazer em benefício dos preços, na terra ninguem mexe. E se explica: a terra é bem de todos êles também. Mas até quando vamos empregar paliativos, quando a verdade salta aos olhos de qualquer reverendo de província? Senhor, tende piedade de nós, humildes pecadores. Não tanto por sermos pecadores, mas, e principalmente, por termos consumidores!

x X x

Amanhã é dia santificado. E' Corpo de Deus. Dia útil, entretanto, para dedicarmos ao estudo e interpretação dos fatos que nos cercam, para fazer um exame completo de consciência, em face de tôdas essas misérias com que nos afrontam a vida e os homens. Dia próprio para pensar no destino dos meninos da Colônia Africana. Na sorte dos homens que estão no velho e sórdido casarão da Volta do Gasômetro. Na miséria que aumentará com a viagem de tantas comissões ao Rio de Janeiro. Em tudo isso.

ANEXO Z – ALJOG 03 a 2494 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 18 de junho de 1954

- 6 - ALJOG 03 a 2494 - 1954 18 — JUNHO — 195

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Informam os jornais que 450 mil portoalegrenses disputam, palmo a palmo, ou melhor, litro a litro, apenas 80 mil garrafinhas de leite. E' claro que isso pouco interessa aos conspicuos cidadãos que substituiram o leite pelo uisque, mas acreditem o incrédulos que ainda há gente que precisa tomar leite. Não sabemos quais as medidas que serão tomadas pelo DEAL, mas sugerimos do alto de nossa santa ignorancia que pelo menos uma delas resulte nisso: mais leite. E leite de vaca, que o dos americanos tem gosto de cabo de guarda-chuva usado por pessoa que pegou em corrimão de escada de pensão que dá comida pra fóra em vianda.

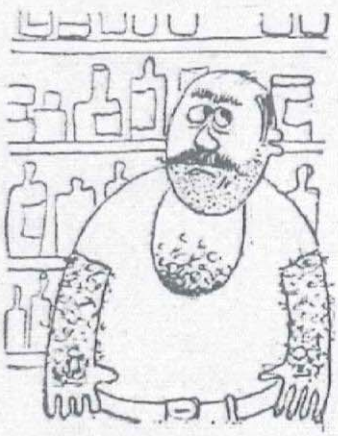
x x x

O Governo anuncia, enérgicamente, que não pretende desvalorizar o cruzeiro. Isso não passa de um boato mal intencionado das oposições, pressurosas que andam em espalhar notícias tendenciosas. A nota do Banco do Brasil é enérgica: não pretende o Governo desvalorizar o cruzeiro! Ele vai indo por si mesmo, como o sr. Benedito Valadares...

x x x

Pelo que se vê não adianta muito os jornais e rádios atacarem os policiais que espancam presos ou simplesmente cidadãos que estão sob o manto protetor da Constituição. Agora mesmo na Delegacia da Azenha, que está se tornando famosa por tais arbitrariedades, um operário "levou o que é dêle", na frase lapidar de certos policiais bem intencionados. Mas nós sabemos que de policiais bem intencionados o inferno está forrado. E que forro, Santo Deus!

Na verdade hoje ainda estou um pouco pisado por dentro. Sim, porque as injustiças pisam às vezes mais do que um lotação que nos apanha de geito. Mas essas coisa são tão intimas que não interessa mais ninguem além dos machucados. Prefiro falar da rêde de armazens e super-mercados que constitui a bomba retardada do sr. Oswaldo Aranha. Êle não deseja mais a COFAP, que caiu em desgraça, mas o SAPS, que ainda merece uns sorrisos dos politicos atualmente em cartaz. Quando se esperava que o ministro da Fazenda fôsse falar em revisão dos arrendamentos, na criação de uma lei que tratasse do preço da terra, em medidas que facilitassem o escoamento das safras e evitassem a exploração do homem do campo no que êle tem de mais sagrado, que é o suor do seu rosto, eis que o simpático ministro fala em rêde de armazens e super-mercados. E' claro que a missão de um ministro de Deus na terra nada tem a ver com a missão de um ministro do Presidente da República na Capital Federal, mas nada impede que o segundo comente as calinadas do primeiro, mesmo porque estamos numa democracia onde a liberdade é relativamente boa, guardadas as devidas proporções. Pois me aventuro a deixar de lado as preocupações que sempre tive pelo destino das minhas ovelhas para descer um pouco mais no trato das coisas e dos problemas terrenos. Para mim o que se vai fazer é gasar ainda mais o dinheiro de todo o mundo em soluções, como diria um politico municipal, de fachada. Pois não há armazem no mundo, e nem super-mercado, que consiga baixar um tostão no preço de qualquer coisa. O que êles fazem é acompanhar a onda geral, isto é, êles costumam dansar conforme a música, o que já é uma proeza enorme nos dias atuais, de gente dão desorientada. Dêsse geito eu me sinto no direito de julgar que o simpático ministro está fazendo politica pelo método d' "O Principe", quando aqui em baixo gostariamos que êle fôsse menos nobre e mais plebeu. Porque na verdade as fórmulas pouco interessam os que precisam comer duas vezes por dia, mas os resultados. E êsses, doutor, são cada vez piores. Que o diga o meu vizinho operário que ainda não começou a perceber o salário minimo e já está pagando tudo mais caro, justamente pelo salário minimo. Que o diga a mãe de família, aqui do lado tambem, que já não sabe o que vai fazer para dar de comer e de beber á criançada. Que o diga êste reverendo que não mais dispõe de tempo para pensar em coisas divinas, que as terrenas lhe ocupam todas as horas. De qualquer geito não acredito, apezar da fé que me empolga, na solução dos armazens e dos super-mercados. Isso para mim — desculpe a incursão ao plebeu — é conversa mole para lagartixa fingir de jacaré. E não enche a barriga de ninguem. Pois que de fé vivemos nós, os reverendos, pois que os outros morrem dela.



ANEXO AA – ALJOG 03 a 2495 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 19 de junho de 1954

ALJOG 03a 2495 - 1954

- 6 - 19 — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Escrevo hoje com uma impressão de inutilidade. Não acredito que alguma coisa, que não seja futebol, possa interessar a ninguem, muito menos às minhas ovelhas. Estive às duas e às três para fazer uma crônica esportiva, onde pudesse enxertar palavras técnicas tais como "team", "penalty", "hands", "forward", e mais jogadores tais como Pinga, Baltazar, Veludo, Pinheiro, Didi seu Gômes e outros craques. Seu Gomes, está visto, entrou na relação só para dar côr local, o que me daria um ar de cultura não só nacional como municipal.

Além das justas homenagens que assim presto ao 4.o Distrito, cuja Associação de Amigos já me tem como sócio.

Mas por mais que desse tratos à bola não encontrei nada para dizer onde pudesse entremear os termos e os jogadores acima. É claro que em jornal a gente tem vários recursos para se assemelhar com o que não se é. Bastaria que eu pedisse ao Cid, aqui do lado, algumas informações do seu "metier", para vestir a pele de um perfeito cronista esportivo. Mas se há uma coisa que resiste no carater dêste reverendo, é a honestidade, além do natural temôr de passar alguns anos no purgatório, antes de sentar à direita da mão de Deus. Portanto, nada de futebol, a não ser hoje de tarde uma torcida anônima diante do rádio. E como não sei falar sôbre a arte de fazer com os pés o que muita gente não faz com a cabeça, falarei hoje, de raspão, em ladrões. Não ladrões dêsses que a policia bota a mão, mas aqueles que por serem tais recebem homenagens duas vezes por dia e por isso mesmo são eleitos. Coincide com a minha opinião a do prof. Lucas Garcez, governador de São Paulo. Fazendo um discurso em Itapevi o professor declarou que "o povo não quer aqueles que roubam, o povo tem formação cristã". E continuando a falar aos itapevienses o Professor disse "repudiaremos veementemente o slogan dos cínicos e imorais que roubam e realizam. O lugar dos ladrões não é nos postos públicos". Conheço bem o Professor e sei que êle não é homem de grandes brabezas, mas não tenho dúvida de que êle só chegou ao ponto de dizer tais coisas pelo fato de muito o aliucinarem. Também não sei se êle com isso queria se referir a alguem, mas é bem provavel que algum itapevience houvesse dito, à socapa, a frase célebre dos filmes americanos: "Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas, será mera coincidência"...

Sempre gostei do Silvio Caldas, pois apesar de tantas mascaras que costumam aparecer um dia e desaparecer no outro, êle continua sempre fiel ao seu geito muito proprio de cantar.

Sei que hoje à noite êle estará numa boite cantando para muita gente, incluindo-se várias ovelhas desgarradas desta paróquia. Como sentaria mal a presença de um reverendo em tal ambiente, limito-me a corujar um rádio qualquer, na experiativa de ouvir o mais autêntico seresteiro da terra. Como vêm, para mim restam poucas diversões.

—||0||—

Esses vendedores usam de cada expediente que façam-me o favôr! Um dêles entrou na casa aqui de uma vizinha e começou uma arenga sem fim, disposto a vender uma máquina de lavar roupa. Depois de pouco tempo a máquina era fenomenal: lavava roupas, louças e crianças. Não sei o resultado, mas como a senhora tem quatro filhos que em geral não andam muito limpos, e ela ainda trabalha fora, acredito que dentro de poucos dias entrará pela porta da frente da modesta casa de meu vizinho, a fenomenal máquina de lavar roupa, louça e criança. Pois a senhora botará a gurizada lá dentro, cache dágua e liga na tomada de corrente. Quando voltar do trabalho encontrará a turma limpa, passada e engomada.

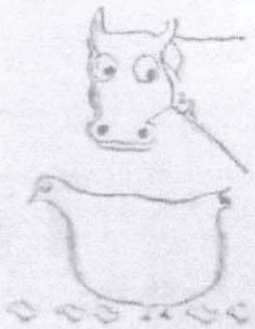
ANEXO BB – ALJOG 03 a 2496 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 21 de junho de 1954

ALJOG 03 a 2496
1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Há dias em que até mesmo um culto reverendo se vê em palpos de aranha. Enquanto as perguntas são do âmbito espiritual, ou moral, há recursos vários para a plena satisfação dos desejos do mortal, em geral enredado em problemas que nem mesmo a COFAP poderia resolver. Ora, se o principal órgão de abastecimento e preços do país não tem capacidade para resolver alguma coisa, não será um humilde cura de aldeia quem se atreverá a oferecer soluções. Quando a isso nos atrevemos é mau sinal: na verdade vos digo que é chegada a hora da Justiça Divina, pois que a dos homens falhou. Um velho paroquiano quer saber do seu confessor e amigo qual a solução ideal para as agruras em que vive, ele e a família, uma vez que de nada lhe valeram vereadores e deputados eleitos inclusive com o seu voto. E cá estou eu a cocar a cabeça, pedindo luzes aos céus. E me ocorre, de repente, num estalo "à Padre Vieira", que todas as dificuldades poderão ser enfrentadas lançando mão do seguinte sistema de abastecimento, fora os preços: more-se numa casa cercada de algum terreno. Já de início afaste qualquer hipótese de encontrar solução para quem mora em apartamento. Ai o azar é deles mesmos. O terreno em apreço não precisa ser nenhum latifúndio, que Deus condena o latifúndio em poder dos pobres. Pode ser o que chamamos uma "chacrinha". Plante-se um pé de laranja de umbigo, um de laranja Taquari e outro de bergamota. Terão as crianças, assim, frutas para todo o ano. Se o terreno não fôr tão ôlho de pinto, poder-se-á plantar ainda um pé de caqui e um outro de laranja do céu, para o nenê. Meia dúzia de galinhas de boa família abastecerá de ovos a despensa, mas uma dúzia delas dará até para um caldo, de vez em quando. Um coqueiro nortista fornecerá gordura de côco para as frituras. Ou poderá o interessado, desde que tenha relações de amizade com o sr. Kurt Weissheimer, da Granja Branquinha, conseguir dois porcos: um piáu malhado e um macau pelado. E isso dará banha em quantidade suficiente. Se não der ouvirá roncos, coisa indispensável para uma chacrinha que se preza. Agora no inverno não recomendo o macáu pelado, pela necessidade que há de arranjar um cobertor para o bicho, e eu sei que isso é difícil até mesmo para as crianças, que os tempos andam duros. Fique-se com o piáu malhado, desde que as malhas combinem com tonalidades modernas. Com tais providências teremos resolvidos os problemas de linguiça, carne de pôrco propriamente dita ,torresmo, salsichas e banha, o principal objetivo da criação, afóra umas fatias de presunto para serem comidas com os ovos das galinhas anteriormente incluídas na chacrinha. São êsses os primeiros conselhos que posso dar, deixando para amanhã a continuação. Estou certo, porém, que se cada paroquiano seguir á risca as recomendações aqui expressas, a situação melhorará, podendo-se prever para o time do Brasil um futuro menos sombrio, quando jogar com a Hungria.



x x x

E por falar em futebol devo confessar que amarguei, anteontem, um bom pedaço da tarde. De maneira alguma estava disposto a perder um sábado ouvindo irradiações de coices e pontapés, entre vinte e dois cidadãos que deveriam estar voltados para as coisas do Senhor. Mas a verdade é que me rendi ante a realidade, colando o ouvido no aparelho de rádio, chegando ao ponto de torcer, como qualquer doente. E o resultado disso tudo é que mal pude comer na janta um filé mal passado com ovos e requeijão, afóra uma garrafa de vinho tinto da colônia. Pois na verdade me sentia pisado por dentro, com um ódio ateu no coração, com raiva de nomes tais como Rodrigues, Didi, Baltazar. Dificilmente ouvirei outra irradiação igual, mesmo que seja contra a Hungria. Confesso que não vim ao mundo para sofrer, mas para aliviar o sofrimento alheio.

x x x

Falei, linhas acima, no que poderemos chamar de "corpo principal desta crônica", das vantagens da criação caseira de porcos e outros bichos, num movimento renovador dos nossos costumes e misérias, lançando no fundo do quintal particular de cada um a "Fronteira Oeste" na nossa independência.

Falei na criação do Piáu malhado e no macáu pelado, duas raças ótimas para a produção de banha, além de outros derivados. Pois me ocorre uma outra idéia, ao finalizar estas notas: se o interessado em tal produção morar nos arredores do campo do Renner, no Quarto Distrito, poderá levar para o seu gramado tanto o piáu como o macáu, logo após uma partida de futebol travada entre o Grêmio e o Floriano, de Novo Hamburgo. O que não é justo, é, numa época como esta, deixar aquela maravilha de ambiente só para os jogadores de ambos os times, que se reboleam na lama com visíveis demonstrações de alegria. A produção nacional está a exigir o sacrifício mesmo dos nossos caros jogadores de futebol. Tenham paciência.

ANEXO CC – ALJOG 03 a 2497 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 22 de junho de 1954

22 — JUNHO — 1954

ALJOG 03a2497 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Falava eu, ontem, de como organizar-se uma Fronteira Cerrada no fundo do quintal, de maneira a combater a carestia de vida através da produção particular. Falei na criação dos porcos piauí moldado e macáu pelado, além das galinhas necessárias à produção de ovos e derivados. Um outro animal que não poderia faltar na chacrinha é a vaca. De preferência ela deverá ser holandesa, sem vinte porcento de sêbo, branca com belas manchas negras, imitando remendos, com ubres estofados e roliços. Estará com isto resolvido o problema do abastecimento de leite, queijo e manteiga, e afastada assim a hipótese das filas. Ainda um outro animal deverá ser figura imprescindível na vivenda rural para os pantos: o cavalo. Ele não dá leite, nem banha, nem toucinho, mas serve para várias outras coisas, tais como puxar carroça, arrastar troncos e podar o capim nas horas vagas. Além disso servirá de transporte individual, tornando inúteis os ônibus idem da Prefeitura, de onde o "slogan" atual na cidade: "Cada um com o seu cavalo" imitando a canção conhecida: "Cada um tem a sua aranha". O problema de roupa para o inverno será resolvido com a criação de duas ovelhas. A lã seria suficiente para tricô, acolchoados e travesseiros. Na parte alagada do terreno seria plantado arroz. Numa família média, de apetite relativo, o gasto seria de três sacos e meio por ano, isso sem arroz-de-leite ou outras extravagancias. Dois sacos de feijão preto eram mais do que suficientes, tambem sem o luxo de feijoadas á brasileira, quando se consumiria orelhas, rabos e pés de porco, os tais piau e macáu. Ao lado da casa deverá ser preparado um canteiro de regular tamanho, com terra preta, adubação natural e boa irrigação. Ali se plantaria alface, regôlho, rabanete, abóbora, aipim, beterraba, tomates, cebola-verde, milho idem, beringela e espinafre. Na parte das frutas não seria conveniente plantar banana, haja vista o que está acontecendo na Guatemala, pois não faltaria um vulto para levantar falsas acusações. Banana, quando houver necessidade dela, é preferível comprar de uma United Fruit qualquer, o que evitaria complicações mais ou menos internacionais. Ah, uma outra coisa digna de ser criada seria jacaré, a fim de se produzir, cada ano, um par de sapatos de crocodilo, quando ninguem notaria a diferença, além de bolsas e cintos para a senhora e ainda carteirinhas de bolso, porta níqueis, boje usadas para guardar passagens de bonde, caramelos, grampinhos, cafiaspirinas e outras trocas. Um pé de café seria essencial. Se não houver terra roxa, ideal para tal cultura, seria de todo conveniente pintar-se um pedaço qualquer de terra com tal cor, enganando-se assim o caféiro. Qualquer tapeação é recomendavel, desde que se tenha café, produto vendido atualmente nas melhores joalheiras. Eis aí algumas conselhos sinceros de quem deseja ver a situação cada vez melhor, desde que se reze com fé. Como exemplo começarei a preparar a minha própria terra. E vou começar pelo pé de café. Com licença.

Informa-se que o comércio, em geral, não pretende recolher as contribuições devidas aos Institutos de Previdência Social. Na verdade muita gente não recolhia há vários anos, prevendo a situação atual.

x x x

Tive seguras informações de que andou fazendo algumas conferências no Pronto Socorro um revérendo que muitos afirmam ser D. Camilo. Pode ser que seja, mas o autêntico, e "made in Teresópolis", êsse não andou fazendo conferências em lugar nenhum, muito menos no Pronto Socorro, que é lugar de consertar gente e não de palestras.

x x x

Um leitor revoltado me escreve para reclamar contra o uso da palavra "feijoada" na coluna Noite e Dia, deste jornal, destinada aos eventos sociais da metropole. Acha êle tal coisa de um máu gosto a toda a prova. Bem, recomendarei ao Petronius que de hoje em diante só use a palavra "mayonnaise" e em lugar de feijão apenas "haricot".

ANEXO DD – ALJOG 03 a 2498 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 23 de junho de 1954

- 6 - 23 — JUNHO — 1954

ALJOG 03a 2498 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Já não é a primeira vez que uma "Cadeia da Felicidade" me cai as mãos. Na verdade as anteriores vinham num papel melhor e a caligrafia era escrita com mais cuidado, até com certa graça, apesar das ameaças de coisas terríveis que todas elas trazem no seu bojo. Esta que acabo de receber nasceu na Venezuela. E' venezuelana, portanto. Foi desencadeada pelo senhor Eurébio Domingues com a clara intenção de fazer a volta ao mundo. Pela sua leitura atenta fiquei sabendo que a minha obrigação, após meditar sôbre a vida e a morte, é tirar 19 cópias e destinálas aos meus amigos. Feito isto ficarei tranquilo e dormirei de touca, porque 19 dias após receberei o que mais desejo na vida: um quilo de café, meio de manteiga e um quarto de quilo de filé mignon. Quem me escreve se revela oficial do exército da Venezuela e por haver cumprido religiosamente sua missão epistolográfica ganhou um milhão de dólares. Só não consegui entender como na Venezuela possa alguém ganhar dólares, que afinal a moeda lá deve ser outra. Bem, mas são mistérios que a carta encadeada não revela. O mesmo não aconteceu a um tal senhor Ferras, que tomou "por chalaça" esta carta. Ora, dois dias depois perdia toda a família, de maneira trágica, salvando-se apenas a sogra. Várias outras pessoas sofreram desgraças por não passarem adiante a cadeia e várias outras ganharam polpudos prêmios de loteria uma vez que se dispuzeram a fazer as 19 cópias. Um jornalista que não ligou o apêlo contido na carta começou a escrever cada vez pior, a ponto de ser nomeado para um emprego público a fim de garantir o seu futuro... Um radialista, sem fé também nas mísseras encadeadas, começou a engrossar a voz a um ponto tal de antipatia que muitos pensavam que êle fôsse o próprio Al Nêto, inclusive nos argumentos radiofônicos. Um político brasileiro teve como castigo, seis dias após haver se negado a passar adiante esta carta da Venezuela, sua nomeação para presidente da COFAP, desmoralizando-se completamente 24 horas depois. Ora, sou feito de carne e osso como qualquer mortal, ainda que o espírito tenha a fortaleza necessária para enfrentar qualquer parada, mas na verdade não quero carregar comigo a desconfiança de que amanhã possa sofrer qualquer desventura por causa da carta que nos vem da Venezuela. Assim mando imprimir aqui no jornal e a reproduzo em tantos exemplares quantos forem tirados hoje, pedindo a todos os leitores que façam o mesmo, mas a pulso, em máquina de escrever. E ficarei aguardando a ninharia que deverá bater á porta deste humilde reverendo dentro de 19 dias. Que venha, que mesmo rico entrarei no céu, pois serviços prestados não me faltam.

x x x

Recebo um outro envelope e tremo ao imaginar que seja outra carta encadeada. Assim por fora o envelope vagabundo me dá a impressão de tratar-se de alguma notificação bancária, alguma letra vencida, alguma duplicata contestada. Mas o "recheio" desfaz esta triste impressão inicial. Por fim abro, e dou com dois papéis que lembram em tudo, pelo papel ruim, pelo tamanho e pela impressão, uma cédula eleitoral. Mas não é. Trata-se de um apêlo dos funcionários da Estatística no sentido de votarem no Partido da situação, desde que queiram a permanência no diretor daquela repartição, chamado no impresso de "querido", assim entre aspas. Nada sei a respeito. E' até possível que seja intriga da oposição.

x x x

Falava-se em microbios, em contágios, em doenças transmissíveis. E alguém contou a história de uma senhora que tinha tanto pavor de microbios e outros bichos que fervia toda a lenha que comprava antes de deixar que entrasse para a sua cozinha. E uma pessoa do grupo comentou fleugmática:

— Pois olhe, sôbre isso eu concordo com a tal senhora e não vejo exagero nenhum nas medidas por ela tomadas. Para mim a lenha é a grande portadora de bactérias, e poderá infeccionar até mesmo o ambiente sagrado da cozinha. E na minha casa também se toma providências contra qualquer contágio através da lenha. E aí alguem perguntou qual o método usado pelo circunspecto cidadão, ao que êle respondeu ainda cheio de calma e sabedoria:

— Lá em casa costumamos queimar a lenha. Só o fogo purifica...

x x x

Acaba de chegar ao nosso Estado, ou está por chegar breve, o material necessário para a realização das eleições de outubro próximo. São 5.280 urnas e 45.454 quilos de material de votação e apuração. Tudo isso para selecionar cêrca de 49 toneladas de candidatos. E' coisa!

ANEXO EE – ALJOG 03 a 2499 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 24 de junho de 1954

- 6 — ALJOG 03a2499-1954 — 24 — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

"Se o arrependimento matasse" — como disse muito bem "Miss" Distrito Federal — eu estaria, a estas horas, entre quatro velas. Há dias o meu freguês de acessórios para bicicleta levou meia hora anunciando todas as vantagens que eu teria mandando instalar um farolete de neblina no guidon. Mas os argumentos, apesar de fortes, não conseguiram provar porque um material fabricado em São Paulo, numa rua de taboca qualquer, tinha necessariamente de ser vendido com alegações de ágios de quinta categoria, como se fosse importado da Tchecoslováquia ou da Suécia. Continuou, portanto, tendo como acessório, na bicicleta, apenas um olho de gato pregado na tripa de guardalama da roda traseira. Mas olho de gato é como certos políticos que conhecemos: é preciso que alguem os alumine para brilhar um pouco. E o resultado disso é que hoje de manhã abdei às tontas no tráfego, bolando com "fog" londrino, aos esbarrões com autos e gentes. Mas o fato de viajar sem paisagem traz algumas vantagens, pois que a nossa atenção não se perde em detalhes da natureza e nem se distrai na observação de coisas. Pedalar mergulhado na neblina vira os olhos da gente para dentro, e mastigamos idéias e imagens independentemente da côr ou da forma que elas possam ter. O caso da russa Augusta Stralaw, por exemplo, que o reporter taxou de "falsa mendiga", só porque escondia numa lata, na sua maloca, cêrca de vinte mil cruzeiros, estava me doendo desde ontem. "Falsa milionária", isso sim, que com vinte mil cruzeiros ela terminara morrendo de inanição, pois quem dirá que a infeliz amanhã não venha a ficar paralítica no fundo de uma cama? O trabalho dela é tirar esmola e se alguem achar que isso é coisa fácil e cômoda que arranje um par de oculos escuros, passe uma atadura numa perna qualquer, pegue de uma bengala e, munido de um pires ou mesmos de um chapéu, sente ali na Galeria Chaves e comece a pedir dinheiro á caridade pública. Começa que a caridade anda cada vez mais escassa, e se alguem se anima a jogar uma moéda a quem pede e porque traz na consciencia um peso qualquer. Cca, peso todos trazem, mas poucos se dão conta disso. E depois caridade requer, nos dias atuais, de muita publicitade. Ninguem mais deseja perder a oportunidade de passar por filantropo para dar, anonimamente, um niquel para um mendigo. Vai daí a profissão está caindo num descrédito impressionante, tanto mais nesta vespera de eleições em que centenas de cavalheiros bem vestidos começam tambem a pedir qualquer coisa, em têrmos que muito se assemelham ás frases da pobre "milionária" Augusta Stralaw, na beira da calçada. Mais alguns dias e ninguem saberá se a velha Augusta pede votos e os cavalheiros esmolas. Por essas e outras é que não maldigo a neblina de hoje de manhã. Ela serve, pelo menos, para a gente pensar sôbre coisas. Ainda que essas coisas sejam tristes e vergonhosas.

x x x

Continuam os gaiatos roubando armas e munições. Já desconfia a polícia de que isso esteja ligado a qualquer plano internacional de roubo de armamentos. Ou então — e isso é bem mais provavel — tudo se relaciona com a temporada de caça que aí está.

x x x

Alguns edifícios em construção, na cidade, estão obedecendo o que determina a lei: cobertura externa total com tabuas, o que nos dá uma impressão de um grande caixão. Além da vantagem que oferece com relação á segurança, evitando que tijolos se esborrachem sôbre cabeças que transitam ingenuamente por baixo, tambem proporciona uma surpresa no final da obra, pois tirando o caixão de fora damos com um belo edifício, já prontinho. Ontem, quando passavamos por um dêsses edifícios, um sujeito de fora, que conversava com outro, exclamou de bôca aberta:

— Bem, encaixotado êle está. Eu quero ver agora é transportar...

x x x

A história acima me faz lembrar um tipo de vigarice que vinha sendo usada em Santa Maria por um esperta lhão simpático. Ele se postava nas imediações da Matriz Católica, recoberta de andaimes, em plena fase de construção e reforma, e quando um colono passava êle puxava conversa, iniciando pelo tempo, pela carestia de vida, pelo baixo preço que estava sendo pago pelas produções etc. De repente se apresentava como encarregado da Igreja para fazer coletas de dinheiro para a Matriz, esclarecendo a imperiosa necessidade de colaboração:

— Veja você, meu amigo, a que situação chegamos. Como a Igreja está devendo e não pode pagar, os credores mandaram encaixotá-la para mandar para São Paulo. Ora, eu não acredito que você vá permitir uma barbaridade dessas. Ou vai?

Em geral o sujeito se comovia com o drama da Matriz. E dava.

ANEXO FF – ALJOG 03 a 2500 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 25 de junho de 1954

ALJOG 03 a 2500 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Recebo uma carta. Isto, em si, não quer dizer nada. E' coisa comum e serve, quase sempre, para caracterizar o atraso do correio. Em primeiro lugar, antes mesmo do clássico "prezado senhor", vem uma crônica intitulada "Véspera de São João". Pequena, mas ruim. Depois vem a carta, propriamente com data e tudo, além dos cumprimentos de boa educação. O autor da crônica quer que eu a julgue, mas adianta que a considera muito aproveitável. Se fôr o caso de coincidir a sua opinião inesperta com a deste pobre reverendo pede para que eu dê "uma pernadinha por êle" aqui na "Fôlha". E declara que a pobre é que tem direito de sonhar, coisa com que concordo amplamente, tanto mais que escapa da alçada da Cofap, não depende de ilha e nem paga imposto de renda. Daí a minha resolução de não ajudar com um dedo o novel jornalista. E vou dizer porque. Em primeiro lugar, escrever coisas amadorísticamente dá ao prazer, pois o assunto pode ser selecionado, estudado, rejeitado, burilado, piagado, remendado e até copiado de algum clássico na matéria, falecido há mais de vinte anos, alterando-se um determinado número de palavras, segundo um bom dicionário de sinônimos. Outra coisa é escrever como quem toma café: todas as manhãs. E escrever com os seus dez dedos, com a sua própria cabeça, buscando frases na memória. Escrever de qualquer maneira, quer esteja com dôr de dentes, de cabeça, quer esteja de ressaca ou com várias notas promissórias no bolso, a pagar. Aí a gente tem raiva da profissão e preferiria rachar lenha, capinar rua, quebrar pedra. Em segundo lugar, escrever não pode e nem deve ser sonho de ninguem, muito menos de pobre. Sonho compreende alguma coisa de belo, de irreal, de desejavel. E escrever não é nada disso. Sonhe-se com flôres, com bichos e, se fôr o caso até com mulheres, desde que a pudicícia impeça devaneios mais avançados, desejos menos confessaveis, lembrando-se que a pureza é o primeiro ingrediente de um sonho. Depois não há motivo nenhum para ajudar os novos, já dizia Rubem Braga, pois na luta para sobreviver os fracos caem e os fortes vencem. Ora, ser o responsavel pela vitória de um fraco é até uma safadeza. Entenda-se a palavra "fraco" como "ruim" e a palavra "forte" como "bom". A lei natural continua em oposição à teoria do sr. Benedito Valadares, que sempre a ironou: "Eu me fiz por si mesmo". E isto está errado. Assim, meu caro amigo L. V., escrevo os conselhos acima sem a menor intenção de cobrar alguma coisa por êles. Conselhos que dou por puro patriotismo, por puro espírito de brasilidade, espírito êste que uma vez deu a vitória aos aoissinios. E continuo escrevendo, todas as manhãs. E vai ver como dá certo. E se tal coisa não acontecer venha e ocupe êste lugar. Estou demasiado velho. Demasiado burro. Obrigado.

x X x

A tendência atual é de acabar com a raça dos leiteiros

De uma hora para outra as autoridades resolveram impedir que eles continuassem botando leite na água, com a alegação de que nem sempre o leite é puro, nem sempre êle está em condições de ser bebido. E vai daí movem tenaz campanha contra a classe, numa violencia até mesmo contra a Constituição, pois que todos são iguais perante a lei. Também agora se investe contra o fato dos leiteiros lavarem os seus tarros em corregos imundos, alegando contra isso preceitos de saúde do DFS. Mas Senhor, a prática não é nova. Ninguem esta inventando coisas. E' um hábito velho como os corregos e tão antigo como qualquer regulamento de saúde pública. O golpe é não publicar tais coisas, pois o ditado que serve como uma luva para o caso ainda é "o que olhos não vem coração não sente".

x X x

Falava eu de leite quando me chega às mãos um bilhete escrito a lápis, em letra razoavelmente boa. Traduzido em miúdos informava o autor da coisa que a camioneta de chapa 3-37-33 anda vendendo leite a Cr$ 5,00 o litro e isso lá pelas imediações das ruas Paulino Azurenha, Alcindo Guanabara e Batista Xavier. O reclamante é pobre como o autor da crônica enviada ontem a este reverendo, com a diferença que quer beber mais leite em lugar de desejar escrever para jornal. Mas meu filho, você não acha que beber leite pode lhe acarretar sérias doenças, terríveis males? Pois deixa achar.

ANEXO GG – ALJOG 03 a 2501 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 26 de junho de 1954

ALJOG 03a 2501 - 1954
-6-

26 — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Meu horóscopo para hoje diz textualmente: "Possivelmente entrará dinheiro". Vou aguardar sentado. A inclusão do "possivelmente" me desgosta e me cheira à traição. Mas contra os astros será inútil qualquer resistencia. Mas, para os que estão sob o signo de Aries a recomendação é "Não se descuide de sua saúde. Visite um medico". Ora, de alguma maneira isso dará certo. Suponhamos que tais pessoas procurem realmente um medico, seguindo o conselho. E vai dar lista num consultorio de um facultativo que tem como signo Capricornio. Pronto. Os dois cumpriram religiosamente as suas augúrios astrais. Um consultou o medico recomendado. O outro recebeu dinheiro. Mas como não sou medico, (nem doente, mas um simples cura de aldeia, vou sentar tranquilo à espera do prometido. Se não vier, paciencia. Quem de nos não está calejado de promessas e, depois, desilusões? Alem disso estou com o coração cortado de pena do leiteiro Alziro de Souza Feijó, que enlouqueceu após ser recolhido à Casa de Correção, condenado por haver botado água no leite. E' bem verdade que a punição foi merecida e com todos eles a punição deveria ser a mesma, talvez até mais severa. Mas desconfio que a loucura do pobre leiteiro nasceu das suas graves locubações, já no carcere, por constatar pena tão grande para tão pequeno delito. Ah, meus filhos, quanto ladrão anda por aí impune, espalhando até favores pelo prestigio que o roubo lhes dá. Ninguem prende pessoa importante, todos o cumprimentam, bajulam, agradam. Quando o pequeno sente que toda a ira dos honestos recai sobre os seus frageis ombros, enlouquece pela injustiça. Porque na verdade vos digo, quando o exemplo vem sempre de cima a pena dos que estão por baixo dói muito. E outra coisa não deve ter acontecido no pobre cérebro do leiteiro Alziro de Souza Feijó, homem rude e simples para quem as coisas dos importantes são sempre segredos e misterios. Porisso registro aqui o conselho de um leiteiro para outro, quando comentavam o caso do colega Feijó: "Meu velho, quando quizeres roubar no negocio não mistura água no leite, como o Alziro. Vende só agua para o Deal"...

x X x

Um gaiato de bom gosto roubou 36 variedades de uma plantação de três mil orquídeas. Os prejuizos, avaliados pelo próprio lesado, são avaliados em cerca de duzentos mil cruzeiros. Olha que duzentos mil cruzeiros de orquídeas não se come de prego! O que o ladrão vai fazer com isso não sabemos, mas não será dificil imaginar, pois ele demonstrou ser perfeito conhecedor de orquídeas e derivados, pois levou justamente as variedades de maior valor. Roubou para multiplicar as espécies, e isso não é crime, é até recomendavel pois criar orquídeas numa época tão dura como esta só merece elogios. E pelo que sei, orquídea não é artigo de primeira necessidade.

x X x

Queixam-se os moradores das praias da Alegria e Vila Elsa contra a onda de assaltos que se vem verificando naquelas zonas de veraneio. Pois meus irmãos, se tais coisas são um sinal dos tempos, cada vez piores e mais bicudos, o desaperto para o lado das praias é benemérito, pois que roubam casas que funcionam apenas três meses por ano. Enquanto eles vão se defendendo por lá, folgam as costas cá. E antes isso.

x X x

Estou perfeitamente preparado para o jogo de amanhã. Qualquer que seja o resultado estarei satisfeito, desde que seja o Brasil o vencedor. E isso não tem nenhuma relação com certos habitos politicos brasileiros.

ANEXO HH – ALJOG 03 a 2502 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 28 de junho de 1954

ALJOG 03 a 2502 - 1954

- 6 - 28 — JUNHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Um homem que se preza não fala em futebol, hoje. Pala em modas, em arte culinária, em criação de gatos angorá, em bordados, nunca em futebol. Afóra as brigas no campo, com vários jogadores ostentando talhos gloriosos, outras escaramuças empanaram o brilho da audição radiofônica, aqui mesmo neste país. Um torcedor exaltado enfrentou a vizinhança toda sòmente porque meteu fogo em dois foguetes quando os húngaros fizeram um golo. Ele entendera de modo diferente. Tanto bastou para a sua casa se ver cercada pela turba, aos gritos de "morra o traidor da Pátria", "mata!", "enforca!". Para alguns jornais estava em jogo a honra nacional, desde Tiradentes a Getúlio Vargas, passando por Duque de Caxias e Santos Dumont. E o time brasileiro, com tanta honra grudada nas chuteiras, ficou nervoso, atrapalhou-se logo de início e depois, puxa! para a partida. Muitas lágrimas foram derramadas, como diziam os locutores de rádio, por cêrca de cinquenta milhões de brasileiros. Era o país a chorar desesperadamente, pois que a grande batalha fôra perdida. Depois do jogo as pessoas saíram para a rua, de olhos vermelhos e expressão dolorida, e foram trocar impressões pelas esquinas. Deu porre de noite. Alguns rapazes encheram a caveira e afogaram na cachaça a dôr da derrota, a mágua do combate perdido. Quando me toparam a noite um deles gritou: "Um padre húngaro!", e não fôra a passagem providencial de um carro da rádio patrulha eu estaria, a estas horas, nas mesmas condições dos jogadores, após o jogo. Confesso que no fundo do peito tive as minhas mágoas e nem mesmo a fleugma, que sempre encadernou os impulsos mais ou menos selvagens que nos vem do berço, conseguiu esmagar certas manifestações de alegria e de raiva. Tudo isso porém, passou. Apenas não consegui ficar indiferente ante a notícia de que o Brasil acaba de pagar aos Estados Unidos a última parcela de uma dívida de guerra, no valor de cinco milhões de dólares. Nossos barcos afundaram, morreram os nossos praciãs, outros estão aí pedindo esmola, na miséria. E o Brasil ganhou a guerra, juntamente com os aliados. Nada recebeu de indenização, mas está pagando aos Estados Unidos uma dívida nascida dos compromissos que assumiu com relação à política do "lend and lease". Vitória de Pirro, pois não. Diante disso os húngaros até que não são más pessoas...

x x x

Afóra o problema dos húngaros, realmente distante, existe um outro aqui em Porto Alegre, ao nosso nariz. Trata-se do transporte coletivo, agora mesmo um proprietário de emprêsa que explora a Carlos Gomes resolveu, de uma hora para outra, suspender os carros daquela linha, por não oferecer a mesma nenhuma garantia. Ora, numa cidade cujo sistema de transporte lá está todo nas mãos do Município causa estranheza que exista ainda proprietário de linha. Ou o cidadão êste é um grande privilegiado, e homem de sorte, ou há mutreta na canção. Porque senão as suas linhas já estariam encampadas também e ele hoje seria um feliz proprietário não de ônibus, mas de apólices, como os demais. Portanto, o caso deverá ficar dividido em duas partes distintas: primeiro nas mãos delicadas da polícia, obrigando o afortunado a cumprir o contrato; segundo nos braços amorosos e compassivos da Prefeitura, encampando os carros, em igualdade de condições com os demais ex-proprietários. Aliás, o povo que anda a pé, por falta de transporte, sòmente aguarda essas medidas.

x x x

Já começaram a aparecer pelas calçadas, muros e paredes, os primeiros candidatos ás próximas eleições. Aquela recomendação de que não pintem as paredes e os muros de residências caiu no vácuo, pois os pintores saíram numa fúria danada a sujar tudo o que encontravam pela frente. Quanto às calçadas nada se fazer, a não ser pisar em cima, como vingança. Mas nas paredes a limpeza custa dinheiro que, em última análise, deveria sair do bolso do próprio candidato que deseja ser conhecido a custa do pincel, já que pouco fez para se identificar por coisas melhores. E pintar nada resolve, estejam certos. Senão dêem uma olhadela nas palmeiras da avenida Osvaldo Aranha. Lá estão Cilon e Brizola.

ANEXO II – ALJOG 03 a 2503 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 30 de junho de 1954

ALJOG 03a2503 – 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Como sempre o ônibus hoje está custando a chegar. O pior é a chuva fina e o lamaçal que fica nessas ocasiões. Anda-se claudicando no barro e não há botina que aguente. Eu sei que o rapaz trabalha numa fabrica de fogões, mas não consigo me lembrar do nome. E isto é grave, para um reverendo que se presa de conhecer as suas ovelhas como a palma de sua mão. Mas afinal ficamos os dois conversando, sob um puxado de telha que faz as vezes de garage, protegidos em parte da chuva miuda. Ele está apreensivo. Amanhã era dia de entrar o salário minimo, mas há rumores e diz-que-diz-que pelos jornais e pelas rádios de que a coisa não vai sair mais. De primeiro, diz êle foi aquela coisa de sessenta dias. Puro golpe para tubarão afiar os dentes. Depois a gente espera com paciencia de Jó os dois meses e quando vai morder o pedacinho do queijo vem alguem e rouba a merenda. Ele me pergunta se está certo. Começo a falar em coisas da alma. Meu filho, sou médico do espirito. Quando você tiver uma ferida qualquer no espirito pode me procurar. Quanto a essas coisas materiais escapam da minha paróquia. Senhor, confesso que a cara que êle fez foi de absoluta estupidês ante a explicação. Pensando bem não era de se esperar que o pobre compreendesse alguma coisa. Mas enfim, que mais se poderia dizer a um homem molhado que vem pedir esclarecimentos? E' possivel que não haja salário minimo a partir de amanhã, o que será uma grave injustiça contra essa gente toda. E possivel que o governo não possa mais mandar baixar os preços aos niveis anteriores da própria noticia do salário minimo. Mas como ficará essa pobre gente? Ele me informa que muita coisa estava programada para recepcionar o aumento mensal. Compraria em prestações uma capa de chuva para a filha de doze anos, um par de botinas para o guri de oito e alguns novelos de lã para a mulher fazer tricô para a menina de oito mêses. Amanhã, dia primeiro, mandaria "derrubar" uma cerveja em comemoração ao aumento, o que daria meio copo para cada um. Mataria uma galinha de perna quebrada que ainda estava resistindo no frio e à chuva e tudo pareceria um banquete. Pois se o reverendo aceitasse já estava convidado, desde já, para chupar uma coxinha ao môlho pardo, que o sangue hoje não é de se perder, seja êle mesmo de galinha. Isso se o salário minimo sair. E como sou homem letrado e leio jornais e escuto rádio com atenção, fico no compromisso de avisar se o salário sai. Se sair é só pegar um grito na cêrca. E amanhã comemorar a data. O ônibus chega e lá se vai o rapaz dependurado na porta traseira. Um carro que vai apertado como gente em ônibus, pois que as sardinhas, hoje em dia, já conseguiram a sua lata própria.

x x x

Desabafo de um funcionário a outro, depois de haver pisado, sem querer, numa grande poça dágua, enxarcando até as meias:

— Deus é grande! Com todos os racionamentos cá de baixo, água êle manda de pamparra!

x x x

Comentário de alguem ante a passagem de um casalzinho, sob a proteção de um guarda-chuva:

— E', êles agora vivem sob o mesmo teto...

x x x

Coisas nas quais muitos cidadãos circunspectos pensam, num dia de chuva forte: Limpador de parabrisa para oculos, meias de borracha, guarda-chuva preso ao ombro, capa de borracha com calefação central, chapeu com calha dágua, automovel com chofer, feriado nacional.

x x x

Pensamento secreto de um eleitor:

— Com esta chuva os politicos não se animam a fazer comicio. Que dure até outubro!...

x x x

Outro pensamento, desta vez totalmente mercenário:

— Os candidatos deveriam distribuir guarda-chuva com o próprio nome, pois não haveria promessa de proteção, mas realidade.

x x x

Convite de um bêbedo inveterado a um outro menos inveterado:

— Vamos tomar um gole? Com êste tempo só molhando por dentro tambem!

x x x

Pedido de um bêbedo, talvez o mesmo ai de cima, ao garçon:

— Meu velho, salta uma gaiocha com Underberg!

x x x

E não será fôrça de expressão afirmar que, com tal tempo, anda muita gente nagua...

ANEXO JJ – ALJOG 03 a 2504 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 1º de julho de 1954

ALJOG 03a 2504 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Uma ovelha (negra, com certeza) me escreve para saber, precisamente, qual a diferença entre produtor e consumidor. Ela quer tirar dúvidas sociais, preocupação justa na época em que vivemos. O êrro, porém, foi inicial. Eu não sou a pessoa mais indicada para tirar dúvidas de ninguem, a não ser no terreno puramente espiritual, que aí coincide com o meu sacerdócio. Mas tentarei, em nome da democracia. Começo pelo produtor. A palavra em si vem do latim: "producter", fácil de saber, pela semelhança com a palavra originada. Quer dizer "aquele que produz alguma coisa, autor, o que promove produções naturais ou industriais. Entre nós costumamos chamar de produtor os homens do campo, os que plantam cereais, legumes etc... Passando para a palavra "consumidor" temos: ela vem do latim "consumere" e quer dizer "aquele que consome", "quem compra, para gastar em uso próprio". Essas as diferenças etimológicas (doutrina da derivação das palavras) entre as duas. Mas fico com a pulga na orelha de que seja realmente esta a intenção do missivista, ao querer saber tal diferença. Para mim êle quer saber a diferença política, aquela que interessa nêste momento em que tantos políticos enchem a boca com tais coisas, querendo defender o produtor contra o consumidor, o consumidor contra o produtor. Se é esta a dúvida, então tenha paciência, peço a palavra. Pois consumidor quem é? E' o bancário, o comerciário, o funcionário público, o jornalista, o distribuidor de pão, o motorneiro, o chofer, a lavadeira, o advogado, o medico, o engenheiro. Eles consomem gêneros de primeira necessidade e roupas, sapatos, meias, sobretudos, capas, cigarros etc. O produtor planta batatas, trigo, milho, feijão, arroz, tomates, alfaces, laranjas, etc. Outro tipo de produtor, o industrialista, fabrica sapatos, pães, cigarros, meias, roupas, chapéus, automóveis etc. Mas como eu não quero deixar dúvidas, ou melhor, quero aumentá-las para o missivista, informo o seguinte: o chamado produtor consome meias, sapatos, máquinas, feijão, arroz, tratores, enxadas, cigarros, sementes etc. O chamado consumidor produz em geral, dinheiro, além de chapéus, meias, sapatos, cigarros, sementes, tratores, feijão, arroz etc. Está tudo muito claro? Não? Pois bem, é isso mesmo, a confusão existe e só não sabe de tal coisa quem deseja se eleger à custa dessas diferenciações. O problema é de ordem geral, meu caro paroquiano, e tentar separar consumidor de produtor hoje em dia é pura asnice, se não mesmo má fé. Veja o caso dos crentes da nossa paróquia: êles produzem atos de caridade, e consomem terríveis ingratidões...

x x x

Dois políticos se encontram. Falam sobre futebol. Depois sôbre carestia de vida. Depois sôbre o tempo. De repente sôbre o que os dois estavam esperando desde ontem: política. Um deles alimenta terríveis dúvidas sobre o "slogan" que adotará na próxima campanha eleitoral. E pergunta ao outro, num diálogo rápido:

— Você não acha "Pai dos Pobres" excelente?

— Não. Está muito desmoralizado.

— E "Irmãos dos Safredores"? Não é bom?

— Não. E' muito fraco, inclusive o parentesco.

— E você não pode me dar uma sugestão agora? Estou para imprimir os cartazes.

— Não achas que serve como uma luva "Mãe de Todos os Vícios"?

x x x

Um candidato para outro, na esquina:

— Já pensei em mandar pintar umas vinte faixas de morim, mas já reparei, também, que o pobrerio das vilas anda de olho esgichado nas fazendas...

x x x

Um barbeiro para outro, enquanto afia a navalha:

— Não sabes se os candidatos já começaram a imprimir cédulas? As minhas, da eleição passada, estão no finalzinho...

x x x

Dois amigos conversando no Largo:

— Pois como tu sabes, na eleição passada eu tive só 145 votos. Fui traído miseravelmente. Em compensação sobrou tanta cédula que desta vez vou fazer uma bruta economia.

ANEXO KK – ALJOG 03 a 2505 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 2 de julho de 1954

ALJOG 03a 2505 - 1951

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Pensava eu ontem, na diferença da sorte. Em dado momento fiquei fatalista e passei a atribuir ao destino muita coisa que acontece neste mundo de Deus. Tenho visto a luta de gente humilde para chegar a ser alguma coisa. E nada. Homens que estudam anos a fio, metem na cabeça toda a sorte de caraminholas culturais, tiram cursos, colecionam diplomas, decoram enciclopédias. E andam numa maré de caranguejo que dá pena. Outros não. Vão penetrando na vida como quem tira a sorte grande todos os meses. As coisas lhes vão caindo do céu até com evidente risco de partir-lhes a cabeça. Vem tudo, como dizem na gíria, de colher. Daí nasce na gente certas teorias absurdas, como esta de que "quem nasceu para dez réis não chega nunca a vintem". Vejamos por exemplo os moradores das Vilas Rio Branco e Niteroi. Fazem promessas, acendem velas, rezam e até votam em certos candidatos. Pois continuam expostos às enchentes, continuam anualmente ameaçados de morrerem por afogamento. Muitos deles já têm nos fundos do chalé um barco à soga, como quem prende cachorro ou cabrito. Pois quando as aguas sobem, em geral nas caladas da noite, quando os pobres dormem o sono pesado que medeia entre dois períodos de trabalho, já se vai o barco, levado pela correnteza. No dia seguinte a família toda está a pé, a criançada perigando pneumonia pela agua fria, as galinhas entregando a vida ao criador, os cachorros e os gatos a treparem pelos páus que encontram. Repete-se com inefável monotonia a tragédia de todos os anos, como todos os anos vem Natal, São João, Páscoa, Dia do Trabalho. Um dia os homens públicos resolveram fazer alguma coisa. E fizeram uma barragem defendendo a cidade de Pôrto Alégre. Pois as vilas ficaram protegidas das secas, mas perfeitamente preparadas para as enchentes. Simplesmente levantaram um muro de maneira que não seja perdida uma gota dágua. E tudo isso acontece, Senhor, com os pobres, que nasceram para sofrer, segundo é comum ouvir-se em letra de samba. Como dizia alguém "os pobres ou tem água de menos ou tem água de mais". Já o mesmo não acontece com os mais afortunados. Esses têm uma torneira para regular as quantidades necessárias para o banho, para lavar a louça, a roupa, o carro. E quando chove muito há a rêde de esgoto chamado pluvial, que leva todo o excesso para as vilas Rio Branco e Niteroi. E' por essas e outras que um reverendo se torna fatalista, de uma hora para outra, em evidente contradição com a fé e com as Escrituras.

x X x

Dois cidadãos conversam amigavelmente. Um dia para o outro:

— Sonhei esta noite que havia sido eleito. Não achas engraçado?

— Não, eu se fosse você iria já procurar um medico. Isso é grave...

x X x

Um comunista, ao sair de casa pela manhã, deparou com tristeza a sua parede recém pintada com grandes letras: — "Gudóle". Voltou e comentou para a mulher:

— Pura provocação de americanos. Eles não podiam ter escolhido outro local para fazer propaganda dos seus refrigerantes?

x X x

O dono de uma farmacia, ao abrir o estabelecimento, viu tambem com o coração confrangido a sua parede toda pintada pelas mesmas letras. Não teve dúvida. Foi lá nos fundos, pegou de uma lata e de um pincel e completou a pintura: lia-se depois "Pomada Gudóle" e mais abaixo, em letras menores "contra calos".

x X x

Anúncio atualissimo: "Pinter reinquista oferece-se aos candidatos politicos. Perito em deformar nomes de muros e lapumes, dispondo-se ainda a acrescentar a palavra "não" antes de qualquer "vote" já pintado, transformando tambem nomes de pessoas em bichos e coisas ridiculas. Boa letra. Tinta firme. Várias côres".

x X x

O candidato conversando com o eleitor, de coração para coração:

— Diga sinceramente se é mesmo para votar. Se não fôr confesse. Tenho aqui varios tipos de cédulas para barbeiros, impressas em papel especial, para escolares, em formato maior, para armazem, já prensa em bloco, e para votar, essas mais vagabundas ali...

ANEXO LL – ALJOG 03 a 0524 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 3 de julho de 1954

— 6 — ALJOG-03a.0524-1954 3 — JULHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Não tenho lugar na redação da "Fôlha". Sou ali uma espécie de primo pobre, sem mesa e sem cadeira, sem máquina e sem papel. Por outro lado não há no bulício muito natural de uma redação o necessário ambiente para a criação de obras que não durem apenas um dia, mas dois. E as minhas obras vem sempre um dia depois do outro. Assim me refugio na redação do "Correio", fugindo da barulheira, buscando calma e silêncio. E começo a trabalhar. Arrêgaço as mangas, isolo-me no tempo e no espaço, boto papel na máquina, preparo os espaços e a fita, e começo a pensar. Mas a senhora que faz a limpeza na sala me pede permissão para tirar o pó da mesa. Para tirar a papelada da véspera. Para recolher os recortes e encher novamente o vidro da gomarábica e o tinteiro. Quando novamente estão aptos a iniciar o doloroso transe de dizer alguma coisa, eis que a mesma senhora procura varrer o chão. Levanto a cadeira, afasto-me. Ajudo a sua tarefa, recolhendo algum pedaço de papel mais rebelde. Ela é educada e agradece. Eu digo "de nada", "às ordens", "conte comigo sempre". Eis-me novamente frente a frente com o instrumento de trabalho. O papel virgem, na medida do possível a um papel de linha dágua. Aí o pensamento fica de pé. Faço-o acompanhar o dono. Tudo ajeitado preparo-me para iniciar. Então a senhora em causa, a da limpeza, liga a máquina de encerar. E' uma serraria em ação. O primeiro assunto que me aflora é sôbre os ruidos da cidade. Desejo ser o intérprete das pessoas angustiadas. Penso no Código de Posturas que deveria conter um artigo com a seguinte redação: "Multa de 500 até 5.000 cruzeiros — a" ruidos de máquinas de encerar redação enquanto os redatores elaboram com o alfabeto o seu pão com manteiga de todos os dias". Tenho vontade de chamar o fotógrafo e pedir que bata uma chapa expressiva sôbre o suplício, não de Tântalo, mas de Gutemberg. Enquanto isso a enceradeira escorrega pelo parquê e me bate na mesa. Sacode a máquina onde já se encontra um papel com o título do artigo. Vai de encontro aos meus sapatos cuja engraxada custou três cruzeiros e mais um de gorjeta. Procuro concentrar-me. Ganhar asas para deixar a serraria funcionando livremente. Escrever numa redoma de vidro, numa prisão, numa cela da Casa de Correção. Entretanto ainda tenho fôrças para sorrir cheio de candura para a senhora que faz a limpeza e que me parece uma boa senhora. E no fundo fico envergonhado dela, pois acho que ela está ganhando o pão sem manteiga com mais suor, com muito mais sacrifício do que eu. Portanto, resolvo não escrever hoje. Tiro o papel da máquina. E vou às favas, espontaneamente.

Desabafo de um candidato a um amigo do peito, dêsses que não tem outra serventia senão ouvir tudo, discretamente:

— Nunca levei fé nenhuma na minha eleição. O negócio é que fico com quase noventa noites inteiramente a coberto de desculpas em casa. E isto compensa, meu velho!

.....

Recomendações de um candidato ao fotógrafo, antes do sacrifício:

— Quero um retrato com ar inteligente, com fisionomia resoluta, olhar arguto, ar de quem cumpre o que promete, maxilar denotando coragem, posição de lutador!

E o fotógrafo, coçando o queixo, emaranhado no problema:

— Bem, o senhor pode mandar essa pessoa para a gente bater a chapa...

.....

Confidência de um outro, a meio caminho da desilusão:

— Vou dar mais uma chance à Democracia. Se não for eleito, vou trabalhar!

ANEXO MM – ALJOG 03 a 2506 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 5 de julho de 1954

— 6 - ALJOG 03 a 0524 - 19545 — JULHO — 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Meu sermão de ontem se baseou nos grandes castigos divinos infligidos na humanidade, por seus pecados e, acima de tudo, por sua soberba. Quando os homens se afastam do caminho do bem e enveredam pela senda do mal, a cólera dos céus se faz sentir sem piedade e sem discriminação. E' daí sofrem os máus e os bons, que a terra é forrada de ambas as coisas. Muitos crentes ouviram atentos o sermão e ficaram realmente impressionados com os meus argumentos. Outros, porém, faziam cursos de mercador e saíram dali e foram beber, jogar, ouvir partidas de futebol, pecar, enfim. Depois de tudo fui procurado por um senhor de cabelos brancos, ovelha nova do meu rebanho. Ele tinha muitas dúvidas a respeito do meu tema dominical e queria conversar humildemente com o seu pastor, a fim de não pecar por ignorância. Aí eu disse a êle que dúvidas tinha eu tambem, mas por fôrça de ofício e por ser domingo não havia outra saída senão falar aos crentes e sapecar em cima deles um sermão puxado á substância com tema atual. Ora, tema atual é falar na falta de leite, no sumisso da manteiga, nos preços dos gêneros cada vez mais cada vez, na pouca vergonha dos homens públicos, nas chuvas e na enchente que aí está. E se não fôsse atribuir aos céus a culpa das catastrofes, dos roubos e das senvergonhices a quem iria culpar um pároco de arrabalde? Aos homens importantes da politica, aos deputados, aos governantes? Mas isso seria remação na certa, e meu reumatismo não permitiria, nesta idade, luxos tais. Assim, descarregar contra os céus os nossos tremores, era, além do mais, uma atitude perfeitamente cristã. E não trás nenhuma complicação de ordem material para quem as descarrega. O cidadão de cabelos brancos falou nos flagelados da Vila Niterói e da Vila Rio Branco, pois não acreditava que nenhum castigo dos céus estava sendo executado. O que acontecia eram os efeitos do descaso das autoridades responsaveis, que nenhuma importancia dava ao fato de gente que come, dorme e respira, more numa zona abaixo do nivel de qualquer água. E mais: há grandes propagandas para loteamentos em toda aquela extensão. E' evidente que nenhum rico vai comprar terrenos que são ótimos viveiros de sapos. Então os pobres apertam mais os cintos e entregam as suas economias para os corretores, na ânsia de comprar dez metros de terreno para plantar um casebre de madeira e criar os seus filhos. Quando as chuvas vêm a familia é escorraçada da sua propria casa e vai para a beira da estrada. E o cidadão de cabelos brancos me perguntou: "Mas o senhor acredita mesmo que a culpa é dos céus, reverendo?". Aí confessei a êle que não. Reconheci corajosamente que andava desviado dos verdadeiros caminhos do Senhor. E como penitência irei para aquelas vilas, ajudar os pobres que sofrem e penam e padecem por culpa e obra exclusiva dos homens, êsses lobos de si mesmos.

Comentário de um torcedor doente:

— **Finalmente a honra nacional foi lavada! Os alemães ganharam dos húngaros e são campeões mundiais!**

x x x

Filosofia de pobre, ante a enchente que assola Porto Alegre:

— **Quando na venda dágua o pobre começa a ganhar bom dinheiro, Deus dá enchente...**

x x x

Conversa de sapo, fóra dágua:

— **Sabes que com a abertura da rua dêste loteamente a nossa piscina aumentou muito!**

x x x

Promessa de candidato em comício realizado na Vila Niterói:

— **Se eleito prometo apresentar um projeto de lei regulando o regime das chuvas.**

Além disso haverá sól todos os dias...

x x x

Comentário de governista descarado, para outro, não menos:

— **E' a natureza que chora o fim dêste governo!**

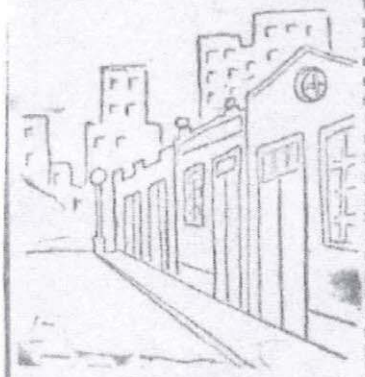
ANEXO NN – ALJOG 03 a 0523– 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 7 de julho de 1954

– 6 – ALJOG- 03a 0523- 1954 7 — JULHO — 19

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

A cidade ontem amanheceu parada. Não fossem os carros da Rádio Patrulha do meu amigo Rodolfo Pierre e a gente teria a impressão que Porto Alegre era uma cidade submarina, lá pelas quatro da madrugada, quando eu, em missão do ofício, andava visitando ovelhas desgarradas. Os carros da R. P. eram monstros escorregadios com vida na barriga, pois quando passavam deixavam atrás de si um barulho de gente conversando em bar, já meio bêbedos, naquele linguajar pastoso que é um misto de esforço próprio e energia de vapor de cachaça. E nessa noite, como nas outras, não representavam nenhuma ameaça à segurança de ninguem. Eram uns monstros que vigiavam qualquer coisa misteriosa, talvez um dragão dengoso que recuou no bote com mêdo do silêncio da cidade. Porque em geral o silêncio é presago, e quanto mais silencioso fôr mais ameaças ele nos anuncia. Talvez tenha sido isso. A verdade é que a cidade amanheceu morta ou como se estivesse sob sinal de alarma aéreo. As pessoas metidas em buracos, os homens escondidos a tremer de mêdo e pânico, as crianças dormindo, que as crianças sempre dormem tranquilas. Apenas ninguém trabalhou. Descansou o braço do trabalhador e o cerebro e as pernas e o corpo todo. Os restaurantes noturnos compraram fechaduras para as suas portas inuteis, os cafés da boemia baixaram as cortinas. E os imprevidentes passaram fome e os que se esqueceram de voltar para casa ficaram a pé, zanzando pelas esquinas, num frio de cortar. Mas eram poucos, que a cidade parecia uma cidade submarina, com algas dependuradas no espaço, grandes peixes notivagos a boiar de um lado para outro, de olhos luminosos e barbatanas indolentes. As casas pareciam cenário de ópera, pintadas no papelão, com janelas e portas fora de esquadria. A perspectiva, muitas vezes, dava a impressão de falsa, que as casas se aiunilavam e perdiam a grandeza real. Quando amanheceu e a barra do dia ficou vermelha e laranja as ruas apenas foram iluminadas, que continuaram mortas e sepultadas. Alguns homens se aventuravam pelas calçadas, embuçados em grossos casacões. Gente que saia ninguém sabe de onde e nem para onde. Andavam, simplesmente. Mas foi um pouco de vida, assim mesmo, um varrer de trevas, um despir de mêdo. Com o sol eu voltei para casa e fui dormir, que a cidade não estava com jeito de acordar.



— x o x —

Oficialmente ontem a Frente Democrática lançou o seu candidato às próximas eleições. São três partidos em aliança: União Democrática, Libertador e Social Democrático. E por isso alguém ontem comentou:

— Como são três partidos em aliança a recomendação para o povo será "agite-se antes de usar"...

x o x

Opinião de um trabalhador para um malandro profissional:

— Bem, entramos em greve geral. Vai trabalhar!

x o x

Havia muita gente na rua, o que levou alguém a comentar:

— Eles vieram ver a greve...

x o x

Comentário de um candidato, visivelmente nervoso:

— Só tenho que os eleitores façam greve comigo, a 3 de outubro...

ANEXO OO – ALJOG 03 a 2507 – 1954 - Crônica Jornalística D. Camilo publicada em 8 de julho de 1954

ALJOG 03 a 2507 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Os dramas, hoje, estão banalizados ao ponto de ninguém tentar transformá-los em tragédia. As coisas simplesmente acontecem. Ninguém levanta um dedo para pintar com côres negras o sofrimento de todos os dias. Por exemplo, o drama do leite. Muita gente desconhece que êle existe pelo simples fato de não bebê-lo. Passando a noite em rodadas de chopp duplo apenas interessa a branca espuma da bebida. Leite, para eles, é uma coisa da qual ouviram falar, quando crianças. Depois disso sabem que se trata de um líquido branco, de terríveis efeitos contra o fígado. Mas para a maioria das pessoas o leite é essa coisa escassa, da qual tanto se fala em regularizar produção e a distribuição, e que é vendida em carros semelhantes aos transportes de gasolina, chamados pitorescamente de "vacas leiteiras". Mas serão vacas aperfeiçoadas e ultra-modernas, que em vez de ubres dispõem de práticas torneiras. Pois o leite é causa e motivo de muito drama que anda espalhado por esta cidade de muitos dramas e algumas tragédias. As pessoas batem até na porta dos reverendos, perguntando se pode o humano cidadão ceder meio litro para fazer a mamadeira de uma criança que chora dentro da noite e dentro dos ouvidos dos seus pais.

E' o drama do café preto de manhã simplesmente porque a "vaca leiteira" da técnica moderna foi pastar noutras coxilhas. Drama que resulta em tomar café com leite condensado, o que equivale a transform[illegible] o gôsto de uma bebida, já horrível pelas circunstancias, em xarope de groselha com molho de pimenta e sal e mel e canela. Drama que obriga um pacato cidadão vacinado, casado, reservista e membro do Rotary a beber uma mistura feita com pó importado, branco como leite, e pó de São Paulo, preto como café. E para ingerir a beberagem mistér se faz tapar o nariz com um pregador de roupa, enquanto se liga na eletrola a Dança do Fogo e se pensa no sacrifício que milhares de brasileiros fizeram na ultima guerra. Além do drama de andar de porta em porta perguntando se a vizinha pode emprestar meio litro de leite e dar explicações que se trata de uma criança fraca e subnutrida, cujo estômago não suporta sequer os nomes registrados do leite em pó ou da bela moça do leite condensado. E andar assim de casa em casa, dando explicações de necessidades caseiras que a gente sempre gosta de esconder, como coisa feia. Na verdade são dramas, como já disse, banalizados pela frequência com que internalizam a vida de meio mundo, mas sempre dramas. E como bola de neve ou suplício da gota dágua, acabam por enlouquecer os [illegible]. Ceus, tende piedade de nós.

Em Erechim o assunto mais comentado dos ultimos dias é o profundo desgôsto dos jovens recrutas do Exército, oriundos dos longinquos distritos daquêle municipio. Acontece que eles foram chamados para servir no Exército e se aprestaram alegres, ou não, para servir à Pátria. Arrumaram as suas malas, as suas trouxas ou os seus baus, e ficaram aguardando, em grupos, os caminhões verde-oliva que os conduziria para a séde do Municipio. Mas a decepção que tiveram foi grande: a condução seria carreta de bois, talvez em obediência ao ditado que diz que "devagar se vai ao longe". Em principio eles engulíram em sêco o novo transporte não motorizado, mas depois "encheram" na viagem e protestaram. Não é que eles achem ruim a carreta de boi, numa hora em que se realiza um Congresso tradicionalista, mas é que êles não se conformam com a demora em servir o Exército Nacional. Estão apressados, sim tudo.

ANEXO PP – Crônica Jornalística D. Camilo
publicada em 23 de agosto de 1954

ALJOG 03 a 2507 - 1954

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Os dramas, hoje, estão banalizados ao ponto de ninguém tentar transformá-los em tragédia. As coisas simplesmente acontecem. Ninguém levanta um dedo para pintar com côres negras o sofrimento de todos os dias. Por exemplo, o drama do leite. Muita gente desconhece que êle existe pelo simples fato de não bebê-lo. Passando a noite em rodadas de chopp duplo apenas interessa a branca espuma da bebida. Leite, para eles, é uma coisa da qual ouviram falar, quando crianças. Depois disso sabem que se trata de um líquido branco, de terríveis efeitos contra o fígado. Mas para a maioria das pessoas o leite é essa coisa escassa, da qual tanto se fala em regularizar produção e a distribuição, e que é vendida em carros semelhantes aos transportes de gasolina, chamados pitorescamente de "vacas leiteiras". Mas serão vacas aperfeiçoadas e ultra-modernas, que em vez de ubres dispõem de práticas torneiras. Pois o leite é causa e motivo de muito drama que anda espalhado por esta cidade de muitos dramas e algumas tragédias. As pessoas batem até na porta dos reverendos, perguntando se pode o humano cidadão ceder meio litro para fazer a mamadeira de uma criança que chora dentro da noite e dentro dos ouvidos dos seus pais.

E' o drama do café preto de manhã simplesmente porque a "vaca leiteira" da técnica moderna foi pastar noutras coxilhas. Drama que resulta em tomar café com leite condensado, o que equivale a transform[illegible] o gôsto de uma bebida, já horrível pelas circunstancias, em xarope de groselha com molho de pimenta e sal e mel e canela. Drama que obriga um pacato cidadão vacinado, casado, reservista e membro do Rotary a beber uma mistura feita com pó importado, branco como leite, e pó de São Paulo, preto como café. E para ingerir a beberagem mistér se faz tapar o nariz com um pregador de roupa, enquanto se liga na eletrola a Dança do Fogo e se pensa no sacrifício que milhares de brasileiros fizeram na ultima guerra. Além do drama de andar de porta em porta perguntando se a vizinha pode emprestar meio litro de leite e dar explicações que se trata de uma criança fraca e subnutrida, cujo estômago não suporta sequer os nomes registrados do leite em pó ou da bela moça do leite condensado. E andar assim de casa em casa, dando explicações de necessidades caseiras que a gente sempre gosta de esconder, como coisa feia. Na verdade são dramas, como já disse, banalizados pela frequência com que internalizam a vida de meio mundo, mas sempre dramas. E como bola de neve ou suplício da gota dágua acabam por enlouquecer os [illegible]. Ceia, tende piedade de nós.

Em Erechim o assunto mais comentado dos ultimos dias é o profundo desgôsto dos jovens recrutas do Exército, oriundos dos longinquos distritos daquêle município. Acontece que eles foram chamados para servir no Exército e se aprestaram alegres, ou não, para servir à Pátria. Arrumaram as suas malas, as suas trouxas ou os seus baus, e ficaram aguardando, em grupos, os caminhões verde-oliva que os conduziria para a sede do Município. Mas a decepção que tiveram foi grande: a condução seria carreta de bois, talvez em obediência ao ditado que diz que "devagar se vai ao longe". Em princípio eles engulíram em sêco o novo transporte não motorizado, mas depois "encheram" na viagem e protestaram. Não é que eles achem ruim a carreta de boi, numa hora em que se realiza um Congresso tradicionalista, mas é que êles não se conformam com a demora em servir o Exército Nacional. Estão apressados, eis tudo.

ANEXO QQ – Crônica Jornalística D. Camilo

Um Dia Depois do Outro

D. Camilo

Afirmam uns que a pior coisa que poderia acontecer ao mundo seria parar. Assim andando a gente mesmo vai passando por cima não somente de coisas boas, mas principalmente das coisas más. E nada melhor para os corações bem formados do que pisar com o taco do sapato na cauda da cobra do mal. Como estamos no mesmo barco e o mar é proceloso o remédio que nos resta é respirar fundo, em tôdas as ocasiões, a fim de não enjoar. Assim, enquanto muitas pessoas compram semanalmente milhões de cruzeiros de dólares e pagam milhões de cruzeiros de ágios, outros vão no conto do pacote, trocando dinheiro relativamente bom por meros pacotes de papel de jornal. Assim, enquanto a srta. Marta Rocha anuncia a sua vinda a Pôrto Alegre, os flagelados de Niterói e Vila Rio Branco fazem orações de hora em hora para que as águas baixem. E então aproveitam as mesmas orações para que outras coisas na vida baixem também, tais como os preços da talha de lenha, do café, do açucar, do leite, do pão, da carne. Além dêsses fatos banais, ligados mais à matéria do que ao espírito, fica-se sabendo que o govêrno federal deverá pagar aos herdeiros de dois eminentes brasileiros falecidos, importancias vultosas, como indenização por exílios impostos aos referidos eminentes brasileiros. E' claro que o dinheiro sairá dos cofres publicos, e nunca dos pés de meia dos autores dos exílios. Mas entre tantas coisas más, incluindo-se o nome do navio inglês que está por chegar ao nosso pôrto, e que, segundo um tradutor de pouca confiança, se chama "Baia do Grande Velorio", temos um recital de poesias do meu velho e querido Mário Quintana, na voz e no sentimento de Péroia Paganelli. Quem ouviu gostou, apesar do Clube da Chave estar tão cheio como sala de espera de políticos do govêrno. O poeta que já perdeu o jeito de menino, estava nos degráus da escada, sorrindo com aquele ar de coelho tímido que faz dele a melhor companhia nas horas noturnas. De madrugada os verdureiros passam para o mercado, a fim de levar à venda o produto da sua agricultura pobre, pois que o sr. Osvaldo Aranha ainda não havia declarado que sem tal coisa nenhum país é feliz. Pois os infelizes verdureiros passavam sem saber de nada, enquanto no ventre das rotativas muita verdade e muita mentira ganhava foros de notícia. Quando meti a chave na fechadura senti que muita vizinha bisbilhoteira observava de dentro das persianas a chegada tão suspeita de um homem sério, àquelas perdidas horas da manhã, quando o exigênio puro é uma festa para os pulmões e o silêncio uma festa para os ouvidos.

x x x

O assunto do dia, ainda que muita gente não queira, é o das passagens de bonde que passaram de vinquenta centavos para um cruzeiro. Ainda ontem, na Camara de Vereadores, quando os representantes da UDN defendiam com unhas e dentes o aumento, alguém declarou em voz alta:

— O preço da passagem é a eterna vigilancia!

x x x

Conversa de dois moradores de fim de linha, calejados de tanto esfregar o pobre corpo nos páus dos bancos da Carris:

— Então não é mais de cinquenta centavos a passagem?

— Não, agora é um Meneghetti...

x x x

Discussão entre dois operários de obras da Prefeitura, na Avenida João Pessoa:

— Pois olha que eu estou cheio de duvidas...

— Mas como as ordens foram de consertar o cimento com tôda a urgência.

— Sim, isso eu sei, só não me lembro se é para encher os buracos ou para tirar os calombos...

x x x

Parece mentira, mas a Associação Francisco Lisboa inaugurou a sua exposição de Artes Plásticas ali em cima do cinema Rex e até hoje não passei por lá. Céus, mergulhamos cada vez mais nas coisas e nos mares da matéria, quando arriscamos matar o espírito por inanição.

ANEXO RR - ALJOG 030 2448 – 5. d. Crônica Jornalística D. Peppone

030 2448
5.d.

Eu sabia que esta coisa do salário mínimo ia dar em mar-
lada. Primeiro foram aqueles sessenta dias «para o comér-
respirar e reajustar os seus preços». Depois, a suspensão
aplicação do salário. Quando a gente diz que ninguém an-
muito interessado em resolver os problemas de quem tra-
ha vem a polícia gritar que a manobra é do meu partido.
s bem, êles que vão para a rua, agora, explicar o negó-
. Eu fico quieto, aguardando os acontecimentos. Outro as-
nto que me preocupou muito esta semana foi o jôgo dos
brasileiros contra os húngaros, cretinamente
EPPONE chamado de «batalha do século entre o Bra-
sil e a Hungria». Que eu saiba nenhuma
ra nacional estava nos pés daquela turma e nem nas gar-
adas de ambos os lados. O «Diário de Notícias» do Rio che-
a estampar a seguinte manchete: «Seria comunista o juiz
partida». Raios! Não sei da ficha de inscrição do Mister El-
Ora, se a coisa fôsse em termos de honra nacional esta-
mos a estas horas desmoralizados como Nação, como Pá-
a amada idolatrada salve salve. Pois para mim o negócio
jôgo de futebol no duro. Patada para lá, patada para cá.
honra nacional ficou em casa, perigando muito, pois que se
contra defendida por certos individuos que não têm moral
n nos pés, como Pinheiro e Newton Santos. O melhor é tra-
de arranjar as coisas dentro de casa mesmo e deixar de
lo preocupações muito bestas com jogos de futebol no es-
ngeiro. E depois, para ganhar do México ninguém preci-
ia ter ido à Suiça. Bastaria mandar o Madureira do Rio
a América Central, e êle faria o serviço sem pôr em jô-
a honra nacional. Ou o Grêmio mesmo, que já foi e ven-
. Da minha parte, devo declarar a bem da verdade, que tor-
na frente do rádio discretamente, sem alardes, nem histe-
mos. Quando a partida terminou fui tomar um café com
torrado. Depois saí, fumando um cigarro. De noite, estava
ro, tranquilo.

entre sem bater, que procure o gin no armário da cozinha e que dê apenas uma desculpa porque não veio para jantar. Vai logo».

*

Com o caso da Guatemala há muita gente receosa dos planos de alguns candidatos em lutar na próxima legislatura contra a Energia Elétrica. Na primeira investida que se fizer para deixar no país os fabulosos lucros levados para o estrangeiro, na certa que aparecerá algum exilado brasileiro aí pelo Uruguai ou Argentina, quando deixará de vender pastéis ou cafèzinho para comandar bons exércitos, bem equipados, com aviões bombardeiros e tudo. Mas ao que parece a coisa marcha para isso mesmo, isto é, para a encampação dos serviços de energia elétrica. Dôa a quem doer.

O vizinho aqui do lado não aparecia em casa há mais de três dias. A mulher andava pelas baratas, chorando pelos cantos, pensando até em suicídio. Ontem encontrei o marido num bar da cidade. Mas então, seu Puskas de uma figa, você não toma jeito e não volta para casa? Êle estava bêbado, mas confessou, entre arrôtos de lucidês, que estava arrependido e queria voltar para o lar. O diabo era a mulher. Ela, na certa, iria querer dar conselhos, recriminar, fazer escândalo, dar ataque, ameaçar com a própria mãe. E êle não era homem para isso. Mas na verdade andava cansado do mulherio da rua. Gastara os tubos com flôres e cartões, pagara muita bebida para mulher ordinária que não valia sequer o copo onde bebia, e agora queria voltar para casa, sentir novamente o cheiro do travesseiro da sua própria cama, lavar o corpo no seu próprio banheiro, enxugar-se nas suas toalhas, sentir na cama o calor da sua mulher que sempre compreendera os seus desejos e as suas raivas. Que eu ageitasse a volta. Êle queria voltar. Se não conseguisse isso beberia uma coca-cola com veneno de rato. Pois um homem que abandona a sua casa por motivo nenhum, não passa de um rato. Procurei a mulher. Expliquei a situação. Ela armou escândalo. Bateu com a cabeça nos móveis. Disse até palavrões. Expliquei que a minha missão era diplomática, que nada tinha a ver com as safadezas do seu marido. Ela chorou, confessou que sentia saudades daquele crápula ordinário, daquele cafageste, daquele patife que nunca mais queria ver. E caiu em trânse, querendo morder até o pé da mesa. E no final me pediu

ANEXO SS - ALJOG 030 2449 – 5. d. Crônica Jornalística D. Peppone

PEPPONE

Quando eu vivia a dizer que a polícia do Rio e dos Estados era composta da pior espécie de gente dêste país, todo o mundo — e inclusive a própria polícia — alegava que eu era comunista. Mas agora foram de azar e mataram um humilde trabalhador da imprensa, um repórter que estava exercendo a sua profissão anônimamente.

Com o único argumento que sobra aos burros e irracionais — que são os punhos e as patas — êles sacrificaram um chefe de família, um jornalista. Como abelheira a imprensa está caindo nas costas do general Ancora, um general mole e indeciso, e empurrando o ministro da Justiça, um homem de gabinete que entende que essas coisas se resolve através de portarias. O repórter Nestor Moreira está representando, no seu sacrifício, uma multidão de anônimos presos que tiveram suas vidas inutilizadas pelos coices de uma polícia sórdida e criminosa. Pouca gente falou nos outros casos. Alguns jornais abriram meia coluna para noticiar o fato. Fato, aliás, de todos os dias. Quando alguém queria abrir a boca lá vinha o refrão dos próprios policiais incriminar de «subversiva» a acusação, de comunista os seus autores. E assim iam se defendendo com unhas e dentes, acobertados pela impunidade. Aqui no Rio Grande o panorama não é muito diferente. Tôda a vez que o povo sai á rua para protestar contra o aumento do preço da carne, do leite, do pão, dos transportes, tôda vez que o povo vai para a rua pedir o salário mínimo, o direito de greve ou protestar contra atos lesivos aos interêsses do país, a polícia vai também, mas para meter o páu, para acabar com as manifestações sob pata de cavalo. Depois dos incidentes as delegacias ficam cheias de homens de cabeça quebrada, costelas partidas, fígados sangrando. E os policiais recebem, por isso, até elogios em fôlha de serviço. Agora mesmo, na greve dos ferroviários de Santa Maria, um delegado de Polícia ameaça com violências o protesto pacífico dos trabalhadores. Dá entrevistas informando que está disposto a empregar a fôrça. Fala em «meter balas». Comparece nas reuniões da classe com meia dúzia de sujeitos mal encarados armados até de metralhadoras. Todos êles são iguais. Compete agora a imprensa empunhar a sua grande arma que ainda é a opinião pública e iniciar uma campanha de vassoura nas polícias de todo o país. Mas varrer com gôsto.

Há um grupo de pessoas ilustres desta praça dispostos a não deixar mais ninguém dormir. Falam em câncer da manhã à noite. Você já fêz exame? Procurou saber que espécie de sinal é êste que tem no canto da boca? Você sabe que o fumo é perigoso e pode ocasionar o câncer de pulmão? Você sabia que a sogra é um agente secreto do câncer? Quem sabe a sua casa, a sua rua, o seu rio são portadores de câncer? Não deixe para amanhã a consulta do seu dentista sôbre êsse pequeno ferimento na gengiva. Pode ser câncer! Pois de minha parte já deixei o fumo, o alcool, as mulheres. Deixei de tomar banho em rio. Deixei de morar. Deixei de andar na rua. Ando me escondendo do câncer e da comissão nacional contra êle. Ando como cachorro em dia de São João, escondido embaixo do fogão, com mêdo dos foguetes. Vocês não acham que essa semana de combate ao câncer já está muito espichada? Eu acho.

* * *

Os senhores conservadores de Veranópolis declaram enfatuados: «O salário mínimo foi ditado por um escopo nitidamente político-eleitoral, sendo um convite extensivo á luta de classes». Estamos com êles. A melhor coisa para evitar a luta de classes ainda é pagar salários bem baixos aos operários. Pois assim os patrões ficarão sempre alegres. Os operários que se lixem. Mas ó reverendo, o que sabem os senhores de Veranópolis sôbre luta de classes? Será o benedito?

* * *

O sr. Getúlio Vargas anunciou, certa feita, que o povo poderia fazer justiça pelas próprias mãos. Pois o vaticínio do presidente da República está se realizando. Agora mesmo, em Vila Teodora, dois brigadianos, por serem «humanos e compreensivos», quase foram linchados pelos moradores daquela vila no quarto distrito. Tiveram os fardamentos rasgados e um deles perdeu até um pé de botina. Pois é assim, meus velhos, se os superiores nada fazem para proteger a gente da arbitrariedade dos «homens da lei», fiquem tranquilos. Nós vamos fazendo o serviço, como quem não quer nada.

ANEXO TT - ALJOG 030 2450 – 5. d. Crônica Jornalística D. Peppone

NOSSO PEQUENO MUNDO

PEPPONE

O sr. Secretário de Educação foi ao Teatro São Pedro assistir a peça "Ingenuidade", estrelada por Nicette Bruno. Horas depois do espetáculo sua excelência começou a ficar vermelho, vermelho, de causar dó. Como os médicos diagnosticassem pudor e não alergia, o tratamento indicado foi alguns cortes na peça, sob a alegação de que a mesma era imoral, pois contava a história de uma jovem americana que abriga em seu apartamento um jovem americano, sem que nada de brasileiro acontecesse. O máximo que aconteceu, para desgosto da platéia que adora pratos mais fortes, foi uma peça em três atos, de autoria de Van Drutten. Mas se nada aconteceu no palco o mesmo não se deu na crosta religiosa de sua excelência, devidamente descascada pelas autoridades eclesiásticas. Arrepiou-se o sr. Secretário como casta donzela ante o problema da reprodução das espécies. Ante os seus olhos de congregado mariano (Beck) havia acontecido uma senhorita em combinação, alguns beijos reais e muita conversa, como diria um filho de Portugal, ao pé do leito. Em vão esperou sua excelência pela moral da peça, como se teatro fosse fábula e devesse ter sempre a moral como chave de ouro. Quando êle chegou em casa e apagou a luz para despir-se, começou a pensar sèriamente nas cênas que vira.

E como as eleições estão aí mesmo telefonou para o seu assistente de assuntos morais, ordenando cortes e mais cortes na peça. Se o público nada lucrasse com os cortes pelo menos a honra da LEC estava salva.

* * *

Depois do último grenal um colorado comentou para outro não menos:

— Os gremistas não se lembraram que o Szekely usa sempre a chave húngara: ganha tôdas e perde a última...

* * *

Solução apontada por um vereador para resolver o problema das malocas da cidade:

— Só há uma maneira de impedir que proliferem as malocas: aumentar o número de fiscais, proibindo novas construções...

* * *

Conselho de um candidato a um eleitor da Vila Rio Branco:

— Eu se fôsse o senhor não iria muito atrás dos meus conselhos. Ia logo amarrando uma canôa à soga, na soleira da porta...

* * *

Teatro Popular, muito rápido. Personagem: jornaleiro e comprador. Local: rua dos Andradas.

Jornaleiro — Óia a última, óia o retrato da vítima!

Comprador — Me dá um. Quem é a vítima hoje?

Jornaleiro — O Grêmio...

O pano pode baixar lentamente, desde que na platéia não haja nenhum gremista...

* * *

Comentando a notícia da herança deixada pelo industrial Mário d'Almeida, que é uma das maiores do Brasil, um sujeito disse para outro, na fila do ônibus:

— Que sujeito bêsta! Por que êle não levou o dinheiro todo?...

ANEXO UU - ALJOG 030 2452 – 5. d. - Crônica Jornalística D. Peppone

ALJOG 030 2452 - 5. d.

Ando encolhido como tripa em braza. Do Rio chegam as notícias mais aterradoras que se podia imaginar. Procuram os matadores do major Vaz, por sinal os mesmos que atentaram contra o pé do sr. Carlos Lacerda. É tudo da guarda pessoal do Catete e as oposições informam aos gritos que essa corporação só abriga assassinos, falsários e cafajestes. Usam os senhores da Aeronáutica, dez aviões P-40, dois helicopteros duzentos cachorros perdigueiros, "jeeps", carros e radax. Aqui em Pôrto Alegre, a UDN, justamente revoltada, realiza um comício-monstro de duzentos talheres no Largo da Prefeitura, falando vários oradores apartidários, desde que fossem da UDN ou do PL. Os moços "contra o golpe e contra o roubo" estufaram o peito de pomba numa revolta sacrosanta ante a emboscada de frios matadores do bravo major. Os duzentos talheres gritavam coisas patrióticas. Não houve quem não sentisse a ausência do único udenista autorizado a falar naquela memoravel noite: o deputado Tenório Cavalcanti. O intrépido representante do lenço branco na Câmara federal, com a sua longa prática de mandar pessoas adversárias desta para melhor, teria proferido uma verdadeira aula sôbre como matar pessoas indefesas sem deixar vestígio. Por isso, alguém comentou, ao final da noitada cívica:

—É, pimenta nos mortos dos outros é colírio...

PEPPONE

Na última semana o assunto preferido foi a descoberta, no Instituto Infantil de Ipanema, de coisas que não ficam bem para certas pessoas de alta benemerência. Por tal coisa, foi aberto um inquérito para apurar as responsabilidades do diretor e de outras pessoas, pois que são acusados de atrocidades que melhor sentariam em meados do século passado, quando educação era sinônimo de crueldades sem limites. Assim, as crianças que molhavam a cama, de noite, recebiam nas nádegas, pela manhã, com um tijôlo quente. E isso se repetiu tanto que as meninas até hoje têm cicatrizes e marcas. O inquérito talvez apure tôdas essas coisas. Talvez não apure, que inquérito, quase sempre dá em marmelada. Mas o fato é que a gente precisa botar as unhas de certa catrefada de fora, fazendo com que o Instituto Infantil seja Instituto Infantil, e não casa de perdição dos menores. O que é preciso é um pouco mais de civilização cristã, nêsses cristãos de fancaria.

* * *

Pôrto Alegre poderia se enquadrar na frase de propaganda do insigne senhor Adhemar de Barros, aquêle de barro bom e batuta, na campanha eleitoral de São Paulo: Pôrto Alegre parou! As ruas são verdadeiros queijos suiços, de tanto buraco. O lixo apodrece nas sargetas, nos terrenos baldios, nas ruas e avenidas. Os cachorros vadios se coçam até nas pernas do prefeito, quando não o molham todo. O transporte não transporta nada. A água anda escassa e em certas zonas ela chega como se fôsse água de após banho. E como a campanha eleitoral está aí mesmo, as paredes, até então limpas, estão ganhando características de tal sujeira que corta o coração de qualquer pessoa que tenha vivido por estas bandas há uns cinco ou seis anos atrás. Se o Adhemar andasse por aqui, diria na certa: Pôrto Alegre parou!

* * *

Conversavam vários desportistas desta Capital, numa mesa de café, na rua da Praia. De repente um dêles disse:

— O movimento renovador do Grêmio começa errado: êle quer renovar a Diretoria, quando o negócio bem que podia começar pelo time...

são unânimes em declarar que a culpa cabe exclusivamente ma. Completamente

ANEXO VV - ALJOG 030 2453 – 5. d - Crônica Jornalística D. Peppone

ALJOG 030 2453 - 5. d.

Mil e Uma Exp

Ainda que ninguém queira, estamos caindo em plena campanha eleitoral. Nunca houve tanto mêdo de enfrentar o eleitorado. Apenas se vê uma que outra faixa modesta, atrapalhando o panorama. Mas há sempre os candidatos deslavados, os que mandam pintar sob os seus inglórios nomes frases mais ou menos como esta: "Fulano de tal e fulano de tal. Duas glórias nacionais". Outros, mais modestos, mandam imprimir nos seus cartazes, logo abaixo do retrato que é uma miséria de cara deslavada, uma série de palavras consideradas eleitorais, tais como "Capacidade", "Dinamismo", "Inteligência", "Coragem", "Peito". Nas faixas lê-se coisas de cortar o coração, além de nomes que escondem os anonimatos mais empedernidos que se tem notícia. Enfim, é a corrida periódica para os postos eletivos, quando muito burro se veste de gente e muita gente se engalana com penas de pavão. Daí a dificuldade com que o eleitorado se defronta nestas vésperas de pleito, embasbacando ante tanta frase retórica, ante caras nunca dantes suspeitadas. Mas o pior está por vir, acreditem.

PEPPONE

* * *

Andou por aqui um cantor de nome Caubí Peixoto, um frangote de olhos fundos e voz de desmaiar senhoritas desta e de outras praças. Dizem que quando êle abre a bôca não há donzela que resista, estatelando-se no chão sem dizer ái. Felizmente para honra da tradição gaúcha, nenhuma senhorita destas plagas dasmaiou quando o menino cantou. Elas se limitaram a ouvir. Um punhado delas foi até mais longe: queria que o jovem de olheiras fundas cantasse até aprender, ou até desmaiar. Aliás, uma típica vingança feminina.

* * *

Em Pernambuco, o «democrata» Etelvino Lins começou a botar as unhas de fora. Já está mandando dissolver comício a pata de cavalo e a permitir sòmente reuniões dos seus partidários. Ah, meus caros, cachorro que come ovelha...

* * *

Os ônibus da Prefeitura estão tomando jeito. Agora êles pegam fôgo mas já se constrangem a matar os passageiros. Apenas fere os mais assustados. Aos poucos êles vão ficando pela estrada, aos pedaços, em chamas. Será, naturalmente, o tapete por cima do qual pretende o candidato da Frente chamada Democrática passar, rumo ao Palácio da Praça da Matriz.

* * *

Conversa entre pichadores, na calada da noite:

— Nicomédes, olha êste lado do poste! Está de valde...

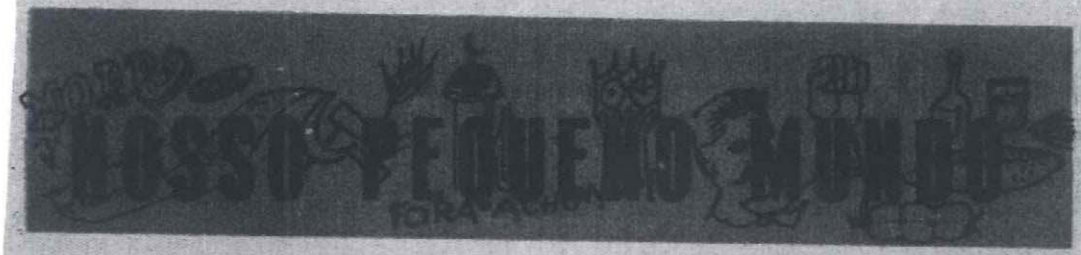
— Nossa! Parece mentira que nem o Vecchio nem o Gudole passaram por aqui...

Um candidato não se rendia aos argumentos do «contáto» de uma agência de publicidade. Não estava adiantando nada a argumentação do rapaz, que já sentia a língua sêca. De repente, o rapaz não se conteve e foi muito sincero:

— Meu caro candidato, faça um contrato conôsco. Com cinqüenta mil cruzeiros garantimos a sua eleição. Com cem mil, então, somos capaz de passar gato por lebre...

* * *

Dizem que foi solucionado o impasse criado pela negativa do Cadem em pagar o salário mínimo aos seus trabalhadores. O Cadem pagará o que a lei manda e o governo tratará de ordenar novo aumento no preço do carvão. E depois basta esfregar as mãos na parede, ou então lavá-la, como fêz Pilatos.

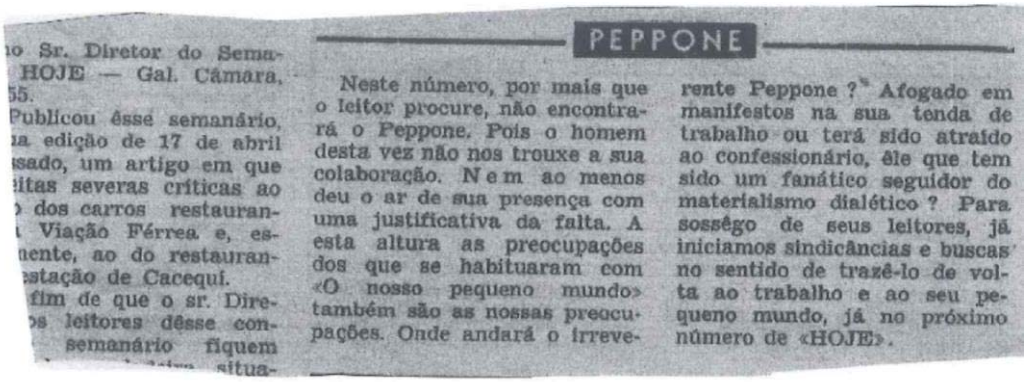


Agora sim, vamos ter cada passarinhada! Imaginem dois italianos disputando o que se convencionou chamar de «govêrno do Estado». Foi-se para a amnésia dos tempos os magníficos churrascos oferecidos ao eleitorado, nesta gostosa fase pré-eleitoral. Agora com Pasqualini e Meneghetti o negócio ficou diferente. De aperitivo vamos ter linguiça à calabresa, depois uma passarinhada ou galleto de primo canto, um talharin ao sugo, uma pizza napolitana. Tudo isso regado a vinho da colônia, com salada de radiche, diga-se de passagem. Na fronteira a gauchada vai ficar desconfiada, arredia, desconfiada como matungo que se vê montado pelo lado direito, arredia como redomão que leva pela vez primeira um pêso de serigote em cima do lombo. Em politica também tem disso, pois nada como um italiano contra o outro. Enquanto isso os pêlo-duro ficam olhando e ouvindo. Sim, vem agora a época de ficar de orelha em pé. Todos os problemas vão ser resolvidos, todos os compromissos serão assumidos. Mas enquanto o páu vai-e-vem folgam as costas, como diria o cel. Marcial Terra em discurso eleitoral. Nêstes próximos meses o govêrno não desgoverna, o que já é uma ineludivel vantagem para nós, páus-de-arara em terra própria. Enquanto o povo puder ir comendo as passarinhadas, as macarronadas, bebendo as suas cachaças, os seus vinhos de «pura uva», o carrossel não parece tão chato. Teremos sempre a impressão de andar em montanha-russa: desce-se com a rapidez de um raio, mas depois vem a fase de subir, subir como uma lêsma. Ah, dirão os religiosos, na subida não há santo que se anime a dar u'a mãozinha, e nem êles são trouxas. Para descer basta dar um empurrão, e o resto vai como a eleição do Dutra: como cusco em lançante. Pois meus caros amigos e munícipes, a vida vai baixar muito nêstes próximos meses. Quem não tiver comida em casa que prepare as palmas das mãos para aplaudir e vá comer passarinhada nos comícios. Pois a farra dura até 3 de outubro, que é quando acabam os compromissos de muita gente bôa. Ora se acaba!

PEPPONE

O problema de leitos para senhoras parturientes nesta bela Capital está cada vez pior. As crianças já começaram a nascer, segundo um jornal, até mesmo nos sofás dos hospitais, o que faz com que elas cheguem ao mundo sentadas, numa antecipada vocação de malandragem. Vamos chegar aos velhos tempos, nos quais as crianças nasciam nos bondes, nos trens, nas estações rodoviárias. Era só alguem ouvir um gemido e meia dúzia de bons corações se acercava da senhora em delivrance e ali mesmo se ouvia os primeiros vagidos de alguém que, anos e anos depois, iria berrar como qualquer imbecil nas estações de rádio, ou iria pregar reformas de base na primeira esquina que encontrasse a geito. Assim a recomendação, nos dias atuais, é no sentido de que as senhoras mães tenham os filhos em casa mesmo, pois afinal ninguém pode ser contra isso, se alí mesmo foram feitos.

ANEXO XX - Crônica Jornalística D. Peppone



...o Sr. Diretor do Sema-
... HOJE — Gal. Câmara,
55.
Publicou êsse semanário,
...a edição de 17 de abril
...sado, um artigo em que
...itas severas críticas ao
... dos carros restauran-
... Viação Férrea e, es-
...uente, ao do restauran-
...estação de Cacequi.
...fim de que o sr. Dire-
...os leitores dêsse con-
... semanário fiquem
... situa-

PEPPONE

Neste número, por mais que o leitor procure, não encontrará o Peppone. Pois o homem desta vez não nos trouxe a sua colaboração. Nem ao menos deu o ar de sua presença com uma justificativa da falta. A esta altura as preocupações dos que se habituaram com «O nosso pequeno mundo» também são as nossas preocupações. Onde andará o irreverente Peppone? Afogado em manifestos na sua tenda de trabalho ou terá sido atraído ao confessionário, êle que tem sido um fanático seguidor do materialismo dialético? Para sossêgo de seus leitores, já iniciamos sindicâncias e buscas no sentido de trazê-lo de volta ao trabalho e ao seu pequeno mundo, já no próximo número de «HOJE».

ANEXO YY - Crônica Jornalística D. Peppone

NOSSO PEQUENO MUNDO

FORA ACHO

PEPPONE

Um homem que se chama e atende pelo nome de José Silva comprou uma porção de um veneno chamado «Tatuzinho» e quando a sua amante bebia um copo de cachaça despejou nêle uma dose capaz de matar não qualquer tatuzinho que o ingerisse como a própria amante que desejava apenas tomar um porre a mais. Em seguida o homem foi embora. Passado algum tempo êle voltou para ver o efeito do «remédio». Desculpava-se com a evidência de que não poderia, com dois mil e oitocentos cruzeiros, sustentar mulher, dois filhos e amante. Mas quando voltou pela primeira vez constatou que a amante ainda vivia, apesar de bebêda de causar dó. Mais tarde lembrou-se de que na casa fechada haviam ficado duas pombas e que elas morreriam de fome se ninguém as fôsse libertar. Com lágrimas nos olhos e o coração sensível lá se tocou o José Silva para salvar da morte o pobre casal de pombas. Quando soltou os bichos viu que a amante já passara desta vida emborrachada para melhor. Uma semana depois a polícia encontrou o cadaver e alguns dias após prendeu o amante. Lembrete para o advogado de defesa: se êle não fôsse um criminoso de coração bem formado não teria poupado a vida do casal de pombas, que é o símbolo da Paz.

* * *

O Papa exorta os católicos de todo o mundo a repudiar a «moda indecente», quando recatadas senhoras da nossa mais alta sociedade exibem coisas sòmente dignas das quatro paredes de um banheiro. Por outro lado de nada adianta cobrir o corpo apenas na hora da Missa, permitindo que a carne seja reverenciada nas praias e nos salões. O corpo — diz a fala papal — é o templo do Espírito Santo. Christian Dior tomou nota, juntamente com Jacques Fath, das recomendações do Vaticano...

* * *

Frase da semana: «Os políticos profissionais e as suas promessas são como o cinema em terceira dimensão: parece que estão junto ao povo, mas é pura ilusão...»

ESQUEMA ARANHA ESTÁ

RRAZANDO O BRASIL

sua edição de domingo
o, na seção de «Economia

Examinando-se os números em referência, verifica-se que somas elevadas são trazidas

Do ponto de vista econômico, êsses subsídios à exportação significam verdadeira ca-

ANEXO ZZ - Crônica Jornalística D. Peppone - 1ª Parte

PEPPONE

Recebi duas cartas de D. Camilo. Até agora moita. Não estou disposto a manter correspondência com pessoas reacionárias. Eu sei bem que êle não me escreve porque esteja interessado em manter viva uma amizade que realmente nunca existiu. O que me interessa de fato é ver, um dia, a caveira dêle espetada num poste. Pode ser até num daqueles da avenida Protásio Alves, que vivem atrapalhando o trânsito da cidade. E no fundo, com tôda a sua capa de religião, de bondade, de perdão e outras balelas, êle também não deseja outra coisa. Portanto não vou perder tempo respondendo cartinhas pifias de um reverendo de arrabalde. Há outros assuntos mais importantes com que um homem deva se preocupar. Êle, o reverendo D. Camilo, que vá ás favas.

Pois camaradas, ando cheio com a gente da polícia. Na verdade nunca tal gente me mereceu crédito, mas acontece que agora êles andam se excedendo, principalmente na Casa de Correção. Quando os jornalistas estiveram lá houve uma baita preocupação do administrador e do diretor de Presidios e Anexos em afirmar que tudo seria feito dentro da maior liberdade e respeito para com a imprensa e o rádio. Mas antes dos rapazes da imprensa entrarem no velho casarão da Volta do Gasômetro já tudo andava sendo preparado. Tiraram uns infelizes do "buraco", deram roupas para os que andavam nús, taparam um pobre tuberculoso meio louco com um lençol, pintaram tudo com as côres mais alegres dêste mundo. Mas acontece que um preso resolveu informar o jornalista Mendes Ribeiro das barbaridades que estavam sendo praticadas lá dentro e mais, disse na cara de um guarda que a venda de cachaça era feita com o consentimento dos próprios encarregados da segurança e da ordem internas. Ora, dias depois o boletim interno, de número 120 e 121, publicava a punição de tal preso pelo espaço de 100 dias, trancafiado no tal "buraco", além da perda de tôdas as regalias. Como se vê, o regime da Casa de Correção, em que pese a existência de um jornalista na direção dos Presidios e Anexos, continua sendo o exemplo do que se não deve fazer em matéria de regime penitenciário. Mas até quando, camaradas ?

tel do Sétimo, continua simples, obrigando o guarda a mandar passar carros mesmo com o sinal fechado. É claro que quando abre para a 10 de Novembro (Salgado Filho hoje) deveria abrir simultâneamente para os que sobem a João Pessoa, em direção da cidade. E então não precisaria o guarda preocupar-se com sinais de mão, causas de acidentes e confusões. A mesma coisa poderia ser feita na sinaleira existente na parte fronteira do cinema Vitória. Abrindo para descer deveria abrir, também, para subir, sem dobrar. Mas vá meter essas coisas na cabeça dessa gente. E note-se, muitos dêles andaram por São Paulo e pelo Rio, estudando. Mas estudaram, hein ?

* * *

A Polícia do Rio informa que nada sabe, até o presente momento, de uma propalada greve geral dos trabalhadores brasileiros. Mas êsse problema não está afeto ao Ministério do Trabalho, uma vez que o govêrno já declarou em praça pública que passado está o tempo em que os problemas sociais eram meras questões de polícia. Mas ao que parece continua sendo, pois que o Ministério, além da Indústria e do Comércio, é do trabalho, e portanto, do trabalhador. Mas vá meter isso na cabeça dessa gente !

ANEXO AAA - Crônica Jornalística D. Peppone – 2ª Parte

Uma outra cadeia — e esta mais imoral que qualquer uma — que está dando o que falar em tôda a imprensa, é a destinada a menores na Colônia Africana. São dois calabouços úmidos onde são jogados dezenas de meninos transviados, sem colchões, sem cobertores, sem nada, numa promiscuidade alarmante. A comida vai da Casa de Correção e, segundo informações de deputados que lá estiveram, seria recusada até mesmo pelos porcos. Isso não impede de continuar a Polícia mandando para lá todo o menor que encontra em falta por esta cidade que já foi de Deus. Naturalmente visando recuperá-los para a sociedade. Ora, os responsáveis por essa coisa que aí está estarão dentro em breve atirados em plena campanha política, prometendo ao povo, se eleitos, maravilhas em matéria de administração. É certo que não fizeram muita coisa, dirão, mas faltou tempo, em meio de tanta politicagem...

* * *

A Diretoria Estadual de Trânsito andou muitos anos sem fazer nenhuma melhoria em matéria de direções únicas ou de sinalizações novas. De repente deu a louca e começou a transformar tudo que é rua numa só mão, invertendo a direção naquelas que já eram subordinadas ao regime de só vai, e não vem. Por outro lado velhos problemas do trânsito ainda não foram sequer abordados, apesar de todos êles saberem direitinho qual seja a solução. Por exemplo: a sinaleira do entroncamento das ruas Duque de Caxias, Misericordia, Riachuelo e Avenida João Pessoa, alí defronte ao antigo Quar-

D. Camilo, Zazá e Pôrto Alegre

Essas duas celebridades têm muito a ver com nossa bela cidade de Pôrto Alegre. Fernandel (D. Camilo) após mais de um mês em cartaz nos cinemas da cidade, virou cronista e fixou-se entre nós. Por sua vez, Zsa Zsa Gabor (que na foto recebe um carinho) aqui tem, trabalhando na capital gaúcha, aquele que foi o seu primeiro marido, segundo descoberta de um jornal local.